STAR WARS™

EPISÓDIO I

A AMEAÇA FANTASMA



TERRY BROOKS

Baseado na história e roteiro de George Lucas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GUERRA NAS ESTRELAS

EPISÓDIO I

A AMEAÇA FANTASMA

TERRY BROOKS



BIBLIOTECA
DO EXILADO

SOBRE O AUTOR

Escritor desde o colegial, Terry Brooks publicou sua primeira novela, *The Sword of Shamara*, em 1977. Foi considerado um *best-seller* pelo New York Times por mais de cinco meses. A partir de então, publicou quatorze *best-sellers* consecutivos.

O autor exerceu a profissão de advogado durante muitos anos, mas atualmente é escritor em tempo integral. Mora com a esposa, Judyne, no Havaí e no Nordeste do Pacífico.

“Em homenagem a Clarisse McClellan”

HA MUITO TEMPO,
EM UMA GALÁXIA MUITO DISTANTE...

1

Tatooine. Os sóis ardiam em um céu azul sem nuvens, banhando as vastas ruínas desertas do planeta com uma brilhante luz branca. O clarão resultante atingia a superfície plana e arenosa com um calor extremo que preenchia os espaços entre os enormes penhascos e solitárias montanhas que eram características peculiares ao planeta. Bem destacados, os monolitos se erguiam como sentinelas mantendo guarda na névoa úmida.

Quando os corredores de *Pod* passavam, suas máquinas roncando vorazmente e com implacável velocidade, o calor e a luz pareciam se fragmentar e as próprias montanhas tremulavam.

Anakin Skywalker se inclinou para a curva da pista que o levaria a passar o arco de pedra que marcava a entrada do Canyon de Beggar, ganhando vantagem na corrida, soltando as barras de propulsão para a frente e dando aos motores um pouco mais de combustível. Os foguetes cuneiformes explodiram com força, o direito um pouco mais que o esquerdo, inclinando o *Pod* em que Anakin sentava para a esquerda para fazer a volta. Rapidamente, ele ajustou a direção para endireitar o *Pod,* aumentou a potência e arremessou através do arco. A areia solta chicoteava com sua passagem, enchendo o ar com um brilho arenoso que dançava através do calor. Ele arremessou para dentro do *canyon*, os dedos brincando com os controles e mãos firmes na direção.

Foi tudo tão rápido, tão instantâneo. Um erro, um mal julgamento, e ele estaria fora da corrida e estaria com sorte se não estivesse morto. Esta era a adrenalina. Toda aquela potência, toda aquela velocidade, nas pontas de seus dedos, e nenhuma margem para erro. Duas imensas turbinas arrastavam um frágil *Pod* sobre planícies arenosas e de afiados cumes montanhosos, dentro de vales sombrios, e por descidas de arrebentar corações numa série de giros, curvas sinuosas e saltos na maior velocidade suportada pelo corredor. Cabos de controle corriam do *Pod* para os motores e projetores de energia prendiam os motores entre si. Caso qualquer parte dos três atingisse algo sólido, toda a engrenagem se destruiria em estilhaços de metal e chamas de combustível. Se qualquer uma das partes se soltasse, tudo estaria acabado.

Um sorriso aparecia na face jovem de Anakin enquanto ele injetava um pouco mais de potência nos propulsores.

A frente, o *canyon* se estreitava e a escuridão se acentuava. Anakin se baseava na fresta de claridade que vinha das planícies, mantendo-se próximo ao chão onde a passagem se alargava. Ficando no alto, ele se arriscava a atingir a face dos penhascos por um algum dos lados. Isso aconteceu a Regga numa corrida no mês anterior, e ainda estavam procurando os pedaços.
Isso não aconteceria com ele.
Ele puxou as barras de propulsão para frente e explodiu através da fenda com os motores berrando.
Sentado no *Pod* com suas mãos nos controles, Anakin podia sentir a vibração dos motores viajando através dos cabos de controle preenchendo o jovem com sua música. Embrulhado em seu mal-entalhado macacão, seu capacete de corrida, óculos de proteção e suas luvas, ele estava tão acoplada a seu assento que podia sentir o vento através da pele do *Pod* abaixo dele. Quando corria como agora, ele não era simplesmente o piloto de um *Pod* ou apenas uma parte adicional. Na verdade, ele era um todo; os motores, o *Pod* e ele estavam unidos de uma forma que lhe parecia inexplicável. Cada vibração, cada pequeno tremor, cada solavanco era claro para ele, e ele podia sentir a qualquer momento exatamente o que estava acontecendo com seu *Pod* que falava com ele em uma linguagem própria, uma mistura de sons e sentimentos e, apesar de não usar palavras, podia entender tudo o que ele dizia.
As vezes, ele devaneou, podia sentir o que o *Pod* diria antes mesmo que o dissesse.
Um *flash* de cor laranja-metálico passou por sua direita, e ele observou o inconfundível Split-X dos motores de Sebulba, tomando a dianteira que Anakin havia mantido por um começo rápido e incomum. Sua fronte franziu em reprovação a si mesmo devido à sua momentânea falta de concentração e à antipatia ao outro corredor. Com jeito esquisito e pernas tortas, Sebulba era tão torto por dentro como por fora, um adversário perigoso que ganhava com freqüência e tinha prazer em fazer isso às custas dos outros. Somente no ano passado, o Dug havia causado mais de uma dúzia de acidentes envolvendo outros corredores de *Pod*, e seus olhos reluziam de cruel satisfação quando ele recontava tais histórias nas ruas empoeiradas de Mos Espa. Anakin conhecia Sebulba bem, bem o suficiente para não confiar nele.
Ele dirigiu as barras de propulsão para a frente, alimentou os motores com mais potência e avançou com velocidade.
Não ajudava, pensou enquanto observava a distância entre eles se estreitar, que ele fosse humano ou, ainda pior, que ele fosse o único humano até hoje a participar de corridas de *Pod*. Esse último teste de habilidade e ousadia em

Tatooine e o esporte favorito dos habitantes de Mos Espa, era considerado além da capacidade e habilidades de qualquer ser humano. Múltiplos braços e articulações, olhos saltados, cabeças que giram em cento e oitenta graus, e corpos que se retorcem como se não tivessem ossos davam vantagens a outras criaturas que os humanos não podiam tentar superar. Os corredores mais famosos, os melhores de um tipo raro, tinham formatos estranhos e eram seres complexos com tendência a se arriscar que chegavam às raias da insanidade.
Mas Anakin Skywalker, diferente deles, possuía uma intuição tão apurada quanto a seu entendimento das habilidades necessárias a esse esporte e estava tão confortável com suas demandas, que a falta daqueles outros atributos parecia de nenhuma importância. Isso era uma fonte de curiosidade a todos, além de uma fonte de desprazer e crescente irritação para Sebulba em particular.
No mês anterior, em outra corrida, o astuto Dug tentou empurrar Anakin para um penhasco. Ele fracassou somente porque Anakin o sentiu aproximar-se por trás e por baixo, com uma serra estendida com o objetivo de partir o cabo de controle direito de Anakin, que se ergueu antes que a serra fizesse o estrago pretendido. A escapada lhe custou a corrida, mas salvou-lhe a vida. Foi um negócio que ele ainda se ressentia de ter sido obrigado a fazer.
Os corredores se moveram através de colunas de estátuas antigas e através da arena construída nos limites de Mos Espa. Eles atravessaram o arco da vitória, passando por cada fila com a multidão de espectadores que os saudava alegremente, estações de reparo, e os camarotes onde os Hutts assistiam a tudo em isolado esplendor acima dos cidadãos comuns. De um observatório colocado em uma torre no arco, um Troig de duas cabeças estaria gritando os nomes dos corredores e suas posições à multidão. Por um momento, Anakin pôde vislumbrar um grupo indistinto de pessoas que eram deixadas para trás tão rápido que poderiam não ter passado, apenas, de uma miragem. Sua mãe, Shmi, estaria entre eles, preocupada como sempre. Ela odiava vê- la competindo nas corridas de *Pod*, mas ela não podia se conter. Ela nunca o disse, mas ele achava que ela acreditava que sua simples presença o manteria a salvo. Isso tinha funcionado até o momento. Ele tinha batido duas vezes e até fracassado em terminar uma vez, mas, depois de mais de meia dúzia de corridas, ainda permanecia intacto. E ele apreciava tê-la ali. Isso dava a ele uma estranha sensação de autoconfiança que ele não gostaria de examinar muito cuidadosamente.
Além do mais, que escolha eles tinham neste assunto? Ele corria porque era bom nisso, Watto sabia que ele era bom nisso, e o que quer que Watto quisesse dele, ele o faria. Este era o preço pago por ser um escravo, e Anakin Skywalker tinha sido um escravo por toda sua vida. O Arco Canyon se ergueu amplo e profundo

à sua frente; uma extensão de pedras levando à garganta Jag Crag, um canal sinuoso que os corredores precisavam navegar a caminho das altas planícies além. Sebulba estava à frente, guiando baixo e junto ao solo, tentando aumentar a distância de Anakin. Atrás de Anakin, mais perto agora, três corredores apareciam no horizonte. Um olhar rápido revelou Mawhonic, Gasgano e Rimkar em seu estranho *Pod*. Os três estavam ganhando. Anakin começou a engatar seus propulsares, mas se deteve. Eles estavam muito próximos da garganta. Muita velocidade ali, e ele teria problemas. O tempo de resposta no canal estava reduzido a quase nada. Era melhor esperar.

Mawhonic e Gasgano pareciam concordar, mantendo seus *Pods* atrás de Anakin, enquanto se aproximavam da garganta. Mas Rinkar não estava disposto a esperar e avançou, ultrapassando Anakin segundos antes de entrarem na fenda, desaparecendo na escuridão.

Anakin nivelou seu *Pod,* elevando-se ligeiramente do solo pedregoso do canal e deixando suas lembranças e instinto levarem-no através do sinuoso corte. Quando ele corria, tudo a sua volta se movia lentamente, ao invés de acelerar. Era diferente do esperado. Pedras, areia e sombras passaram em um mistura de padrões e formas e, ainda assim, ele podia ver claramente. Todos os detalhes pareciam saltar para ele, como se iluminados, exatamente, pelo que faria com que fossem difíceis de distinguir. Ele quase podia fechar seus olhos e dirigir, pensou. Ele estava em sintonia com tudo ao seu redor, assim como, de onde estava.

Ele adentrou o canal, vislumbrando os exaustores dos motores de Rimkar, enquanto piscavam em uma cor vermelho forte. Longe, longe acima, o céu era uma longa linha azul no centro da montanha, enviando uma fraca luz para dentro da fenda, luz esta que diminuía à cada metro da descida de forma que, ao atingir Anakin e os outros corredores, mal era percebida na escuridão. Ainda assim, Anakin estava em paz, perdido em si mesmo enquanto dirigia seu *Pod*, atento a seus motores, entregue a seu *Pod* e à escuridão aveludada que se estendia à sua frente.

Quando emergiram à luz novamente, Anakin empurrou as barras de propulsão para frente e seguiu atrás de Sebulba. Mawhonic e Gasgano estavam logo atrás. A frente, Rimkar havia alcançado Sebulba e tentava ultrapassá-lo. O magrelo Dug ergueu levemente seu motor split-X para encostar no *Pod* de Rimkar. Mas a concha arredondada de Rimkar se afastou intocada. Lado a lado, os corredores rasgaram as planícies em direção a Metta Drop. Anakin tomou a dianteira, deslizando para longe de Mawhonic e Gasgano. As pessoas diziam o que queriam sobre Watto - e havia muito a dizer que não era bom - mas ele tinha um

olho para corredores de *Pod*. Os grandes motores avançavam obedientemente, enquanto Anakin alimentava os propulsares e, em segundos, ele estava dirigindo lado a lado com o split-X de Sebulba.
Eles estavam empatados quando atingiram Metta Drop sobrevoando e vindo abaixo.
O truque com descidas, como todo corredor sabia, era acumular velocidade suficiente na descida para ganhar tempo sobre os oponentes, mas não tanta a ponto do corredor não conseguir puxar e nivelar novamente antes de mergulhar de nariz nas pedras embaixo. Então, quando Sebulba puxou antes, Anakin se surpreendeu. Então ele sentiu a traseira do motor do split-X bater em seu *Pod.* O traiçoeiro Dug havia apenas dado a entender que estava puxando e ao invés disso se posicionou acima de Anakin e Rimkar usando seu exaustor para empurrá-los contra o penhasco. Rimkar, completamente surpreendido, empurrou suas barras de propulsão para frente, numa automática reação que o levou direto para a montanha. Fragmentos de metal do *Pod* e motores explodiram numa chuva de brasas, deixando uma cicatriz escura ao longo da superfície destruída.
Anakin teria ido no mesmo caminho se não fosse seu instinto. Pouco antes de saber o que estava fazendo, no instante em que sentiu a traseira do motor de Sebulba bater, ele arremeteu para fora de sua própria descida e para longe da montanha, quase colidindo com um surpreso Sebulba, que mudou de direção selvagemente a fim de se salvar. A mudança brusca de direção por parte de Anakin o levou para longe, girando, fora de curso e fora de controle. Ele empurrou a direção para trás, soltou os propulsares, cortou o suprimento de combustível para os motores e observou o solo se levantar para recebê-la numa nuvem de areia e luz refletida.
Ele atingiu o solo numa forte derrapagem que danificou os cabos de controle, enquanto os dois grandes motores voavam em duas direções e o Pod se inclinava primeiro para a esquerda, depois direita e, então, começou a rolar. Anakin podia somente se segurar lá dentro, girando e se torcendo numa confusão de areia e calor, rezando para que ele não acabasse batendo em alguma rocha. O metal emitia um ruído de protesto enquanto o interior do *Pod* era invadido por poeira. Em algum lugar à sua direita, um motor explodiu num ronco que sacudiu a terra embaixo. Os braços de Anakin estavam estendidos para cada lado, mantendo-o ajustado durante o abalo que o *Pod* sofria, rolando e rolando. Finalmente, o *Pod* parou, inclinando-se para o lado. Anakin aguardou um momento, soltou seu cinto de segurança e engatinhou para fora. O calor do deserto o atingiu e a insuportável luz solar atravessava seus óculos de proteção. Acima, os últimos corredores de *Pod* sumiam no horizonte azul, com seus motores barulhentos. O

silêncio seguiu profundo e intenso. Anakin olhou para a esquerda e direita, vendo o que sobrou de seus motores, avaliando as perdas e calculando o trabalho que seria necessário para reparos. Finalmente, olhou para seu *Pod* e fez uma careta. Watto não ficaria contente.

Mas Watto nunca estava.

Anakin Skywalker sentou com suas costas contra o *Pod* arruinado, obtendo o alívio que podia de sua sombra sob o sóis escaldantes de Tatooine. Um veículo de terra o resgataria em poucos minutos. Watto estaria lá para comê-lo vivo. Sua mãe estaria lá para abraçá-la e levá-la para casa. Ele não estava satisfeito com a maneira como as coisas tinham se saído, mas também não estava desencorajado. Ele poderia ter vencido a corrida se Sebulba tivesse sido honesto. Ele teria vencido facilmente.

Ele suspirou e ajustou seu capacete.

Em breve, ele poderia ganhar muitas corridas. Talvez até no final do próximo ano, quando ele atingiria a idade de dez anos.

2

Você tem alguma idéia de quanto isso vai me custar, garoto? Você tem alguma idéia? *Oba chee ka!*

Watto se ergue à sua frente, recorrendo ao huttese sem pensar, optando por um idioma que oferecia um vasto arsenal de insultos para escolher. Anakin se manteve impassível: sua face jovem sem expressão e seus olhos fixos no atarracado Toydarian azul de pé diante dele. As asas de Watto se moviam em confusão e batiam tão ferozmente que poderiam facilmente voar para fora de seu granuloso corpinho. Anakin segurou a vontade de rir enquanto imaginava isso acontecendo. Não seria uma boa idéia rir naquele momento.

Quando Watto parou para tomar fôlego, Anakin disse baixinho: — Não foi minha culpa. O Sebulba quase me atirou em Metta Drop. Ele roubou.

A boca de Watto se movia como se ele estivesse mastigando alguma coisa, sua tromba enrugada sobre seus dentes protuberantes. — Claro que ele roubou, garoto! Ele sempre rouba! E assim que ele vence! Talvez você devesse roubar só um pouquinho de vez em quando! Talvez assim você não arrebentaria seu *Pod* toda hora e não me custaria tanto dinheiro! Eles estavam na loja de Watto, no distrito de mercadores de Mos Espa, uma sombria cabana feita de lama e areia em frente a um cercado entulhado com partes de turbinas e motores salvos da destruição. Era fria e sombria por dentro, o calor do planeta não passava pelas paredes grossas, mas até aqui a poeira flutuava numa névoa capturada pela luz ambiente. A corrida havia acabado há muito tempo e os sóis gêmeos do planeta tinham descido no horizonte e a noite vagarosamente se aproximava. O *Pod* destruído havia sido transportado da planície para a loja por *dróides.* Anakin também foi transportado de volta, apesar do pouco entusiasmo.

> –*Rassa dwee cuppa, peedunkel!* — Gritou Watto recomeçando uma nova explosão de huttese para Anakin.

O corpo atarracado avançava para a frente alguns centímetros com cada epíteto, fazendo Anakin dar um passo atrás contrariamente à sua vontade. Os braços e pernas ossudos gesticulavam com os movimentos de sua cabeça e corpo, dando-lhe uma aparência cômica.

Ele estava furioso, mas Anakin já o tinha visto furioso antes e sabia o que esperar. Ele não se encolheu de medo ou baixou sua cabeça em submissão; ele manteve sua postura e tomou sua bronca sem vacilar.

Ele era um escravo e Watto era seu senhor. Broncas eram parte de sua vida. Além do mais, Watto se acalmaria logo, sua raiva seria liberada de uma maneira que satisfaria sua necessidade de jogar a culpa em alguém e as coisas voltariam ao normal.

Todos os três dedos da mão direita de Watto apontavam para o garoto. — Eu não devia deixá-la dirigir para mim nunca mais! Isso que eu deveria fazer! Eu devia achar outro motorista!

–Eu acho que é uma ótima idéia. — Shmi concordou.

A mãe de Anakin tinha estado de pé ao lado, sem dizer uma palavra durante todo o ataque de Watto, mas, agora, foi rápida em tirar proveito das sugestão que ela mesma teria feito, se ele tivesse pedido.

Watto se virou na direção dela, girando violentamente, as asas batendo violentamente e voou para confrontá-la. Mas o olhar calmo e firme de Shmi o imobilizou, deixando-o no ar, entre mãe e filho.

–E muito perigoso de qualquer forma.— Ela continuou razoavelmente. — Ele é só um garoto.

Watto tomou imediatamente a defensiva. — Ele é meu garoto, minha propriedade, e fará o que eu quiser que faça.

–Exatamente. — Os olhos escuros de Shmi se sobressaíam em sua face fadigada e enrugada. — E é por isso que ele não correrá novamente se o senhor não desejar. Não foi isso que acabou de dizer?

Watto parecia confuso. Ele mexeu com sua boca e seu nariz de uma forma grosseira, mas não proferiu nenhuma palavra. Anakin observava sua mãe apreciativamente. Os cabelos escuros e fracos estavam começando a ficar grisalhos, e seus outrora graciosos movimentos haviam se tornado vagarosos. Mas ele a achou linda e valente.

Ele a considerou perfeita.

Watto avançou para ela alguns centímetros, então parou mais uma vez. Shmi se manteve ereta da mesma forma que Anakin, recusando-se a conceder em alguma coisa. Watto se concentrou nela por alguns instantes, depois voou, para o garoto.

–Você vai consertar tudo que arruinou, garoto. — Disparou sacudindo o dedo para Anakin. — Você vai consertar os motores e o *Pod* e deixá-los como novos! Melhor que novos, na verdade! E vai começar agora mesmo! Neste instante. Saia daqui e vá para o trabalho!

Ele se voltou para Shmi desafiante. — Ainda há bastante luz do dia para um garoto trabalhar! Tempo é dinheiro! — Ele gesticulou primeiro para a mãe; depois, para o filho. — Vamos com isso, os dois! De volta ao trabalho, de volta ao trabalho!

Shmi deu a Anakin um sorriso acolhedor. — Vamos Anakin, o jantar ficará

esperando.
Ela se voltou e saiu pela porta. Watto, após dar a Anakin um último olhar desmoralizador, seguiu atrás dela. Anakin ficou no quarto sombrio por um momento, olhando para o nada. Ele estava pensando que não devia ter perdido a corrida. Da próxima vez — e haveria uma próxima vez, se ele conhecia Watto — ele não perderia.
Com um suspiro de frustração, ele se virou e saiu pela porta de trás da loja para o pátio. Ele era um garoto pequeno, mesmo aos nove anos, de estrutura compacta, com cabelos cor de areia, olhos azuis, nariz arrebitado e olhar inquisidor. Ele era rápido e forte para sua idade e tinha dons que constantemente surpreendiam as pessoas à sua volta. Ele já havia se tornado um corredor bem-sucedido nas corridas de *Pod,* algo que nenhum humano de nenhuma idade havia conseguido antes. Tinha sido presenteado com habilidades de construir que permitiam que ele montasse quase tudo. Ele era útil a Watto em ambas as áreas, e Watto não era alguém que desperdiçaria um escravo talentoso. Mas o que ninguém sabia, exceto sua mãe, era a maneira como sentia coisas. Freqüentemente ele as sentia antes que alguém até desconfiasse que aconteceriam. Era como algo no ar, um suspiro que o alertava ou uma sugestão que ninguém mais podia sentir. Isso lhe vinha sendo útil nas corridas de *Pod,* mas estava lá também em outras ocasiões. Ele tinha facilidade em reconhecer como as coisas eram ou deviam ser. Ele tinha apenas nove anos e já podia ver o mundo de uma maneira que a maioria dos adultos nunca enxergariam.
Por todo o bem que aquilo lhe fazia naquele exato momento. Chutando a areia do pátio ele se dirigiu ao local onde os *dróides* haviam despejado os motores e o *Pod.* Sua mente já se ocupava em achar meios de colocar as máquinas operando novamente. O motor direito estava praticamente intocado, ignorando-se os arranhões e marcas no revestimento metálico. Mas o esquerdo estava uma bagunça.
E o *Pod* estava amassado e retorcido, o painel de controle destruído.
–Que tormento! — Resmungou baixinho.
Dróides mecânicos surgiram a seu chamado e começaram a trabalhar removendo as partes danificadas do veículo de corrida. Ele estava a apenas alguns segundos de começar a mexer nos entulhos quando se deu conta de que precisaria de peças que Watto não possuía. Ele teria que negociar tais peças com outras lojas antes de começar a remontagem. Watto não gostaria nada disso. Ele odiava pedir peças de outras lojas, insistindo que tudo que valia a pena possuir ele já tinha, a não ser que viesse de outro mundo. O fato de que ele estava negociando pelo que precisava não parecia apaziguar o rancor que sentia por precisar negociar com

locais. Ele preferiria ganhar o que precisasse numa corrida de *Pod*. Ou simplesmente roubar.

Anakin olhava para o céu, onde os últimos vestígios de luz do dia começavam a desaparecer. As primeiras estrelas surgiam: pequenos pontos na noite escura. Mundos que ele nunca vira e com os quais apenas poderia sonhar esperavam lá fora e, um dia, ele os visitaria. Ele não ficaria aqui para sempre. Ele não.

–Psiu! Anakin!

Uma voz sussurrava cuidadosamente para ele por entre as sombras na parte de trás do pátio, e um par de pequenas formas escorregou através do espaço estreito onde a cerca de fios estava partida. Era Kitster, seu melhor amigo, com Wald, outro amigo, aproximando-se logo atrás. Kitster era pequeno e escuro, seu cabelo cortado rente à cabeça, sua roupa folgada e estranha, desenvolvida para reter umidade e desviar o calor. Wald, caminhando a passos incertos, era um Rodian, era um estrangeiro naquele mundo, que tinha chegado recentemente a Tatooine. Era bem mais novo que seus amigos, mas tão corajoso que eles o deixavam sair com eles a maior parte do tempo.

–Ei, Annie, o que está fazendo? — Perguntou Kitster, observando com olhar desconfiado, mantendo um olho vivo para Watto.

Anakin encolheu os ombros. — O Watto disse que eu tenho que consertar o *Pod* outra vez e deixá-lo como novo.

–Tá, mas hoje não. — Kitster retrucou solenemente. — Hoje está quase acabando. Vamos. Amanhã há tempo suficiente para isso. Vamos pegar uma soda *ruby.*

Era a bebida favorita deles. Anakin ficou com a boca cheia d’água.

–Eu não posso. Eu tenho que ficar e trabalhar nisso até...

Ele parou. Até o anoitecer, ele ficaria, mas já era quase noite, então...

–Com o que vamos comprar as sodas? — Perguntou.

Kitster apontou Wald. — Ele tem cinco *drujgats* que disse que encontrou em algum lugar. — Ele dirigiu a Wald um olhar inquisidor. — Isso é o que ele diz.

–Eu os tenho aqui, tenho mesmo. — A cabeça esquisita e escamosa de Wald sacudiu afirmativamente, seus olhos saltados piscando muito.

Ele mexeu numa das orelhas verdes. — Você não acredita em mim? — Wald perguntou em huttese.

–Ok, Ok, a gente acredita em você. — Kitster piscou para Anakin.

–Vamos, vamos antes que o velho batedor de asas volte.

Eles saíram pelo buraco da cerca e desceram a rua de trás, viraram à esquerda e se apressaram, em meio à praça lotada, em direção às lojas de alimentos logo à

frente. As ruas ainda estavam lotadas, mas o trânsito estava todo na dicção residencial ou das cabanas de divertimentos. Os garotos passaram rapidamente por entre grupos de pessoas e carroças, *speeders* voando próximo à superfície, desceram ruelas com barracas esperando para serem levantadas, e ao longo de fileiras com produtos a serem guardados à chave.
Em instantes, eles alcançaram a loja que vendia as sodas *ruby* e foram até o balcão.
Wald cumpriu sua palavra e apresentou as *drujgats* necessárias para as três bebidas e deu uma a cada um dos amigos. Eles as levaram para fora dando pequenos goles na mistura gosmenta com canudos e, vagarosamente, desceram a rua conversando sobre corridas e *speeders*, sobre cruzadores de batalha, naves de combate e seus pilotos. Eles todos seriam pilotos um dia, eles se prometeram, um voto que selaram com cuspe e apertos de mão. Eles estavam bem no meio da discussão sobre as vantagens das naves de combate, quando uma voz próxima disse: — Dê-me escolha e eu sempre pegaria um Z-95 Headhunter.
Os garotos se voltaram ao mesmo tempo. Um velho soldado espacial estava em pé debruçado num *speeder* fitando-os. Eles reconheceram o que ele era imediatamente, por suas roupas, armas, e a pequena e já gasta insígnia da corporação que ele trazia atada à sua túnica.
Era uma insígnia da República. Não se via muitas delas em Tatooine.

> –Vi você correr hoje. — Disse o velho soldado a Anakin. Ele era alto, magro e comprido. Sua face morena estava desgastada pelo sol, seus olhos eram de um cinza incomum, seu cabelo cortado curto de forma que se arrepiava do couro cabeludo, seu sorriso era irônico e acolhedor. — Qual o seu nome?
> –Anakin Skywalker. — Anakin respondeu relutante. — Estes são meus amigos Kitster e Wald.

O velho acenou com a cabeça para os dois sem dizer uma palavra, mantendo seus olhos fixos em Anakin. — Você voa como seu nome, Anakin. Você passeia pelo céu como se o possuísse. Você é uma promessa.— Ele se endireitou e dirigiu o olhar para cada um dos outros garotos. — Vocês querem pilotar as grandes naves um dia?
Os três garotos concordaram ao mesmo tempo. O velho navegador sorriu. — Não existe nada como voar nas grandes naves. Nada.
Eu pilotei todos as grandonas quando era moço. Eu pilotava tudo que podia voar, dentro e fora da corporação. Vocês conhecem esta insígnia, garotos?
Novamente eles concordaram, agora interessados e fascinados por estarem frente

a frente com um piloto de verdade

–não só de *Pods*, mas de caças, cruzadores e naves de primeira linha.

–Foi há muito tempo — o piloto disse com a voz, subitamente, distante. — Eu deixei a corporação seis anos atrás. Muito velho. O tempo passa e você tem que achar outra coisa para fazer com o tempo que lhe resta. — Ele apertou os lábios. — Como estão as sodas *rubji?*

Ainda boas? Não tomo uma há muitos anos. Talvez agora seja um bom momento. Vocês gostariam de ir comigo? Gostariam de tomar uma soda *rubji* com um velho piloto da República?

Ele não precisou perguntar duas vezes. Ele os levou de volta à loja e lhes comprou uma segunda bebida e uma para si. Eles voltaram para fora e acharam um lugar calmo perto da praça e ficaram bebendo as sodas enquanto observavam o céu. A luz já tinha sumido, e as estrelas estavam espalhadas por todo o escuro céu, uma chuva de pontos prateados aninhados contra o negro céu.

–Voei toda a minha vida — disse o piloto solenemente, os olhos fixos no céu. — Voei para todos os lugares que podia, e sabe de uma coisa? Não cheguei a um centésimo do que está lá fora. Não cheguei a um milionésimo. Mas foi divertido tentar. Muito divertido.

Seu olhar se fixou nos garotos novamente. — Voei um cruzador cheio de soldados republicanos para Makem Te durante a rebelião.

Foi assustador. Também levei Cavaleiros Jedi uma vez.

–Jedi! — Kitster suspirou. — Uau!

–Mesmo? Você levou Jedi mesmo? — Anakin perguntou com olhos arregalados.

O piloto sorriu do entusiasmo dos garotos. — Juro e mudo meu nome se estiver mentindo. Foi há muito tempo, mas levei quatro deles a um lugar do qual não posso falar até hoje. Eu disse a vocês. Já estive em todos os lugares em que um homem pode ir em sua vida. Todos os lugares.

–Quero ir a esses lugares algum dia — Anakin disse suavemente. Wald bufou. — Você é um escravo, Annie. Você não pode ir a lugar nenhum.

O piloto fitou Anakin. O menino não podia olhar para ele. — Bem - disse ele suavemente — nesta vida, às vezes, você nasce uma coisa e morre outra. Você não tem que aceitar que o que lhe foi dado ao nascer é tudo que terá ao morrer.

De repente, começou a rir. — Lembro-me de algo. Eu pilotei o Kessel Run uma vez, há muito tempo. Não muitos fizeram isso e viveram para contar a história.

Muitos me disseram que eu não conseguiria fazer isso, disseram-me que não perdesse meu tempo tentando, para desistir e ir fazer outra coisa. Mas eu queria a experiência, então, segui em frente e achei um meio de mostrar que estavam enganados.
Ele fitou Anakin. — Pode ser que isso seja o que você terá que fazer, jovem Skywalker. Vi como você maneja um *Pod.* Você tem os olhos para isso, o sentimento. Você é melhor do que eu era quando tinha o dobro da sua idade. — Ele acenou com a cabeça solenemente. — Você quer pilotar as naves grandes, acho que o fará.
Os dois se fitaram. O velho piloto sorriu e acenou devagar com a cabeça. — Sim, Anakin Skywalker, eu acho mesmo que você o fará.
Ele voltou para casa tarde para o jantar e recebeu sua segunda bronca do dia. Ele podia inventar uma desculpa para Watto, mas Anakin Skywalker nunca mentia para sua mãe. A respeito de nada, nunca.
Contou-lhe a verdade, sobre ter escapado com Kitster e Wald, sobre as sodas *ruby* e sobre ter ouvido as histórias do velho piloto. Shmi não se impressionou. Ela não gostava da idéia do filho passando tempo com pessoas que ela não conhecia, mesmo entendendo como eram os garotos e que Anakin era capaz de cuidar de si mesmo.

–Se você sente necessidade de fugir do trabalho que Watto lhe deu, venha ver o trabalho que precisa ser feito por aqui — ela o advertiu severamente.

Anakin não discutiu, sendo já esperto o suficiente para saber que brigar nessas ocasiões nunca o levou a nada. Ele sentou quieto, comendo com a cabeça baixa, acenando com a cabeça quando isso era necessário, pensando que sua mãe o amava e que se preocupava com ele e que, por isso, ficava zangada e frustrada com ele.
Após o jantar, eles sentaram do lado de fora, em banquinhos em frente à casa em que viviam. Na noite fria, observavam as estrelas.
Anakin gostava de sentar ali antes de ir para a cama. Não era tão apertado quanto lá dentro. Ele podia respirar ali fora. Sua casa era pequena e empobrecida, espremida entre dúzias de outras, seus muros grossos feitos de uma mistura de barro e areia. Era um lugar tipicamente fornecido a escravos naquela área de Mos Espa, uma choupana i com um aposento central. Mas a mãe de Anakin mantinha o local limpo e asseado, e Anakin tinha um quarto para ele, que era maior que a maioria dos quartos e onde guardava suas coisas. Uma bancada de trabalho e ferramentas tornavam a maior parte do espaço disponível. Naquele momento, ele estava ocupado montando um *dróide* para ajudar sua mãe. Ele colocava as peças necessárias uma de cada vez, vasculhando onde podia para

encontrá-las, vagarosamente restaurando o todo. O *dróide* já podia falar, se movimentar e fazer algumas coisas. Ele o teria funcionando em breve.

–Está cansado, Annie? — sua mãe perguntou após um longo silêncio.

Ele balançou a cabeça. — Na verdade, não.

–Ainda pensando na corrida?

–Sim.

E ele estava, mas estava mais concentrado no velho piloto e suas histórias de vôos em enormes naves para mundos distantes, em ir à guerra para defender a República e em conviver com Cavaleiros Jedi.

–Eu não quero mais você correndo com *Pods,* Annie. — A mãe dizia suavemente. — Eu não quero que você peça ao Watto para deixá-lo correr. Prometa que não o fará.

Ele assentiu com relutância. — Prometo. — Mas... e se Watto disser que eu tenho que ir, mãe? O que posso fazer? Tenho que fazer o que ele manda. Então, se ele mandar, terei que correr.

Ela se aproximou e pôs a mão levemente sobre seu braço. — Acho que depois do que aconteceu hoje ele não pedirá novamente.

Vai procurar outra pessoa.

Anakin não disse, mas sabia que sua mãe estava errada. Não havia ninguém melhor que ele nas corridas de *Pod.* Nem mesmo Sebulba, se ele Geasse sem roubar. Além do mais, Watto nunca pagaria para alguém dirigir quando ele tinha Anakin para fazê-la de graça. Watto ficaria zangado por mais um dia ou dois e, então, começaria a pensar em vencer novamente. Anakin estaria de volta às corridas antes do final daquele mês.

Ele fitou o céu, a mão de sua mãe ainda repousando em seu braço, e pensou em como seria estar lá fora, pilotando cruzadores de batalha e naves de combate, viajando para mundos distantes e lugares estranhos. Ele não ligava para o que Wald disse, ele não seria um escravo por toda sua vida. Da mesma forma que ele não seria sempre um menino. Ele acharia um meio de deixar Tatooine. E encontraria um meio de levar sua mãe. Seus sonhos rodopiavam em sua mente enquanto ele observava as estrelas, um caleidoscópio de imagens brilhantes. Ele imaginava como seria. Ele viu claramente em sua mente, e isso o fez sorrir.

Um dia, ele pensou, vendo a face do velho piloto na escuridão, o sorriso retorcido e seus estranhos olhos acinzentados, eu farei tudo que você fez. Tudo.

Ele inspirou profundamente e segurou o ar.

Eu vou até levar Cavaleiros Jedi.

Ele expirou lentamente, com a promessa selada.

3

O pequeno cruzador espacial republicano, com sua cor vermelha simbolizando neutralidade oficial, cortou o espaço negro em direção ao planeta esmeralda chamado Naboo cercado pela frota de naves da Federação de Comércio. As naves eram enormes, fortalezas bloqueadoras, em forma de tubos, abertas de um lado e circundando numa órbita que protegia a ponte, o centro de comunicações e o hiperpropulsor. Armamentos lotavam todos os portos e baías, e os soldados da Federação de Comércio circulavam como mosquitos. O cruzador republicano mais comum, com seus três motores, fuselagem compacta e cabine quadrada, parecia insignificante à sombra das naves de combate da Federação de Comércio, mas continuou avançando de forma resoluta na direção delas.

O capitão e o co-piloto do cruzador se sentavam lado a lado no compartimento dianteiro, as mãos se movendo agilmente pelos controles à medida que se aproximavam da nave portadora da insígnia do vice-rei da Federação de Comércio. Havia uma perceptível energia nervosa em seus movimentos. De vez em quando, os dois se olhavam ansiosos — e, por sobre seus ombros, para a figura que estava de pé nas sombras.

Na tela à frente, capturado de sua posição na ponte onde a batalha ocorria e para onde se dirigiam, estava o vice-rei da Federação de Comércio, Nute Gunray. Seus olhos cor de laranja fitando-os em expectativa. O Neimoidian tinha sua habitual expressão ácida, a boca voltada para baixo e a fronte ossuda enfatizando seu descontentamento. Sua pele verde-acinzentada refletia a luz ambiente da nave, toda pálida e fria em contraste com seu robe escuro, colarinho e manto de três pontas.

–Capitã.

A capitã se virou vagarosamente em sua cadeira para fitar a figura escondida nas sombras às suas costas. — Sim, senhor?

–Diga-lhes que queremos embarcar imediatamente.

A voz era profunda e suave, mas continha um tom de resolução fácil de detectar.

–Sim, senhor — disse a capitã, dando um olhar dissimulado ao co-piloto que o retribuiu. A capitã fitou Nute Gunray na tela.

–Com todo respeito, senhor, os embaixadores do chanceler supremo solicitam a permissão de aterrissar imediatamente.

O Neimoidian assentiu rapidamente. — Sim, sim, capitã, claro. Ficaríamos felizes em receber os embaixadores. É um prazer, capitã.
A tela ficou escura. A capitã hesitou, voltando-se novamente para figura atrás de si. — Senhor?

–Prossiga, capitã. — Qui-Gon Jinn respondeu.

O Mestre Jedi assistia silenciosamente enquanto a nave de combate da Federação de Comércio surgia à frente deles, enchendo a torre de comando com seu brilho. Qui-Gon era um homem alto, forte de corpo com feição marcante e leonina. Sua barba e bigode eram bem cortados e seu cabelo era mantido longo e preso atrás. Túnicas, calças e robes eram sempre confortáveis, uma faixa os prendia em sua cintura onde seu sabre de luz estava pendurado longe da vista, mas facilmente acessível. Os olhos azuis de Qui-Gon se fixaram na nave de combate, como se para avaliar o que o esperava em seu interior. A taxação da República sobre as rotas comerciais entre sistemas estelares estava sendo objeto de disputa desde sua criação, mas até o momento tudo que a Federação de Comércio havia feito em resposta foi reclamar. O bloqueio de Naboo foi o primeiro ato de desafio aberto e, enquanto a Federação era um entidade poderosa, equipada com sua própria frota i de guerra e exército de *dróides,* sua ação aqui foi incomum. Os Neimoidians eram empresários, não guerreiros. A eles faltava o apoio e força necessários para desafiar a República. De alguma forma eles encontraram esse apoio. Incomodava Qui-Gon que ele não soubesse explicar como isso ocorreu.
Ele se apoiou enquanto o cruzador se movia vagarosamente em direção ao hangar. Raios-tratores assumiram o controle, guiando o cruzador para dentro, onde ganchos magnéticos manteriam a nave no lugar. O bloqueio estava em efeito por quase um mês. O Senado da República continuava debatendo a questão, buscando uma forma amigável de resolver a disputa. Mas nenhum progresso havia sido alcançado e, finalmente, o chanceler supremo notificou secretamente o Conselho dos Jedi de que tinha enviado dois Cavaleiros Jedi diretamente aos iniciadores do bloqueio, os Neimoidians, num esforço para resolver a questão mais diretamente. Foi um movimento ousado. Teoricamente, os Cavaleiros Jedi servem ao chanceler supremo, respondendo a seu comando em situações de vida e morte. Mas qualquer interferência na política interna dos membros do Senado, particularmente envolvendo um conflito armado entre mundos, requeria aprovação do Senado. O chanceler supremo estava no limite de sua autoridade neste caso. Na melhor das hipóteses, essa era uma ação secreta e provocaria, mais tarde, forte debate no Senado.
O Mestre Jedi suspirou. Enquanto nada disso era sua responsabilidade, ele não podia ignorar as conseqüências caso falhasse. Os Cavaleiros Jedi eram

pacificadores; essa era a natureza de sua ordem e seu credo. Por milênios, eles serviam a República, uma constante fonte de estabilidade e ordem num universo em mutação. Fundada como um grupo de estudos teológicos e filosóficos há tanto tempo que suas origens se relacionam ao mito, os Jedi levaram algum tempo para se tornarem conscientes da presença da Força. Anos foram investidos no estudo da Força, na contemplação de seu significado, no domínio de seu poder. A ordem evolui vagarosamente, abandonando sua prática e crença numa vida em isolada meditação em favor de uma visão para fora, mais comprometida com a responsabilidade social. O entendimento da Força suficiente para utilizar seu poder requer mais que simples estudo individual. É necessário servir a comunidade maior e implementar um sistema de leis que garantiria justiça para todos igualmente. A batalha ainda não estava vencida. E, provavelmente, nunca estaria. Mas os Cavaleiros Jedi não a veriam perdida por não haverem tentado. Na época de Qui-Gon Jinn, dez mil Cavaleiros Jedi a serviço da República lutaram cada dia de suas vidas em cem mil mundos diferentes espalhados por uma galáxia tão vasta que mal podia ser compreendida.

Ele se virou um pouco enquanto seu companheiro nesta missão chegou à ponte e subiu para se posicionar a seu lado. — Estamos para embarcar? — Obi-Wan Kenobi perguntou.

Qui-Gon assentiu. — O vice-rei vai nos receber.

Ele olhou momentaneamente para seu protegido. Obi-Wan, nos seus vinte e poucos anos, era mais jovem trinta anos e ainda estava aprendendo sua arte. Ele ainda não era um Jedi completo, mas estava quase pronto. Obi-Wan era mais baixo que Qui-Gon, mas compacto e muito rápido. Sua face jovem e suave sugeria certa imaturidade que havia sido há muito perdida. Sua vestimenta era similar à de Qui-Gon, mas seu cabelo era cortado no estilo de um aprendiz Padawan, baixo e bem-cortado, salvo pelo apertado rabo de cavalo trançado que se pendurava sobre seu ombro direito.

Qui-Gon estava com os olhos fixos no interior da nave da Federação de Comércio quando falou novamente. — Porque Naboo, meu jovem aprendiz? Porque bloquear logo este planeta, quando existem tantos para escolher, maiores e mais sensíveis às conseqüências de uma ação como esta?

Obi-Wan não respondeu. Naboo era mesmo uma escolha estranha para uma ação deste tipo, um planeta localizado na ponta da galáxia, sem importância em particular no esquema estabelecido. Sua governadora, Amidala, era desconhecida. Estava com poucos meses no trono quando o bloqueio começou. Era jovem, mas haviam rumores de que era talentosa e extremamente bem-preparada. Dizia-se que ela podia debater com qualquer um na arena política. Diziam que ela era capaz de ser reservada e corajosa e que era muito sábia para

sua idade.
Os Jedi viram um halo ama de Amidala antes de deixarem Coruscant. A rainha preferia pinturas ostentosas e vestimentas enfeitadas, vestindo-se com pompa que escondia sua real aparência enquanto lhe emprestava uma áurea de esplendor e beleza. Ela era um camaleão, mascarando-se para o mundo e contando com a companhia de um grupo de aias que estavam sempre a seu lado.
Qui-Gon hesitou um momento mais, pensando sobre o assunto e, então, disse a Obi-Wan: — Venha, vamos sair.
Eles desceram através das entranhas da nave em direção à escotilha principal, esperaram a luz verde e soltaram a barra de segurança para que a rampa descesse. Levantando seus capuzes para esconder seus rostos, eles saíram para a luz.
Um *dróide* protocolar chamado TC-14 estava esperando para acompanhá-los ao encontro. O *dróide* os levou através de uma série de corredores até uma sala de reunião vazia.

–Espero que os senhores estejam confortáveis aqui. — A vozinha ecoava dentro da superfície metálica. — Meu Mestre estará com os senhores logo.

O *dróide* se virou e saiu, fechando a porta suavemente atrás. Qui-Gon observou sua saída, deu uma olhada nas criaturas, que pareciam pássaros, presas nas gaiolas perto da porta e, então, se juntou a Obi-Wan numa janela ampla de onde se avistava o labirinto de naves de combate da Federação até o lugar onde a luxuriante esfera de Naboo estava pendurada.

–Tenho um mau pressentimento sobre tudo isso. — Obi- Wan disse após um momento de contemplação ao planeta. Qui-Gon meneou a cabeça. — Não sinto nada.

Obi-Wan respondeu — Não é aqui, Mestre. Não é sobre a missão. É algo... em outro lugar. Algo ardiloso...
O outro Jedi pôs a mão sobre os ombros do companheiro. — Não se concentre em sua ansiedade, Obi-Wan. Mantenha a concentração no aqui e agora, onde ela deve estar.

–O Mestre Yoda diz que eu devo ser cuidadoso com o futuro.
–Mas não às custas do presente. — Qui-Gon esperou até que seu jovem aprendiz olhasse para ele. — Tenha cuidado com a Força viva, meu jovem Padawan.

Obi-Wan forçou um sorriso. — Sim, Mestre. Como acha que o vice-rei vai lidar com as ordens do chanceler supremo?
Qui-Gon deu de ombros. — Essas pessoas são covardes. Não serão difíceis de

convencer. As negociações serão curtas.
Na rampa da nave da Federação de Comércio, o vice-rei Nei- moidian Nute Gunray e seu tenente, Daultay Dofine, fitavam chocados o *dróide* protocolar enviado para receber os embaixadores do chanceler supremo.

–O que você disse? — Perguntou Gunray furioso.

TC-14 era insensível ao olhar que o Neimoidian lançou. — Os embaixadores são Cavaleiros Jedi. Um dos dois é um Mestre Jedi.
Tenho certeza.
Dofine com o rosto transtornado murmurou em desagrado. — Eu sabia! Eles foram enviados para forçar um acordo! O jogo acabou? Estamos acabados!
Gunray o acalmou. — Acalme-se! Eu posso apostar que o Senado não está a par dos movimentos do chanceler supremo nesta questão.
Vá. Distraia-os enquanto entro em contato com Lord Sidious.
O outro Neimoidian pasmado o encarou. — Você está sofrendo de morte cerebral? Eu não vou entrar lá sozinho com dois Cavaleiros Jedi! Envie o *dróide!*
Ele acenou apressadamente para TC-14, que se inclinou, fez um barulhinho em resposta, e saiu.
Quando o *dróide* de protocolo saiu, Dofine convocou Rune Haako, o terceiro membro da delegação, levou seus dois compatriotas para um espaço onde não podiam ser vistos ou ouvidos por mais ninguém, e efetuou uma comunicação holográfica.
Levou alguns minutos para o holograma aparecer. Ao surgir, uma forma de robe escuro e ombros inclinados apareceu, disfarçada e usando um capuz — tornando-a impossível de ser identificada.

–O que é? — Uma voz impaciente perguntou.

Nute Gunray sentiu sua garganta tão seca que por um momento não conseguiu falar. — Os embaixadores republicanos são Cavaleiros Jedi.

–Jedi? — Darth Sidious pronunciou a palavra suavemente, quase em reverência. Havia uma certa calma em sua aceitação da novidade.
–Você tem certeza?

Nute Gunray descobriu a pouca coragem que tinha conseguido reunir até aquele momento esvair-se rapidamente. Ele olhou para a forma negra de Sith Lord em terror. — Eles foram identificados, senhor.
Como se estivesse incapaz de manter o silêncio que se seguiu, Daultay Dofine preencheu o vazio com olhos enlouquecidos. — Seu esquema falhou, Lord Sidious! O bloqueio está acabado. Nós não nos atreveremos a lutar contra

Cavaleiros Jedi!
A figura escura no holograma se voltou com desprezo. — Você está dizendo que prefere ficar contra mim, Dofine? — Estou me divertindo. — O capuz se voltou para Gunray. — Vice-rei!
Nute rapidamente deu um passo a frente. — Sim, meu senhor?
A voz de Darth Sidious soou devagar e sibilante. — Eu não quero mais esse verme na minha frente. Entendeu?
As mãos de Nute estavam tremendo, e ele juntou suas mãos para controlar o tremor. — Sim, meu senhor.
Ele se virou para Dofine, mas o outro já estava saindo, com sua face cheia de terror e seus robes arrastando-se atrás dele como uma mortalha.
Quando ele se foi, Darth Sidious disse: — Esses acontecimentos são uma lástima, mas não são fatais. Temos que acelerar nossos planos, vice-rei. Comece a aterrissar suas tropas. Imediatamente.
Nute olhou de relance para Rune Haako, que estava fazendo o melhor que podia para desaparecer no éter. — Ah, claro senhor, mas... essa ação é legal?

–Eu a farei legal, vice-rei.
–Sim, claro.— Nute tomou fôlego. — E os Jedi?

Darth Sidious pareceu ficar mais negro em seus robes, sua face mais sombria. — O chanceler supremo nunca deveria ter envolvido os Jedi nisso. Mate-os agora. Imediatamente.

–Sim, meu senhor. — Nute Gunray respondeu, mas o holograma de Sith Lord já havia desaparecido. Ele fitou o local vazio por um momento e, então, se virou para Haako. — Exploda a nave deles. Enviarei um pelotão de *dróides* para acabar com eles. Na sala de conferência onde foram deixados, Qui-Gon e Obi- Wan se entreolharam por sobre a mesa comprida.
–É costume dos Neimoidians deixar seus convidados esperando por tanto tempo? — Perguntou o Jedi mais jovem.

Antes que Qui-Gon respondesse, a porta se abriu com a chegada do *dróide* de protocolo com uma bandeja de bebidas e comida. TC-14 foi até a mesa, colocou a bandeja em frente a eles e deu um copo a cada um. Então parou, aguardando.
Qui-Gon gesticulou para seu jovem companheiro, então, levantaram os copos e provaram a bebida.
Qui-Gon olhou para o *dróide*, depois para Obi-Wan. — Sinto uma quantidade estranha de manipulação para algo tão trivial como esta disputa comercial.

Também sinto que há medo. Obi-Wan colocou o copo de volta à mesa. — Talvez.

Uma explosão sacudiu a sala, derramando as bebidas e mandando a bandeja com a comida para o outro lado da sala. Os Jedi ficaram de pé em resposta, sabres de luz puxados e ativados. O *dróide* levantou os braços, se desculpando, olhando para todos os lados ao mesmo tempo.

–O que está acontecendo? — Obi-Wan perguntou rapidamente.

Qui-Gon hesitou, cerrou os olhos e se recolheu profundamente a seu interior. Seus olhos se abriram rapidamente. — Eles destruíram nossa nave.

Ele olhou em volta rapidamente. Levou apenas um momento para detectar um som fraco saindo dos orifícios perto da porta.

–Gás. — Alertou ele.

Na gaiola ao lado da porta, as criaturas-pássaro começaram a cair como pedras. Da rampa, Nute Gunray e Rune Haako assistiam pela tela, enquanto o pelotão de *dróides* marchava através do corredor próximo à sala de conferência onde os Jedi se encontravam. As pernas de metal se aproximaram da porta, explosivos prontos, um holograma de Nute os orientando por detrás.

–Eles têm que estar mortos, mas chequem. — Ele orientou os *dróides* e desligou o holograma.

Os Neimoidians observavam cuidadosamente enquanto o primeiro guerreiro *dróide* abria a porta e deu um passo atrás. Uma nuvem perigosa de gás esverdeado saía da sala, e uma figura solitária apareceu, acenando com os braços.

–Desculpe-me senhores, sinto muitíssimo. — TC-14 gaguejava enquanto passava entre os guerreiros *dróides*, segurando ainda sua bandeja com pedaços de comida e bebidas esparramadas.

No instante seguinte, os Jedi apareceram, saindo da sala com seus sabres de luz brilhando. A arma de Qui-Gon fez voar dois *dróides* numa chuva de partes de metal que se espalhou por todo lado. Obi-Wan incendiou muitos outros. Ele ergueu sua mão, palma para fora, e outro *dróide* se esmagou de encontro à parede. Na tela da rampa, fumaça e nuvens de gás escureciam tudo. Alarmes começaram a soar através da nave, vibrando na estrutura de metal.

–O que está acontecendo lá? — Nute Gunray questionava seu sócio, olhos arregalados.

Rune Haako sacudiu a cabeça — incerto. Havia medo em seu olhar alaranjado. — Você nunca encontrou Cavaleiros Jedi antes, encontrou?

–Bem, não, não exatamente, mas não vejo... — Os alarmes continuavam soando e, de repente, Nute Gunray estava aterrorizado. — Feche a rampa!

— Gritou desesperado.

Rune Haako se afastou enquanto as portas de acesso à plataforma de controle se fechavam. Sua voz soou imperceptível quando murmurou. — Não vai adiantar.

Em segundos, os Jedi estavam de pé no corredor do lado de fora da plataforma de controle, despachando os últimos guerreiros *dróides* que estavam no caminho. Com uma força incontrolável, os dois homens trabalhavam em sintonia contra seus adversários, parecendo capazes de antecipar cada forma de ataque. Sabres de luz brilhavam e golpeavam em explosões de cor. *Dróides* e explosivos eram completamente destruídos.

–Quero *dróides* destruidores aqui imediatamente! — Nute Gunray gritava, assistindo a um dos Jedi cortar a porta da torre de controle com seu sabre de luz. Ele sentiu a garganta seca e sua pele ferver. — Feche as portas, agora!

Uma após a outra, as portas começaram a fechar com um ruído sibilante. A tripulação assistia paralisada enquanto pela tela os Jedi continuavam a atacar, sabres de luz cortando as portas imensas, derretendo o ferro como se fosse manteiga. Murmúrios de espanto eram ouvidos, e Nute gritava que fizessem silêncio. Faíscas jorravam da porta sob ataque dos Jedi, e uma marca vermelha surgiu em seu centro onde o homem maior mergulhou seu sabre de luz no metal quase até o cabo.

A tela ficou subitamente escura. No centro da porta, o metal começou a amolecer e derreter.

–Eles estão vindo. — Rune Haako suspirou, juntando seus robes enquanto se afastava. O vice-rei Nute Gunray não respondeu. *Impossível* Ele pensava. *Impossível!*

Qui-Gon golpeava a porta com toda força que possuía, determinado a atacar os Neimoidians traiçoeiros, quando seus instintos o alertaram para o perigo em outra área.

–Obi-Wan! — Ele gritou para seu companheiro, que se dirigiu até ele imediatamente. — *Dróides* destruidores!

O jovem Jedi assentiu sorrindo. — Sem pensar no caso, diria que essa missão já passou do estágio de negociação.

No corredor, bem à frente de onde os Jedi lutavam, dez *dróides* destruidores apareceram. Eles lembravam brilhantes rodas de metal enquanto circundavam os cantos, suaves e silenciosos em sua aproximação.

Um por um, eles começaram a se desdobrar, soltando tripés de pernas de aranha e braços atrofiados onde pistolas *laser* haviam sido colocadas.

Espinhas tortas se desdobraram e os *dróides* se puseram de pé. Eles pareciam mortais e foram construídos para com um só objetivo.

Chegando ao último canto em frente à entrada da torre de controle, eles engatilharam suas armas, enchendo o local com um mortal tiroteio. Quando as *lasers* paravam, os *dróides* avançavam, caçando sua presa.
Mas a área estava vazia, e os Jedi desapareceram.
Na torre, Nute Gunray e Rune Haako observavam a imagem retornar à tela. Os *dróides* destruidores estavam voltando a sua forma de rodas, procurando os Jedi.

–Nós os pusemos para correr. — Rune Haako inspirou, mal acreditando na sorte.

Nute Gunray não pronunciou uma palavra, pensando que eles escaparam por pouco. Era ridículo que tivessem que enfrentar Cavaleiros Jedi. Isso era uma questão comercial, não política. A Federação de Comércio estava com toda razão em resistir à decisão tola do Senado em taxar as rotas comerciais quando não havia nenhum embasamento na lei para que isso fosse feito. O fato dos Neimoidians terem encontrado um aliado nessa questão, que os orientou a efetuar o bloqueio e a forçar a retirada das sanções, não era justificativa para se chamar os Jedi.
Ele curvou os ombros e ajeitou seus robes a fim de disfarçar seu tremor. Ele foi subitamente distraído por uma chamada do centro de comunicação atrás dele. — Senhor, uma transmissão da cidade de Theed em Naboo.
A tela piscou e um rosto feminino apareceu. Ela era jovem, linda e serena. Um capuz dourado delineava sua face pálida. Ela olhava os Neimoidians na tela como se estivesse tão acima e além deles que não podiam se aproximar.

–É a rainha Amidala em pessoa. — Rune Haako sussurrou, fora do campo de visão da tela.

Nute Gunray assentiu, movendo-se para mais perto. — Finalmente estamos obtendo resultados. — Ele sussurrou em resposta.
Ele se posicionou onde poderia ser visto pela rainha. Vestida em seu traje cerimonial, Amidala estava sentada em seu trono: uma cadeira ornamentada sobre uma plataforma. A rainha estava rodeada por cinco aias, todas vestidas e encapuzadas de vermelho. Seu olhar era firme e direto quando encarou o rígido semblante do vice-rei.

–A Federação de Comércio está encantada que Sua Majestade tenha vindo até nós. — Ele começou suavemente.
–Você não ficará tão contente quando ouvir o que tenho a dizer, vice-rei — Disse ela secamente, interrompendo-o. — Seu boicote comercial está acabado.

Nute lutou para conter o choque, se endireitou e deu um leve sorriso para Rune.

— É mesmo, Sua Majestade? Eu não estava a par.

–Soube que o Senado está finalmente votando a questão — ela prosseguiu, ignorando-o.

–Eu presumo que já saiba o resultado, então.— Nute se sentiu inseguro. — Eu imagino porque eles se incomodam em votar.

Amidala se inclinou e o Neimoidian podia ver o fogo em seus olhos castanhos. — Já ouvi pretextos suficientes, vice-rei. Sei que os embaixadores do chanceler supremo estão aí com você agora, e que você foi orientado a chegar num acordo. Qual é o acordo?

Nute Gunray sentiu um buraco se abrindo em sua fraca autoconfiança. — Não sei nada sobre embaixadores. Deve estar enganada.

Houve um lampejo de surpresa no rosto da rainha enquanto observava o vice-rei cuidadosamente. — Cuidado, vice-rei — disse ela suavemente. — A Federação foi longe demais desta vez.

Nute sacudiu a cabeça, colocando-se na defensiva. — Alteza, nunca faríamos nada para desafiar o Senado. Sua Alteza está presumindo demais.

Amidala permaneceu imóvel com seus olhos castanhos fixos nele — como se pudesse ver a verdade que ele tentava esconder, como se ele fosse feito de vidro. — Veremos — disse ela.

A tela ficou escura novamente. Nute Gunray tomou ar e expirou vagarosamente, não se preocupando muito com a reação que aquela mulher provocou.

–Ela está certa — Rune Haako disse. — O Senado nunca permitirá. Nute ergueu a mão para interrompê-la. — É muito tarde agora. A invasão está a caminho.

Rune Haako permaneceu em silêncio por alguns instantes. — Você acha que ela suspeita de um ataque?

O vice-rei se afastou. — Não sei, mas não quero me arriscar. Temos que interromper toda a comunicação para lá até que tenhamos acabado.

No hangar principal da nave, Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi estavam agachados silenciosamente na boca de um grande abertura de ventilação de onde se avistavam seis enormes naves da Federação cercadas por um grupo de transportes. Os transportes eram grandes veículos em forma de bota com narizes eletrônicos. As portas dos transportes abriram, esteiras eram estendidas e milhares de formas prateadas e brilhantes marchavam lá dentro em fileiras.

–Guerreiros *dróides* — Qui-Gon disse. Havia surpresa e desapontamento em sua voz profunda.

–É um exército de invasão — Obi-Wan disse.

Eles continuaram assistindo por algum tempo, observando a situação, contando transportes e *dróides* enquanto estes lotavam meia dúzia de naves, avaliando o tamanho do exército.

–É um jogo perigoso para a Federação — Qui-Gon observou. — Temos que alertar os Naboo e avisar o chanceler Valorum. Obi-Wan concordou. — É melhor fazermos isso em algum lugar fora daqui.

Seu mentor lhe deu uma olhada. — Talvez possamos pegar uma carona com nossos amigos lá embaixo.

–É o mínimo que podem fazer depois do jeito como nos trataram até agora. Obi-Wan apertou os lábios. — Você estava certo sobre uma coisa, Mestre.

As negociações foram curtas. Qui-Gon sorriu e acenou para que seguisse.

4

A luz crepuscular e a neblina formavam uma camada prateada sobre o verde luxuriante de Naboo no momento em que as naves de pouso da Federação desceram do infinito espaço e se dirigiam ao planeta. Um grupo de três se afastou das outras, mergulhando silenciosamente nas nuvens. Como fantasmas, as naves atravessavam a neblina, asas duplas em formato de um I gigante, elas se materializavam uma por uma ao se aproximarem de um vasto pântano escuro. Enquanto pousavam gentilmente próximas às águas escuras e moitas, seus corpos metálicos se abriam para que os transportes fossem despejados na superfície.

A alguma distância das naves de pouso, a cabeça de Obi-Wan Kenobi emergiu das águas paradas do pântano Uma rápida inspiração, e ele mergulhou novamente. Ele emergiu mais uma vez, mais adiante, e dessa vez parou um momento para observar a força invasora. Dúzias de transportes lotados de guerreiros *dróides* e tanques se colocavam em seus postos na frente da nave de pouso. Alguns flutuavam nas águas do pântano. Alguns ficaram firmes em chão firme.

A sua esquerda, ele avistou uma forma nas sombras correndo através da neblina e das árvores. Qui-Gon. Obi-Wan tomou ar e começou a nadar.

Qui-Gon Jinn deslizava rapidamente através do pântano, ouvindo os sons provocados pelo movimento das naves da Federação avançando. Misturado ao profundo e pesado lamento dos motores dos transportes, o zumbido das *STAPs* — plataformas aéreas individuais — pequenas, eram unidades móveis pilotadas por um único indivíduo, utilizadas para transporte de guerreiros *dróides* auxiliando o exército principal. As *STAPs* deslizavam pelo solo aquoso de Naboo e pareciam sombras fugazes em frente aos transportes maiores.

Animais de todas as formas e tamanhos começaram a sair de seus esconderijos, passando velozmente por Qui-Gon em busca de segurança. *Ikopi, fulumpasets, motís, peko pekos* — os nomes aprendidos durante sua preparação para essa jornada, surgiam facilmente na mente do Mestre Jedi. Criaturas estranhas e amedrontadas o seguiam, e ele procurou avistar Obi-Wan, então, acelerou o passo ao constatar as sombras de um transporte se aproximando na neblina atrás dele.

O solo firme estava se tornando mais raro e ele estava tentando encontrar um

meio de atravessar um enorme lago quando avistou, à frente, uma estranha criatura que parecia um sapo. A criatura estava agachada na água, o corpo borrachudo inclinado para uma concha recém-aberta, lambendo o interior com uma língua comprida com movimentos rápidos, sua garganta engolindo. Pondo a concha vazia de lado, a criatura se voltou para olhar Qui-Gon, suas orelhas longas caiam sobre uma cabeça anfíbia, seu focinho de pato procurando avidamente pelos restos removidos da concha. Os olhos que saltavam do topo de sua cabeça piscaram confusos, observando Qui-Gon e os animais que o acompanhavam, então, vendo claramente a sombra enorme da qual eles fugiam.

–Oh, oh — murmurou a criatura, as sílabas confusas, mas inteligíveis.

Qui-Gon passou pela criatura, ansioso por sair do caminho do transporte que se aproximava. A criatura jogou a concha no chão, olhos arregalados em frenesi, e agarrou o robe de Qui-Gon.

–*Ajude-me, ajude-me!* — gritava chorando, a face borrachuda contorcida em desespero.

–Larga-me! — Qui-Gon deu um tapa, tentando em vão se soltar. O transporte se aproximava na direção deles, pesquisando cuidadosamente a superfície do pântano, quebrando os galhos e espalhando água enquanto passava. Enquanto isso, Qui-Gon lutava para se livrar da criatura que se pendurava em sua roupa, num esforço inútil de escapar.

Finalmente, com o transporte a apenas alguns metros de distância e pendendo para ele como um edifício prestes a cair, o Mestre Jedi empurrou a criatura para dentro da água rasa e se deitou por cima dela, com o rosto para baixo. O transporte da Federação passou por cima deles numa onda de som e ar, achatando os dois e os tornando imperceptíveis.

Quando o perigo passou, Qui-Gon saiu da lama e inspirou profundamente. A estranha criatura se ergueu com ele, ainda pendurada em seu braço, com água escorrendo de sua face. Ela deu uma rápida olhada para o transporte que se afastava e se atirou a Qui-Gon, abraçando-o desesperada.

–Ai, ai, ai! — Ela chorava, emitindo um som trinado. — *Eu te amar, te amar eternamente!*

A criatura começou a beijá-lo.

–Larga-me! — Qui-Gon bufou. — Você não tem cérebro? Quase nos matou!

A criatura ficou ofendida. — Cérebro, claro que tenho! Eu falo!

–A habilidade de falar não lhe faz inteligente! — Qui-Gon não estava engolindo. — Agora me largue e suma daqui!

Ele se livrou da criatura e começou a se retirar, olhando em volta desconfortável enquanto ouvia o zumbido dos *STAPs* a distância.
A criatura hesitou, então, começou a segui-la. — Não, eu ficar com você! Eu ficar! Jar Jar é fiel, humilde servo Gungan. Seu amigo, eu.
O Mestre Jedi mal olhou para ele, observando as sombras, procurando agora por Obi-Wan. — Obrigado, mas não será necessário.
Melhor ficar longe de você.
Jar Jar, o Gungan rodava à sua volta, com os braços acenando.
—Oh, mas é preciso! Ordem dos Gungans! Isso dívida de vida! Eu saber isso, assim como meu nome é Jar par Binks!
O pântano vibrou com o som dos motores dos *STAPs* e, agora, duas das plataformas armadas cortavam a névoa, no rastro de Obi-Wan Kenobi, guerreiros *dróides* em velocidade preparando-se para o ataque.
Qui-Gon puxou seu sabre de luz, atirando Jar Jar para longe. — Não tenho tempo para isso agora.

–*Mas devem levar mim com vocês, ficar comigo!* — Jar Jar parou, ouvindo o ruído dos *STAPs*, avistando a aproximação com os olhos arregalados novamente. — *Oh, ob, nós vamos.*

Qui-Gon agarrou o Gungan e o atirou novamente de cara para baixo na água. — Fique firme. Ele empunhou o sabre de luz enquanto Obi-Wan e o *STAP* se aproximavam.
A cabeça de Jar Jar pulou para fora. — *Vamos morrer!* — ele berrou. Os guerreiros *dróides* abriram fogo com canhões de artilharia a *laser* de suas plataformas no momento em que Obi-Wan alcançou o amigo. Qui-Gon bloqueou os raios com seu sabre de luz e os desviou para a nave atacante. Os *STAPs* explodiram em pedaços de metal quente que caíram dentro do pântano Um Obi-Wan exausto, buscando fôlego, levantou e limpou sua testa lamacenta. — Desculpe, Mestre. O pântano estragou meu sabre de luz.
Ele puxou sua arma. A extremidade da arma estava enegrecida e queimada. Qui-Gon lhe tomou o sabre e o inspecionou. Atrás dele, Jar Jar Binks saiu da lama e piscava curiosamente para o recém-chegado.

–Você se esqueceu novamente de desligar o sabre, não foi, Obi- Wan? — perguntou o amigo.

Obi-Wan assentiu embaraçado. — Parece que sim, Mestre.

–Não levará muito tempo para recarregar, mas levará tempo para limpá-la. Eu acredito que você finalmente aprendeu sua lição, meu jovem Padawan.
–Sim, Mestre. — Obi-Wan aceitou o sabre de luz com uma expressão de

desapontamento.

Jar Jar avançou, com seus pés anfíbios batendo pesadamente, orelhas abanando, membros enormes que pareciam poder levá-io a qualquer lugar. — *Vocês salvar mim de novo, hein?* — Ele perguntou a Qui-Gon.
Obi-Wan perguntou. — O que é isso?

–Um Gungan. Um dos locais. O nome dele é Jar Jar Binks. — A atenção de Qui-Gon estava voltada para fora do pântano. — Vamos, antes que mais *STAPs* apareçam.
–*Mais ?* — Jar Jar perguntou preocupado. — *Vocês dizer mais.?* Qui- Gon já se movimentava a passos firmes no atoleiro. Obi- Wan seguia a um passo atrás e levou um momento para Jar Jar alcançá-los, com suas pernas compridas se movendo loucamente e seus olhos girando.
–*Desculpe, mas lugar mais seguro é em Otoh Gunga* — ele murmurou ofegante, tentando atrair a atenção dos dois. Por todos os lados, perdidos na neblina, *STAPs* emitiam seus ruídos que pareciam choramingas. — *Otoh Gunga* — Jar Jar repetia. — *Onde nasci. E cidade segura!*

Qui-Gon agora olhava fixamente para o Gungan. — Você disse uma cidade? — Jar Jar assentiu ansiosamente. — Pode nos levar até lá?
O Gungan pareceu subitamente muito triste. — Ah, ob... talvez não levar vocês... não levar, não.
Qui-Gon se debruçou para perto, seus olhos escurecidos. — Não? Jar Jar parecia que queria desaparecer no pântano naquele instante. A garganta dele se movia e a sua boca em forma de bico abria e fechava como a de um peixe. — *E vergonhoso, mas... eu com medo de ser banido. Expulsado. Eu não esquecer que Chefe Naus machuca eu se voltar lá.*
Terrível machucado.
Um som baixo e profundo penetrou o lamento dos *STAPs*, se erguendo na escuridão nebulosa. Jar Jar olhou em volta, desesperado.

–*Oh, ob!*.
–Ouviu isso? — Qui-Gon perguntou suavemente, colocando um dedo no peito magro do Gungan. Jar Jar assentiu relutante. — Há muitas coisas terríveis se dirigindo para cá, meu amigo Gungan...

— E quando eles te encontrarem, eles o reduzirão a pó, moerão você em pequenos pedaços e o largarão esquecido — completou Obi-Wan se divertindo.

Jar Jar rodopiou os olhos e engoliu seco. — *Oh, ob! Você ter ração.* — Ele gesticulava alucinado. — *Por aqui. Por aqui! Rápido!* Apressadamente, eles saíram para a névoa do crepúsculo.

Algum tempo depois, os Jedi e o Gungan emergiram de um monte de galhos e vegetação chegando à beira de um lago tão escuro que era impossível enxergar qualquer coisa. Jar Jar se agachou, suas mãos de três dedos apoiadas nos joelhos ossudos, tentando tomar fôlego. Seu corpo de borracha se contorcia de um lado para outro enquanto tentava olhar na direção que tinham vindo, as orelhas batendo com o movimento. Obi-Wan balançou a cabeça para Qui-Gon Jinn em reprovação. Ele não estava contente com a decisão do Mestre Jedi em se unir àquela criatura ridícula.

Em algum lugar a distância, eles podiam ouvir o ronco regular e profundo dos motores dos transportes.

–A que distância estamos? — Qui-Gon pressionou o guia relutante.

O Gungan apontou o lago. — *Nós ir embaixo da água, Ok!* Os Jedi se entreolharam, então, retiraram pequenos frascos de suas roupas, soltando aparelhos de respiração portáteis do tamanho da palma de suas mãos.

–*Eu avisar vocês. — Os olhos de Jar Jar iam de um para o outro. — Gungans não gostar de vocês estrangeiros; Vocês não receber boas-vindas.*

Obi-Wan encolheu os ombros. — Não se preocupe. Este não foi nosso dia de boas-vindas.

–Ande — disse Qui-Gon, encaixando o aparelho entre os dentes. O Gungan deu de ombros, como se desvinculando de qualquer responsabilidade pelo que aconteceria, se voltou para o lago e deu um salto duplo, desaparecendo na escuridão.

Os Jedi o seguiram.

Nadaram por baixo, em meio à escuridão, os Jedi seguindo a forma esguia do Gungan, que parecia muito mais à vontade na água que em terra. Ele nadava suave e graciosamente, longos membros estendidos, o corpo ondulando com facilidade. Eles nadaram por um longo tempo, afundando cada vez mais, com a luz da superfície a desaparecer atrás deles. A luz que havia vinha de fontes dentro da água, muitas das quais invisíveis. Os minutos corriam, e Obi-Wan começou a pensar se tinha tomado a decisão certa.

Repentinamente, havia uma luz nova, vinha de algum lugar à frente, brilhando continuamente. Otoh Gunga aparecia. A cidade era formada por um grupo de bolhas que se conectavam uma com a outra como balões e eram ancoradas por vários pilares de pedra. Uma por uma, as bolhas cresciam mais distintas, e se tornava possível distinguir as estruturas internas e os rostos dos Gungans,

enquanto cuidavam de suas vidas.
Jar Jar nadou na direção de uma das bolhas maiores, os Jedi o seguiam de perto. Quando alcançou a bolha, ele a pegou com as mãos e ela começou a se abrir, primeiro sugando seus braços, então, a cabeça e o corpo e, finalmente, as pernas, engolindo-o completamente e se fechando sem arrebentar. Espantados, os Jedi seguiram, se movendo através da membrana estranha, entrando na bolha sem resistência.
Lá dentro, eles se acharam sob uma plataforma que os levou para uma praça rodeada de prédios. As paredes da bolha emanavam luz, num brilho contínuo, iluminando o espaço lá dentro. Os Jedi não tiveram dificuldade em respirar. Enquanto desciam para a praça, água escorrendo de suas roupas, os Gungans os viam e soltavam pequenos gritos de alarme.
Logo surgiu um pelotão de soldados Gungans, em montarias bípedes cujas faces bicudas não eram muito diferentes de suas próprias. *Kaadu,* Qui-Gon lembrou — corredores do pântano com patas pode-osas, resistentes, e sentidos aguçados. Os Gungans carregavam *electropoles* longos, com aparência mortal que utilizavam para manter a população assustada a distância, ao mesmo tempo em que avançavam contra os lfltf USOS.

> –*Ei, ob, capitão Tarpals* — Jar Jar cumprimentou alegremente o líder do pelotão. — *Eu voltar!*
> –*Agora não, Jar Jar Binks!* — O outro disparou visivelmente irritado. –*Você ir para Chefe Nass. Ver o que ele dizer. Você está na encrenca desta vez.* Ignorando os Jedi e usando seu *electropole,* ele atingiu Jar Jar com um choque que o fez levantar a um metro do chão. Jar Jar esfregou suas costas magoado e resmungando.

Os soldados Gungans os levaram através dos prédios da cidade, por diversas passagens, e para aquela onde, Jar Jar cochichou para seus companheiros, ficava a sala da torre suprema. A sala era transparente em todos os lados, e pequenos peixes dourados nadavam por fora da membrana como pequenas estrelas contra um cenário negro. Um grande assento circular ocupava um dos cantos da sala. Todas as cadeiras eram ocupadas por oficiais Gungans em suas vestes oficiais. O Gungan que ocupava o assento mais alto era gordo e atarracado, e tão comprimido pelo peso e idade que era impossível acreditar que ele foi um dia magro e esguio como Jar Jar Binks. Camadas de pele despencavam de seu corpo e o pescoço estava colado aos ombros, e sua face continha uma expressão tão azeda que até Jar Jar se sentiu intimidado enquanto se aproximavam.
Os oficiais Gungans observavam, cochichando enquanto os Jedi se

aproximavam. — *Que vocês querem, estrangeiros?* — Resmungou Chefe Nass após se identificar.
Qui-Gon lhe contou o acontecido e o motivo que trouxe os Jedi a Naboo, alertando para a invasão que estava ocorrendo, e pediu ajuda aos Gungans. O Conselho Gungan ouviu tudo pacientemente e sem dizer palavra até que Qui-Gon terminasse. Chefe Nass sacudiu a cabeça, a carne de seu pescoço balançando com o movimento. — *Vocês não poder ficar aqui. Aquele exército não ser nosso problema.*
Qui-Gon manteve sua posição. — Aquele exército de guerreiros *dróides* está se preparando para atacar os Naboo. Temos que os avisar.

> *–Nós não gostar dos Naboo! — Chefe Nass disse irritado. — Eles também não gostar de nós. Eles pensar que são mais espertos que nós. Eles pensar que seu cérebro é tão grande. Eles não quer nada com nós porque vivemos na lama e eles viver em cima. Muito tempo nós não temos nada com eles.*
> –Depois que aquele exército assumir o controle dos Naboo, eles virão atrás de vocês. — Obi-Wan disse baixinho.

Chefe Nass retrucou. — Não, eu achar que não. Nós falar com Naboo umas duas vens na vida. Aqueles pescoçudos não vêm aqui.
Os outros membros do conselho assentiram, expressando seu apoio à sabedoria de Chefe Nass.

> –Vocês e os Naboo estão conectados — Obi-Wan insistiu, sua jovem face decidida, não disposto a desistir. — O que acontece com um afeta o outro. Vocês precisam entender.

Chefe Nass os dispensou com um aceno de sua mão grossa. — Não querer nada com vocês de fora, e não importa os Naboo.
Antes que Obi-Wan pudesse continuar argumentando, Qui- Gon deu um passo à frente. — Nos ajude a chegar mais rápido — ele ordenou, levantando uma das mãos com um gesto casual, passando-a suavemente em frente aos olhos do chefe Gungan numa rápida invocação ao poder mental Jedi.
Chefe Nass o encarou, depois assentiu. — *Nós o mandar rápido.* Qui-Gon devolveu o olhar. — Precisamos de transporte para Theed.

> *–Ok!* — Chefe Nass assentiu novamente. — *Nós damos o bongo. O mais rápido meio para chegar a Naboo é por centro. Vocês ir agora.* Qui-Gon deu um passo atrás. — Obrigado pela ajuda. Vamos em paz.

Enquanto os Jedi se viravam para sair, Obi-Wan sussurrou: — Mestre, o que é um *bongo?*

Qui-Gon lhe dirigiu um olhar e disse pensativo. — Um certo tipo de nave, espero.
Eles estavam se afastando de Chefe Nass e seus oficiais Gungans quando avistaram Jar Jar Binks em pé abandonado, com os pulsos atados e esperando por seu destino. Qui-Gon diminuiu o passo e encarou a pobre criatura.

–Mestre — Obi-Wan alertou suavemente. Ele conhecia Qui- Gon muito bem para não saber o que aconteceria.

O alto Jedi se aproximou de Jar Jar enquanto o fitava.

–Isso é uma armadilha. — O Gungan declarou sombriamente, olhando em volta para checar se alguém ouvia — *Ir por centro muito perigoso.*

Qui-Gon acenou com a cabeça. — Obrigado, meu amigo.
Jar Jar encolheu os ombros e pareceu triste. — *Ah, é Ok.*
Então deu ao Mestre Jedi um sorriso úmido e um olhar esperançoso. — *Ei, uma ajuda aqui ser bom.*
Qui-Gon hesitou.

–Não temos tempo, Mestre — Obi-Wan alertou, se aproximando. O Mestre Jedi se virou para seu protegido com olhos distantes. — O tempo gasto aqui poderá ser de grande valia. Jar Jar poderá ser útil.

Obi-Wan sacudiu a cabeça em sinal de frustração. Seu mentor tinha a tendência de se envolver em coisas desnecessárias. Ele era rápido em adotar causas que não eram suas. Um dia, isso o prejudicaria.
Ele se aproximou um pouco mais. — Sinto certa perda de foco.
Os olhos de Qui-Gon estavam fixos nele. — Tenha cuidado, jovem Obi-Wan — ele criticou suavemente. — Sua sensitividade à Força viva não é seu poder.
O jovem Jedi segurou o olhar dele por um breve instante e, então, desviou o olhar, ferido pela crítica. Qui-Gon o deixou e voltou a Chefe Nass. — O que acontecerá com Jar Jar Binks? — perguntou.
Chefe Nass, que estava ocupado conversando com um oficial Gungan, se voltou aborrecido com sua enorme mandíbula bufando.

–*Binks quebra lei de não retornar. Quebra exílio. Ser punido.*

–Não muito severamente, acredito? — o Mestre Jedi insistiu. — Ele tem sido de grande ajuda.

Chefe Nass irrompeu numa risada vagarosa. — *Morte, esse.*
Em algum lugar atrás, Jar Jar Binks choramingava alto. Havia cochichos por toda a sala. Até Obi-Wan, novamente ao lado de seu Mestre, parecia chocado.
Qui-Gon pensava rápido. — Precisamos de um navegador para nos levar através do centro para Theed. Eu salvei a vida de Jar Jar na superfície. Ele me deve isso.

Acuso um débito de vida para ele.
Chefe Nass olhou para o Jedi em silêncio, a testa franzida e a boca torcida. A cabeça parecia mais afundada em seus ombros, em meio às pelancas que escondiam seu pescoço.
Então seus olhos se voltaram para o infeliz Jar Jar, e gesticulou. — *Binks?* Jar Jar deu um passo à frente obedientemente, ficando ao lado do Jedi.

–*Você dever vida para estrangeiro ?* —Perguntou Chefe Nass zangado. Jar Jar assentiu com cabeça e orelhas caídas, mas com um brilho de esperança no olhar.
–Seus deuses ordenam que ele pague o débito. — Qui-Gon insistiu, deslizando sua mão na frente aos olhos de Chefe Nass e invocando o poder Jedi novamente. — A vida dele me pertence agora.

O chefe Gungan considerou por um momento antes de assentir.
–*Vida dele ser sua agora. Poder ir.*
Um guarda se aproximou e removeu as faixas no pulso de Jar Jar.

–Venha Jar Jar — Qui-Gon Jinn chamou, levando-o para fora.
–*Por centro.? — Jar Jar engasgou, dando-se conta do que aconteceu. — Tira eu disso. Melhor morto aqui que morto no centro! Eu vai...*

Mas os Jedi já o estavam empurrando para fora e longe do alcance de Chefe Nass.
Na central de comando da principal nave de batalha da Federação, Nute Gunray e Rune Haako estavam sozinhos em frente a um holograma de Darth Sidious. Os Neimoidians não se
olhavam, e ambos esperavam que Sith Lord não pressentisse o que estavam pensando.

–A invasão está no prazo, meu senhor, — o vice-rei estava dizendo, suas vestes e capuz escondendo o ocasional contração do corpo enquanto encarava a forma encapuzada à sua frente. — Nosso exército se aproxima de Theed.
–Bom. Muito bom. — Darth Sidious falava com voz calma e suave. — Tenho o Senado atolado em procedimentos. Até que eles resolvam votar sobre esse incidente, não terão mais escolha senão aceitar que o bloqueio foi um sucesso.

Nute Gunray olhou rapidamente para seu compatriota. — A rainha acredita que o Senado a apoiará.

–A rainha Amidala é jovem e ingênua. Será fácil para você a controlar. — O holograma tremeu. — Você fez muito bem, vice- rei.
–Obrigado, meu senhor. — O outro agradeceu enquanto o holograma sumia.

No silêncio que se seguiu, os dois Neimoidians trocaram um olhar cúmplice. — Você não contou para ele. — Acusou Rune Haako.

–Dois Jedi desaparecidos? — Nute Gunray fez um gesto de repúdio. — Não há necessidade de lhe contar isso. Não precisamos de lhe contar nada até que saibamos o que aconteceu. Rune Haako o observou por um longo tempo antes de se afastar.
–Não há necessidade — disse ele suavemente e deixou a sala.

5

Qui-Gon colocou uma mão no ombro do Gungan. — Apenas relaxe, amigo. A Força vai nos guiar.

–A *Força ? Que é a Força?* — Jar Jar não pareceu impressionado. — *Dever ser coisa grande a Força. Vai salvar mim, vocês, todos* nós.? Obi- Wan fechou os olhos desgostoso. Isto era um desastre esperando para acontecer. Mas era responsabilidade de Qui-Gon resolver. Não devia se meter. Afinal, foi Qui-Gon quem tomou a decisão de trazer Jar Jar. Não porque ele era um grande piloto ou por demonstrar a menor evidência de possuir algum talento em particular, mas por ser apenas um novo projeto que Qui-Gon, com seu persistente desprezo pelas leis do Conselho, resolveu que tinha valor e poderia ser recuperado.

Era uma preocupação que frustava e confundia Obi-Wan. Seu mentor era provavelmente o maior Jedi vivo, uma presença importante no Conselho, um guerreiro forte e bravo que se recusava a ser intimidado até pelo mais apavorante desafio, e um homem bom e gentil. Talvez seja esta última característica que lhe tenha provocado tantas confusões .Ele desafiava o Conselho constantemente em assuntos que Obi-Wan achava que nem valiam a pena discutir. Ele possuía uma visão própria da missão de um Jedi, da natureza de seu serviço e das causas que ele devia defender, e seguia essa visão com determinação e inflexibilidade. Obi-Wan era jovem e impaciente, cabeça-dura e, ainda, não- unido completamente com a Força como Qui-Gon o era, mas entendia melhor, ele achava, os perigos de se sobrecarregar com muitas tarefas.

Qui-Gon ousaria qualquer coisa quando achava um desafio que o interessava, mesmo se arriscando.

Por isso, a criatura estava aqui. Jar Jar Bink era um risco de enormes proporções e não havia razão para se pensar que acatar tal risco traria alguma recompensa.

O Gungan continuava resmungando, de vez em quando checando o visor como se buscando um sinal de rua, que o ajudaria a fingir que sabia o que estava fazendo. Obi-Wan trincava os dentes. Fique fora disso, ele se dizia. Fique fora disso.

–Aqui, assuma. — Disse a Jar Jar bruscamente.

Ele saiu de sua cadeira para se ajoelhar perto de Qui-Gon. — Mestre — ele disse sem conseguir se controlar — por que o senhor sempre carrega essas formas ridículas de vida conosco, se elas têm tão pouca utilidade?

Qui-Gon Jinn sorriu levemente. — Ele talvez pareça assim agora, mas você tem que olhar mais profundamente, Obi-Wan.

–Eu já olhei o mais profundamente que pude e não há nada para ver! — Obi-Wan estava vermelho de irritação. — Ele é uma distração desnecessária!

–Talvez, agora. Mas isso poderá mudar mais tarde.

Obi-Wan começou a dizer algo, mas o Mestre Jedi o interrompeu. — Escute jovem Padawan. Há segredos escondidos na Força que não são facilmente percebidos. A Força é vasta e penetrante e todas as formas de vida são parte dela. O objetivo, no entanto, não é sempre aparente. As vezes, o objetivo deve ser sentido primeiro para que seja revelado mais tarde.

A face jovem de Obi-Wan escureceu. — Melhor deixar alguns segredos escondidos, Mestre. — Ele balançou a cabeça. — Além do mais, porque tem que ser sempre o senhor a revelá-los? O senhor sabe como o Conselho se sente a respeito desses... desvios. Talvez, desta vez, a revelação devesse ser feita por outra pessoa.

De repente, Qui-Gon pareceu triste. — Não, Obi-Wan. Segredos devem ser revelados quando descobertos. Desvios devem ser feitos quando encontrados. E se é você quem guarda os caminhos ou o local do esconderijo, nunca deve deixar outro agir em seu lugar.

As últimas luzes de Otoh Gunga desapareceram na escuridão e as águas se fecharam em volta deles como uma nuvem escura. Jar Jar Binks mantinha a embarcação numa velocidade baixa e
constante, sem resmungar e com as mãos fixas nos controles. Ele acendeu as luzes quando a escuridão se fechou, feixes de luz amarela revelavam vastas fileiras de corais entrelaçados na escuridão.

–Eu respeito seu julgamento, Mestre. — Disse Obi-Wan finalmente. — Mas isso não me impede de me preocupar.

Como todo Cavaleiro Jedi, Obi-Wan Kenobi havia sido identificado e consagrado ainda criança por seus pais biológicos. Ele não se lembrava mais deles; os Cavaleiros Jedi eram sua família. Destes, ele era mais próximo a Qui-Gon, seu mentor por mais de doze anos e que se tornou seu melhor amigo. Qui-Gon entendia seu apego e o retribuía. Obi-Wan era o filho que nunca teria. Ele era o futuro que deixaria quando morresse. Suas esperanças para Obi-Wan eram enormes, mas ele nem sempre concordava com seu aluno.

–Tenha paciência comigo, Obi-Wan — ele replicou suavemente. — Um pouco de fé faz maravilhas.

O *bongo* navegou por um túnel de corais, por todos os lados, peixes de cores brilhantes nadavam em grupo através das finas rochas.

–Os Gungans e os Naboo estão em guerra? — Qui-Gon pensativo perguntou a Jar Jar.

O Gungan sacudiu a cabeça. — Não guerra. Naboo e Gungans não brigam. Muito tempo atrás, talvez Agora, Naboo fica longe do pântano, Gungans fiica fora das planícies. Eles nem se vêem.

–Mas eles não se gostam? — O Mestre Jedi pressionou.

Jar Jar bufou. — Os Naboo ter cabeça grande, se achar sempre melhor que Gungans!

Obi-Wan se inclinou para Jar-Jar. — Por que foi banido, Jar Jar? — perguntou.

O Gungan emitiu uma série de sons com seus lábios pontudos. — Esta é longa história, para encurtar, mim ... ob, ob, ah... meio desajeitada.

–Você foi banido por ser desajeitado? — Obi-Wan exclamou incrédulo.

O *bongo* virou e atravessou uma linha de água entre duas enormes rochas de coral. Nem o Gungan nem os Jedi viram a forma negra que saiu da rocha maior e começou a segui-los.

Jar Jar se retorcia. — *Mim causar talvez um ou dois pequenos acidentes. Estourei o gasoduto, arrebentei o carro de Boss. Então me expulsaram.* Obi-Wan não estava certo do que Jar Jar estava lhe dizendo. Mas antes que pudesse pedir maiores esclarecimentos, ouviram uma batida alta quando algo atingiu o *bongo*, fazendo-o dar uma guinada para o lado. Um enorme crustáceo com pernas múltiplas e enormes mandíbulas os agarrou com sua longa língua e os estava arrastando direto para a boca.

–Matador dos mares! — Jar Jar chorava. — Estamos fritos.

–Velocidade total, Jar Jar! — ordenou Qui-Gon rapidamente, vendo as mandíbulas se abrindo atrás deles.

Mas, ao invés de avançar, Jar Jar entrou em pânico e puxou o regulador de pressão para trás, levando a pequena embarcação diretamente para a boca do atacante. O *bongo* bateu forte no fundo da garganta do monstro impelindo os Jedi para as paredes da embarcação.

Fileiras de dentes começaram a se fechar sobre eles enquanto as luzes do painel de controle piscavam fracamente.

–Oh, ob! — disse Jar Jar Binks.

Obi-Wan pulou rapidamente de volta ao assento do co-piloto. — Aqui, me passe os controles!

Ele assumiu os reguladores de pressão e a direção e os empurrou totalmente para frente, em velocidade total. Para sua surpresa, a boca do monstro abriu num espasmo, e eles foram lançados através dos dentes da fera como se arremessados por um canhão a *laser.*

–*Estamos livres; livres!* — Jar Jar pulava em sua cadeira em êxtase pela sorte deles.

Mas um olhar rápido para trás revelou que eles tiveram sorte por uma razão diferente da que pensavam. O matador dos mares ficou preso nas mandíbulas de uma criatura de proporções tão gigantescas que tornava o matador um anão. A enorme criatura em forma de enguia estava mastigando o matador dos mares em pequenos pedaços e o engolindo prazerosamente.

–*O monstro Sando Aqua, ob, ob!*

Obi-Wan aumentou a potência, tentando colocar mais distância entre eles e a nova ameaça. O monstro Sando Aqua desapareceu atrás deles, mas as luzes do *bongo* piscavam funestamente. A pequena embarcação mergulhou mais fundo, penetrando no centro do planeta. Subitamente algo explodiu dentro de um painel de controle atrás deles, banhando a cabine com fagulhas. As estruturas superiores começaram a ceder, e a água começou a vazar através da parede externa do *bongo.*

–Mestre — Obi-Wan disse — estamos perdendo força.

Qui-Gon, com a cabeça baixa, estava ocupado com o painel de controle com problema. — Fique calmo. Ainda não estamos em perigo.

–*Ainda não!* — Jar Jar tinha perdido a compostura e estava se movendo selvagemente em sua cadeira. — *Monstros fora! Vagando aqui dentro. Nós afundar sem força! Vocês pirar! Quando vocês achar que nós estar com problemas.* Com isso, as luzes internas do *boego* apagaram completamente.

Jar Jar Binks teve sua resposta.

Na sala de conferências da nave da Federação, um holograma de Darth Sidious se elevava em frente a Nute Gunray e Rune Haako. O vice-rei Neimoidian e seu tenente ficaram imóveis, olhos laranja avermelhados e fixos, faces de répteis traindo o medo que os paralisava.

A figura de vestes negras de Darth Sidious os observou silenciosamente. Não havia expressão em suas feições sombrias, na maior parte cobertas pelo capuz. Mas a postura rígida do corpo de Sith Lord dizia muito.

–Você me desapontou, vice-rei — sibilou ele para Nute Gunray.

–Senhor, tenho certeza que tudo... — O objeto da fúria tentava inutilmente explicar.

–Pior, você me desafia!

A face do Neimoidian sofreu uma terrível transformação. — Não, meu senhor! Nunca! Esses Jedi são... jeitosos, só isso. Não são fáceis de destruir.

–Vivos então, vice-rei?
–Não, tenho certeza que estão mortos. Devem estar. Nós apenas não conseguimos confirmar... até agora.

Darth Sidious o ignorou. — Se estiverem vivos, vão aparecer. E, quando o fizerem, quero saber imediatamente. Vou lidar com eles pessoalmente.
Nute Gunray parecia que estava tendo um colapso sob o peso do olhar de Sith Lord. — Sim, meu senhor. — Ele conseguiu dizer, enquanto o holograma sumia.
Dentro do *bongo,* Obi-Wan lutava para manter o controle enquanto a pequena embarcação começava a perder o curso.
De forma abrupta, o ruído do *drive* de potência recomeçou e as nadadeiras de popa começaram a girar. — A potência está de volta — respirava aliviado Obi-Wan.
As luzes dos painéis de controle piscaram e depois se normalizaram. As luzes exteriores também acenderam, momentaneamente os cegando ao se refletirem nas paredes rochosas. Então Jar Jar gritou. Um novo monstro estava sentado à frente deles, todo de espinhos, escamas e dentes, com suas tortas garras dianteiras levantadas em defensiva.

–*Peixe-garra!* — Tremia o Gungan. — *Vocês acedi fazer algo! Onde está Força agora?* — Relaxe — disse Qui-Gon suavemente, pondo sua mão no ombro de Jar Jar. O Gungan imediatamente desmaiou.
–Você exagerou — Obi-Wan observou, rodopiando com o *bongo* e acelerando para longe na escuridão.

Mesmo sem olhar, ele sabia que o peixe-garra os seguia. Eles estavam dentro de um túnel que era provavelmente a toca da criatura.
Eles tiveram sorte de pegá-la de surpresa. Ele ajustou o *bongo* para a entrada da caverna e para uma série de saliências que os poderiam proteger na saída. Algo bateu no *bongo,* segurou a embarcação e, então, soltou. Obi-Wan aumentou a potência das nadadeiras.
–Vamos, vamos! — ele suspirou.
Eles saíram da caverna diretamente para a mandíbula do monstro sando aqua que os aguardava. A criatura os empurrou para fora, surpresa com a invasão, dando

um instante para que Obi- Wan virasse a embarcação para a direita. As mandíbulas do monstro sando aqua ainda estavam abertas enquanto eles passavam em velocidade entre dentes do tamanho de edifícios.
Os olhos de Jar Jar se abriram. Ele avistou os dentes e imediatamente desmaiou novamente.
Ao conseguir sair por uma abertura da presa do monstro sando aqua, eles fugiam, enquanto o *bongo* sacolejava com o impulso do *drive* de potência. Mas o peixe-garra, que ainda os perseguia, não conseguiu se descolar para o lado com rapidez suficiente e foi diretamente para as mandíbulas do peixe maior. A boca se fechou, engolindo o peixe-garra.
Obi-Wan aumentou a potência nas nadadeiras enquanto pedaços do peixe-garra reapareciam na boca do monstro sando aqua.

–Vamos esperar que este seja o lanchinho que ele precisa — observou o Jedi olhando para trás.

Aparentemente foi o suficiente, já que o monstro não os seguiu. Levou algum tempo para acordar Jar Jar e um tempo muito maior para completar a viagem através do centro, mas com a ajuda duvidosa do Gungan, eles finalmente emergiram da escuridão das águas profundas para a luz intensa do sol. O *bongo* tocou a superfície e Obi-Wan dirigiu a pequena embarcação para a praia mais próxima, desligou os motores e soltou a escotilha. Qui-Gon levantou e olhou em volta.

–*Nós salvados agora* — observou Jar Jar com um suspiro de satisfação, encostando de volta em sua cadeira. — *Isso é Ok, não.?*
–Isso veremos — disse o Mestre Jedi. — Vamos sair.

Ele pulou do *bongo* para a praia e começou a caminhar. Obi- Wan deu um olhar significativo a Jar Jar e seguiu.
O Gungan ficou olhando em dúvida para o Jedi que o deixava. — *Mim indo, mim indo* — ele murmurou, apressando o passo.

6

Pouco mais de uma semana havia se passado desde a corrida de *Pod* e o encontro com o velho piloto espacial quando Watto, dos fundos da loja de sucata, convocou Anakin a tomar um *speeder* até as Dunas onde faria negócios com os Jawas. Os Jawas, sucateiros, estavam oferecendo alguns *dróides* para troca ou venda, alguns deles mecânicos, e apesar de Watto não gostar de mercadoria repassada, não estava disposto a deixar passar uma boa oferta. Anakin havia negociado para Watto antes e o Toydarian sabia que o garoto também era bom nisso. A face azul estava próxima à de Anakin, as asinhas batendo loucamente. - Traga-me o que quero, garoto! E não estrague tudo! Anakin portava algumas peças e motores difíceis de achar que os Jawas cobiçavam e que Watto estava disposto a desistir em troca do conjunto de *dróides.* O garoto deveria tomar o *speeder* até as Dunas para uma reunião com os Jawas, fazer o negócio e retornar antes de escurecer. Nada de desvios ou passeios. Watto ainda não o tinha perdoado por perder a corrida de *Pod*, destruindo seu melhor carro de corrida, e deixava isso claro para o menino. - Traga os *dróides* a pé na volta se você não conseguir barganhar por um trenó flutuante.

–Watto voava ao redor, dando ordens. - Se eles não puderem andar até aqui, não servem para mim de qualquer jeito. Raios! Não se deixe pegar, minha reputação está em jogo! Anakin ouvia atentamente e assentia com a cabeça nos momentos certos, da maneira que tinha aprendido ao longo desses anos. Passava um pouco da metade da manhã e havia tempo suficiente para fazer tudo. Ele já havia negociado com os Jawas várias vezes e sabia como fazer para não deixar que eles levassem a melhor.

Havia muita coisa que Watto não sabia sobre Anakin Skywalker, o garoto pensava enquanto deixava a loja para pegar o *speeder* e iniciar a viagem. Um dos truques de ser um bom escravo era saber coisas que seu senhor não sabia e tirar proveito daquele conhecimento quando fosse de seu interesse. Anakin era muito bom nas corridas de *Pod* e em separar peças, remontando-as e as tornando melhores do que nunca. Mas era sua estranha habilidade de sentir as coisas, de

perceber mudanças de temperamento, reações e palavras que o servia melhor. Ele podia se sintonizar com outras criaturas, estabelecendo com elas um vínculo tão forte que podia sentir seus pensamentos e ações antes que fizessem qualquer coisa. Isso tinha funcionado bem com os Jawas, entre outras criaturas e dava a Anakin uma vantagem quando negociava para Watto.

Anakin também tinha dois segredos importantes que escondia de Watto. O primeiro era o *dróide* de protocolo que ele estava remontando em seu quarto. O projeto estava tão adiantado que, mesmo lhe faltando ainda olhos e revestimento, já podia se levantar e caminhar, seus processadores de inteligência e comunicação já funcionando perfeitamente. Bom o bastante para fazer o trabalho necessário, ele concluiu, que seria de acompanhá- la em sua missão de negócios. O *dróide* podia ouvir os Jawas em seu idioma peculiar, que Anakin não entendia a ponto de se expressar bem. Fazendo isso, Anakin saberia se eles estavam tentando enganá-lo. Watto não sabia sobre o avanço que Anakin fez com o *dróide*, e não havia perigo de que descobrisse enquanto eles estivessem no Mar das Dunas.

O segundo e mais importante segredo se relacionava ao carro *Pod* que o menino estava construindo. Ele vinha trabalhando no projeto há quase dois anos, acumulando peças e partes, montando tudo numa área escondida na traseira das acomodações dos escravos. Sua mãe havia permitido, sabendo de seu interesse em juntar, desmontar e montar coisas. Ela não via mal em deixá-lo ter um projeto para trabalhar em suas horas de folga e Watto nada sabia sobre o *Pod.* Era um subterfúgio necessário para Anakin. Ele sabia que, assim como o *dróide,* se o *Pod* tivesse algum valor, Watto o tornaria para si. Então Anakin propositadamente o escondeu, deixando parecer que aquilo era apenas um monte de lixo, disfarçando seu projeto de várias maneiras inteligentes. Para todos os efeitos, nunca funcionaria, era apenas mais um projeto infantil. Era só o sonho de um garotinho.

Mas, para Anakin Skywalker, era o primeiro passo de seu plano de vida. Ele construiria o carro de *Pod* mais veloz que já havia existido e venceria todas as corridas que participasse. Depois, construiria uma nave de combate e o pilotaria para fora de Tatooine, para mundos distantes. Ele levaria sua mãe com ele e encontrariam um novo lar. Ele se tornaria o melhor piloto que já existiu, pilotando todas as naves de primeiro porte e sua mãe ficaria orgulhosa dele.

E um dia, quando houvesse realizado tudo isso, não seriam mais escravos. Seriam livres.

Ele pensava nisso freqüentemente, não porque sua mãe o encorajava de alguma forma ou porque havia alguma razão para pensar que aconteceria, mas

simplesmente porque ele acreditava no fundo do coração — que era onde interessava.
Era nisso que pensava enquanto pilotava o *speeder* através das ruas de Mos Espa, com o *dróide* de protocolo sentado no compartimento de passageiros, como um esqueleto sem pele e sem movimentos, já que Anakin o havia desativado para a viagem. Ele pensou nas coisas que faria e nos lugares aonde iria, nas aventuras e no sucesso que teria e nos sonhos que realizaria. Ele pilotava o *speeder* para fora da cidade, sob os sóis de Tatooine, o calor atingindo as areias do deserto como uma onda trêmula, a luz refletindo na superfície metálica do *speeder* como fogo branco. Ele tomou a direção leste por aproximadamente duas horas- padrão até chegar às margens do Mar das Dunas. A reunião com os Jawas já estava preparada, conforme arranjado por Watto no dia anterior via transmissor. Os Jawas estariam esperando no Mochot Steep, uma forma rochosa especial localizada no Mar. Óculos de proteção, luvas e capacete firme no lugar e o garoto acelerou o *speeder* sob o calor do meio-dia.
Ele encontrou os Jawas aguardando, seu monstruoso rastreador de areia estacionado sob a sombra da rocha, os *dróides* destinados à troca alinhados na rampa do rastreador. Anakin estacionou o *speeder* próximo de onde estavam as pequenas figuras vestidas em robe, olhos amarelos brilhando atentos sob o capuz. E desceu. Ele ativou o *dróide* de protocolo e lhe ordenou que o seguisse. Com o *dróide* andando obedientemente, ele caminhou devagar pela fileira de *dróides*, estudando cada um cuidadosamente.
Quando terminou, ele trouxe seu *dróide*. — Qual é o melhor, Cetrêspeo? — Ele perguntou. Ele havia dado ao *dróide* um número na noite anterior, escolhendo o três, já que ele era o terceiro membro de sua pequena família.

> –Oh, bem, Mestre Anakin, estou lisonjeado com sua pergunta, mas eu não ousaria interferir em sua especialidade, sendo a minha tão mísera, apesar de que tenho conhecimento de cinco mil e cem variedades de *dróides* e de mais de cinco mii processadores internos e dez vezes mais *chips;* e...
> –Apenas diga-me qual o melhor! — Anakin disparou. Ele havia esquecido que C-3PO era apenas um *dróide* de protocolo e, ainda que processado com conhecimento vasto, tendia a reverenciar os humanos que servia. — Quais, Trêspeo? — ele repetiu. — Da esquerda para a direita. Numero-os para mim. C-3PO assim o fez. — Quer que eu enumere suas habilidades e especialidades, Mestre Anakin? — Ele perguntou solícito, torcendo a cabeça.

Anakin o silenciou com um aceno, quando um Jawa se aproximou. Eles negociaram por algum tempo, com Anakin tentando sentir como trabalhar com aqueles Jawas, quanto subterfúgio estava sendo usado com relação aos *dróides,* e qual a real necessidade deles pelas peças que ele oferecia. Ele conseguiu detectar que muitos dos melhores *dróides* ainda estavam dentro do rastreador, fato que C-3PO descobriu após um comentário feito por um Jawa do outro lado. A cabeça do Jawa se virou para o outro ruidosamente, mas o dano estava feito.
Mais três *dróides* foram trazidos para fora, e Anakin levou alguns minutos os inspecionando, C-3PO ao lado. Eram bons modelos, e os Jawas não estavam dispostos a trocá-los por nada menos que uma combinação de moeda e mercadorias. Anakin e o chefe Jawa, que tinham mais ou menos a mesma altura e peso, ficaram frente a frente discutindo o assunto por um longo tempo. Quando a negociação se completou, Anakin havia negociado Obi-Wan Kenobi se sentou e se curvou sobre os controles, procurando se familiarizar com suas funções enquanto, a seu lado, Jar Jar Binks divagava. Qui-Gon, silencioso e atento, se sentou atrás deles.

–*Isso é loucura!* — Jar Jar resmungava enquanto o *bongo* se afastava das bolhas iluminadas de Otoh Gunga e penetrava nas águas de Naboo.

O *bongo* era uma embarcação submarina desajeitada que consistia basicamente numa estação elétrica, sistema de direção e os bancos de passageiros. Parecia uma espécie de lula, com suas nadadeiras atrás e tentáculos à popa que giravam para mover a embarcação. Havia três compartimentos para passageiros simetricamente localizados. Um em cada asa e o outro à frente.
Os Jedi e o Gungan ocuparam o compartimento à frente, tendo Obi-Wan assumido os controles e Jar Jar a incumbência de guiá-los através do centro. Parecia haver passagens submarinas por todo o planeta, e se a passagem certa fosse localizada, o tempo de viagem se reduziria consideravelmente.
Ou alternativamente, pensou Obi-Wan sombriamente, você poderia cortar sua própria garganta.

–*Nós estar fritos* — Jar Jar choramingava continuamente. Sua face se erguendo do sistema de direção para o Jedi, suas longas orelhas dançando.
— *Ei! Onde vamos, capitão Qui-Gon.?*— Você é o piloto — Qui-Gon observou.

Jar Jar sacudiu a cabeça. — Mim? Vocês sonhar. Não saber sobre isso.
pouco mais da metade do que havia trazido por dois *dróides* mecânicos em excelentes condições, três *dróides* para serviços múltiplos, e um hiperpropulsor danificado que ele colocaria em funcionamento facilmente. Ele poderia ter conseguido mais dois ou três *dróides,* mas a qualidade dos que restaram não era

boa o suficiente para trocar pela mercadoria de Watto — e Watto perceberia isso rapidamente.

Não havia flutuador para levar, então, Anakin alinhou os *dróides* recém-adquiridos atrás do *speeder* e colocou C-3PO no compartimento de passageiros, para manter os olhos neles e se dirigiu a Mos Espa.

Era pouco depois do meio-dia. A pequena procissão era uma visão curiosa, o *speeder* à frente, pouco acima da areia, propulsores em baixa velocidade, os *d»ides* marchando, com as pernas articuladas trabalhando com firmeza para manter o passo.

> –Foi um negócio excelente, mestre Anakin — C-3PO dizia alegremente, mantendo seu olho que funcionava nos *dróides.* — Está de parabéns! Acho que aqueles Jawas aprenderam uma dura lição hoje! Ensinou-lhes o que é um negócio! Aquele *dróide* ali vale mais de...

O *dróide* tagarelava incessantemente, mas Anakin não o interrompeu, ignorando a maior parte do que dizia, satisfeito por poder deixar a mente divagar agora que a parte difícil estava terminada. Mesmo com os *dróides* atrasando seus passos, eles chegariam às margens do Mar das Dunas antes do meio da tarde e, em Mos Espa, antes do anoitecer. Ele teria tempo de esconder C-3PO de volta em seu quarto e entregar os *dróides* e o resultado do negócio para Watto. Talvez aquilo o pusesse de volta nas boas graças do Toydarian. Watto ficaria certamente feliz com o conversor. Eles eram raros por aqui e se pudesse ser posto em funcionamento — Anakin estava certo que sim — valeria mais que todas as compras juntas.

Eles cruzaram os apartamentos centrais e tornaram a subida para Xelric Draw, um *canyon* raso, com abertura larga que separava a cadeia de montanhas Mospic da boca do Mar das

Dunas. O *speeder* diminuiu a velocidade dentro do *canyon, os dróides* seguindo num linha metálica brilhante, saindo da luz solar em direção às sombras. A temperatura caiu um pouco, e o silêncio alterava o ruído dos ventos no penhasco. Anakin estava apreensivo, sabendo dos perigos do deserto tão bem quanto qualquer morador de Mos Espa, apesar de ele, às vezes, achar que estar ali era mais seguro que na cidade.

> –...uma razão de quatro para um de Rodians para Hutts quando a cidade começou a adquirir padrões de centro comercial, apesar de que já naquela época os Hutts eram a raça dominante e os Rodians deveriam ter ficado em casa ao invés de correr riscos em uma jornada inútil...

C-3PO tagarelando, mudava de assunto sem avisar, sem pedir resposta em sua interminável narrativa. Anakin imaginou se ele estava sofrendo de alguma

privação vocal em seus sensores por ser deixado tanto tempo desativado. Esses *dróides* de protocolos eram famosos por serem temperamentais.
Seu olhar se mudou subitamente para a direita, para algo que pareceu estranho e fora de lugar. No começo era apenas uma forma e uma cor nas areias e pedras do deserto, quase perdido nas sombras.
Mas, à medida que observava, aquilo assumiu um significado diferente.
Ele desviou o *speeder* subitamente, puxando a fila de *dróides* com ele.

> –Mestre Anakin, o que está fazendo? — C-3PO protestou rabugento. Os olhos fixos em Anakin. — Mos Espa é mais adiante no *canyon*, não para o lado de... Oh, não! Isso é o que estou pensando? Mestre, o senhor tem todos os motivos para virar...
> –Eu sei. — Anakin o interrompeu. — Só quero dar uma olhada.

Os braços de C-3PO batiam ansiosamente. — Tenho que protestar, Mestre Anakin. Isso não é sábio. Se eu estiver correto, tenho que avisá-lo que já calculei a probabilidade como noventa e nove ponto sete, estamos nos dirigindo diretamente para...
Mas Anakin não precisava ser avisado do que estava à frente, sabendo exatamente do que se tratava. Um Tusken Raider estava no chão, quase a metade do corpo enterrado sob uma pilha de rochas próximas da face do penhasco. O porte do Povo da Areia era irreconhecível, mesmo a distância. Roupas folgadas, cor de areia, botas e luvas pesadas, cinto e braçadeira, cabeça coberta com um lenço, óculos de proteção e máscara para respiração e um longo rifle jogado a um metro do homem caído. Uma marca que descia pela face do penhasco dava indícios de um desmoronamento. O Tusken Raider estaria provavelmente escalando quando a pedra rolou abaixo o enterrando.
Anakin parou o *speeder* e desceu.

> –Mestre Anakin, não acho que essa é uma boa idéia, não mesmo!
> –Só quero olhar. E só — repetiu o garoto.

Ele estava apreensivo e amedrontado, mas ele nunca havia visto um Tusken Raider de perto, apesar de ter ouvido histórias sobre eles por toda a vida. Os Tuskens eram um povo nômade, solitário e feroz que reivindicava o deserto como sua terra e vivia às custas dos tolos que se aventuravam despreparados em seu território. A pé ou sobre os *banthas* selvagens que tornavam de terras abandonadas, eles viajavam livremente, invadindo casas e estações no caminho, atocaiando caravanas, roubando mercadorias e equipamentos e aterrorizando a

todos. Eles vieram atrás dos Hutts uma vez. Os residentes de Mos Espa, os próprios cidadãos não muito respeitáveis, odiavam o Povo da Areia.
Anakin ainda não tinha uma opinião formada a respeito. As histórias eram de arrepiar, mas ele sabia o suficiente sobre a vida para saber que haviam sempre dois lados da história, e só um estava sendo contado. Ele ficava intrigado com a natureza livre e selvagem dos Tuskens, uma vida sem responsabilidades ou amarras, numa comunidade onde todos eram considerados iguais. Ele deixou o *speeder* e caminhou na direção do Tusken caído. C- 3PO continuava advertindo-o de que não estava fazendo a coisa certa. Na verdade, ele não estava tão seguro de que o *dróide* não estava com razão. Mas sua inquietação era superada pela curiosidade. Que mal faria em dar uma olhadinha? Sua natureza de garoto veio à superfície e o dominou. Ele contaria a seus amigos que viu um dos Povos da Areia de perto. Ele poderia contar como eles eram.
O Tusken Raider estava no chão, rosto para baixo, braços dobrados à altura da cintura, a cabeça virada para um lado. Rochas e escombros cobriam a maior parte de seu corpo. Uma perna jazia debaixo de uma enorme pedra arredondada. Anakin chegou perto de onde o rifle de explosivos estava e o pegou. Era pesado e de difícil manuseio. Um homem tinha que ser forte e especialista para manuseá-lo, ele pensou. Ele notou as marcas estranhas na arma — marcas tribais, talvez. Ele ouviu dizer que os Tuskens eram um povo tribal.
De repente, o Raider caído se moveu, puxando um braço, se apoiando e levantando a cabeça. Óculos de proteção opacos fitavam Anakin diretamente. Anakin se afastou rapidamente, mas o Tusken apenas o olhou por um momento, tentando assimilar quem ele era e o que fazia e deixou a cabeça repousar novamente. Anakin Skywalker esperou, pensando no que deveria fazer. Ele sabia o que Watto diria. Ele sabia o que todo mundo diria. Saia daí!
Agora! Ele pôs o rifle no chão novamente. Não era da sua conta. Deu um passo atrás, depois outro.
O Tusken Raider ergueu a cabeça e o fitou novamente. Anakin retribuiu o olhar. Ele podia sentir a dor no olhar do outro. Ele podia sentir o desespero do outro, preso e inútil embaixo dos entulhos, desprovido de sua arma e de sua liberdade. A testa de Anakin enrugou. Sua mãe diria para que se retirasse imediatamente? O que ela diria, se estivesse ali?

–Trêspeo — ele chamou o *dróide*. — Traga todo mundo aqui. Protestando veementemente a cada passo, C-3PO agrupou os novos *dróides* e os guiou até onde o garoto estava, encarando o Raider caído. Anakin pôs os *dróides* para trabalhar limpando os entulhos e pedras menores e improvisou um nivelador usando o peso do *speeder* para levantar a pedra o suficiente para

que pudessem retirar o acidentado de baixo. O Tusken esteve consciente por um instante, depois desmaiou novamente. Anakin mandou os *decides* procurarem outras armas, mantendo o rifle fora do alcance.

Enquanto o Raider estava inconsciente, os *dróides* o viraram de costas para que fossem checados os ferimentos. A perna que ficou embaixo da perna estava esmagada, os ossos quebrados em vários locais. Anakin pôde ver o dano através das roupas rasgadas. Mas ele não estava familiarizado com a fisiologia dos Tuskens e não sabia bem o que fazer para reparar os ferimentos. Então aplicou uma tala retirada de seu *kit* médico para manter a perna no lugar e não a tocou mais.

Ele sentou e pensou no que devia fazer agora. A luz começava a diminuir de intensidade. Ele tinha passado muito tempo ajudando o Tusken para chegar a Mos Espa antes do anoitecer. Ele poderia viajar às margens do Mar das Dunas à noite, mas teria que deixar o Tusken sozinho e desprotegido. Anakin fez uma careta. Dada as coisas que rondam o deserto à noite, ele devia enterrar o homem e ir embora.

Então mandou os *dróides* puxarem uma pequeno lampião do *speeder.* Na hora do crepúsculo, ele carregou o lampião e anexou um combustível extra, assegurando que a unidade queimaria a noite inteira.

Ele abriu um pacote de comida desidratada enquanto olhava distraidamente para o Tusken caído. Sua mãe ficaria preocupada. Watto ficaria furioso. Mas eles sabiam que o garoto era competente e digno de confiança, por isso esperariam até o dia claro para tomar providências quanto ao seu desaparecimento. Até lá, ele esperava já estar a caminho de casa.

–Você acha que ele ficará bem? — perguntou a C-3PO Ele tinha colocado o *speeder* e os outros *dróides* debaixo de um abrigo perto da face do penhasco e atrás do lampião, a salvo da visão, mas manteve C-3PO a seu lado como companhia. O garoto e o *dróide* sentavam juntos de um lado do lampião enquanto o Tusken continuava dormindo do outro lado.

–Receio que me falta o treinamento e a informação para responder, Mestre Anakin — C-3PO respondeu, inclinando a cabeça. — Eu acho que fez tudo que pôde para ajudá-lo.

O menino concordou.

–Mestre Anakin, nós não deveríamos estar aqui à noite. — O *dróide* observou após um momento. — Este lugar é muito perigoso.

–Mas não podíamos deixá-la, não é?

–Oh, bem, essa é uma decisão difícil de tomar. — C-3PO ponderou.
–Não podíamos levá-lo conosco, também.
–Certamente que não!

O garoto ficou em silêncio por algum tempo, observando o Tusken dormir. Ele o observou por tanto tempo, que foi uma surpresa quando ele acordou. Aconteceu rápido e pegou o menino de surpresa. O Tusken Raider se virou com um movimento brusco, expirou fortemente, se apoiou com um braço, olhou para si e, depois, para o garoto. O garoto permaneceu imóvel, não emitindo um som. O Tusken o observou por um minuto, então, se sentou vagarosamente com sua perna machucada esticada.

–Oh, aí! — disse Anakin, tentando sorrir.

O Tusken não respondeu.

–Está com sede? — perguntou o menino.

Nenhuma resposta.

–Acho que ele não gostou de nós — C-3PO observou.

Anakin tentou uma dúzia de diferentes meios de estabelecer uma conversa, mas o Tusken as ignorou completamente. O olhar dele só se desviou uma vez, para onde seu rifle estava, próximo às pedras atrás do garoto.

–Diga algo em tusken — pediu a C-3PO finalmente.

O *dróide* o fez. Ele conversou longamente com o Tusken em seu próprio idioma, mas o homem se recusava a responder. Ele apenas encarava o garoto.

Finalmente, depois de algum tempo, o

Tusken olhou para C-3PO e pronunciou uma palavra em resposta.

–Lindo! — Exclamou o *dróide.*
–O que ele disse? — perguntou o garoto excitado.
–Bem, ele... me mandou calar a boca!

Aquele foi o fim de qualquer tentativa de conversação. O garoto e o Tusken ficaram se entreolhando em silêncio com seus rostos brilhante com a luz do fogo e a escuridão do deserto em volta. Anakin ficou pensando no que faria se o Tusken resolvesse atacar. Era improvável, mas o homem era grande, forte e feroz e, se resolvesse atacar, imobilizaria o garoto facilmente. Ele poderia pegar seu rifle e fazer o que quisesse com o menino.

Mas, de alguma forma, Anakin não sentia que aquela era a intenção dele. O Tusken não se moveu nem fez menção de querer se mover. Ele apenas ficou ali sentado, enrolado em seu traje do deserto, o rosto invisível por baixo das cobertas, preso em seus próprios pensamentos.

Finalmente, ele falou novamente. O garoto olhou rapidamente para C-3PO. — Ele quer saber o que você fará com ele, Mestre Anakin — o *dróide* traduziu.
Anakin confuso olhou para o Tusken. — Diga-lhe que não farei nada com ele e que estou apenas tentando ajudá-la a ficar bom.
C-3PO falou em tusken. O homem escutou. Não respondeu. Ele não disse mais nada.
Anakin se deu conta de que o Tusken estava com medo. Ele pôde sentir isso no jeito que o outro falou, no jeito que se manteve sentado, esperando. Ele estava aleijado e desarmado. Ele estava nas mãos de Anakin. O garoto entendeu o medo do Tusken, mas aquilo o surpreendeu de qualquer forma. Parecia fora de propósito. Dizia-se que o Povo da Areia não tinha medo. Além do mais, ele não estava com medo do Tusken. Talvez devesse, mas não estava. Anakin Skywalker não tinha medo de nada. Tinha?
Olhando para as lentes opacas do óculos de proteção que escondiam os olhos do Tusken, ele pensava no assunto. Na maioria das vezes, ele pensava que nada poderia amedrontá-la. Na maior parte do tempo, ele era tão corajoso que nunca ficaria com medo.
Mas, naquela parte dele onde ele não escondia coisas que não revelaria a ninguém, ele sabia que estava brincando com a verdade. Ele podia nunca ter medo por si mesmo, mas, às vezes, sentia muito medo por sua mãe.
E se algo acontecesse com ela? E se algo horrível acontecesse, algo que ele não poderia prever?
Ele sentiu um arrepio pela espinha.
E se a perdesse?
Quão bravo ele seria, então, se a pessoa de quem era mais próximo no mundo, lhe fosse tirada? Isso nunca aconteceria, claro. Não havia possibilidade.
Mas, e se acontecesse?
Ele encarou o Tusken Raider e, no silêncio profundo da noite, sentiu sua confiança tremer como uma folha ao vento.
Ele caiu no sono e sonhou com coisas estranhas. Os sonhos mudavam sem avisar e tornavam significados e histórias. Ele foi muitas coisas no curso dos sonhos. Uma vez ele foi um Cavaleiro Jedi, lutando contra coisas tão escuras e sem forma que ele não conseguia identificá-las. Outra vez ele foi um grande e temido comandante de um exército e voltava a Tatooine com suas naves e tropas para libertar os escravos do planeta. Sua mãe o esperava, sorrindo, braços estendidos. Mas, quando ele tentava abraçá-la, ela desaparecia.
Havia também Povo da Areia em seu sonho. Eles apareciam perto do fim, um bom número deles, parados à sua frente, com rifles em punho. Eles o observavam em silêncio, como se pensando no que fazer com ele.

Ele despertou, atacado em seu sono por uma inconfundível sensação de perigo. Ele se sentou e olhou em volta confuso e apavorado. O lampião já estava apagado. Na luz úmida e prateada do amanhecer, ele se encontrava prisioneiro das figuras negras e sem rosto do Povo da Areia de seu sonho.
Anakin engoliu seco. Figuras imóveis contra o horizonte, os Tusken Raiders o cercavam totalmente. O garoto pensou em fugir, mas, imediatamente, percebeu como isso seria tolo. Ele estava indefeso. Tudo que podia fazer era esperar e ver o que pretendiam.
Um murmúrio gutural se ergueu e as cabeças viraram para olhar. Por uma abertura na fila ele viu uma figura ser erguida e carregada.
Era o Tusken resgatado, falando com seu povo. Os outros Raiders hesitaram e, então, se afastaram.
Em segundos, eles desapareceram.
A luz solar começava a banhar o Mospic e C-3PO estava falando com ele numa chuva de palavras que se confundiam, os braços metálicos sacudindo para todos os lados. — Mestre Anakin, eles se foram! Oh, temos sorte por estarmos vivos! Ainda bem que não lhe machucaram!
Anakin ficou de pé. Havia pegadas dos Tusken Raiders por todos os lados. Ele deu uma rápida olhada em volta. O *speeder* e os *dróides* comprados dos Jawas permaneciam intocados. O rifle Tusken desaparecera.

–Mestre Anakin, o que vamos fazer? — C-3PO lamentava desanimado.

Anakin olhou para o solo desolado do *canyon*, para as faces do despenhadeiro e para o céu brilhante onde as estrelas desapareciam.
Ele percebeu o silêncio profundo, sentindo-se sozinho e vulnerável.

–Temos que ir para casa — ele sussurrou e se moveu rapidamente para que isso acontecesse.

7

Nute Gunray estava de pé, em silêncio, no centro da sala da coroa de Theed, cidade capital de Naboo e ouvia pacientemente, enquanto o governador Sio Bibble protestava contra a presença da Federação de Comércio. Rune Haako estava a seu lado. Ambos vestiam suas roupas oficiais e mantinham uma expressão impenetrável. Duas dúzias de guerreiros *dróides* mantinham os ocupantes da sala sob a mira de uma arma.

A cidade havia sido tomada logo após o amanhecer. Houve pouca resistência; os Naboo eram um povo pacífico. A invasão da Federação de Comércio foi uma surpresa, e o exército de *dróides* entrou pelos portões da cidade antes que qualquer defesa substancial houvesse sido montada.

As poucas armas que haviam foram confiscadas e os Naboo enviados para campos de detenção. Guerreiros *dróides* ainda varriam a cidade para erradicar quaisquer sinais de resistência. Gunray prendeu um sorriso. Aparentemente, a rainha acreditou desde o início que negociações prevaleceriam e que o Senado daria proteção ao povo de Naboo.

> –Já é demais, vice-rei, que você tenha ousado interromper as transmissões entre a rainha e o senador Palpatine enquanto ele está tentando discutir nossa causa ante o Senado da República; é demais que você tenha fingido que este bloqueio é uma ação legal; mas aterrissar um exército em nosso planeta e ocupar nossas cidades é tão abominável que não pode ser traduzido em palavras.

Sio Bibble era um homem alto, calvo com uma barba afiada e uma língua mais ainda. Nute estava ficando cansado de ouvi-lo. Ele lançou um olhar para os outros prisioneiros. Capitão Panaka, o chefe da segurança da rainha e quatro dos guardas pessoais da rainha, desarmados e indefesos. Panaka tinha uma expressão de pedra e olhos fixos enquanto observava os

Neimoidians. Ele era um homem grande, de constituição física poderosa, rosto suave e olhos rápidos. O Neimoidian não gostou da maneira como aqueles olhos o fitavam.

A rainha estava sentada em seu trono, cercada por suas aias. Ela estava serena e distante de tudo, como se o que estava acontecendo não a afetasse, como se nada pudesse tocá-la. Ela vestia preto, seu rosto pintado de branco contrastava

fortemente com o chapéu de penas pretas que o emoldurava. Uma corrente de ouro pendia em sua testa real e uma marca cosmética vermelha dividia seu lábio inferior.
Ela era considerada bonita, Gunray ouviu dizer, mas ele não tinha noção de beleza humana e para os padrões Neimoidians ela parecia pequena e sem cor. O que o interessava era a juventude dela. Ela mal tinha saído da infância, certamente ainda não era uma mulher feita e, ainda assim, foi escolhida pelo povo de Naboo para ser sua rainha. Essa não era uma daquelas monarquias onde o sangue determinava direito de governar e onde dinastias dominavam. O povo Naboo escolheu a mais inteligente entre eles como rainha e Amidala reinava com a permissão do povo.
Porque eles escolheriam alguém tão jovem e ingênuo ainda era um mistério para ele. Deste ponto de vista isso não os havia ajudado neste caso.
A voz do governador Sio Bibble ecoou através da câmara fechada, erguendo-se até o teta, indo de encontro às paredes iluminadas pelo sol. Theed era uma cidade próspera e opulenta e a sala do trono refletia essa história de sucesso.

–Vice-rei, eu pergunto definitivamente. — Sio Bibble concluía seu discurso. — Como pretende explicar esta invasão ao Senado?

A fisionomia de réptil expressou um toque de humor. — Os Naboo e a Federação de Comércio irão forjar um documento que legitima nossa ocupação de Theed. Já fui assegurado de que esse tratado, uma vez realizado, será rapidamente assinado pelo Senado.

–Um tratado? — O governador exclamou incrédulo. — Após essa ação totalmente ilegal?

Amidala se levantou do trono e deu um passo à frente, cercada por suas aias encapuzadas. Os olhos dela faiscavam de raiva. — Eu não vou cooperar.
Nute Gunray trocou um rápido olhar com Rune Haako. — Agora Vossa Majestade — ele ronronou — não seja tão apressada em seus pronunciamentos. Não vai gostar do que temos guardado para seu povo. Com o tempo, o sofrimento deles fará com que Vossa Majestade passe a compartilhar de nosso ponto de vista.
Ele se afastou. — Chega de conversa. — Ele fez um sinal. — Comandante? — O guerreiro *dróide* OOM-9 deu um passo à frente com seu nariz metálico comprido baixando vagarosamente em resposta. — Processe-os — ordenou o vice-rei.
OOM-9 deu um sinal para um de seus sargentos assumir, sua voz metálica orientava que os prisioneiros deveriam ser levados para o Campo Quatro. Os guerreiros *dróides* retiraram a rainha, suas aias, o governador Bibble, o capitão Panaka, e os guardas Naboo da sala.

Os olhos laranja avermelhados seguiram o grupo que saía, então, se viraram para Haako e para a sala. Ele sentiu uma profunda sensação de satisfação se apossar dele. Tudo estava saindo conforme o planejado.

O sargento e doze guerreiros *dróides* levaram os prisioneiros pelos corredores de pedra polida do palácio de Theed e para fora do palácio, onde uma série de escadas, que desciam em meio a vigas e esculturas, levava a uma praça ampla. A praça estava tomada por tanques e *dróides* da Federação e não havia cidadãos de Naboo. Os tanques eram veículos baixos e curtos, com narizes em forma de pá com seus canhões principais acoplados em uma pequena torre localizada acima. Eles pareciam abelhas devastadoras, enquanto circulavam no perímetro da praça. Mais além, as construções de Theed se alinhavam numa vasta e desorganizada seqüência de muros de pedra, cúpulas vistosas, torres pontiagudas e arcos esculpidos. A luz do sol banhava os edifícios com sua arquitetura contrastando com o verde exuberante do planeta. O ímpeto das cachoeiras e o murmúrio das fontes formavam um distante som de fundo ao estranho silêncio criado pela ausência da população.

Os prisioneiros foram levados através da praça, passando pelas máquinas de guerra da Federação. Ninguém falava. Até o governador Bibble estava em silêncio com seu rosto de barba grisalha baixo em contemplação sombria. Eles deixaram a praça e chegaram a uma avenida larga que levava aos subúrbios da cidade e aos recém-construídos centros de detenção da Federação. *STAPs* sobrevoavam a cidade, suas sombras refletindo nas paredes dos prédios, suas superfícies metálicas brilhando enquanto se afastavam.

Os *dróides* haviam acabado de desviar seus prisioneiros para uma travessia tranqüila quando o sargento, que estava liderando o grupo, fê-los parar de forma abrupta. Dois homens estavam bloqueando o caminho, ambos vestidos em robes folgados sobre túnicas, o mais alto com seu cabelo longo, e o mais baixo com seu cabelo curto e uma trança fina. Os braços estavam soltos ao lado do corpo, mas eles não pareciam homens despreparados.

Por um momento, os dois grupos se entreolharam em silêncio. Então a face estreita de um Gungan surgiu atrás das duas figuras em robes, seus olhos arregalados e a expressão assustada. Qui-Gon deu um passo à frente. — Você é a rainha Amidala, de Naboo? — perguntou à jovem mulher com um chapéu de penas.

A rainha hesitou. — Quem são vocês?

–Embaixadores do chanceler supremo. — O Mestre Jedi inclinou a cabeça levemente. — Buscamos uma audiência com Sua Majestade.

O sargento *dróide* subitamente lembrou de onde estava e do que estava fazendo.

Ele gesticulou para seus soldados. — Tirem- nos do caminho!
Quatro dos *dróides* se moveram obedecendo. Eles já estavam colocando suas armas em posição de fogo quando os Jedi ativaram seus sabres de luz e os partiram. Enquanto os *dróides* destruídos caíam, os Jedi se moveram rapidamente para acabar com os outros. Raios lasers eram bloqueados, armas eram inutilizadas, e os *dróides* restantes foram reduzidos a pedaços de metal.
O sargento se voltou para escapar, mas Qui-Gon levantou a mão, segurando o *dróide* com o poder da Força. Em segundos o sargento jazia num monte junto a seu comando.
Rapidamente, os soldados Naboo pegaram as armas caídas. Os Cavaleiros Jedi desligaram os sabres de luz e conduziram o grupo para a rua e para o abrigo de um aliado entre dois prédios. Jar Jar Binks seguia, maravilhado com a eficiência com que os Jedi se livraram de seus inimigos.
Qui-Gon olhou para a rainha. — Alteza, eu sou Qui-Gon Jinn e meu companheiro é Obi-Wan Kenobi. Somos Cavaleiros Jedi assim como embaixadores do chanceler supremo.

> –Suas negociações parecem ter falhado, embaixador — Sio Bibble observou bufando.
> –As negociações nunca ocorreram. — Qui-Gon manteve seu olhar fixo na rainha. Sua face pintada não demonstrava expressão.
> –Sua Alteza — ele continuou — nós temos que fazer contato com a República.
> –Não podemos — disse o capitão Tanaka, dando um passo a frente. — Eles fecharam todas as nossas comunicações.

Um alarme soou vindo de algum lugar próximo, e se ouviu uma correria. Qui-Gon olhou na dicção da rua, onde os guerreiros *dróides* estavam caídos. — Vocês têm transportes?
O capitão Naboo assentiu, rápido em perceber o que o Jedi pretendia. — No hangar principal, por aqui.
Ele levou o grupo até o final da ruela onde ficava o abrigo aliado, onde atravessaram outras passagens e ruas secundárias, não encontrando ninguém. Eles se moveram rápida e silenciosamente em meio ao ruído crescente dos alarmes e dos *STAPs.* A seu beneficio, os Naboo não discutiram a liderança de Qui-Gon ou sua presença ali. Com Panaka e seus homens recentemente armados, a rainha Naboo e seus companheiros tinham uma sensação de estarem no controle de seu próprio destino e se sentiam mais que prontos a se arriscar junto a seus salvadores.

Não levou muito tempo para que chegassem ao destino. Uma série de edifícios interligados dominava um lado de uma calçada larga, cada um abobadado e lembrando cavernas, com entradas em forma de arco e saídas apertadas. Guerreiros *dróides* estavam posicionados por todos os lugares, armas prontas para atirar, mas o capitão Panaka conseguiu encontrar uma entrada vazia no final de um corredor estreito entre dois prédios.
Panaka fez o grupo parar junto a uma porta na lateral do hangar principal. Após uma olhada rápida para checar a presença de *dróides,* ele destrancou e abriu a porta do hangar. Com Qui- Gon logo atrás, ele entrou. Um número de naves Naboo estavam agrupadas no centro do hangar, transportes brilhantes, com seus narizes apontados para uma larga abertura na parede oposta. *Dróides* guardavam cada nave, posicionados por todo o hangar para cortar qualquer aproximação.
O *dróide* era um monte de entulho em segundos, retalhado pelo sabre de luz de Qui-Gon. Mais *dróides* tentaram deter o Jedi, que lutava sozinho, enquanto seus companheiros embarcavam na nave real. Panaka e os guardas Naboo formaram um escudo protetor para a rainha e suas aias enquanto elas subiam a rampa. Jar Jar Binks seguiu, segurando sua cabeça com os braços longos. Raios *lasers* eram enviados por todos os lados do hangar, e mais alarmes ecoavam selvagemente.
No outro lado do hangar, Obi-Wan Kenobi se atirou ferozmente sobre os guerreiros *dróides* que mantinham os pilotos Naboo. Qui-Gon observava seu progresso, o cabelo longo esvoaçando, enquanto detinha uma nova tentativa dos *dróides* de tomar a nave real, bloqueando os raios *lasers* enquanto lutava para proteger a rampa de embarque. Obi-Wan veio ao seu encontro, trazendo um grupo de Naboo. Em volta deles, tudo explodia.
Raios *lasers* queimando em metais e carne. Muitos Naboo tombaram, mas os *dróides* não conseguiram deter os Jedi. Qui-Gon chamou Obi-Wan quando este passou, pedindo-lhe que decolasse a nave. Mais *dróides* apareciam à porta do hangar, armas disparando. Qui-Gon correu para o interior da nave. A rampa levantou atrás dele e fechou com um chiado.
Os motores Headon-5 dispararam mesmo antes mesmo que o Mestre Jedi chegasse à cabine principal e se jogasse em uma cadeira.
Raios *lasers* batiam nos lados da nave, mas o transporte já se movia. O piloto se sentou debruçado aos controles, sua face com expressão intensa, uma gota de suor escorrendo de sua fronte, as mãos firmes nos controles. — Segurem-se — ele disse.
O Nubian se atirou através das portas do hangar, atropelando *dróides* e fogos *lasers,* decolando da cidade de Theed para o céu azul. O planeta Naboo foi deixado para trás em segundos, a nave mergulhando na escuridão do espaço,

fazendo um arco em direção a uma agora visível nave da Federação de Comércio que bloqueava sua passagem.
Qui-Gon deixou sua cadeira e ficou de pé ao lado do piloto.

–Ric Olié — anunciou o outro com uma rápida olhada para o Jedi. — Obrigado pela ajuda lá trás.

Qui-Gon acenou com a cabeça. Melhor guardar os agradecimentos para depois que lidarmos com o que vem lá em frente.
O piloto lhe deu um sorriso dissoluto. — Que faremos com esses brinquedões? Nossas comunicações ainda estão embaralhadas.

–Passamos do estágio de conversações. Apenas mantenha a nave no curso. — Qui-Gon se voltou para Obi-Wan. — Certifique- se de que todos estão a salvo. — Seus olhos se voltaram para onde Jar Jar Binks estava já de pé e remexendo as coisas. O jovem Jedi se movimentou rapidamente, tomando o Gungan pela mão, levando-o à força através da porta da cabine principal até a parte de trás. Ignorando os protestos de Jar Jar, ele olhou em volta procurando um lugar para colocar a irritante criatura. Avistando uma abertura baixa e apertada onde se lia: *DRÓIDES* ASTROMECANICOS, ele soltou o lacre e empurrou o Gungan para dentro.
–Fique aqui — ele disse com um olhar significativo. — E não cabe problemas.

Jar Jar Binks observou a porta fechar atrás de si, depois olhou em volta. Junto à parede havia uma fíieira composta de cinco *dróides* astromecânicos R2. Eram *dróides* baixos, coloridos, para vários serviços. Havia cinco unidades idênticas, cada corpo robusto posicionado entre dois braços robustos, não dando indicação de sentir sua presença. O Gungan andava lentamente à frente, esperando para ser notado. Talvez não estivessem ativados, ele pensou. Talvez nem estivessem vivos.

–*Ei, ei, vocês* — ele tentou com as mãos gesticulando. — *Vai ser longa viagem para algum lugar, hein?* Nenhuma resposta. Jar Jar deu uma batida de leve na cabeça da unidade R2 mais próxima, um *dróide* vermelho brilhante. A batida produziu um som oco, e a cabeça pulou do corpo cilíndrico.
–*Oa!* — disse Jar Jar, surpreso. Ele olhou em volta, imaginando porque os Jedi o tinham colocado ali embaixo, enquanto todos estavam lá em cima, pensou desconsolado. Nada demais acontecia.

Curioso, ele gentilmente levantou a cabeça do *dróide* vermelho. Cordões e fios saltaram fazendo uma bagunça. Jar Jar rapidamente bateu na cabeça do *dróide* vermelho tentando colocá- la de volta no lugar.

–*Oh, ob, ob!* — ele murmurou, olhando em volta e checando se alguém o vira, se abraçando preocupado.

Ele andou ao longo da fileira de *dróides*, ainda procurando algo para ocupar seu tempo. Ele não queria estar naquele quarto, mas achava que não devia tentar sair. O jovem Jedi, o que o meteu ali, já não gostava muito dele. O Jedi iria gostar muito menos dele, se o visse tentando escapulir.

Explosões ocorriam perto do transporte. Fogo de canhão. A nave balançava em resposta. Jar Jar olhou em volta desesperado, subitamente não apreciando aquele lugar. Então, as luzes começaram a piscar, e o transporte sacolejou violentamente. JÁ Jar choramingava e se agachou num canto. Mais explosões ocorriam, e a nave estava sendo golpeada por todos os lados.

–Estamos perdidos — o Gungan murmurava assustado. — *Isso p mau negócio, isso.*

A nave começou a girar abruptamente, como se presa num redemoinho de água. Jar Jar chorava, apertando os braços contra um suporte para não ser jogado contra a parede. As luzes do compartimento acenderam e os *dróides* foram abruptamente ativados. Um por um, eles começaram a assobiar e zumbir. Livres da alavanca que os segurava, eles deslizaram em direção a um tubo de ar no outro lado do compartimento — todos menos o R2 vermelho, que rolou diretamente para a parede e caiu, suas peças se espalhando.

A unidade R2 azul parou, enquanto passava por seu companheiro vermelho, então, passou por Jar Jar, soltando um guincho alto que o fez se afastar apavorado. Um por um, os R2 entraram no elevador do tubo de ar e foram sugados para cima em direção ao topo da nave.

Deixado sozinho no compartimento com o *dróide* que sem querer havia estragado, Jar Jar Binks gemia desesperado.

8

Obi-Wan Kenobi havia acabado de entrar na cabine do transporte quando as explosões começaram a atingir a nave. Ele conseguia ver uma imensa nave de guerra da Federação de Comércio através do observatório com seus canhões atirando. O transporte real balançava tão violentamente pelas rajadas que foi lançado de sua trajetória. As mãos de Ric Olié, cobertas por uma luva, estavam travadas na direção, lutando para trazer a nave novamente a seu prumo.
— Deveríamos abortar, senhor. — gritou o piloto a Qui-Gon, que estava sentado a seu lado, olhos fixos na nave de combate. — Nossos escudos defletores não agüentam mais!

–Mantenha-se no curso — ordenou calmamente o Mestre Jedi. Então olhou para os controles. — Você tem um dispositivo de disfarce?
–Esta não é uma nave de combate! — disparou o capitão Panaka, parecendo irado e ofendido. — Não temos armas, embaixador! Somos um povo pacífico, motivo que levou a Federação a ser tão valente para nos atacar!

Uma série de explosões chacoalharam o Nubian, fazendo tremer as luzes do painel de controle. Um alarme soou agudo e raivoso. O transporte estremeceu, enquanto seu *drive* de potência encrencou momentaneamente e fez um chiado agudo.

–Nada de armas — Qui-Gon suspirou. Obi-Wan estava a seu lado e sentiu o peso de seu olhar, quando se virou e o encontrou, firme e decidido. Uma mão repousava nos ombros de Ric Olié. — A Federação usa detetores de pulso em suas armas. Gire a nave. Isso vai dificultar que nos detectem.

O piloto empurrou uma série de alavancas e colocou o Nubian num giro lento. A frente, a nave de combate ocupou o visor e, depois, perdeu foco. O transporte da rainha acelerou em direção à nave inimiga, passando por torres e plataformas armadas, compartimentos e estabilizadores, se arremessando sobre um monte de fuselagem e tiros de canhão. Um raio *laser* os atingiu, explodindo um dos controles em faíscas e chamas, fazendo a nave girar. Por um momento, eles giraram sem controle. Então Ric Olié puxou os controles com força e a nave de combate recuou.

–Algo está errado — sussurrou o piloto, lutando com a direção, sentindo a nave tremer por baixo. — Os escudos caíram! Eles continuavam girando, próximos à fuselagem cavernosa da nave de combate da Federação de Comércio, tão perto que as armas maiores ficaram inutilizadas e apenas as menores podiam ser usadas contra eles. Mas sem os escudos até mesmo um golpe leve poderia ser desastroso.
–Enviando a tripulação de reparos! — berrou Olié, levantando uma válvula.

Na tela, um tubo de ar se abriu e uma série de *dróides* astromecânicos pularam para fora em direção à fuselagem da nave. O transporte se endireitou e nivelou, parando de girar. Os *dróides* se moveram rapidamente através da fuselagem, checando os estragos, enquanto Ric Olié se apertou na sombra da nave de guerra, num esforço para protegê-los.
Mas, agora, havia uma nova ameaça. Incapacitado de usar suas armas eficientemente, o comando da Federação despachou uma esquadrilha de caças. Naves-robô para ataque, pequenas e brilhantes que consistiam em compartimentos duplos ligados a uma cabeça redonda, voltada para trás. Enquanto saíam de dentro da nave de combate, seus compartimentos se abriam em longas fendas que mostravam suas armas *lasers.* Voavam por toda a extensão da nave mãe, em busca da nave da rainha. Rápidos e ágeis nas manobras, eles não apresentavam dificuldades em mover-se próximos à fuselagem da nave de combate.
Em segundos, eles estavam sobre o transporte, as armas disparando.
Ric Olié lutava para se proteger enquanto ganhava velocidade. Duas das unidades R2 foram destruídas: uma por um golpe direto; a segunda, quando o cabo que a prendia à fuselagem do transporte foi destruído.
Na tela, a unidade R2 azul podia ser vista trabalhando ferozmente em conectar uma série de fios expostos por uma das placas da fuselagem. Fogo *laser* era lançado à sua volta, mas o *dróide* continuava seu esforço. O quarto *dróide,* trabalhando ao lado, desapareceu numa nuvem de metal e fogo incandescente.
Agora somente restava a unidade azul, ainda ocupada em meio ao ataque dos caças da nave de combate quando algo mudou no *displaj* da cabine da nave da rainha e Ric Olié deu um grito em aprovação. — Os escudos estão em pé novamente! O pequeno *dróide* conseguiu! — Ele empurrou os propulsares totalmente para a frente, e o transporte se afastou em velocidade máxima para longe da nave de guerra e dos caças, deixando o bloqueio da Federação de Comércio e o planeta Naboo para trás.
A unidade R2 se virou e voltou para o tubo, desaparecendo de vista.

Quando estavam bem longe de qualquer presença da Federação de Comércio, Ric Olié checou cuidadosamente os controles, avaliando os estragos, tentando determinar o que era necessário. Obi-Wan estava sentado a seu lado e o ajudava. Qui- Gon e o capitão Panaka se mantinham atrás deles, aguardando seu parecer. A rainha e o resto dos Naboo estavam seguros em outros compartimentos.
Ric Olié sacudiu a cabeça em dúvida. — Não podemos ir longe.
O hiperpropulsor está vazando.
Qui-Gon Jinn assentiu. — Teremos que aterrissar em algum lugar para fazer os reparos. O que existe à frente?
Ric Olié puxou um mapa estelar e se debruçou sobre ele, estudando-o.

–Aqui, Mestre — disse Obi-Wan, seus olhos atentos captando a única escolha que fazia sentido. — Tatooine. E pequeno, pobre e fora do caminho. Atrai pouca atenção. A Federação de Comércio não tem ninguém lá.
–Como pode estar certo? — perguntou rapidamente o capitão Panaka.

Qui-Gon olhou para ele. — E controlado pelos Hutts.
Panaka ficou alarmado. — Os Hutts?
–E arriscado — concordou Obi-Wan — mas não há alternativa.
O capitão Panaka não estava convencido. Você não pode levar Sua Majestade Real para lá! Os Hutts são bandidos e escravocratas!
Se eles descobrirem quem ela é...
–Não seria diferente se aterrissássemos num planeta controlado pela Federação — interrompeu Qui-Gon — exceto que os Hutts não estão procurando a rainha, o que nos dá uma certa vantagem.
O chefe de segurança da rainha ia dizer mais alguma coisa, porém pensou melhor. Ao invés disso, inspirou profundamente, a frustração estampada em seu rosto escuro, e se retirou.
Qui-Gon Jinn bateu nos ombros de Ric Olié. — Ajuste o curso para Tatooine.
Numa distante sala de reunião da Federação de Comércio, Nute Gunray e Rune Haako estavam sentados lado a lado em uma mesa comprida, observando nervosamente um holograma de Darth Sidious posicionado à cabeceira da mesa. O holograma tremia com os movimentos do manto negro de Sith Lord, numa combinação de nuanças que os Neimoidians não conseguiam entender.
O Sith Lord não havia sido convocado e os Neimoidians teriam ficado felizes se ele não os tivesse contatado naquele dia. Mas, como sempre, pressentindo quando as coisas não iam bem, ele apareceu voluntariamente. Após demandar um relatório sobre o progresso da invasão, ele ouviu a narrativa de Nute Gunray

e ficou em silêncio.

–Nós estamos com o controle de todas as cidades na parte norte e oeste do território Naboo. — O vice-rei relatava — E estamos procurando por outros locais onde a resistência...
–Sim, sim — interrompeu Darth Sidious repentinamente, sua voz soando vagamente impaciente. — Você fez bem. Agora, então, destrua todos os oficiais de alto escalão. Faça-o em silêncio, mas completamente. — Ele deu uma pausa. — E a rainha Amidala? Assinou o tratado?

Nute Gunray inspirou profundamente e soltou devagar. — Ela desapareceu, senhor. Houve uma fuga.

–Uma fuga? — O Sith Lord disse as palavras com um sibila.
–Um cruzador Naboo passou a barricada...
–Como ela escapou, vice-rei?

Nute Gunray olhou para Rune Haako pedindo ajuda, mas seu companheiro estava paralisado de terror. — Os Jedi, senhor. Eles conseguiram encontrá-la, armaram os guardas reais...
Darth Sidious se moveu sob seu manto como um enorme gato, sombras vislumbrando por baixo de capuz. — Vice-rei, encontre-a!
Quero o tratado assinado!

–Senhor, ainda não conseguimos localizar a nave em que ela fugiu — admitiu o Neimoidian, desejando poder afundar no chão imediatamente.
–Vice-rei!
–Quando os avistamos, nós os perseguimos, mas conseguiram escapar! Agora estão fora do alcance.

Um aceno de um braço o interrompeu. — Não para um Sith — murmurou o outro.
Algo tremeu por trás do holograma e uma figura apareceu atrás de Darth Sidious. Nute Gunray congelou. Era um segundo Sith Lord. Mas, enquanto Darth Sidious era uma vaga e sombria presença, esse novo Sith era aterrorizante. Sua face era uma máscara de listas pretas e vermelhas, o desenho marcado em sua pele, em seu crânio careca havia uma coroa de chifres curtos e tortos. Seus olhos amarelos brilhantes estavam fixos nos Neimoidians, quebrando suas defesas, fazendo com que eles se sentissem nus e os considerando criaturas tolas

e insignificantes.

–Vice-rei — Darth Sidious falou suavemente, em meio ao silêncio — este é meu aprendiz, Lord Maul. Ele encontrará sua nave perdida.

Nute Gunray inclinou sua cabeça levemente em resposta, desviando os olhos da presença assustadora. — Sim, meu senhor.

O holograma tremeu e desapareceu, deixando a sala de reuniões silenciosa. Os Neimoidians permaneciam sentados, imóveis, sem se olharem, olhos de répteis fixos no espaço antes ocupado pelo holograma.

–Isso está ficando fora de controle — disse, finalmente, Nute Gunray, sua voz alta e apertada, pensando que seus planos de sabotar as rotas comerciais não incluíam arriscar a vida no processo.

Rune Haako tentou um rápido aceno com a cabeça. — Não devíamos ter feito esse negócio. O que acontecerá quando os Jedi descobrirem que estamos fazendo negócios com esses Sith Lords?

Nute Gunray, com as mãos apertadas à sua frente, nem tentou dar uma resposta.

A bordo do transporte da rainha, os Jedi ficaram com o capitão Panaka e a última unidade R2, enquanto o capitão passou à rainha um relatório sobre os acontecimentos relacionados à fuga através da barricada da Federação de Comércio. Amidala estava sentada, com suas três aias em volta, sua face branca emoldurada pelo chapéu preto, seus olhos escuros calmos, ouvindo, enquanto o capitão concluía.

–Temos sorte por termos este aqui a nosso serviço, Alteza — Panaka olhou para o pequeno *dróide* astromecânico. — E um *dróide* extremamente bem-montado. Sem dúvida, ele salvou a nave lá atrás, sem mencionar nossas vidas.

Amidala assentiu, olhando para o *dróide.* — Será condecorado. Qual o número dele?

O pequeno *dróide* azul, com suas luzes piscando enquanto processava a conversa, fez uma série de *bips.* O capitão Panaka se abaixou e retirou uma mancha da superfície metálica do *dróide,* então, se endireitou.

–Erredois-Dedois, Alteza.

A rainha Amidala se curvou para a frente e estendeu sua mão fina e branca para tocar o *dróide.* — Obrigada, Erredois-Dedois. Você se mostrou leal e corajoso. — Ela olhou por sobre o ombro.

–Padmé.

Uma das aias se aproximou. Qui-Gon Jinn, ouvindo a tudo sem prestar muita atenção, enquanto pensava no que viria pela frente em Tatooine, notou que tratava-se da jovem que apoiou a rainha em sua decisão de escapar de Naboo.

Ele franziu a testa. A não ser que não tenha sido exatamente assim...

–Providencie a limpeza desse *dróide.* — A rainha dizia para a moça.
–Erredois-Dedois merece nossa gratidão. — Ela se voltou para Panaka.
–Por favor, continue seu relatório, capitão.

Panaka olhou desconfortavelmente para os Cavaleiros Jedi. — Alteza, estamos nos dirigindo para um pequeno e remoto planeta chamado Tatooine. — Ele se interrompeu, sem vontade de prosseguir com o assunto.

–E um sistema muito além do alcance da Federação de Comércio. — Qui-Gon acrescentou suavemente. — Uma vez lá, poderemos fazer os reparos necessários e, então, partir para Coruscant completando nossa jornada.
–Alteza — disse rapidamente o capitão Panaka, recapturando suas impressões sobre o assunto. — Tatooine é muito perigoso. E controlado pelos Hutts. Os Hutts são bandidos e possuem escravos. Eu não concordo com a decisão dos Jedi de aterrissar lá.

A rainha fitou Qui-Gon. O Jedi não vacilou. — Tem que confiar em meu julgamento, Alteza. — Tenho? — Ela perguntou baixinho. Ela voltou seu olhar para suas aias; Padmé por último. A garota não se moveu do lado da rainha, mas pareceu lembrar-se subitamente de que havia recebido uma tarefa para realizar. Ela assentiu brevemente para a rainha e se moveu para tomar R2-D2 pela mão. Amidala fitou novamente Qui-Gon Jinn. — Estamos em suas mãos — e o assunto estava resolvido.
JÁ Jar Binks havia sido deixado no compartimento de estocagem até que a unidade R2 voltasse pelo tubo e os Naboo viessem retirá-la. Eles não pareciam ter ordens com relação ao Gungan, então, o deixaram sair. A princípio, Jar Jar ficou relutante em se aventurar sozinho fora do compartimento ainda pensando no alerta do jovem Jedi para que ficasse quieto e longe de confusão. Ele conseguiu uma das duas ordens, mas não estava certo de que devia tentar o destino.
Mas, no final, sua curiosidade e inquietação o venceram. O transporte já não girava, o ataque da Federação havia cessado, e os alarmes estavam silenciosos. Tudo estava calmo e o Gungan não viu motivo para que ficasse naquela salinha apertada por mais tempo.
Então, ele abriu a porta, pondo sua face bicuda para fora e deu uma olhada em volta, os olhos observando cuidadosamente. Não vendo ninguém, tomou sua decisão. Ele saiu do compartimento e caminhou pelos corredores da nave,

escolhendo uma direção que o levava para longe da cabine do piloto, onde os Jedi estariam. Ele esperou alguém mandá-lo de volta para o lugar de onde tinha vindo, mas como ninguém o fez, ele começou a remexer em tudo com cuidado, mas se sentindo incapaz de parar a investigação.

Ele estava seguindo um corredor estreito que subia do nível inferior da nave até a cabine principal onde pôs a cabeça por uma passagem de ar e encontrou uma das aias da rainha esfregando um pano velho, tentando limpar o *dróide* astromecânico R2.

–*Ei. Oh!* — ele chamou.

A aia começou a choramingar e a unidade R2 começou a fazer um *bip* alto. Jar Jar pulou, então, passou o corpo pela abertura, embaraçado por tê-los assustado tanto.

–*Mim desculpe* — ele se desculpou. — *Mim não querer assustar vocês. Okl*

A garota sorriu. — Tudo bem. Venha cá.

Jar Jar se aproximou alguns passos, estudando as condições do *dróide*. — *Mim achar lata de óleo lá atrás. Vocês precisar isso/*A moça assentiu. — Ajudaria muito. O mocinho está uma bagunça.

Jar Jar voltou pela abertura, remexeu um pouco, encontrando a lata de óleo, trazendo-a para a garota. — *Isso ajuda.?* — Obrigada — ela disse, pegando a lata. Ela abriu a tampa e derramou um pouco do óleo no pano, então, começou a esfregar a cabeça do *dróide.*

–*Eu Jar Jar Binks* — disse Jar Jar após um momento, aproveitando a chance de entabular uma conversa. Ele gostou da garota Naboo.

–Eu sou Padmé — respondeu a moça. — Sirvo a Sua Alteza, a rainha Amidala. Este é Erredois-Dedois. — Ela removeu uma mancha preta do braço do *dróide.* — Você é Gungan, não é? — Jar Jar assentiu, suas longas orelhas balançando sobre o pescoço. — Como veio parar aqui conosco?

Jar Jar pensou por um minuto. — Mim não sabe exatamente. O dia começa com nascer do sol. Mim comia marisco. Daí, bum! Eles em todo lugar, voava, atirava, mim com medo. Mim agarrou Qui-Gon, então, derrubar eles, então, nós ir dentro do lago até Chefe Nass...

Ele parou, sem saber o que dizer. Padmé balançava a cabeça encoranjando-o. R2-D2 fez um *bip. — Mais ou menos isso. Antes de mim saber, mim aqui!*

Ele sentou novamente sobre suas coxas encolhendo os ombros.

–*Mim ar muito, muito medo!*

Ele olhou da garota para o *dróide.* Padmé sorriu novamente.

R2-D2 fez um *bip* novamente. Jar Jar se sentiu ótimo.
Na cabine, Ric Olié dirigia o transporte para um grande planeta amarelado que aparecia no visor, enquanto se aproximavam de sua superfície. Os Jedi e o capitão Panaka estavam atrás dele, observando por sobre seus ombros os mapas de superfície que havia colocado sobre os monitores.

–Tatooine — confirmou Obi-Wan Kenobi, sem dirigir-se a ninguém em particular.

Ric Olié apontou para um dos mapas. — Há uma cidade aqui onde deveremos encontrar o que procuramos... um porto espacial, parece. Mos Espa. — Ele olhou para o Jedi.

–Pouse próximo aos arredores da cidade — Qui-Gon ordenou.
–Não queremos chamar atenção.

O piloto assentiu e dirigiu o transporte para dentro do planeta. Levou apenas um momento para guiá-la através da atmosfera do planeta até uma área do deserto de onde se avistava a cidade. O Nubian aterrissou levantando poeira, se acoplando confortavelmente em um local elevado próximo às suas marcas de aterrissagem. A distância, Mos Espa brilhava sob o calor do meio-dia.
Qui-Gon pediu a seu protegido que soltasse o hiperpropulsor e ao capitão Panaka que informasse a rainha sobre a aterrissagem. Ele estava indo até o porto espacial sozinho quando saiu da cabine para procurar novas roupas e encontrou Jar Jar Binks, a aia Padmé, e a pequena unidade R2.
Ele reduziu o passo, considerando que ir sozinho poderia chamar mais atenção. — Jar Jar — disse finalmente. — Apronte-se. Você vai comigo. O *dróide* também.
Ele continuou sem olhar para trás. O Gungan o olhou incrédulo, depois ficou horrorizado. Quando recuperou a razão, o Jedi já estava fora de alcance. Lamentando-se em desânimo, ele correu para alcançá-lo quando encontrou Obi-Wan içando o hiperpropulsor do interior da nave.

–Obi-Wan, senhor! — atirando-se aos pés do jovem Jedi. — Por favor, mim não vai com Qui-Gon!

Obi-Wan se sentia inclinado a concordar, mas sabia que era melhor não dizer. — Desculpe, mas Qui-Gon está certo. Aquele é um porto espacial multinacional, um porto de comércio. Você vai ajudá-lo a chamar menos atenção indo com ele. — Sua testa franziu enquanto se voltava para o hiperpropulsor. — Assim espero. — Ele murmurou para si.
Jar Jar deu um salto e caminhou desconsolado até R2-D2, sua boca numa careta de desespero. O *dróide* fez um *bip* em simpatia, então, fez uma série de *clicks* de

incentivo.
Qui-Gon reapareceu, desta vez, vestido como um fazendeiro em túnicas, calças *legging* e um poncho. Ele passou por eles em direção a Obi-Wan que checava o hiperpropulsor. — O que encontrou?
O rosto jovem de Obi-Wan ficou sombrio. — O gerador foi atingido. Precisaremos de outro.

–Foi o que pensei. — O Mestre Jedi se ajoelhou ao lado de seu protegido. — Bem, nós não podemos arriscar uma comunicação com Coruscant desta parte tão distante da galáxia. Pode ser interceptada e nossa posição revelada. Teremos que nos arranjar sozinhos. — Ele baixou a voz para um sussurro. — Não deixe ninguém enviar uma transmissão, enquanto eu estiver fora. Fique atento, Obi-Wan. Sinto uma perturbação na Força.

Os olhos de Obi-Wan encontraram os dele. — Também sinto isso, Mestre. Terei cuidado.
Qui-Gon se ergueu, reuniu Jar Jar e a unidade R2 e desceu a rampa da nave para o solo do planeta. Um tapete de areia vazio que se espalhava em todas as direções, quebrado apenas por imensas formações rochosas e pela faixa de céu distante de Mos Espa. Os sóis que davam vida ao planeta batiam na superfície com ferocidade tal que pareciam determinados a tomar aquela vida de volta. O calor se erguia da areia formando uma onda brilhante, e o ar era tão seco que sugava a umidade de suas gargantas e orifícios nasais.
Jar Jar olhou para o céu, seus olhos levantando e a face anfíbia bicuda enrugando em desânimo. — *Este sol vai matar pele do Gungan* — murmurou.
A um sinal de Qui-Gon, eles começaram a caminhar, ou, no caso de R2, a rolar. Uma estranha caravana de animais e andarilhos, carroças e trenós surgiram contra o horizonte como uma imagem obscura, toda disforme e ameaçando sumir num piscar de olhos. Jar Jar murmurava mais um pouco, mas ninguém prestava atenção.
Eles não haviam ido longe quando um grito os chamou. Duas figuras corriam a seu encontro vindas do transporte. Enquanto se aproximavam, Qui-Gon reconheceu o capitão Panaka e um garota vestida em roupas gastas. Ele parou e aguardou até que fossem alcançados, uma ruga marcando suas feições leoninas.
Panaka suava. — Sua Alteza ordena que leve a aia com você. Ela deseja que Padmé dê seu próprio relatório do que o senhor poderá...

–Chega de comandos de Sua Alteza por hoje, capitão — Qui-Gon interrompeu rapidamente, sacudindo a cabeça negativamente. — Mos Espa não será um lugar agradável para...

–A rainha assim o deseja — Panaka interrompeu imediatamente, com a face

irada e decidida. — Ela é enfática. Deseja saber mais sobre esse planeta.

A garota deu um passo à frente. Seus olhos escuros encontraram os de Qui-Gon. — Fui treinada em defesa pessoal. Falo muitas línguas.
Não tenho medo. Sei me cuidar.
O capitão Panaka suspirou, olhando por sobre os ombros para a nave. — Não me faça voltar e dizer que se recusou.
Qui-Gon hesitou, preparando-se para dizer exatamente isso. Então olhou novamente para Padmé, vendo força em seus olhos e mudou de idéia. Ela poderia ser útil. Viajando com uma moça poderia dar a impressão de serem uma família de passagem, dando uma impressão menos agressiva.
Ele assentiu. — Não tenho tempo para discutir o assunto, capitão. Ainda acho que é uma má idéia, mas ela pode vir. — Ele deu a Padmé um olhar de advertência. — Fique perto de mim.
Ele recomeçou a caminhar, os outros seguindo. O capitão Panaka ficou observando com indisfarçável alívio, enquanto a estranha procissão do Mestre Jedi, aia, Gungan e *dróide* astromecânico mergulhava no cenário abrasador em direção a Mos Espa.

9

Era antes do meio da tarde quando a pequena comitiva comandada por Qui-Gon alcançou Mos Espa e tomou a direção do porto espacial. Mos Espa era grande e comprida parecendo uma serpente se retorcendo na areia, tentando escapar do calor. As construções tinham um formato de abóbadas, com as paredes grossas e curvadas que protegiam da luz solar, sendo que suas tendas e lojas dispunham de toldos e varandas que forneciam alguma sombra aos negociantes. As ruas eram largas e abarrotadas de criaturas de vários formatos e tamanhos, a maioria de outros planetas. Algumas montavam animais do deserto. *Banthas* domesticadas, enormes e chifrudas, e pesados *dewbaks* arrastando carroças, trenós, e vagões de carga que usavam rodas ou que eram rebocadas mecanicamente, em uma mistura de comércio que trafegava entre os pequenos portos de Tatooine e planetas em sistemas distantes.

Qui-Gon manteve a atenção para evitar problemas. Havia Rodians e Dugs, além de outros cujas intenções eram sempre suspeitas. A maioria dos passantes não lhes deu atenção. Um ou dois se viraram para olhar Jar Jar, mas perderam o interesse por ele logo após dar-lhe uma boa olhada. Como um grupo, eles se misturavam bem. Havia tanta combinação de criaturas de todas as espécies que a aparência de um a mais não fazia diferença.

–Tatooine é o lar de Jabba the Hutt, que controla o montante do tráfico de mercadorias ilegais, pirataria e tráfico de escravos que gera a maior parte da riqueza do planeta — Qui-Gon explicava a Padmé. Ele havia estado em Tatooine antes, anos atrás. — Jabba controla os portos e cidades, todas as áreas povoadas. O deserto pertence aos Jawas, que catam no lixo tudo que encontram para vender ou trocar, e aos Tuskens, que são nômades e se sentem no direito de roubar de todos.

O Jedi manteve a voz baixa e em tom de conversa. A moça caminhava silenciosa a seu lado, segurando-lhe o cotovelo, com seus olhos perspicazes assimilando tudo. *Speeders* passaram perto deles, e *dróides* de todos os tamanhos trabalhavam arduamente a serviço de alienígenas em trajes do deserto.

–Também existe um número de fazendas, desempenhando operações

favorecidas pelo clima — fazendas de hidratação na maior parte, operadas por estrangeiros não pertencentes às tribos locais e catadores de lixo, sem ligações diretas com os Hutts. — Seus olhos varreram a rua à frente. — Este é um lugar duro e perigoso. Tem que evitá-la. Seus pequenos portos viraram verdadeiros paraísos para aqueles que não querem ser encontrados.

Padmé olhou para ele. — Como nós — disse.

Uma dupla de *banthas* domesticados descia a avenida larga, com seus corpos peludos abrindo caminho para um trem carregando blocos de pedra e peças de metal, com suas cabeças chifrudas balançando sonolentas e com suas patas fofas espalhando areia e poeira em nuvens grossas a cada passo pesado. Seus condutores iam no topo da primeira carreta, pequenos e insignificantes à sombra dos animais.

Jar Jar Binks ficou o mais próximo que podia do Jedi e da moça, seus olhos se movendo rapidamente para a esquerda e para a direita, a cabeça girando como se fosse girar para fora dos ombros. Nada do que via era familiar ou bem-vindo. Olhares pesados o seguiam. Olhos atentos o mediam por coisas que ele nem imaginaria. Os olhares eram na melhor das hipóteses desafiadores e, na pior, descorteses. Ele não gostava daquele lugar. Ele desejou estar em qualquer outro lugar.

–*Isso muito mal.* — Ele engoliu, sentindo uma secura na garganta causada por algo mais que o calor. — *Nada bom este lugar.*

–Ele deu um passo descuidado e se achou com o tornozelo mergulhado numa poça imunda. — *Oh, ob! Isso gosmento!*

R2-D2 rolava alegremente a seu lado, fazendo *bips* e tagarelando em um esforço inútil de assegurar o Gungan de que tudo ia bem.

Eles caminharam até o final da rua principal e viraram para uma rua lateral que levava a uma pequena praça lotada de traficantes e lojas de sucata. Qui-Gon olhou para os entulhos de peças de motor, painéis de controle e *chips* de comunicação recuperados de naves e *speeders.*

–Vamos primeiro tentar um desses negociantes menores — ele sugeriu, virando a cabeça na direção de um negociante, onde havia uma pilha grande de transportes velhos e peças amontoadas.

Eles passaram através da porta baixa da loja e foram recebidos por uma criatura azul atarracada que voava à frente deles como um sonda descontrolada, as asinhas batendo tão rápido que mal podiam ser vistas .— *Hi chubba da nago?* — disparou, numa voz frisada e gutural, querendo saber o que desejavam.

Um Toydarian, pensou Qui-Gon. Ele sabia o suficiente para reconhecer um, mas

nada mais. — Preciso de peças para um Nubian tipo J 327 — ele informou.
O Toydarian sorriu levemente, deliciado, sua tromba se curvando sobre sua boca dentuça e fazendo estranhos ruídos.

–Ah, claro! Nubian! Temos muitas peças. — Os olhos astutos e redondos corriam de um rosto para outro, parando no Gungan.
–O que é isso?

Jar Jar tremeu de medo atrás de Qui-Gon. — Não importa. — Respondeu o Jedi ignorando a pergunta. — Pode nos ajudar ou não?

–Pode me pagar ou não, essa é a questão! — os braços esqueléticos se cruzaram desafiantes em frente ao torso redondo enquanto o Toydarian os olhava com desdém. — Que tipo de coisa está procurando, fazendeiro?
–Meu *dróide* tem uma lista do que preciso — Qui-Gon o informou dando uma olhada para R2.

Ainda voando a poucos centímetros do chão na frente do nariz de Qui-Gon, o Toydarian olhou por cima do ombro. —
Peedunkel!
Naba de unko!
Um garoto pequeno e desalinhado entrou correndo vindo do quintal, parando incerto. Suas roupas estavam esfarrapadas e grossas de sujeira, e ele tinha a expressão de alguém que estava prestes a ser surrado. Ele recuou quando o Toydarian se voltou e levantou uma mão em advertência.

–Por que demorou tanto?
–*Mel tass cho pas kee* — o menino respondeu rapidamente, seus olhos azuis observando os recém-chegados com uma rápida olhada.
–Eu estava limpando o cesto como pediu.
–*Chut, chu!* — O Toydarian levantou as mãos com raiva. — Esqueça o cesto! Vigie a loja! Tenho uma venda para fazer!

Ele se voltou para os clientes. — Então, deixe-me levá-los lá fora. Logo acharão o que precisam.
Ele se dirigiu para o quintal, acenando ansiosamente para QuiGon. O Jedi seguiu, com R2-D2 truncando atrás. Já Jar foi até uma prateleira e pegou um estranho pedaço de metal, intrigado por sua forma, imaginando o que seria.
–Não toque em nada — disse Qui-Gon por sobre os ombros, o tom de sua

voz era ácido.
Jar Jar largou a peça e fez uma careta pelas costas de Qui- Gon, pondo a língua para fora em desafio. Quando o Jedi estava fora de vista, ele pegou a peça novamente.
Anakin Skywalker não conseguia tirar os olhos da garota. Ele a notou desde o momento em que ela entrou na loja de Watto, antes mesmo de Watto dizer qualquer coisa, e não conseguiu, desde então, tirar os olhos dela. Ele mal ouviu o que Watto lhe disse sobre cuidar da loja. Ele mal notou a estranha criatura que entrou com ela e que estava remexendo na estantes e cestos. Mesmo depois que Padmé notou que ele a observava, ele não conseguiu se controlar.
Ele se mudou para um espaço aberto no balcão, endireitou seu corpo e se sentou observando a moça, enquanto fingia limpar uma célula transmissora. Ela estava olhando para ele agora, o embaraço se transformando em curiosidade. Ela era pequena e esbelta com um longo cabelo castanho trançado, e um rosto que ele achou tão lindo que não havia nada a que pudesse ser comparado. Ela vestia um traje grosseiro de camponesa, mas parecia muito altiva.
Ela lhe deu um sorriso divertido e ele se sentiu derreter em confusão e encantamento. Ele tomou ar. — Você é um anjo? — ele perguntou baixinho.
A garota perguntou. — O quê?

–Um anjo. — Anakin se endireitou um pouco. — Eles vivem nas luas de lego, acho. Eles são as criaturas mais lindas do Universo. Eles são bons e gentis, e tão belos que fazem até os piratas do espaço chorarem como crianças.

Ela olhou confusa. — Nunca ouvi falar de anjos — disse.

–Você deve ser um deles — Anakin insistiu. — Talvez apenas não saiba.
–Você é um garotinho engraçado. — O sorriso divertido voltou.
–Como sabe de tudo isso?

Anakin sorriu e encolheu os ombros. — Eu escuto a todos os mercadores e pilotos que passam por aqui. — Ele voltou os olhos para o quintal. Sabe, eu sou um piloto. Um dia, vou voar para longe desse lugar.
A garota caminhou até uma ponta do balcão, olhou para fora e depois para ele. — Está aqui há muito tempo?

–Desde bem pequeno; três anos, acho. Minha mãe e eu fomos vendidos para Gardulla the Hutt, mas ela nos perdeu para Watto, apostando nas corridas de *Pod*. Watto é um mestre bem melhor, acho.

Ela olhou para ele chocada. — Você é um escravo?
A maneira como ela falou fez Anakin se sentir envergonhado e com raiva. Ele

olhou para ela desafiante. — Eu sou uma pessoa!

–Desculpe — disse ela rapidamente, parecendo aborrecida e atrapalhada. — Não entendo muito bem. Esse é um mundo estranho para mim.

Ele a estudou cuidadosamente por um momento, pensando em outras coisas, querendo contar-lhe a respeito. — Você é uma garota estranha para mim — disse, ao invés disso. Ele balançou as pernas por cima do balcão. — Meu nome é Anakin Skywalker.

Ela mexeu no cabelo. — Padmé Naberrie — disse.

A criatura esquisita que a acompanhava foi até a porta da loja e se curvou diante de um pequeno *dróide* robusto com um nariz em forma de bulbo. Esticando o braço curiosamente, ele empurrou o nariz com um dedo. No mesmo instante, rotores pularam de todas as direções, membros metálicos girando. Os motores do *dróide* zumbiam e chiavam e ele se sacudiu, movendo-se para frente. O companheiro esquisito de Padmé o seguiu, gemendo de temor, tentando agarrá-lo num esforço de deter a máquina, mas o *d»ide* continuou marchando dentro da loja, derrubando tudo que tocava.

–Bata no nariz! — Anakin gritava, rindo incontrolavelmente.

A criatura fez o que ele disse, esmurrando o nariz do *dróide.* O *dróide* parou imediatamente, braços e pernas recolhidas, motores desligados e ficou quieto. Anakin e Padmé estavam rindo agora, e a gargalhada aumentava enquanto olhavam para a expressão na face bicuda da infeliz criatura.

Anakin olhou para Padmé e a garota para ele. O riso morreu. A garota passou a mão no cabelo, mas não desviou o olhar.

–Vou me casar com você! — o garoto disse subitamente.

Houve um momento de silêncio, e ela começou a rir de novo, um som doce e musical com o qual ele não se importava. A criatura que a acompanhava girou os olhos.

–Falo sério — ele insistiu.

–Você é estranho — ela disse, sua risada diminuindo. — Porque diz isso?

Ele hesitou. — Acho que porque é aquilo em que acredito

O sorriso dela era deslumbrante. — Bem, eu acho que não posso me casar com você... — ela parou, procurando se lembrar do nome dele.

–Anakin — ele disse.

–Anakin. — Ela inclinou a cabeça. — Você é só um garotinho.

Seu olhar era intenso quando a fitou. — Não serei para sempre — ele disse

calmamente.
No depósito, Watto estudava a tela de um banco de dados que segurava em uma das mãos, rastreando seu inventário. Qui- Gon, com os braços dobrados sob o poncho, esperava pacientemente — com a unidade R2 a seu lado.

–Ah! aqui está. Um gerador hiperpropulsor T-14! — As asas do Toydarian batiam selvagemente, enquanto ele flutuava em frente do Jedi, com os dedos em forma de garra apontando para a tela. — Você está com sorte. Eu sou o único por aqui com um desses. Mas você faria melhor comprando outra nave. Seria mais barato.
–Falando nisso, como vai pagar por isso, fazendeiro?

Qui-Gon pensou. — Tenho vinte mil *dataries* da República para pagar.
–Créditos republicanos? — Wattto explodiu em repugnância. — Créditos republicanos não valem nada por aqui! Preciso de algo melhor que isso, algo de valor...
O Jedi sacudiu a cabeça. — Não tenho mais nada. — Uma mão se ergueu casualmente em frente ao rosto do Toydarian. — Mas créditos servirão.
–Não, não servirão! — disparou Watto com raiva.
Qui-Gon franziu a testa, então, passou a mão novamente em frente ao rosto da criatura atarracada, trazendo toda a força do poder Jedi de sugestão. — Créditos servirão — repetiu.
Watto olhou com desprezo. — Não, não servirão! — repetiu. — O que pensa estar fazendo, balançando sua mão assim? Pensa que é algum tipo de Jedi? Sou um Toydarian! Truques com a mente não funcionam comigo — só dinheiro! Sem dinheiro, sem peças, sem negócio! E ninguém mais tem um gerador hiperpropulsor T-14, eu posso assegurar!
Mortificado, Qui-Gon retornou à loja, a unidade R2 o seguia. O Toydarian gritou para que eles voltassem somente quando tivessem algo valioso para efetuar o pagamento, ainda xingando o Mestre Jedi por lhe haver oferecido créditos republicanos. Qui- Gon entrou na loja no momento que Jar Jar puxava uma peça de uma pilha grande e fez o arranjo inteiro cair no chão. Seus esforços para consertar o estrago causaram um segundo acidente. O garoto e a aia da rainha estavam entretidos numa discussão e não prestavam atenção ao Gungan.
–Vamos embora — Qui-Gon anunciou para a garota, indo para a entrada da loja, a unidade R2 rodando atrás.
Jar Jar foi rápido em segui-lo, ansioso por escapar de sua última trapalhada. Padmé deu um sorriso carinhoso ao garoto. — Foi um prazer conhecê-la, Anakin — disse ela, seguindo-os.

–Foi um prazer conhecê-la também — ele disse, sua voz demonstrando relutância.

Watto entrou voando vindo do pátio de estocagem, sacudindo a cabeça em repugnância. — Estrangeiros! Pensam que, porque moramos longe de tudo, não sabemos nada!

Anakin estava imóvel olhando com saudade para Padmé, seu olhar fixado na porta vazia. — Eles pareceram gentis.

Watto bufou e voou para a sua frente. — Limpe essa bagunça e, então, pode ir para casa!

Anakin se iluminou, deu um pequeno sorriso e voltou rapidamente ao trabalho.

* * *

Qui-Gon levou suas companhias de volta através da pequena praça com as lojas de sucata em direção à avenida principal. Num ponto onde dois edifícios se dividiam, formando um local adequado, o Jedi afastou todos e puxou seu *comlink* de baixo de seu poncho. Padmé e a unidade R2 esperavam pacientemente, mas Jar Jar perambulava no local como se preso, os olhos fixos nervosamente na rua movimentada.

Obi-Wan respondeu ao pulso do *comlink,* Qui-Gon rapidamente o informou a situação. — Tem certeza de que não existe nada de valor na nave? — ele perguntou.

Houve uma pausa do outro lado. — Alguns contêineres com comida, o guarda-roupa da rainha, algumas jóias, talvez. Não o suficiente para você negociar. Não na quantidade que está pedindo.

–Tudo bem — respondeu Qui-Gon franzindo o rosto. — Outra solução se apresentará. Vou checar novamente.

Ele guardou o *comlink* embaixo do poncho e fez um sinal para os outros. Ele ia na direção da rua principal novamente quando Jar Jar o agarrou pelo braço.

–De novo não, senhor — pediu o Gungan. — As pessoas aqui loucas. Nós ser roubados e triturados!

–Não é provável — respondeu Qui-Gon com um suspiro, soltando-se. Não temos nada de valor, esse é o problema.

Eles continuaram descendo a rua, Qui-Gon pensando no que fariam agora. Padmé e R2-D2 ficaram juntos enquanto atravessavam por entre a multidão, mas Jar Jar começou a ficar para trás, distraído com os aromas e novidades. Eles passaram em frente a um café, cujas mesas estavam ocupadas por um grupo de alienígenas de aparência rude, entre eles um Dug contando vantagem sobre as corridas de *Pod.*

Jar Jar correu para alcançar os companheiros, mas foi distraído por um cordão de sapos pendurados por um fio em frente a uma tenda próxima. O Gungan reduziu a velocidade, com a boca salivando. Ele não comia nada a algum tempo, então, desdobrou sua língua comprida e pegou um dos sapos. O sapo desapareceu na boca de Jar Jar num piscar de olhos.
Infelizmente, o sapo ainda estava preso ao fio. Jaz Jar ficou lá parado, o fio pendurado em sua boca, incapaz de se mover.
O vendedor responsável pela tenda saiu. — Ei, isso vai custar sete *truguts!*
Jar Jar lançou um olhar desesperado para a rua, em busca de seus companheiros, mas eles já estavam fora do alcance. Desesperado, ele largou o sapo, que pulou de sua boca como se estivesse nocauteado, dependurado pelo fio. Ele se sacudiu, soltando-se finalmente e indo direto para a sopa do Dug, espirrando o líquido gosmento sobre ele.
O Dug se colocou de pé num pulo, furioso, avistando o infeliz Jar Jar enquanto tentava fugir do vendedor de sapos. Saltando de quatro por sobre a mesa, ele estava sobre o Gungan num segundo, agarrando-o pelo pescoço.

–*Chubba!* Você! — Rosnava o Dug através da tromba comprida.
–Isso é seu?

O Dug esfregou o sapo ameaçadoramente na face do Gungan.
Jar Jar não conseguia falar, tentando ganhar fôlego, lutando para se soltar. Outras criaturas se aproximaram rodeando, entre eles, alguns Rodians. O Dug empurrou Jar Jar para o chão, gritando com ele, pairando sobre ele, humilhando-o.
Desesperado, o Gungan tentava ganhar liberdade.
–*Não, não* — ele gemia queixoso enquanto buscava um jeito de escapar. — *Por que mim sempre.?* — Porque você tem medo — respondeu uma voz calma.
Anakin Skywalker abriu caminho por entre a multidão, parando na frente do Dug. O garoto parecia não temer a criatura, sem se intimidar com os olhares frios da multidão, firmemente decidido. Ele deu ao Dug um olhar, avaliando-o.
— *Chess ka,* Sebulba — ele disse. — Cuidado. Esse aí é bem-relacionado.
Sebulba se virou para encarar o garoto, sua face cruel se retorcendo em desprezo assim que avistou o recém-chegado. — *Tooneji rana dunko,shag?* — ele disparou, exigindo saber o que o garoto queria dizer.
Anakin encolheu os ombros. — Bem-relacionado, como em Hutts.
–Os olhos azuis estavam fixos no Dug, notando uma faísca de medo na face do outro. — Muito bem conectado, este aqui,
Sebulba. E eu odiaria te ver cortado em cubos antes de correrm os novamente.

O Dug cuspiu furioso. — *Neek me chawa!* Da próxima vez que corrermos, *wermo,* será seu fim! — ele gesticulou violentamente. — *Uto notu u wo sbag!* Se você não fosse um escravo, eu o amassaria aqui e agora!
Lançando um último olhar a Jar Jar, Sebulba se retirou, levando consigo seus companheiros de volta para a sua mesa com comida e bebida. Anakin se dirigiu para o Gungan. — E, seria uma pena se você tivesse que pagar por mim — disse suavemente.
Ele ainda estava ajudando Jar Jar a se levantar quando Qui- Gon, Padmé, e R2-D2, voltavam correndo por entre a multidão, após darem pela falta do Gungan.

> –Oi. — Cumprimentou alegremente, feliz por rever Padmé tão cedo. — Seu amiguinho aqui estava prestes a virar suco. Ele puxou uma briga com um Dug. Um Dug perigoso.
> –*Não senhor, não senhor!* — insistia o Gungan aflito, espanando poeira e areia. — *Mim odiar briga. Isto p última coisa que mim quer.* Qui-Gon lançou um olhar para Jar Jar, depois para a multidão, tomando o Gungan pelo braço. — Mesmo assim, o garoto te salvou de apanhar. Você tem tendência de se meter em encrencas, Jar Jar. — Ele acenou para Anakin. — Obrigado, meu jovem amigo.

Padmé dirigiu um olhar caloroso a Anakin e o garoto se sentiu enrubescer de orgulho.

> –*Mim fazer nada!* — insistia Jar Jar, ainda tentando se defender, com suas mãos gesticulando para enfatizar.
> –Você tem medo — disse o garoto, fitando solene a face comprida. — O medo atrai aquilo que se teme. Sebulba estava tentando superar o medo machucando você. — Ele inclinou a cabeça para o Gungan.
> –Você pode se ajudar tendo menos medo.
> –E isso funciona com você? — Padmé perguntou sem acreditar, dirigindo-lhe um olhar torto.

Anakin sorriu e encolheu os ombros. — Bem... até certo ponto.
Ansioso por passar o maior tempo possível com a garota, ele convenceu o grupo a segui-la até uma barraca de frutas, um negócio montado em ruínas formado provisoriamente por uma tenda esfarrapada apoiada sobre estacas inclinadas. Havia, em exposição, caixas com frutas coloridas arrumadas sobre uma rampa virada para a rua.
Uma senhora grisalha e curvada, vestindo roupas simples e usadas, se ergueu de

um banquinho para saudá-los.

–Com está se sentindo hoje, Jira? — perguntou Anakin, dando-lhe um rápido abraço.

A senhora sorriu. — Como sabe, o calor nunca foi gentil comigo.

–Advinhe! — respondeu rapidamente o garoto, sorridente. — Achei a unidade de resfriamento que estava procurando . Está bem estragada, mas eu a consertarei para você num instante, eu prometo. Acho que vai ajudar.

Jira extendeu o braço e tocou a bochecha rosada dele com a mão enrugada, o sorriso se ampliando. — Você é um bom garoto, Annie.

Anakin recebeu o elogio e começou a olhar as frutas. — Vou levar quatro *pallies*, Jira. Ele olhou para Padmé ansiosamente. — Você vai gostar deles.

Ele procurou no bolso os *truguts* que vinha juntando, mas, quando os retirou para pagar, um deles caiu no chão. O fazendeiro, parado a seu lado, se curvou para pegá-lo. Assim que o fez, o poncho se abriu, permitindo ao garoto ver o sabre de luz que trazia à cintura. Os olhos do menino se arregalaram, mas ele disfarçou a surpresa prestando atenção nas moedas. Ele só tinha três, descobriu.

— Opa! pensei que tinha mais — disse sem olhar para cima. — Dê-me três *pallies*, Jira. Não estou com tanta fome.

A senhora deu os *pallies* a Qui-Gon, Padmé e Jar Jar, pegando as moedas. Uma corrente de vento varreu a rua, balançando as estacas e fazendo a barraca chacoalhar. Uma segundo golpe de ar e, de repente, havia poeira voando em todas as direções. Jira esfregou os braços com as mãos ásperas. — Meu Deus! meus
ossos estão arqueando. Vem por aí uma tempestade, Annie. Melhor você ir para casa rápido.

O vento soprava bruscamente fazendo voar areia e entulhos. Anakin olhou para o céu, depois, para Qui-Gon. — Vocês têm abrigo? - perguntou.

O Mestre Jedi assentiu. — Voltaremos para nossa nave, obrigado novamente por...

–Sua nave está longe? — interrompeu o apressado garoto. Em volta deles, vendedores fechavam portas e janelas, carregando mercadorias e produtos para dentro, cobrindo caixas e expositores.

–Está nos arredores da cidade — respondeu Padmé, tentando se livrar dos golpes de areia.

Anakin lhe tomou a mão rapidamente, puxando-a. — Vocês nunca chegarão lá a tempo. As tempestades de areia são muito, muito perigosas. Venham comigo. Podem esperar em minha casa. Não é longe. Minha mãe não se importará.

Rápido!
Com o vento uivando ao redor e o ar formando nuvens de poeira, Anakin Skywalker gritou até logo para Jira e levou o grupo recém-adotado pela rua.
Nos arredores de Mos Espa, Obi-Wan Kenobi estava de pé próximo ao nariz do Nubian enquanto o vento ganhava força, chicoteando seu manto e varrendo toda a expansão do deserto de Tatooine.
Seus olhos preocupados observavam Mos Espa a distância, enquanto a cidade começava a desaparecer atrás de uma cortina de areia. Ele se voltou quando o capitão Panaka desceu a rampa da nave para se juntar a ele.

> –Essa tempestade vai atrasá-los — observou o Jedi apreensivo. Panaka assentiu. — Parece bem ruim. Melhor selarmos a nave antes que a situação piore.

O eomlink do capitão deu um sinal. Panaka puxou o comunicador do cinto. — Sim?
Ouviram, então, a voz de Ric Olié. — Estamos recebendo uma mensagem de casa.
Panaka e Obi-Wan se entreolharam. — Já vamos. — Disse o capitão.
Eles subiram a rampa rapidamente, fechando-a atrás de si. A transmissão havia sido recebida nos aposentos da rainha. Sob a orientação de Ric Olié, encontraram a rainha e as aias Eirtaé e Rabé assistindo a um holograma tremido de Sio Bibble cuja voz estava sendo interrompida pela transmissão.
—...cortaram todo o suprimento de comida até seu retorno... índice de mortalidade aumentando, catástrofes... temos que obedecer, Alteza...

> –A voz e a imagem de Sio Bibble desapareceram. A rainha fitava o espaço vazio com a face perturbada. Suas mãos se moviam calmamente no colo, traindo o nervosismo que não conseguia esconder.

Seu olhar se voltou para Obi-Wan. O Jedi sacudiu a cabeça rapidamente. — E um truque. Não envie nenhuma resposta, Alteza. Não envie nenhum tipo de transmissão.
A rainha olhou para ele em dúvida por um momento e, então, concordou com a cabeça. Obi-Wan deixou seus aposentos sem mais comentários, desejando ardentemente ter tomado a decisão correta.

10

A tempestade de areia rasgava as ruas de Mos Espa com um vento cortante que rasgava as roupas e deixava a pele à mostra com força implacável. Anakin segurava a mão de Padmé para não perdê-la, com o fazendeiro, a criatura anfíbia e a unidade R2 seguindo atrás, todos lutando para chegar à casa de Anakin enquanto ainda havia tempo. Outros visitantes e moradores passavam por eles, também lutando, as cabeças baixas, os rostos cobertos, os corpos curvados como se levassem o peso da idade. Em algum lugar a distância, um *eopie* mugia assustado.

A luz havia adotado uma tonalidade incomum de amarelo acinzentado, obscurecida pela areia e pelas partículas de pó, e os prédios da cidade desapareciam em uma profunda e impenetrável neblina.

Mesmo enquanto lutava através da tempestade, os pensamentos de Anakin estavam voltados para outra coisa. Ele pensava em Padmé, na chance de levá-la para conhecer sua mãe e de poder lhe mostrar seus projetos, segurando suas mãos um pouco mais. Isso lhe provocou uma sensação pelo corpo que era ao mesmo tempo gostosa e amedrontadora. Aquilo o fez se sentir bem. Ele também pensava no fazendeiro — se era aquilo mesmo que ele era, algo que Anakin estava certo de que não. Ele carregava um sabre de luz, e só Jedi carregavam sabres de luz. Era demais esperar que um Jedi de verdade fosse a sua casa visitá-la. Mas o instinto de Anakin lhe dizia que estava certo, e que algo misterioso e excitante havia trazido aquele pequeno grupo até ele. Por último, ele pensava em seus sonhos e nas esperanças para ele e sua mãe, pensando que, talvez algo maravilhoso aconteceria desse encontro inesperado, algo que mudaria sua vida para sempre.

Eles chegaram aos aposentos dos escravos, uma coleção de choupanas montadas umas sobre as outras lembrando formigueiros, cada conjunto interligado por paredes comuns e por escadarias, e a praça em frente quase vazia enquanto o vento chicoteava os passantes. Anakin levou seus protegidos através da escuridão até a porta da frente de sua casa e entrou.

–Mãe, mãe! cheguei! — ele chamava excitado.

As paredes eram de tijolo, esbranquiçadas e polidas, com um brilho fosco em meio à luz escurecida da tempestade que entrava pelas janelas em forma de arco.

Eles pararam no aposento principal, um pequeno espaço dominado por uma mesa e cadeiras. Uma cozinha ocupava um lado da parede e uma área para trabalhos ocupava o outro.
Aberturas levavam a recantos menores e aos quartos de dormir. Do lado de fora, o vento batia as portas e janelas, levantando camadas do revestimento da superfície dos muros.
Jar Jar Binks olhava em volta num misto de alívio e surpresa. — *Isso aconchegante* — murmurou.
A mãe de Anakin entrou passando as mãos no vestido. Vinha de uma área de trabalho localizada do outro lado da casa. Era uma mulher de quarenta anos, o cabelo castanho comprido puxado para trás de seu rosto envelhecido, as roupas simples. Ela havia sido bonita e Anakin diria que ainda o era, mas o tempo e as exigências da vida a desgastavam. O sorriso era caloroso e jovial enquanto saudava o filho, mas desapareceu quando avistou as pessoas atrás de Anakin.

–Oh! — ela exclamou suavemente, olhando incerta para cada rosto. — Annie, o que é isso?

Anakin se iluminou. — São meus amigos, mãe. — Ele sorriu para Padmé. — Esta é Padmé Naberrie. E este é... — Ele parou. — Xi, acho que não sei o nome de vocês — admitiu.
Qui-Gon deu um passo. — Sou Qui-Gon e este é Jar Jar Binks. — Ele apontou o Gungan, que fez um gesto nervoso com as mãos. A unidade R2 fez um *bip.*

–E nosso *dróide,* Erredois-Dêdois — completou Padmé — Estou construindo um *dróide* — Anakin anunciou rapidamente, ansioso por mostrar seu projeto a Padmé. — Quer ver?
–Anakin! — a voz de sua mãe o deteve. Seu rosto decidido. — Anakin, por que eles estão aqui?

Ele olhou para a mãe confuso. — Há uma tempestade, mãe. Ouça. Ela olhou para a porta e, então, foi à janela. O vento zunia: um rio de areia e partículas.

–Seu filho foi gentil nos oferecendo abrigo — explicou Qui-Gon.
–Nos conhecemos na loja onde ele trabalha.
–Venha! — insistiu Anakin, tomando Padmé pela mão. — Deixe- me mostrar meu *dróide.*

Ele levou Padmé para seu quarto, começando uma explicação detalhada sobre o que estava fazendo. A garota seguiu sem argumentar, ouvindo interessada. R2-D2 os acompanhou, fazendo *bips* em resposta às palavras do menino.

Jar Jar ficou onde estava, olhando em volta, parecendo querer que alguém lhe dissesse o que fazer. Qui-Gon permaneceu olhando para a mãe do garoto num silêncio desconfortável. Grãos de areia batiam no vidro grosso das janelas com um som rápido e oco.

–Sou Shmi Skywalker — ela disse, estendendo a mão. — Anakin e eu estamos felizes em tê-los como hóspedes.

Qui-Gon já havia analisado a situação e determinado o que era necessário. Ele pôs a mão por baixo do poncho e tirou cinco cápsulas pequenas de uma bolsa no cinto. — Sei que isso é inesperado. Pegue.

Há o suficiente para uma refeição.

Ela aceitou as cápsulas. — Obrigada. — Seus olhos levantaram e baixaram novamente. — Muito obrigada. Desculpe se fui rude. Eu acho que nunca me acostumarei às surpresas de Anakin.

–Ele é um garoto muito especial — disse Qui-Gon.

Os olhos de Shmi se ergueram novamente e o olhar que dirigiu a Qui-Gon sugeria que eles dividiam um importante segredo.

–Sim — ela disse suavemente — Eu sei.

Em seu quarto, Anakin estava mostrando C-3PO a Padmé. O *dróide* estava sobre a tábua de trabalho, desativado naquele momento porque o menino estava trabalhando em sua pele de metal. Ele havia completado a fiação interna, mas o dorso, braços e pernas ainda estavam descobertas. Um olho estava fora da cabeça também, caído no canto onde o menino havia deixado na noite anterior, depois de acoplar o refrator visual.

Padmé se inclinou sobre seu ombro, examinando o *dróide* cuidadosamente.

–Ele não é ótimo? — Anakin perguntou ansioso para saber a reação dela.

— Ainda não está pronto, mas estará logo.

–Ele é maravilhoso — a garota respondeu verdadeiramente impressionada.

O garoto enrubesceu orgulhoso. — Gosta mesmo dele? Ele é um *dróide* de protocolo... para ajudar minha mãe. Veja!

Ele ativou C-3PO com um toque em seu botão e o *dróide* se sentou imediatamente. Anakin procurava em sua mesa apressado pelo olho que faltava, encaixando-o no lugar certo. C-3PO olhou para eles. — Como vai? Sou um *dróide* de protocolo treinado e adaptado a aspectos robóticas... tradições e...

–Opa! — disse Anakin rapidamente — ele está um pouco confuso. Ele pegou uma ferramenta longa com um designador eletrônico e o encaixou cuidadosamente em um setor da cabeça de C-3PO, então, atarraxou com a

ferramenta, checando o ajuste. Quando estava como queria, ele puxou um botão. C-3PO balançou várias vezes em resposta. Quando Anakin removeu o designador, o *dróide* ficou de pé na mesa e olhou para Padmé.

–Como vai? Sou Ce-Trêspeo, relações humano-cyborg. Em que posso servir?

Anakin encolheu os ombros. — Eu o dei um nome outro dia, mas me esqueci de codificá-la em seu banco de memória para que ele pudesse se apresentar sozinho.

Padmé sorriu para Anakin deliciada. — Ele é perfeito!

R2-D2 se aproximou emitindo uma série de *bips; clicks* e assobios. C-3PO olhou para ele curiosamente. — Perdão... como disse, estou pelado?

R2-D2 fez um *bip* de novo.

–Nossa mãe! Que vergonha! — C-3PO olhou rapidamente para seus membros expostos. — Minhas partes estão aparecendo? Nossa mãe!

Anakin apertou os lábios. — Mais ou menos. Mas não se preocupe, vou consertar isso logo. — Ele colocou o *dróide* deitado na mesa, olhando para Padmé por cima dos ombros. — Quando a tempestade acabar, você vai ver meu carro de corrida. Estou construindo um carro de *Pod.* Mas Watto não sabe. E segredo. Padmé sorriu. — Tudo bem. Sou muito boa em guardar segredos. A tempestade continuou pelo resto do dia, engolindo Mos Espa, a areia vinda do deserto se empilhava contra os prédios fechados, formando rampas contra as portas e muros, escurecendo o ar e impedindo a luz. Shmi Skywalker usou as cápsulas alimentares oferecidas por Qui-Gon para o jantar. Enquanto preparava a refeição e enquanto Padmé estava com Anakin no quarto, Qui-Gon se moveu para um canto de onde ligou para Obi-Wan de seu *comlink.* A conexão estava ruim, mas conseguiram comunicação suficiente para que o Mestre Jedi soubesse da transmissão recebida de Naboo.

–Você tomou a decisão correta, Obi-Wan — ele garantiu a seu jovem pupilo, mantendo a voz baixa.

–A rainha está muito aborrecida — o outro informou, e sua resposta foi ouvida em meio à tempestade.

Qui-Gon olhou para onde Shmi estava de costas, cozinhando. — Aquela transmissão teve a intenção de nos rastrear. Tenho certeza.

–Mas... e se o governador Bibble estiver dizendo a verdade e o povo Naboo estiver morrendo?

Qui-Gon suspirou. — De qualquer forma, temos pouco tempo — ele disse

baixinho e concluiu a transmissão.
Eles se sentaram para comer um pouco depois, a tempestade uivando sem cessar, emoldurando sinistramente o silêncio dentro da casa. Qui-Gon e Padmé ocuparam as pontas da mesa, enquanto Anakin, Jar Jar e Shmi se sentaram aos lados. Anakin, como todo garoto pequeno, começou a contar sobre sua vida como escravo, sem se sentir envergonhado disso, enxergando aquilo apenas como um fato de sua vida que estava ansioso para compartilhar como os novos amigos.
Shmi, mais defensiva sobre a situação do filho, tentava expressar aos convidados a gravidade de sua situação.

–Todos os escravos possuem transmissores dentro do corpo — Shmi explicava.
–Tenho trabalhado num *scanner* para tentar achá-los, mas até agora nada — disse Anakin solenemente.

Shmi sorriu. — Qualquer tentativa de fuga...
–...e eles te explodem! — concluiu o menino. — Pou!
Jar Jar havia se mantido satisfeito tomando sua sopa, sem prestar muita atenção na conversa enquanto devorava o alimento delicioso.
Ele ouviu o que o menino disse e fez um barulho tão alto que a conversa parou. De repente, todos os olhos se voltaram para ele. Ele baixou a cabeça envergonhado e fingiu não perceber.
Padmé se voltou para Shmi. — Não posso acreditar que ainda se permite escravidão nesta galáxia. As leis antiescravocratas da República deviam...
–A República não existe por aqui — interrompeu Shmi rapidamente, com a voz dura. — Temos que sobreviver por nossa conta.
Houve um silêncio desconfortável enquanto Padmé olhava para outro lado, sem saber o que dizer.
–Você já viu uma corrida de *Pod?* — perguntou Anakin, tentando aliviar seu desconforto.
Padmé fez que não. Ela lançou um olhar para Shmi, notando a súbita preocupação no rosto marcado. Jar Jar lançou a língua para um bocado de comida no fundo da panela no outro lado da mesa, agilmente puxando-o para fora, arrastando para si, engolindo-o e fazendo barulhinhos com o lábio — satisfeito. Um olhar reprovador de Qui-Gon o silenciou.
–Eles tem corridas de *Pod* em Malastare — observou o Mestre Jedi. — Muita velocidade, muito perigo.
Anakin sorriu — Sou o único humano que faz isso! — um olhar duro de sua mãe

varreu o sorriso de sua face. — Mãe, o que foi? Não estou contando vantagem. E verdade! Watto diz que nunca soube de um humano que fizesse isso.
Qui-Gon o estudou cuidadosamente. — Se pilota *Pods*, você deve ter reflexos de Jedi.
Anakin sorriu largamente ao elogio. A língua de Jar Jar já estava se voltando para a panela numa tentativa de pegar outro pedaço, mas desta vez Qui-Gon estava esperando. Sua mão se moveu rápido e, num piscar de olhos, ele havia segurado a língua de Jar Jar entre o polegar e o indicador. Jar Jar congelou, sua boca aberta, sua língua esticada e os olhos arregalados.

–Não faça isso de novo — Qui-Gon aconselhou com um tom ameaçador em sua voz suave.

Jar Jar tentou dizer algo, mas o que saiu foi um murmúrio ininteligível. Qui-Gon soltou a língua do Gungan, que a pôs de volta no lugar. Jar Jar massageou magoado sua boca bicuda.
Anakin ergueu sua face jovem para o homem mais velho e disse com a voz hesitante. — Você é um Cavaleiro Jedi, não é? Houve um longo silêncio enquanto os dois se encaravam. — O que o faz pensar assim? — perguntou Qui-Gon finalmente. Anakin engoliu. — Vi seu sabre de luz. Só Cavaleiros Jedi carregam esse tipo de arma.
Qui-Gon continuou a fitá-la, então, se encostou de volta em sua cadeira e sorriu. — Talvez eu tenha matado um Jedi e roubado dele.
Anakin balançou a cabeça. — Não acho, ninguém pode matar um Jedi.
O sorriso de Qui-Gon desapareceu e havia tristeza em seus olhos escuros. — Gostaria que fosse assim...

–Sonhei que era um Jedi — disparou o menino, ansioso para falar sobre o assunto. — Eu voltei para cá e libertei todos os escravos. Tive esse sonho há poucos dias, quando estava no deserto. — Fez uma pausa com sua face jovem ansiosa. — Você veio nos salvar?

Shmi ia dizer algo, talvez ralhar com o filho por sua ousadia, mas Qui-Gon falou antes, debruçando-se sobre ele, em tom conspiratório.

–Posso ver que você não é nada bobo, Anakin. Mas você não pode contar a ninguém sobre nós. Estamos a caminho de Coruscant, o sistema central da República, numa missão muito importante. E secreta.

Os olhos de Anakin se arregalaram. — Coruscant? Uau! Como acabou neste fim de mundo?

–Nossa nave foi danificada. — Respondeu Padmé. — Estamos presos aqui até consertá-la.

–Eu posso ajudar! — exclamou o menino, ansioso por ajudá-los.

–Posso consertar qualquer coisa!

Qui-Gon sorriu de seu entusiasmo. — Acredito que pode, mas nossa principal tarefa, como viu em nossa visita a Watto, é achar as peças de que precisamos.
Padmé olhava para Qui-Gon especulativamente. — Esses negociantes de sucata devem possuir alguma fraqueza.

–Jogo — disse Shmi imediatamente. Ela levantou e começou a limpar a mesa. — Tudo em Mos Espa circula em volta das apostas naquelas horríveis corridas de *Pod.*

Qui-Gon levantou, indo até a janela, e olhou para fora através do vidro difuso. — Corridas de *Pod* — murmurou. — A cobiça pode ser uma grande aliada, se usada corretamente.
Anakin se levantou de um salto. — Eu construí um carro! — declarou triunfante. Sua face de garoto brilhava orgulhosa. — E o mais rápido que já existiu! Haverá uma corrida depois de amanhã em Boonta Eve. Você pode usar meu *Pod!* Está quase pronto.

–Anakin, se acalme! — repreendeu a mãe, interrompendo-o. Os olhos dela estavam preocupados. — Watto não vai deixá-la correr!

–Watto não tem que saber que o carro é meu! — replicou o garoto, sua mente resolvendo o problema. Voltando-se para Qui-

Gon — você pode fazer com que pense que o *Pod* é seu! Você pode fazer Watto me deixar pilotar para você!
O Mestre Jedi tinha captado os olhos de Shmi. Ele encontrou o olhar dela que, silenciosamente, expressava preocupação e esperou paciente por sua resposta.

–Não quero que corra, Annie. — Ela disse baixinho, sacudindo a cabeça para enfatizar suas palavras. — E horrível. Eu morro cada vez que Watto manda você fazer isso. Todas as vezes.

Anakin mordeu os lábios. — Mas, mãe, eu adoro! — Ele gesticulou para Qui-Gon. — E eles precisam da minha ajuda. Estão com problemas. O dinheiro do prêmio vai ser mais que suficiente para pagar as peças que precisam.
Jar Jar assentiu em apoio. — *Nós estar na encrenca.*
Qui-Gon caminhou até Anakin e o fitou. — Sua mãe está certa. Vamos nos esquecer do assunto. — Ele manteve o olhar em Anakin por alguns momentos, então, se voltou para a mãe do menino. — Sabe de algum simpatizante da República que possa nos ajudar?
Shmi ficou em silêncio, imóvel como se pensando no assunto. Então balançou a cabeça em negativa.

–Temos que ajudá-los, mãe — insistiu Anakin, sabendo estar com razão e que ele estava destinado a ajudar o Jedi e seus amigos. — Lembra-se do que disse? Você disse que o maior problema do Universo é que ninguém se ajuda.

Shmi suspirou. — Anakin, não...

–Mas você disse, mãe. — O garoto se recusava a recuar, mantendo os olhos fixos na mãe.

Shmi Skywalker não disse nada desta vez: a testa franzida e o corpo imóvel.

–Tenho certeza de que Qui-Gon não quer colocar seu filho em perigo. — Interrompeu Padmé repentinamente, sentindo-se desconfortável com o confronto entre mãe e filho e tentando suavizar a tensão. — Acharemos outra forma...

Shmi olhou para a moça e sacudiu a cabeça vagarosamente. — Não, Annie está certo. Não há outro jeito. Posso não gostar disso, mas ele pode ajudar vocês. — Ela parou. — Talvez ele esteja destinado a ajudá-los.

Ela disse aquilo como se fosse algo que havia sido até então um mistério para ela, como se descobrisse uma verdade que, apesar de dolorosa, era óbvia.

A face de Anakin se iluminou. — Isso é um sim? — Ele bateu palmas de alegria. — Isso é um sim!

A noite cobria o céu de Coruscant, vestindo o horizonte sem fim em espirais de veludo negro. Luzes brilhavam das janelas, como pontos brilhantes contra o negro. Até onde a vista alcançava, até o ponto onde uma criatura podia viajar, os edifícios da cidade saltavam como agulhas de liga de metal e vidros refletores. Tempos atrás, a cidade havia consumido o planeta com seu tamanho e, agora, havia apenas uma cidade — o centro da galáxia, o coração do poder da República.

Um poder que alguns queriam acabar de uma vez por todas. Um poder que alguns desprezavam.

Darth Sidious estava de pé no alto de uma sacada com vista para Coruscant, seu manto negro fazendo-o parecer uma criatura da noite. Ele ficou olhando a cidade, os olhos dirigidos para as luzes e para o movimento calmo do tráfego aéreo, sem prestar atenção ao aprendiz a seu lado, Darth Maul.

Seus pensamentos estavam na história do Sith e sua Ordem.

O Sith surgira quase dois mil anos atrás. Eles eram um culto ao lado negro da Força, acatando totalmente o conceito de que poder negado é poder desperdiçado. Um Cavaleiro Jedi trapaceiro fundou o Sith, ele foi um dissidente de uma Ordem harmoniosa de seguidores, um rebelde que entendeu imediatamente que o real poder da Força não estava na luz, mas na escuridão. Sem sucesso em suas tentativas de obter apoio do Conselho, ele quebrou a

Ordem, saindo com suas habilidades e conhecimentos, jurando em silêncio que derrotaria aqueles que o rejeitaram.
Ele estava sozinho no início, mas outros da Ordem Jedi que acreditavam nele o seguiram em seus estudos sobre o lado negro da Força. Outros foram recrutados e, logo, o número de participantes do grupo aumentou para mais de cinqüenta. Desprezando o conceito de cooperação e consenso e baseados na crença de que aquisição de poder de qualquer forma gera mais força e controle, os Sith passaram a construir seu culto em oposição aos Jedi. Sua Ordem não foi criada para servir; sua Ordem foi feita para dominar.
A luta contra os Jedi era uma vingança feroz e predestinada. O Jedi trapaceiro que fundou a Ordem dos Sith era considerado como seu líder, mas sua ambição excluiu quaisquer divisões de poder. Seus discípulos passaram a conspirar entre si e contra ele praticamente desde o início, provocando guerras instigadas não somente entre os membros do grupo com também contra seu líder.
No final, os Sith se destruíram. Destruíram primeiro seu líder, depois cada membro. Os poucos que sobraram do banho de sangue eram rapidamente eliminados por Jedi. Em questão de semanas, todos estavam mortos.
Todos menos um.
Darth Maul mudou de posição impaciente. O Sith mais jovem ainda não havia aprendido a paciência de seu Mestre; isso viria com o tempo e treinamento. Foi a paciência que salvou a Ordem Sith no final. Era a paciência que lhes daria a vitória final sobre os
Jedi.
O Sith que sobreviveu quando todos os outros morreram entendeu isso. Ele adotou a paciência como uma virtude quando outros a abandonaram. Ele havia adotado astúcia, segredo e subterfúgio como fundamentos próprios — virtudes Jedi antigas que os outros desprezaram. Ele ficou de lado, enquanto os Sith se dividiram e foram destruídos. Quando a carnificina terminou, ele aguardou escondido, ganhando tempo e esperando por sua chance.
Quando se pensava que todos os Sith estavam destruídos, ele emergiu de seu esconderijo. No começo, trabalhou sozinho, mas estava envelhecendo e era o último Sith. Eventualmente, saiu em busca de um aprendiz. Tendo encontrado um, ele o treinou para ser um Mestre e, mais tarde, encontrar um aprendiz, dando continuidade assim a seu trabalho. Mas somente deveria haver dois de cada vez. Não seriam repetidos os mesmos erros da Ordem antiga, não haveria lutas entre Siths pelo poder dentro do culto. Seus inimigos comuns eram os Jedi, não um ao outro. Era por causa de sua guerra contra os Jedi que precisavam viver.
O Sith que reinventou a Ordem se autodenominava Darth Bane. Mil anos haviam se passado desde que os Sith foram dados como destruídos e o tempo

que vinham esperando havia finalmente chegado.

–Tatooine é pouco habitado. — A voz dura de seu aluno interrompeu seus pensamentos, e Darth Sidious ergueu os olhos para o holograma. — Os Hutts governam. A República não está presente.

Se a pista está correta, Mestre, eu os encontrarei rapidamente e sem impedimentos.

Os olhos amarelos brilharam em excitamento e antecipação em meio ao estranho mosaico na face de Darth Maul enquanto aguardava impacientemente por uma resposta. Darth Sidious estava satisfeito.

–Ataque os Jedi primeiro — disse suavemente, — então, não terá nenhuma dificuldade em trazer a rainha de volta a Naboo, onde assinará o tratado.

Darth Maul exalou secamente. A satisfação clara em sua voz. — Finalmente, vamos nos revelar aos Jedi. Finalmente, nos vingaremos.

–Você foi bem treinado, meu jovem aprendiz — Darth Sidious acalmou. — Os Jedi não serão adversários à sua altura. E muito tarde para nos deterem agora. Tudo está saindo conforme o planejado. A República logo estará sob meu controle.

No silêncio que se seguiu, o Sith Lord podia sentir um calor negro levantar-se dentro de seu peito, consumindo-o com um prazer feroz.

Na casa de Anakin Skywalker, Qui-Gon Jinn estava parado silenciosamente à porta do quarto do menino observando-o dormir. Sua mãe e Padmé ocupavam o outro quarto, e Jar Jar Binks, curvado em posição fetal, roncava alto na cozinha. Mas Qui-Gon não conseguia dormir. Era esse garoto, esse garoto! Havia algo nele. O Mestre Jedi observava o suave subir e descer do peito do menino enquanto dormia pesadamente sem saber da sua presença. O garoto era especial, ele havia dito a Shmi Skywalker e ela concordou. Ela sabia também. Ela sentia isso como ele. Anakin Skywalker era diferente.

Qui-Gon levantou o olhar para uma janela escura. A tempestade havia diminuído, o vento enfraquecido. Tudo estava quieto, a noite agradável e em paz. O Mestre Jedi pensou por um momento em sua própria vida. Ele sabia o que se falava sobre ele no Conselho. Ele era obstinado, precipitado até em suas escolhas. Ele era forte, mas dissipa-va essa força em causas que não mereciam sua atenção. Mas as regras não foram feitas somente para governar o comportamento. As regras foram criadas para servir como um mapa para o entendimento da Força. Não era carreto para ele dobrar essas regras quando sua cons-ciência lhe dizia que devia?

O Jedi dobrou os braços sobre o peito largo. A Força era um conceito complexo e difícil. A Força estava enraizada no equilíbrio de todas as coisas, e todo movimento dentro de seu fluxo arriscava um desequilíbrio nessa harmonia. Um

Jedi busca manter o equilíbrio, movendo-se em consonância com seu ritmo e desejo. Mas a Força existia em mais de um nível, e adquirir maestria em suas múltiplas passagens era trabalho para uma vida. Ou mais. Ele conhecia suas próprias fraquezas. Ele esteve muito próximo da Força da vida quan-do devia ter sido mais atento à Força unificadora. Ele se importou em encontrar pessoas do presente, aquelas vivendo aqui e agora. Ele se interessou menos com o passado ou com o futuro, ou com as criatu-ras que haviam ou iriam ocupar aqueles tempos e espaços.

Foi a Força da vida que o cativou, que lhe deu coração, mente e espírito.

Por isso, ele compreendia Anakin Skywalker de uma maneira que outros Jedi desencorajariam, vendo nele uma promessa que não podia ignorar. Obi-Wan veria o garoto e Jar Jar sob a mesma luz - cargas inúteis, projetos sem sentido, distrações desnecessárias. Obi-Wan estava preso à necessidade de focalizar no quadro maior, na Força unificadora. A ele faltava a natureza intuitiva de Qui-Gon. Ele não possuía o interesse e compaixão de seu Mestre por todas as criaturas vivas. Ele não via as mesmas coisas que Qui-Gon enxergava.

Qui-Gon suspirou. Não eram críticas, somente observações. Quem deveria dizer qual era o melhor baseado na forma com que cada um interpretava as demandas da Força? Mas isso, às vezes, os colocava em desacordo e, na maioria das vezes, o Conselho apoiava a posição de Obi-Wan, não a de Qui-Gon. Seria assim novamente, ele sabia. Muitas vezes.

Mas isso não o impediria de fazer aquilo que acreditava que devia fazer. Ele descobriria a verdade sobre Anakin Skywalker. Ele descobria o lado dele dentro da Força, tanto viva quanto unificadora. Ele descobriria o que aquele garoto estava destinado a se tornar.

Minutos mais tarde, ele estava estirado no chão, dormindo.

11

O novo dia amanheceu claro e brilhante, os sóis gêmeos de Tatooine ardiam em um céu azul e claro. A tempestade de areia havia se deslocado para outras regiões, varrendo tudo do horizonte com exceção das montanhas e rochas do deserto e das construções de Mos Espa. Anakin estava de pé e pronto antes que seus hóspedes acordasssem, ansioso para ir até a loja e avisar Watto de seus planos para a próxima corrida. Qui-Gon o aconselhou a não ser tão impulsivo ao fazer sua sugestão ao Toydarian, mas, a ficar calmo e deixar Qui-Gon fazer a barganha. Mas Anakin estava tão excitado que mal ouvia o que o outro dizia. O Mestre Jedi sabia que lhe caberia empregar o necessário grau de astúcia e diplomacia para atingir seus objetivos.

Ganância era a palavra para se lidar com Watto, claro, a chave que abriria qualquer porta que o Toydarian mantivesse trancada. Eles deixaram os aposentos dos escravos, caminhando através da cidade até a loja de Watto, Anakin à frente, Qui-Gon e Padmé logo atrás, Jar Jar e R2-D2 na retaguarda. A cidade estava desperta e atarefada desde cedo, os lojistas e feirantes cavando com pás e varrendo partículas e areia, remontando tendas e barracas e consertando carroças e cercas quebradas. *Copies* e *rontos* faziam o trabalho pesado nos casos onde puxadores e *dróides* não agüentavam. Vagões já arrastavam suprimentos frescos e mercadorias vindas de depósitos e contêineres de estocagem, e as plataformas do porto espacial voltavam a dar boas-vindas às naves oriundas de outros planetas.

Qui-Gon deixou Anakin ir à frente até a loja quando se aproximaram para dar ao garoto uma chance de falar com Watto sobre as corridas de *Pod.* Com os outros seguindo atrás, Qui-Gon caminhou até uma barraca de frutas do outro lado da rua, convencendo o vendeiro a dar-lhe uma dúzia de *dweezels,* procurando ganhar tempo. Quando as *dweezels* foram consumidas, ele cruzou a praça com o grupo até à frente da loja de Watto. Jar Jar, novamente inquieto com toda essa atividade, assumiu uma posição sobre um engradado próximo à porta da loja, com as costas para a parede, seus olhos se dirigindo de um lado para outro como se antecipando que algo horrível cairia sobre ele. R2-D2 ficou a seu lado, emitindo *bips* suavemente, tentando assegurá-lo de que tudo estava bem.

Qui-Gon pediu a Padmé que se mantivesse atenta ao Gungan.

Ele não queria Jar Jar se metendo em mais encrencas. Ele estava prestes a entrar na loja quando a garota colocou a mão em seu ombro.

–Tem certeza sobre isso? — ela perguntou, estampando uma dúvida clara em seus olhos castanhos. — Entregando nosso destino nas mãos de um garoto que nem conhecemos? — Ela franziu a testa lisa. — A rainha não aprovaria.

Qui-Gon encontrou seu olhar — A rainha não precisa saber.

Os olhos dela brilharam desafiantes. — Bem, eu não aprovo.

Ele lhe lançou um olhar inquisitivo, se afastando em silêncio. Dentro da loja de sucatas, ele encontrou Watto e Anakin envolvidos em uma discussão acalorada, o Toydarian flutuava a centímetros do rosto do garoto, suas asas azuis se movendo com confusão, a tromba curvada para dentro enquanto gesticulava grosseiramente com as mãos.

–*Patta go bolla!* — gritava em huttese, seu corpo rechonchudo sacudindo com a força de suas palavras.

O menino piscou, mas manteve sua posição. — *No batta!*

–*Peedunkel!* — Watto flutuava para trás e para frente, para baixo e para cima, tudo se movendo de uma só vez.

–*Banjo, banjo!* — gritou Anakin.

Qui-Gon se moveu da entrada escura para perto da luz onde podiam vê-la claramente. Watto se afastou de Anakin imediatamente, com sua boca cheia de dentes trabalhando, voando até Qui-Gon num frenesi de excitamento mal disfarçado.

–O menino diz que deseja patrociná-la na corrida de amanhã! — as palavras explodiam de dentro dele. — Você não pode pagar por peças! Como pode colocá-la na corrida? Não com créditos republicanos, acho!

Ele rompeu numa gargalhada, mas Qui-Gon não perdeu o brilho de curiosidade em seus olhos.

–Minha nave entrará de graça — informou o Jedi asperamente.

Ele pôs a mão por baixo do ponche e tirou um pequeno holoprojetor. Clicando no botão de energia, projetou um holograma do transportador da rainha no ar em frente a Watto. O Toydarian flutuou mais perto, estudando cuidadosamente a projeção.

–Nada mal, nada mal. — Disse ele. — Um Nubian.

–Está em boas condições, exceto pelas peças que precisamos. — Qui-Gon lhe deu mais um momento, então, desligou o holoprojetor e o guardou

novamente em baixo do ponche.

–Mas o que o garoto vai pilotar? — demandou Watto irritado. — Ele arrebentou meu *Pod* na última corrida Vai levar muito tempo para consertar.

Qui-Gon lançou um olhar a Anakin, que estava claramente envergonhado. — Ah, não foi minha culpa, de verdade. Sebulba me empurrou. Eu na verdade salvei o *Pod*... a maior parte.

Watto riu cruelmente. — Isso ele fez. O garoto é bom, sem dúvida! — Ele balançou a cabeça. — Mas ainda assim...

Eu consegui um *Pod* num jogo de azar — Qui-Gon interrompeu suavemente, trazendo a atenção do outro para si. — O mais veloz já construído.

Ele não olhou para Anakin, mas imaginou a expressão do rosto do menino.

–Espero que não tenha matado ninguém que conheço por ele. — Watto disparou. Ele explodiu novamente na gargalhada antes de se controlar. — Então você fornece o carro e a entrada gratuita; eu forneço o garoto. Dividimos o prêmio meio a meio, acho.

–Cinqüenta e cinqüenta? — Qui-Gon varreu a sugestão. — Se é para ser cinqüenta e cinqüenta, sugiro que você pague a entrada.

Se ganharmos, você fica com tudo, menos o custo das peças que preciso.

Se perdermos, você fica com minha nave.

Watto foi claramente surpreendido. Ele pensou — com suas mãos esfregando a tromba e as asas batendo com um ruído de abelhas. A oferta era boa demais, e ele estava desconfiado. Pelo canto do olho, Qui-Gon viu Anakin olhar para ele nervoso.

–Você ganha de qualquer jeito — falou Qui-Gon suavemente. Watto bateu seu pulso na palma da mão aberta. — Feito! — ele virou para o garoto rindo. — Seu amigo fez um mau negócio, garoto!

Melhor ensiná-lo o que sabe sobre negociar peças!

Ele ainda estava gargalhando quando Qui-Gon deixou a loja. Qui-Gon reuniu Padmé, Jar Jar, e R2-D2 e pediu a Anakin que se juntasse a eles após ser liberado por Watto para que pudesse trabalhar no carro de *Pod.* Dado que Watto estava mais interessado na corrida que na loja, ele dispensou o menino imediatamente instruindo-o a verificar se estaria pilotando um bom carro de corrida e não algum tipo de lixo espacial que faria todo mundo rir do Toydarian por sua tola decisão de participar da corrida.

Anakin estava em casa um pouco antes dos outros, ansiosamente levando-os para onde o projeto estava escondido: o pátio das acomodações dos escravos. O

carro de *Pod* possuía o formato de meio cilindro estreito com um leme para deslizamento acoplado em sua parte traseira, com a cabine esculpida em seu topo curvado e com cabos de direção nas laterais. Os motores de caça Sleek Radon-Ulzer com estabilizadores de ar puxavam o *Pod* na ponta dos cabos Steelton. O efeito era de como se visse um besouro puxado por dois *banthas.*
Trabalhando em grupo, eles ativaram as alavancas antigravidade e guiaram o *Pod* e seus enormes motores para o pátio atrás da casa de Anakin. Com o incentivo de Padmé, Jar Jar e R2-D2, o menino logo começou a preparar o *Pod* para a corrida.
Enquanto Anakin e seus companheiros estavam ocupados, Qui- Gon subiu ao alpendre da casa, olhando em volta checando se estava sozinho e puxou o *comlink* para entrar em contato com Obi-Wan. Seu pupilo atendeu prontamente, ansioso por notícias, e Qui-Gon o informou sobre os últimos acontecimentos.

–Se tudo for bem, teremos um gerador hiperpropulsor amanhã à tarde e a caminho — concluiu. O silêncio de Obi-Wan dizia tudo.
–E se esse plano, Mestre, falhar? Podemos ficar presos aqui ainda por um longo tempo.

Qui-Gon voltou o olhar para as acomodações dos escravos e para os tetos dos prédios de Mos Espa mais além, os sóis ardendo acima. — Uma nave sem uma fonte de energia não nos levará a lugar algum. Não temos escolha.
Ele desligou o *comlink* e o guardou. — E há algo sobre esse garoto — murmurou para si mesmo, deixando o pensamento inacabado.
Shmi Skywalker apareceu pela porta dos fundos e veio juntar-se a ele. Ficaram juntos observando a atividade no pátio abaixo.

–Você deve estar orgulhosa do seu filho — disse Qui-Gon após um momento. — Ele faz coisas sem pensar em recompensa. Shmi assentiu com um sorriso em seu rosto desgastado. — Ele não sabe nada sobre a cobiça. Só sobre sonhos. Ele possui...
–Poderes especiais.

A mulher o olhou apreensiva. — Sim.
–Ele pode ver coisas antes de acontecerem — continuou o Mestre Jedi. — Por isso parece possuir reflexos tão rápidos. E um traço Jedi.
Os olhos dela estavam fixos nele, e ele percebeu o brilho de esperança neles. — Ele merece mais que uma vida de escravo — ela disse baixinho.
Qui-Gon manteve o olhar fixo no pátio. — A Força é estranhamente forte nele,

isso é claro. Quem era seu pai?
Houve uma pausa longa, longa o suficiente para que o Mestre percebesse que fez uma pergunta que ela não estava preparada para responder. Ele lhe deu tempo e espaço para responder, sem pressioná-la, sem fazer parecer que era necessária uma resposta.

–Não há pai — ela disse finalmente. Ela sacudiu a cabeça vagarosamente.

— Eu o carreguei, dei à luz. Criei-o. Não posso lhe dizer mais que isso.
Ela tocou o braço dele, trazendo seus olhos para os dela. — Pode ajudá-la?
Qui-Gon permaneceu em silêncio por um longo tempo, pensando. Ele sentiu um elo com Anakin que não conseguia explicar. No fundo, ele sentia que estava destinado a fazer algo por aquele menino e que precisava tentar. Mas todo Jedi era identificado nos primeiros seis meses de vida e entregues para o treinamento. Isso ocorreu com ele, com Obi-Wan, com todos que conhecia ou de quem ouvira falar. Não havia exceções.

–Pode ajudá-la? — Ele não sabia se era possível.

–Não sei — disse ele, mantendo sua voz gentil, mas firme. — Não vim aqui para libertar escravos. Se ele houvesse nascido na República, o teríamos identificado cedo e ele poderia ter se tornado um Jedi. E assim. Não sei o que posso fazer por ele.

Ela balançou a cabeça com resignação, mas seu rosto revelava, por trás da aceitação, um brilho de esperança.
Enquanto Anakin apertava a fiação dos propulsores, um grupo de amigos dele apareceu. Os meninos mais velhos eram Kitster e Seek, a menina mais nova era Amee e o Rodian era Wald. Anakin interrompeu o trabalho para apresentá-los a Padmé, Jar Jar e R2-D2.

–Uau, um *dróide* astromecânico de verdade! — exclamou Kitster, assobiando. — Como deu tanta sorte?
Anakin encolheu os ombros. — Isso não é nem a metade — se gabando. — Estarei correndo em Boonta amanhã.
Kitster fez uma cara e puxou o mantinha de cabelo escuro. — O quê? Com isso?

–Aquela porcaria nunca saiu do chão — disse Wald, cutucando Amee. — E piada, Annie.

–Você vem trabalhando nessa coisa há anos — observou Amee com o rosto delicado torcido em desaprovação. Ele balançou o cabelo loiro. — Nunca vai correr.

Anakin ia dizer algo para se defender, então, resolveu calar. Melhor deixar que pensassem o que quisessem. Ele lhes mostraria.

–Venha, vamos jogar bola — sugeriu Seek, já se virando com uma expressão de aborrecimento na voz. — Continue o trabalho, Annie, e vai acabar se dando mal.

Seek, Wald e Amee se retiraram correndo, rindo dele. Mas Kitster era seu amigo e sabia que não devia duvidar quando Anakin dizia que faria algo. Por isso Kitster ficou, ignorando os outros. — O que é que eles sabem? — disse baixinho.

Anakin lhe dirigiu um sorriso de apreciação. Então notou Jar Jar mexendo na placa do projetor de energia do motor esquerdo, a fonte de energia que mantinha os motores juntos, trabalhando em harmonia, e o sorriso desapareceu de seu rosto.

–Ei, Jar Jar! — gritou em advertência. — Fique longe desses projetores de energia!

O Gungan, debruçado sobre a placa, olhou para cima com ar culpado. — Quem, eu?

Anakin pôs as mãos nos quadris. — Se a corrente pegar a sua mão, você vai ficar paralisado por horas.

Jar Jar contorceu a face, colocando as mãos atrás das costas e enfiou a cara comprida novamente na placa. Quase instantaneamente uma corrente elétrica se desviou da placa para sua boca, fazendo-o saltar em chocante surpresa. As duas mãos se fecharam sobre a boca enquanto ele olhava incrédulo para o garoto.

–Isso paralisar! — gemeu Jar Jar, sua língua comprida dependurada.
–Minha língua estar inchada. Isto dói.

Anakin sacudiu a cabeça e voltou a trabalhar na fiação.

Kitster se aproximou dele, assistindo silenciosamente, com uma expressão intensa no rosto escuro. — Você não sabe se isso vai correr, Annie — ele observou com uma careta.

Anakin não olhou para ele. — Vai funcionar.

Qui-Gon surgiu perto dele. — Acho que já é hora de descobrir. — Ele entregou ao menino um cilindro pequeno e redondo. — Use esse pacote de energia. Peguei hoje cedo. Watto tem menos necessidade disso que você. — O canto da boca dele torceu numa mistura de divertimento e embaraço.

Anakin sabia o valor de um pacote de energia. Ele não tinha a mínima idéia de como o Jedi havia conseguido pegar um debaixo do nariz de Watto. Nem tentou descobrir. — Sim, senhor! - ele se iluminou.

Ele saltou para a cabine, ajustando o pacote de energia na abertura do painel de controle, e colocou o ativador na posição ligada. Então colocou seu velho capacete de corrida e luvas. Enquanto ele fazia isso, Jar Jar, que havia estado remexendo na traseira de uma dos motores, teve sua mão pegada pelo maçarico. O Gungan ficou pulando aterrorizado, com a língua ainda dormente pelo choque que recebeu nos projetores de energia, o bico batendo. Padmé o avistou no último minuto — os braços dele rodando freneticamente — e o puxou antes que os motores fossem ligados.
A chama explodiu dos maçaricos, e um ronco enorme saiu dos Radon-Ulzers, aumentando regularmente até Anakin desligar os propulsares, voltando para um ronco leve. Os espectadores aplaudiram maravilhados, e Anakin acenou com a mão em resposta.
Do alpendre de sua casa, Shmi Skywalker assistia em silêncio, com os olhos distantes e tristes.
O crepúsculo trouxe um névoa de dourado e vermelho-carmim no rastro dos sóis que se despediam, um esguicho de cores que varria graciosamente o horizonte de Tatooine. A noite chegou, escurecendo o céu, trazendo as estrelas como fragmentos de cristal. No negro profundo, a terra estava silenciosa e atenta.
Um vislumbre de metal brilhante pegou os últimos raios de sol, e um pequeno transporte deixou o Mar das Dunas em direção a Mos Espa. Com nariz em formato de pá e pontas em forma de lança, suas asas puxadas para trás e seus estabilizadores verticais totalmente acoplados por dentro, o transporte abraçava a paisagem enquanto subia e descia vales — procurando. Escuro e imutável, tinha a aparência de um predador, de um caçador trabalhando.
Além do Mar das Dunas, seguindo a luz que diminuía de intensidade, a nave se posicionou agilmente às bordas de um platô de onde se podia observar a área em todas as direções. *%anthas* selvagens se assustaram com a aproximação, torcendo suas cabeças peludas e os enormes chifres, uivando em protesto. A nave parou e os motores se acalmaram. E permaneceu ali em silêncio — aguardando.
Então a parte traseira da nave se abriu, a escada metálica apareceu e Darth Maul desceu. O Sith Lord havia descartado seu manto negro e vestia roupas do deserto folgadas, um sobretudo com colarinho preso à cintura, seu sabre de luz pendurado a seu alcance. Os chifres atrofiados, totalmente expostos com a remoção do capuz, formavam uma coroa de maldade sobre sua estranha face vermelha e preta. Ignorando os *banthas*, ele foi até a borda do platô, puxando um par de *electrobinoculars* de luz baixa, e começou a examinar o horizonte em todas as direções.
Areia deserta e rochas, ele pensava. Terra imprestável. Mas uma cidade de um

lado, outra ainda. E lá, uma terceira.
Ele tirou os *elecírobinoculars* dos olhos. As luzes das cidades eram claramente visíveis contra a escuridão. Se havia outras cidades, estavam do outro lado do Mar das Dunas, onde ele já havia estado, ou além do horizonte muito mais distante, para onde ele seria enviado mais tarde.
Mas os Jedi, ele acreditava, estavam ali.
Não havia expressão no mosaico de sua face, mas seus olhos amarelos brilhavam em expectativa. Em breve. Breve.
Ele levantou o braço para acessar o painel de controle atado ao pulso, escolheu os comandos que queria usar e estabeleceu os cálculos necessários à identificação do inimigo. Cavaleiros Jedi manifestariam uma presença particularmente forte da Força.
Levou apenas um minuto. Ele voltou para a nave. *Dróides* de investigação, esféricos, desceram, um por vez, através da escotilha. Após receberem orientação, partiram em direção às cidades identificadas por ele.
Darth Maul observou enquanto eles se afastavam, a escuridão se fechando. Ele sorriu. Breve. Então caminhou para a nave para começar o monitoramento das respostas deles.
A escuridão cobria Mos Espa em camadas profundas enquanto a noite caía. Anakin estava sentado em silêncio no alpendre enquanto Qui-Gon examinava um corte profundo no braço do menino. Anakin havia se cortado em algum momento durante o trabalho com o carro de corrida e, como qualquer garoto, não havia nem notado até agora.
Anakin deu uma olhada de relance para o ferimento enquanto o Jedi se preparava para limpá-la, então, se inclinou novamente para contemplar o manto negro de estrelas no céu.

–Não se mexa, Annie — instruiu Qui-Gon.

O garoto mal ouviu. — Há tantas! Todas elas possuem um sistema planetário?

–A maioria delas. — Qui-Gon arrumava um pedaço de pano limpo.

–Alguém já esteve em todas elas?

Qui-Gon riu. — Provavelmente não.
Anakin assentiu, ainda olhando para o alto. — Então quero ser o primeiro, o primeiro a visitá-las todas. Ai!
Qui-Gon limpou o sangue do braço do garoto, depois aplicou um anti-séptico. — Aqui está, bom como novo.

–Annie, hora de dormir! — chamou Shmi de dentro da casa. Qui-Gon puxou um *chip* do *comlink,* colocando uma amostra do sangue de Anakin.

O menino se inclinou interessado. — O que está fazendo?
O Jedi mal olhou. — Vendo se há infecções.
Anakin fez uma careta. — Nunca vi...

–Annie — chamou a mãe, desta vez, mais insistente. — Não vou mandar novamente!
–Vá — apressou Qui-Gon, gesticulando para a porta. — Você terá um grande dia amanhã. — Ele pôs o pano no bolso da túnica.
–Boa noite.

Anakin hesitou, os olhos fixos no Mestre Jedi, intensos e questionadores. Então virou e disparou para casa. Qui-Gon aguardou um momento, certificando-se de que estava só, então, deslizou o *chip* com a amostra de sangue para dentro de uma fenda no *comlink* e ligou para Obi-Wan.

–Sim, Mestre? — respondeu o pupilo, alerta apesar da hora.
–Estou transmitindo uma amostra de sangue — informou Qui- Gon, olhando ao redor enquanto falava. — Faça um teste de *midi- chlorian* nela.

Ele enviou as amostras pelo *comlink* para Obi-Wan e aguardou em silêncio. Ele podia sentir os batimentos de seu coração, rápidos e excitados. Se ele estivesse certo...
–Mestre — Obi-Wan interrompeu seus devaneios. — Deve haver algo errado com a amostra.
Qui-Gon inspirou longamente e soltou devagar. — O que dizem os resultados, Obi-Wan?
–Dizem que a contagem de *midi-chlorian* é vinte mil. — A voz do Jedi mais jovem se apertou. — Ninguém possuiu uma contagem tão alta. Nem mesmo Mestre Yoda.
Ninguém. Qui-Gon ficou imóvel na escuridão, paralisado pelo tamanho de sua descoberta. Tenso, ele deixou seu olhar se fixar na cabana onde o menino dormia.
Shmi estava parada junto à porta, olhando para ele. Os olhares se cruzaram, e ele sentiu por um instante o futuro lhe ser inteiramente revelado. Então Shmi se voltou para dentro envergonhada.
Qui-Gon parou um momento, lembrando do *comlink* ainda aberto.
–Boa noite, Obi-Wan — disse suavemente e desligou o transmissor.
Era quase meia noite. Anakin Skywalker, sem conseguir dormir, escorregou da cama e se dirigiu ao pátio para fazer uma checagem final no carro, dos controles,

da fiação e das fontes de energia — de tudo que podia se lembrar. Agora ele estava de pé, olhando para o carro, tentando determinar o que faltava, o que poderia haver passado despercebido. Ele não podia errar. Precisava certificar-se de que havia feito tudo o que podia.
Para que amanhã vencesse.
Porque precisava vencer.
Precisava.
Ele assistiu a R2-D2 trabalhando em volta do carro, aplicando tinta ao corpo do carro, auxiliando por uma lâmpada colocada sob seus sensores de visão e pelos conselhos de C-3PO. O menino havia ativado o *dróide* a pedido de Padmé.
Muitas mãos fazem a luz funcionar, ela disse solenemente, depois sorriu. C- 3PO não usava muito as mãos, mas suas cordas vocais eram incansáveis. De qualquer modo, R2-D2 parecia gostar de tê-lo por perto, trocando *bips* e *clicks* com seu amigo de protocolo enquanto trabalhava no carro. O pequeno *dróide* astromecânico trabalhava incessantemente, alegremente e servilmente. Nada o perturbava. Anakin o invejava. *Dróides* ou eram bem montados ou não. Diferente de humanos, não respondiam ao desapontamento, preocupação ou medo...
Ele afastou rapidamente o pensamento e fitou o céu estrelado. Após um momento, sentou com as costas apoiadas num engradado de peças velhas, seus óculos de proteção e o capacete de corrida ao seu lado. Sem o que fazer, passou os dedos pela pequena escultura que estava fazendo para Padmé. Seus pensamentos vaguearam. Ele não podia explicar, mas sabia que os acontecimentos de amanhã mudariam sua vida. Aquela estranha capacidade de ver coisas que os outros não viam e que, às vezes, lhe dava pressentimentos sobre o futuro dizia-lhe isso. Ele sentia seu futuro se aproximar apressadamente. Estava chegando rápido, não lhe dando tempo de pensar, erguendo-se com a certeza do nascer do sol. O que viria? A pergunta se escondia nos confins de sua mente, recusando-se a aparecer. Mudança, mas em que sentido? Qui-Gon e seus companheiros eram os guardiões daquela mudança, mas ele não sabia nem mesmo se o Mestre Jedi estava certo do resultado.
Talvez a liberdade que havia sonhado para ele e sua mãe, pensou esperançoso. Talvez uma fuga para uma nova vida para ambos. Tudo era possível se vencesse o Boonta. Tudo mesmo.
Aquele pensamento ainda dominava sua mente quando seus olhos fecharam e ele adormeceu.

12

Anakin Skywalker sonhou naquela noite e, em seu sonho, ele tinha uma idade diferente, mas indeterminada. Ainda era jovem, apesar de nem tanto quanto agora, mas velho, também. Seus pensamentos foram iluminados por uma visão tão aterrorizante que não conseguia se controlar para entendê-la, deixando-a, apenas, fora de alcance, fervendo num fogo de ambição e esperança. Ele estava em um local e tempo desconhecidos, num mundo que lhe era irreconhecível, uma paisagem que nunca vira. Era vaga e obscura no sonho, plana e enrugada ao mesmo tempo, mudando com a velocidade de uma miragem nas planícies desérticas de Tatooine.

O sonho estremeceu, e vazes o chamaram, suaves e distantes. Ele se voltou para elas, afastando-se da onda escura que aparecia à sua frente, para longe do sono que lhe deu o sonho de sua vida.

–Espero que já esteja quase pronto. — Ouviu Padmé dizer.

Mas Padmé estava à frente da onda negra de seus sonhos, e a onda era um exército, marchando em sua direção...

R2-D2 assobiou e fez um *bip*, e C-3PO continuava fazendo afirmações ansiosas, dizendo que tudo havia sido preparado, tudo pronto e continuava se movimentando agitadamente.

Uma mão lhe tocou as bochechas, acariciando-o suavemente, e o sonho desapareceu. Anakin piscou desperto, esfregando os olhos, bocejando e se virando para o outro lado. Ele não estava mais apoiado no engradado em que adormeceu na noite anterior, mas em sua própria cama.

A mão foi retirada de suas bochechas, e Anakin viu o rosto de Padmé, um rosto que ele achou tão lindo que sentiu a garganta apertada. Mesmo assim, continuava com os olhos fixos nela, já que ela foi a figura central de seu sonho, diferente de agora, mais velha, mais triste... e algo mais.

–Você estava no meu sonho — disse, engolindo com força para que as palavras saíssem. — Você estava liderando um exército em batalha.

A garota olhou para ele maravilhada e, então, sorriu. — Espero que não. Detesto brigar. — A voz dela era clara e alegre, disfarçando seu desinteresse de uma maneira que o incomodou. — Sua mãe quer que se levante agora. Temos que partir em breve. Anakin se levantou completamente desperto. Ele caminhou até a

porta dos fundos e ficou olhando para o formigueiro representado pelas acomodações dos escravos, para o alvoroço dos escravos a caminho do trabalho e para o céu claro e brilhante que prometia tempo bom para a corrida de Boonta Eve. O *Pod* estava à sua frente pendurado sobre os suportes antigravidade, recém-pintado e brilhando à luz do sol. R2-D2 se movimentava ao redor com um pincel e uma lata de tinta, finalizando o trabalho. C-3PO ainda o seguia, apontando pedaços não- pintados, dando opiniões não-solicitadas e alguns conselhos.

O brusco resfolegar de um *eopie* o levou a olhar em volta dando com Kitster que vinha na direção deles sobre uma das duas montarias que havia trazido para ajudar a transportar o carro até a arena. A face escura de Kitster reluzia em expectativa, e ele acenou ansiosamente para Anakin enquanto se aproximava.

Anakin acenou de volta, gritando. — Amarre-os, Kitster! — voltando-se para Padmé — Onde está Qui-Gon?

A garota fez um gesto. — Ele saiu com Jar Jar para a arena. Eles foram encontrar Watto.

Anakin foi para seu quarto tomar banho e se vestir.

Qui-Gon caminhou pelo hangar principal da arena de corridas de Mos Espa, olhando para a atividade com um interesse casual. O hangar era uma construção cavernosa que abrigava carros de *Pod* e equipamento durante o ano e que servia como área de exposição para veículos e embarcações em dias de corrida. Alguns corredores já estavam na plataforma de saída, dúzias de alienígenas que haviam chegado a Tatooine, vindas de cada canto da galáxia, fervilhavam em volta dos carros e motores, enquanto patrões e pilotos gritavam instruções. As batidas e guinchos de metal contra metal ecoavam num barulho ensurdecedor através do prédio amplo do hangar, forçando as conversações a serem mantidas em nível de gritaria.

Jar Jar pôs o braço no ombro do Mestre Jedi enquanto Watto zumbia na frente do outro. Jar Jar estava nervoso e aflito como de costume, os olhos rolando, a cabeça se contorcendo de um lado para outro com frenesi tal que parecia que ia rolar para o chão. Watto voava ignorando tudo que não fosse sua conversa — que girava em torno da mesma coisa.

> –Então fica acertado que nosso acordo está selado, estrangeiro — ele repetia pela terceira vez nos últimos dez minutos. Sua cabeça e sua tromba azul repetiam enfaticamente. — Quero ver sua nave no momento em que a corrida estiver terminada.

Ele não fazia esforço para esconder que sabia que a posse do transporte Naboo era apenas uma questão de tempo. Ele não havia sugerido uma só vez, desde que Qui-Gon o encontrou no balcão de apostas, que poderia ser diferente.

O Jedi respondeu com um encolher de ombros. — Paciência, meu amigo azul. Você terá seus prêmios antes dos sóis se porem, e eu e meu grupo estaremos fora daqui.

–Não se sua nave for minha, acho! — Watto bufou, depois deu uma gargalhada satisfeita. Imediatamente, seus olhos se fixaram friamente no Jedi. — Eu estou te avisando, nada de jogos estranhos!

Qui-Gon continuou caminhando, seu olhar dirigido para outra direção, cuidadosamente içando o anzol que havia armado para o Toydarian. — Não acha que Anakin vencerá?

Watto voou em volta dele e fez todos pararem. Com as asas batendo furiosamente, ele se dirigiu a um carro laranja brilhante estacionado ali perto, seus motores alterados para que, quando os projetores de energia fossem ligados e os motores conectados, tornassem a forma de um X. Sentado de um lado do carro estava o Dug que havia atacado Jar Jar dois dias antes, Sebulba, com os olhos cruéis fixos neles, seus braços esbeltos dobrados em uma posição levemente ameaçadora. Uma dupla de Twileks ágeis massageava diligentemente os ombros e pescoço do Dug. Os Twileks eram alienígenas *humanóides* do planeta Ryloth; eles possuíam os dentes pontiagudos, a pele azul bem lisa e tentáculos duplos que caíam graciosamente de suas cabeças carecas para suas costas. Seus olhos vermelhos se ergueram para Qui-Gon por um instante, com certo interesse e, então, se voltaram rapidamente para seu Mestre.

Watto resfolegou. — Não me leve a mal — anunciou sacudindo a cabeça e a inclinando num movimento estranho. — Tenho fé no garoto.

Ele é um crédito à sua espécie. — Ele apertou a boca. — Mas acho que, aqui, Sebulba vai vencer.

Qui-Gon fingiu examinar o Dug cuidadosamente. — Por quê?

–Porque ele sempre vence! — explodiu o Toydarian numa risada, consumido por sua própria esperteza. — Estou apostando alto em Sebulba!

–Vou aceitar a aposta — replicou Qui-Gon rapidamente.

Watto parou de rir na hora, se afastando como se escaldado em óleo quente. — O quê? O que quer dizer?

Qui-Gon avançou um passo, afastando o Toydarian. — Vou apostar meu novo carro de *Pod* contra... — Ele parou pensativo, deixando Watto esperar. — Contra, digamos o garoto e sua mãe. Watto estava em choque. — Um *Pod* por escravos! Não! — As asas azuis eram uma mancha confusa enquanto ele esvoaçava de um lado para outro, a cabeça inclinada. — Bem, talvez. Só um. A mãe, talvez. O garoto não está à venda.

Qui-Gon fez uma careta. — O garoto é pequeno. Não deve valer muito.
Watto sacudiu a cabeça decidido.

–Pelo *Pod* mais veloz já construído?

Watto sacudiu a cabeça novamente.

–Os dois, ou sem aposta.

Eles estavam próximos à porta da frente do hangar, e o barulho do trabalho havia diminuído. Mais adiante, a arena se ergueu contra o céu do deserto, um vasto complexo em forma de arco com camarotes para os Hutts, uma cabine para o anunciador da corrida, equipamentos e barracas de frutas. A arena já começava a lotar, com a população de Mos Espa comparecendo em massa para o evento, suas lojas e barracas fechadas e a cidade em feriado. Bandeiras e faixas voavam, e os corredores que se aproximavam brilhavam com o reflexo da luz solar e do polimento.

Qui-Gon avistou Anakin entre a multidão, montado num *copie* com Padmé de pé seguindo-o, puxando um dos enormes motores Radon-Ulzer. Seu amigo Kitster seguia num segundo *copie*, puxando o outro motor. Os *copies* eram animais de bando, com trombas compridas e couraça dura e pelo curto apropriado para o calor do deserto de Tatooine. R2-D2 e C-3PO fechavam a pequena procissão com o *Pod* e Shmi. O Mestre Jedi se voltou deliberadamente para acompanhar a chegada deles, arrastando o olhar de Watto. Os olhos do Toydarian brilharam com a visão do menino e do carro.

Ele olhou novamente para Qui-Gon, bufando ansiosamente. — Nenhum carro de *Pod* vale dois escravos... nem de longe! Um escravo ou nada!

Qui-Gon dobrou os braços sobre o tórax. — O garoto, então. Watto bufou e sacudiu a cabeça. Ele tremia com a tensão que aquela decisão criava dentro do corpinho azul atarracado. — Não, não...

Então, abruptamente, colocou a mão no bolso e retirou um cubo pequeno, que ele passava de uma mão para outra como se fosse muito quente. — Vamos deixar o destino decidir. Azul, é o garoto. Vermelho, é a mãe.

Watto lançou o cubo para o chão do hangar. Enquanto fazia isso, Qui-Gon fez um gesto disfarçado com as mãos, invocando seu poder Jedi para produzir uma pequena inflexão na Força.

O cubo balançou, rolou, e parou, face azul para cima. Watto gesticulou irado, seus olhos ficando estreitos e frios.

–Você venceu, estrangeiro! — disse ele sarcástico. — Mas não vencerá a corrida, então, não fará muita diferença.

–Veremos — replicou Qui-Gon calmamente.

Anakin e os outros os alcançaram, entrando no hangar com o *Pod* e os motores. Watto irado se afastou de Qui-Gon, parando para disparar para o menino.

–Melhor controlar as apostas de seu amigo — declarou com um bufo irado — ou também acabarei ficando com ele.

Um dos *copies* o cheirou, e ele xingou o animal em huttese, tão furioso que o animal deu um passo atrás. Suas asas batiam loucamente quando saiu, dirigindo a Qui-Gon um olhar seco antes de sumir nas sombras do hangar.

–O que ele quis dizer? — perguntou Anakin a Qui-Gon enquanto diminuía o passo do *copie* ao lado de Qui-Gon e lançando a Watto um olhar.

Qui-Gon deu de ombros. — Eu te conto depois.

Kitster parou ao lado de Anakin com sua face brilhando de excitamento enquanto olhava ao redor. — Isso é tão mágico! Tenho certeza de que conseguirá desta vez, Annie!

O olhar de Padmé fitou um e outro. — Conseguirá o quê? — ela perguntou desconfiada.

Kitster se iluminou. — Terminar a corrida, claro!

A moça empalideceu. Seus olhos queimavam Anakin. — Você nunca nem terminou uma corrida? — perguntou incrédula.

O garoto enrubesceu. — Bem... não exatamente. — A boca dele se apertou em determinação. — Mas Kitster está certo, terminarei desta vez.

Qui-Gon tomou as rédeas do *eopie* e deu um tapinha nas pernas do garoto. — Claro que vai. — Concordou.

De cima do *eopie*, Padmé Naberrie apenas o olhava sem palavras. No centro de Mos Espa, a multidão começava a diminuir à medida que as população se dirigia, em número cada vez maior, para a arena de *Podracer* nos limites do porto espacial. A maioria das lojas e barracas já estava fechada e o resto também já caminhava para o fechamento. Proprietários e vendedores fechavam vendas olhando ansiosamente na direção do tráfego de pessoas.

Em meio à agitação, um *dróide* Sith de investigação ia devagar, o olho mecânico cuidadosamente examinando cada loja, cada rosto - procurando.

Mais de cem mil seres haviam lotado a arena até a metade da manhã, apertando-se nas arquibancadas, lotando as plataformas com melhor campo de visão, preenchendo os espaços disponíveis. A arena se transformou em um vasto oceano de cores, sons e movimentos no vazio do deserto. Bandeiras e faixas com a insígnia dos corredores e patrocinadores acenavam, expressando os favoritos e improvisando áreas de torcida. Bandas tocavam apoiando alguns pilotos, e cornetas e tambores isolados soavam em reconhecimento a todos os presentes. Vendedores caminhavam pelos corredores, carregando comidas e bebidas, vindas

das barracas lá debaixo, para vender à multidão. Por todos os lados, havia crescente excitação e expectativa.

Então um ronco irrompeu quando os corredores emergiram do hangar principal no lado oposto à linha de partida. Um por um, os pilotos de *Pod* foram avistados, alguns puxados por *copies*, outros pela mão, todos parte de uma longa procissão de pilotos, equipes técnicas e ajudantes. Carregadores, cada um portando uma bandeira que identificava o piloto e o patrocinador, seguiam junto, formando uma fila colorida em frente ao grupo de corredores. Acima, os dois sóis de Tatooine ardiam com brilho resplandescente.

Enquanto os pilotos se movimentavam para a linha localizada à frente das arquibancadas da arena, um burburinho no camarote real anunciou a chegada de Jabba the Hutt e Gardulla, sua amiga. Deslizando para o interior do camarote, os dois Hutts fluíram por entre a área pavimentada até seus lugares, entre as cortinas de seda brilhante. Jabba vinha à frente, dirigindo-se diretamente para a plataforma em forma de arco de onde podia ser visto pelo povo de Mos Espa. levantando seu braço gordo em saudação, ele se aqueceu sob o murmúrio apreciativo da multidão. Gardulla murmurou sua aprovação, balançando sua cabeça sem pescoço no topo de um corpo grosso e sem forma, os olhos fundos brilhando. Atrás dos dois Hutts, havia um grupo de humanos e alienígenas convidados dos governantes de Mos Espa em dias de corrida. Uma fileira de moças escravas de várias espécies vinha por último, acorrentadas para o divertimento daqueles que decidiram comparecer ao evento.

Abaixo, os pilotos formaram uma fileira de frente para o camarote real e, sob comando, inclinaram a cabeça em reconhecimento e agradecimento a seus benfeitores.

–*Chowbaso!* — roncou Jabba com sua voz profunda ecoando pelos alto-falantes e para fora da arena. — *Tam ka chee Boonta rulle ya, kee madd ahdrudda du wundee!* Bem-vindas!

A multidão urrou novamente: eram braços e bandeiras acenando loucamente. Trombones soaram quando Jabba começou a apresentar os pilotos.

–*Kubba te.* Sebulba *tuta* Pixelito!

O Dug, de pé ao lado de Anakin, se levantou em suas patas traseiras e acenou para as arquibancadas. Uma banda tocou em apoio, e os fãs de Sebulba e os apostadores ansiosos que dependiam de resultados favoráveis ao Dug saudaram e gritaram em resposta.

Um por um, Jabba apresentou os pilotos: Gasgano, Boles Roor, Ben Quadinaros, Aldar Beedo, Ody Mandrell, Xelbree, Mars Guo, Clegg Hodfast, Bozzie Baranta, Wan Sandage... Anakin ouvia os nomes, se mexendo ansioso por

começar. Um olhar por cima dos ombros revelou Kitster trabalhando em atarraxar os Radon-Ulzers ao *Pod* com os cabos Steelton, checando com puxões forte o grau de segurança.

–...Mawhonic *tuta* Hok — Jabba anunciava. — Teemto Pagalies *tuta* Moonus Mandel. Anakin Skywalker *tuta* Tatooine.

Aplausos romperam da multidão, mas não aplausos de entusiasmo como haviam sido para Sebulba ou Gasgano ou para tantos outros. Anakin acenou em resposta, os olhos passeando na multidão, a mente já nas planícies.

Quando se virou em direção a seu carro, sua mãe estava de pé na frente dele. Sua face cansada estava calma e determinada quando se inclinou para dar-lhe um abraço e um beijo. Os olhos dela estavam firmes quando se afastou dele, suas mãos segurando-lhe os ombros, mas não conseguia disfarçar a preocupação refletida em seu olhar.

–Tenha cuidado, Annie — ela disse.

Ele assentiu, engolindo. — Terei, mãe. Prometo.

Ela sorriu calorosamente, se afastando. Anakin continuou, vendo Kitster e Jar Jar desamarrar os *copies* para que Kitster os levasse dali.

R2-D2 rolou para Anakin e emitiu um *bip* em aprovação e incentivo.

C-3PO solenemente alertou sobre os perigos de dirigir em velocidade e desejou sorte ao mestre. Tudo estava bem.

No canto do olho, o menino viu Sebulba observar seu próprio *Pod* e começar a examinar o do menino. Dando voltas em suas pernas compridas, ele se aproximou dos Radon-Ulzers com óbvio interesse. Parando próximo ao motor esquerdo, ele ergueu o braço e, subitamente, golpeou um estabilizador, olhando em volta checando se alguém havia percebido.

Padmé apareceu e se inclinou para beijar a bochecha de Anakin. Os olhos escuros dela eram penetrantes. — Você carrega todas as nossas esperanças. — Ela disse baixinho.

–Não vou desapontá-la. — Disse Anakin.

Ela lhe dirigiu um olhar longo, então, se afastou. Enquanto ela se retirava, Sebulba se aproximou pela lateral com sua face enrugada bem próxima.

–Você não vai escapar dessa vez, escravo — ele disse ofegante, sorrindo suavemente. — Você é *bantha poodooo.*

Anakin manteve sua posição, dando ao Dug um olhar cruel. — Não conte com isso, cara de lama.

Qui-Gon se aproximou e Sebulba se afastou em direção a seu próprio carro, com a maldade estampada em seu olhar. Trompetes soaram e um novo uivo ecoou da multidão. Jabba the

Hutt deslizou para a frente do camarote real, com os braços grossos acenando.

–*Kaa ba]]a kundee da tam hdrudda!* — rugiu. — Que o desafio se inicie!

O urro da multidão cresceu mais ainda. Qui-Gon ajudou Anakin a entrar no *Pod*. O garoto se acomodou no assento, segurando suas correias, colocando seu velho capacete usado e descendo os óculos de proteção para os olhos.

–Você está pronto, Annie? — perguntou o Mestre Jedi calmamente.

O garoto assentiu com os olhos intensos e firmes. Qui-Gon segurou o olhar dele. — Lembre-se, concentre-se em seus instintos, concentre-se no momento. Sinta, não pense. Acredite nos seus instintos.

Ele pôs a mão sobre o ombro do menino e sorriu. — Que a Força esteja com você, Annie.

Então ele se afastou e Anakin Skywalker estava sozinho.

Qui-Gon abriu caminho rapidamente entre a multidão para a platéia onde Shmi, Padmé e Jar Jar esperavam. Ele olhou para Anakin novamente e viu o garoto calmamente ajeitando os óculos de proteção. O Jedi assentiu para si mesmo. O garoto vai se sair bem.

Ele subiu à plataforma de observação, com Jar Jar e as mulheres, no momento em que ela era erguida para o começo da corrida. Shmi lhe lançou um olhar firme e duvidoso.

> –Ele está bem — assegurou Qui-Gon, tocando-lhe o ombro. Padmé sacudiu a cabeça, incerta. — Vocês Jedi são muito impetuosos — ela disse baixo. — A rainha...
>
> –A rainha confia em meu julgamento, mocinha — Qui-Gon interrompeu suavemente, dirigindo suas palavras a ela apenas. — Talvez você também devesse confiar.

Ela lançou um olhar penetrante. — Você assume demais.

A plataforma de observação foi colocada em posição, e todos os olhos se voltaram para os corredores. Projetores de energia foram ligados, poderosas correntes eletromagnéticas circulando entre placas coaxiais, travando os dois motores de cada *Pod* juntos, como uma unidade. Agora os próprios motores começavam a girar, os roncos ensurdecedores se misturaram e dominavam o rugido da multidão. Carregadores de bandeiras e equipes técnicas se moviam apressadamente deixando livre a linha sob o arco que marcava a chegada e a partida. Acima, uma luz vermelha mantinha os pilotos em suas posições. Antecipando o verde, os pilotos preparavam os motores. As enormes máquinas chacoalhavam devido à potência que eles geravam e os cabos que os mantinham colados aos *Pods* e a seus pilotos, estavam ansiosos por se libertarem.

De pé ao lado de Qui-Gon, Jar Jar Binks cobria os olhos apavorado. — Afim *não ver. Isso vai ser desastre!*

Apesar de não poder dizer, o Mestre Jedi estava inclinado a concordar. *Firme, Anakin Skywalker,* ele pensou. *Concentre-se.*

Então as luzes verdes sobre a faixa de largada acenderam e a corrida começou.

13

Quando a luz verde apareceu, Anakin Skywalker empurrou as barras de propulsão até o limite, enviando força máxima aos Radon-Ulzers. Os grandes motores deram um pinote, rosnaram como um monstro enjaulado e morreram imediatamente.
O menino congelou. A sua volta, os pilotos disparavam numa desarmonia de sons e um relâmpago de metais brilhantes. Areia levantava no rastro deles, encobrindo o ar com partículas de poeira. Em segundos, o menino estava só, exceto pelo *Quadra-Pod* de Ben Quadrinaros, que empacou na linha de partida exatamente como Anakin.
A mente de Anakin pilotava desesperadamente. Ele havia alimentado o motor com muito combustível no início. Os motores readaptados não agüentavam toda aquela potência de uma só vez se o carro já não estivesse em movimento. Ele puxou as barras de propulsão novamente para trás, voltando-as ao ponto neutro. Girando os botões do canal de alimentação do motor, ele limpou os canais e os trocou de lado. Inspirando profundamente, ele apertou os botões de ignição. A chave de partida oscilou e funcionou, e os grandes Radon-Ulzers voltaram à vida com um ronco estrondoso. Ele alimentou menos os motores desta vez, tomado de impaciência, e escorregou as barras propulsoras suavemente para frente. Os motores dispararam levando o *Pod* e o garoto — arrancando da linha de partida.
Anakin deu partida determinado a não se preocupar com nada a não ser os pontinhos a distância que marcavam a presença dos outros corredores. Ele disparou pelas planícies, com o gemido dos motores do *Pod* aumentando, e a terra embaixo desaparecendo em um banho de luz e calor. O caminho era plano e aberto no começo, e ele puxou os propulsores para a frente novamente. Ele acelerava tão rapidamente que tudo em volta se tornou uma nódoa obscura. Adiante, o primeiro conjunto de formações rochosas se ergueu no horizonte. Anakin podia ver, agora, os outros competidores com suas formas metálicas brilhantes disparando através das planícies — os motores despejando fogo e fumaça. Ele se aproximou deles rapidamente — os Radon-Ulzers berrando. Numa área aberta, ele sabia que nenhum motor podia se comparar aos dele. Um rubor de excitação o percorreu enquanto alcançava os pilotos.
Ele puxou novamente as barras propulsoras enquanto se aproximava deles,

dando a si mesmo espaço para manobrar. Ele passou por dois como se estivessem imóveis, angulando-se para a esquerda e depois para a direita, costurando a linha de distância que havia entre eles. Quando estava livre, ele realimentou os motores e foi puxado pela força gravitacional para trás no assento. O seguinte a ser ultrapassado foi Gasgano, o multipernas. Diminuindo a velocidade atrás do *Pod* do Troiken, ele se preparou para a ultrapassagem. O Arco Canyon estava à frente e ele queria se livrar de todos antes de navegá-la. Manobrando cuidadosamente, ele se preparou para ultrapassar pela direita. Mas Gasgano o viu e, rapidamente, se deslocou para cortá-lo. Anakin aguardou e angulou para a esquerda numa nova investida. Novamente, Gasgano o cortou. Em todas as direções, eles deslizavam pelo solo do deserto, como um dragão caçando uma ratazana.

Um declive após um planalto baixo surgiu como uma linha desigual no horizonte. Anakin diminuiu a velocidade, dando impressão a Gasgano de que estava se preparando para mergulhar. O outro pilo-to, com uma rápida olhada por cima dos ombros, se certificou da localização do menino mantendo sua posição até a boca do planalto — mergulhando na frente. No instante em que ele fez isso, Anakin empurrou as barras propulsoras totalmente para a frente, e seu *Pod* adquiriu tanta velocidade, que ultrapassou por cima de Gasgano antes que ele pudesse fazer qualquer coisa para detê-la.

A dobra escura do *canyon* já aparecia à frente e Anakin ia costurando pela abertura de sua agulha, com habilidades de costureira, acelerando em direção às sombras frias. Os Radon- Ulzers zuniam ansiosamente, com os projetores de energia mantendo-os em sincronia, e os cabos Steelton fornecendo ao *Pod* a quantidade exata de elasticidade através das curvas perigosas. Anakin operava as barras propulsoras em movimentos curtos e precisos, pressentindo todo o percurso em sua mente: cada curva, cada desvio, cada queda e cada elevação. Tudo estava claro e certo para ele. Tudo estava revelado.

Ele atravessou o *canyon,* voltando às planícies abertas. A frente, além de uma dúzia de corredores, Mawhonic e Sebulba lutavam pela liderança. Os conhecidos motores em forma de X do Dug se ergueram, manobrando para ganhar posição. Mas o carro elegante de Mawhonic estava gradativamente se afastando.

Então Sebulba acelerou e avançou violentamente para a esquerda, movendo-se rapidamente na direção do outro piloto. Mawhonic reagiu instintivamente, movendo-se também para a esquerda e diretamente para uma imensa formação rochosa. Mawhonic desapareceu numa enorme bola de fogo e fumaça preta.

O próximo era Xelbree, tentando ultrapassar Sebulba por cima, como Anakin havia feito com Gasgano. Mas o Dug sentiu a presença dele e se elevou,

bloqueando a passagem. Xelbree deslizou para a esquerda, mantendo-se ao lado, mantendo velocidade. Sebulba pareceu perder terreno, levemente abrindo passagem. Mas, quando Xelbree passou por ele, o Dug acionou uma ventana lateral em seu exaustor esquerdo. O fogo cuspiu na lateral do motor de Xelbree cortando o metal como se fosse plástico fino. Xelbree tentou desesperadamente se afastar, mas estava muito devagar. O fogo pegou e se alastrou. O motor danificado explodiu, e o restante do *Pod* e do motor bateu no penhasco e se despedaçou.

Sem reduzir, Sebulba se afastou do acidente sozinho na liderança.

Na platéia da arena e das plataformas espalhadas por todo o percurso, a multidão acompanhava o progresso da corrida através de visores portáteis enquanto as imagens dos pilotos eram transmitidas através de *dróides* portando câmaras. De uma torre de monitoramento, o comentarista de duas cabeças que gracejava consigo mesmo anunciava os líderes. Qui-Gon observava por uma tela com Shmi e Padmé, mas não havia menção ou sinal de Anakin. As vazes duplas do comentarista se erguiam e baixavam numa cadência regular, enchendo o ar com suas inflexões, criando um clímax para incitar a multidão já frenética.

Qui-Gon olhou para as planícies, procurando movimento. A sua direita, Jar Jar brigava com um alienígena delgado e de expressão ácida chamado Fanta, tentando espiar sobre seus ombros, assediando-o com perguntas, tentando fazer amizade erroneamente achando que, por se parecer vagamente com ele, o Poldt seria receptivo à sua aproximação. Não estava funcionando. Fanta não queria nada com Jar Jar e se manteve deliberadamente de costas para o Gungan, escondendo a tela de sua vista. Jar Jar estava ficando impaciente.

Qui-Gon desviou o olhar. No setor das equipes, R2-D2, C-3PO e Kitster esperavam solitários.

Dentro de um camarote privativo localizado atrás e logo abaixo do camarote de Jabba, Watto ria e contava piadas com os amigos. O Toydarian voava de um lado para outro, dando olhadas na corrida pelos visares e esfregando as mãos ansiosamente. Ele avistou Qui-Gon e gesticulou grosseiramente — com o sentido claro.

Abaixo, na linha de partida, Ben Quadrinaros ainda lutava para iniciar os motores de seu *Quadra-Pod.*

Qui-Gon fechou os olhos e bloqueou tudo ao redor, tanto sons quanto movimentos, se unificando com a Força, desaparecendo em seu fluxo, buscando Anakin. Ele permaneceu perdido em si mesmo enquanto o ronco da multidão se elevou novamente, e o som de motores aumentou a distância. No horizonte, se erguia um monte de poeira escura.

Na linha de partida, Ben Quadrinaros finalmente conseguiu dar partida em seus

motores, todos os quatro monstros enormes roncando de volta à vida, vibrando selvagemente em seus compartimentos. Os motores e o *Pod* balançaram quando Quadrinaros puxou os propulsores. Mas, no momento seguinte, os cabos projetores de energia arrebentaram, os conectores estalaram, e os motores se espalharam em quatro direções, explodindo contra muros de pedra, rochas e bancos baixos de areia. A multidão ofegava chocada, protegendo olhos e ouvidos enquanto o *Pod* e Ben Quadrinaros desmoronavam na pista de corrida numa pilha imprestável.

Quase que instantaneamente, o carro de Sebulba passava pela arena, disparando através do arco de chegada e voando como um rojão no início da segunda volta. Dois outros corredores seguiam, seus motores roncando alto enquanto passavam, e seus corpos coloridos brilhando sob os sóis do meio-dia.

Não havia sinal de Anakin.

Qui-Gon manteve os olhos fechados, buscando sua consciência. A seu lado, Shmi e Padmé trocaram olhares preocupados. Jar Jar ainda brigava com Fanta, batendo em suas costas excitado enquanto o outro fazia uma careta tentando se desvencilhar.

Três outros pilotos passaram, o som de suas máquinas diminuindo enquanto se afastavam. Um quarto, Ody Mandrell, voltou para o *box,* com os motores de seu *Pod* sacudindo e emitindo fumaça à medida que o piloto pedia uma pausa. *Dróides* vieram auxiliar o piloto, aglomerando-se sobre os motores. Ody ficou no *box*, um Er'Kit réptil enorme e atarracado, com os braços gesticulando. Mas, quando os motores deram novamente a partida, DUM-4, um dos *dróides,* estava parado junto ao motor esquerdo que o sugou, o triturou e o cuspiu fora pelo exaustor — num monte de destroços.

A multidão atenta à corrida se voltou novamente para os visares. Então R2-D2, sentando com Kitster e C-3PO, fez um *bip* excitado.

Os olhos de Qui-Gon se arregalaram. — Aí vem ele! — exclamou rapidamente.

Anakin Skywalker surgiu em meio a claridade do meio-dia — os enormes Radon-Ulzers roncando furiosamente.

Entre os gritos de seus companheiros e da multidão, Qui-Gon apenas sorriu. Anakin havia começado a tomar a dianteira da corrida.

No início da segunda volta, Anakin estava em sexto. Enquanto a corrida progredia, ele desaparecia vagarosamente em seu *Pod*, tornando-se um só com os motores, sentindo a pressão e a força de cada rebite e parafuso. O vento batia nele num ritmo alucinante, o trancando em seu barulho branco. Havia somente ele e sua máquina, tudo era velocidade e resposta. Era o que correr fazia com ele: fundia seu corpo com o *Pod* e o motor até que ele fizesse parte dos dois. A

cada momento, a simbiose se aprofundava, unindo-os, dando-lhe percepções e entendimento que transcendiam seus sentidos e conhecimento, projetando-o do presente para um local onde outras pessoas não conseguiam atingir.
Quando chegou perto do Canyon Arch, ele se aproximou dos líderes, com a face jovem séria. Planando sobre as planícies, ele ultrapassou Aldar Beedo e passou pela lateral de Clegg Holdfast. De um lado, Ody Mandrell, que se acercava rapidamente, bateu muito forte sobre uma elevação arenosa e atolou o motor na areia. O *Pod* de Ody rolou num espetacular movimento de motores e explodiu em pedaços.
Anakin estava a somente quatro carros de distância de Sebulba e podia ver claramente a nave do Dug a distância.
Tudo aconteceu rápido após isso.
Os pilotos atravessaram o Canyon Arch e formaram do outro lado uma fila irregular, com Anakin estreitando a distância entre ele e os outros. Tusken Raiders escondidos atrás das rochas dos penhascos que formavam o limite da Curva Tusken, deram sorte e atingiram Teemto Pagalies. O transporte de Teemto simplesmente explodiu e desapareceu. Anakin voou através do vapor causado pelo acidente atrás dos outros. Ele passou em velocidade por Elan Mak e Haba Kee. Adiante, Mars Guo se aproximava de Sebulba, atento ao Dug, mantendo-se baixo e distante, tentando passar. Anakin se aproximou dos dois em uma longa depressão formada por filas de dunas de areia, reduzindo velocidade próximo a Mars Guo.
De repente, Sebulba pôs a mão para fora da cabine e lançou um pedaço de metal diretamente na boca do motor esquerdo de Mars Guo. Metal se espatifou violentamente contra metal, e o motor danificado começou a soltar fumaça e fogo. Mars tentou manter a máquina firme, mas o motor quase despencava enquanto perdia força, fazendo o *Pod* se voltar violentamente para Anakin. Os carros colidiram num guincho metálico, e uma ponta afiada do estabilizador vertical de Mars Guo atingiu a linha Steelton que ligava o motor esquerdo de Anakin, soltando a ligação. Instantaneamente o *Pod* de Anakin começou a balançar violentamente no final da linha restante, sacolejando para todos os lados. Os Radon-Ulzers continuavam trabalhando em sintonia, travados juntos pelos projetores de energia, mas o *Pod* estava fora de controle. Anakin tocou os pedais estabilizadores com os pés, lutando para manter o *Pod* firme enquanto ele balançava como um pêndulo. A linha solta batia ferozmente no rastro do exaustor do motor, ameaçando enganchar ou enrolar numa pedra — puxando o *Pod* para o solo. Anakin tateou o chão da cabine, procurando o restaurador magnético. Quando o encontrou, ele pressionou o botão de ligar e puxou o

recuperador para fora do lado esquerdo, tentando fazer contato com a linha solta. O esforço o obrigou a reduzir velocidade e ele ficou atrás de Sebulba novamente. Elan Mak, Habba Kee e, agora, Obitoki também o ultrapassaram, perseguindo o Dug.
Anakin olhou freneticamente por cima do ombro. O grupo se aproximava dele novamente.
Após uma dúzia de tentativas, ele finalmente se concentrou o suficiente para alcançar a linha perdida com o recuperador e manobrá-la de volta para o gancho. Suor e poeira lhe cobriam o rosto e a manga da jaqueta estava rasgada.
Guardando o recuperador, ele empurrou novamente as barras propulsoras para frente. Firme na ponta dos cabos Steelton, o *Pod* se manteve em posição enquanto os motores roncavam, acelerando atrás dos líderes.
Anakin chegou a Elan Mak primeiro e passou por ele facilmente. Ele estava próximo de Habba Kee quando Obitoki tentou ultrapassar Sebulba. O Dug esperou até que seu rival estivesse a seu lado, então, usou a mesma estratégia que aplicou contra Xelbree. Abrindo uma pequena ventana em seu exaustor esquerdo, ele esguichou fogo direto no motor esquerdo de Obitoki. O combustível nas linhas pegou fogo e explodiu, e o *Pod* de Obitoki mergulhou de nariz no deserto, enviando uma nuvem de poeira para todos os lados.
Habba Kee voou para dentro da nuvem de poeira logo à frente de Anakin, baixo e próximo do solo. Momentaneamente cego, ele desviou para o lado errado e bateu na ponta de um pedaço do motor de Obitoki enterrado na areia. Motores e *Pod* se enrolaram e explodiram selvagemente. Anakin seguia Habba Kee na nuvem de poeira e fumaça. Um pedaço de metal voou em sua direção no meio da névoa, inclinando-se para seu motor direito e quase atingindo sua cabeça. Mas Anakin via com algo mais que os olhos, sentindo com sua mente, calmo e seguro em si mesmo. Ele podia sentir o perigo esperando e puxou as alavancas propulsoras suavemente, passando pelo acidente.
Então ele estava sozinho novamente, aproximando-se de Sebulba.
Ele alcançou o Dug enquanto passavam pela arena embaixo do arco de chegada, dando início à terceira e última volta.
Em sua mente, Anakin podia ver Qui-Gon e Jar Jar assistindo; Kitster, sentado no setor das equipes, torcendo freneticamente; R2-D2 e C-3PO, o primeiro emitindo *bips*, enquanto o segundo papeava sem resposta; Padmé, com seu rosto lindo moldado de preocupação, e sua mãe, com os olhos cheios de terror. Ele podia ver todos assistindo à disputa, como se estivesse entre eles — fora de seu corpo, assistindo à disputa.
Ele bloqueou as imagens, expulsando-as do pensamento, e se concentrou

totalmente em Sebulba.
Eles estavam saindo do *Canyon Arch* quando Sebulba resolveu acabar com Anakin de uma vez por todas. O Dug sabia onde todas as câmaras estavam situadas. Ele sabia os ângulos de colocação e como evitar ser pegado. Balançando seu *Pod* perto do de Anakin, ele abriu a ventana lateral do exaustor e tentou atingir o motor do garoto, como havia feito com os outros. Mas Anakin havia sido vítima daquele truque antes e o estava esperando desta vez. Ele se movimentou para cima do jato e ficou fora do alcance. Quando Sebulba tentou segui-lo, Anakin baixou novamente — rápido demais, perdendo o controle momentaneamente. Seu carro desviou da pista em direção a uma fila de placas de sinalização, mandando-as para todos os lados. Desesperado para se recuperar, ele levantou o nariz de seu transporte para o céu, empurrando as barras de propulsão para frente, acelerando. Os Radon-Ulzers fizeram um estrondo, o *Pod* deu uma apavorante guinada brusca, e ele saltou por cima de Sebulba ganhando a liderança.
Através do primeiro grupo de cavernas e passando pela Curva Tusken, Anakin liderava, com Sebulba logo atrás. A velocidades muito altas para manter um controle adequado, os adversários se arriscavam e se nivelavam, como se suas seguranças não fossem importantes.
E, finalmente, se encontravam novamente em área aberta.
Outra vez, Sebulba procurou recuperar a liderança, tentando uma abertura. Anakin o manteve atrás, mas, naquele momento, um dos estabilizadores horizontais do motor esquerdo começou a estremecer violentamente. A visão momentânea de Sebulba golpeando seu estabilizador pouco antes da corrida atingiu a mente de Anakin. Ele soltou as barras de propulsão, lançou o estabilizador e o trocou por um acessório. No processo, foi obrigado a abrir passagem. Sebulba o ultrapassou assumindo novamente a liderança.
O tempo e o espaço estavam escoando para Anakin Skywalker.
Ele empurrou as alavancas de propulsão e disparou atrás do Dug. Sebulba o viu e se manteve à sua frente, impedindo-o de ultrapassar. Eles dispararam através da pista, lutando por posição. Anakin tentou tudo que sabia, mas Sebulba era um veterano experiente e conseguiu impedir cada tentativa. Metta Drop passou por eles enquanto deixavam as dunas em direção à última faixa de planícies.
Finalmente, Anakin se moveu para a esquerda, depois direita. Mas, desta vez, quando Sebulba tentou bloquear-lhe a passagem, Anakin fingiu um terceiro movimento, ficando o Dug à esquerda novamente. No momento em que o Dug tentou bloquear Anakin outra vez, Anakin moveu seu *Pod* violentamente para a direita e enfiou o nariz ao lado do Dug.

Pela faixa final de planícies, os corredores disparavam lado a lado, enquanto a arena e seus blocos de mármore já podiam ser avistados. Sebulba gritou frustrado e deliberadamente lançou seu *Pod* contra o de Anakin. Enfurecido pela persistência obstinada do menino, ele bateu em Anakin, uma, duas vezes. Mas, na terceira batida, as hastes de direção das duas naves se entrelaçaram, colando-os um ao outro. Anakin lutava com seus controles, tentando se soltar, mas os *Pods* estavam fortemente engatados. Sebulba gargalhava, batendo seu *Pod* contra Anakin tentando forçá-la a ir para o chão. Anakin empurrava as barras de propulsão para frente e para trás, tentando se desvencilhar. Os Radon-Ulzers se desgastavam com o esforço e as hastes da direção vergaram e dobraram. Finalmente, a haste de Anakin partiu totalmente, interrompendo bruscamente o ratar e o estabilizador principal. O *Pod* do menino dava solavancos e girava na ponta dos cabos Steelton, tremendo com tanta força que poderia derrubar Anakin, se o garoto não estivesse seguramente amarrado.

Mas foi pior para Sebulba. Quando a haste de direção de Anakin rompeu, o *Pod* do Dug se atirou para frente, como se lançado por um estilingue, arrebentando aos cabos que o puxavam e fazendo os motores se descontrolarem. Um motor bateu em uma peça de mármore antigo e se desintegrou em chamas. O segundo motor foi rolando na areia e acabou explodindo numa imensa bola de fogo. Os cabos se soltaram, e o *Pod* do Dug escorregou por entre os destroços dos motores em chamas, torcendo e batendo violentamente pelo chão do deserto e parando em uma nuvem de fumaça. Sebulba se soltou num ataque histérico, atirando peças de seu *Pod* arruinado em todas as direções até perceber que suas calças pegavam fogo.

Anakin Skywalker voava acima, com os exaustores dos grandes Radon-Ulzers jogando areia e partículas na cara do Dug. Se segurando para manter o controle enquanto cruzava a linha de chegada, ele se tornou, aos nove anos de idade, o mais jovem vencedor da corrida de Boonta Eve.

14

Enquanto a plataforma de observação que ele ocupava com Shmi, Padmé e Jar Jar baixava, Qui-Gon observava a multidão se aproximar do *Pod* de Anakin. O menino havia parado o carro no centro da pista, desligado os Radon-Ulzers e pulado para fora. Kitster já o havia alcançado e o abraçava apertado, e R2-D2 e C- 3PO estavam correndo em volta dos dois. Quando a multidão se aproximou momentos depois, eles ergueram Anakin e o levaram, cantando e gritando seu nome.

Qui-Gon trocou um sorriso terno com Shmi, demonstrando sua satisfação com o desempenho do menino. Anakin Skywalker era realmente especial.

A plataforma voltou ao lugar calmamente e os ocupantes desembarcaram em correria para a pista. Deixando seus companheiros se unirem aos festejos, o Mestre Jedi se dirigiu para os camarotes. Subindo rapidamente as escadas, ele chegou ao camarote privativo de Watto em segundos. Um grupo de alienígenas passou por ele, gargalhando e contando piadas em várias línguas e contando uma pequena quantidade de moedas e créditos. Watto estava observando a multidão que cantava, pairando sobre a beirada do balcão, com expressão desanimada na face azul enrugada.

No momento em que avistou Qui-Gon, a face desanimada se transformou e ele voou para o Mestre Jedi com indisfarçável fúria.

> –Você! Você me enganou! — Ele balançava no ar em frente a Qui-Gon, tremendo de ódio. — Você sabia que o garoto ia vencer! De alguma forma você sabia! Perdi tudo!

Qui-Gon sorriu benévolo. — Sempre que se faz uma aposta, meu amigo, eventualmente pode-se perder. Hoje não foi seu dia. — O sorriso apagou. — Envie as peças do hiperpropulsor para o hangar principal imediatamente. Eu irei até a loja mais tarde para que libere o menino.

O Toydarian empurrou a tromba contra o nariz de Qui-Gon. — Não pode ficar com ele! Não foi uma aposta justa!

Qui-Gon olhou friamente de cima para baixo. — Gostaria de discutir isso com os Hutts? Tenho certeza de que ficariam felizes em resolver a questão.

Watto se afastou como se houvesse sido picado por um ferrão com seus olhos redondos cheios de ódio. — Não, não! Não quero saber de mais nenhum dos

seus truques. — Fez um gesto enfático.

–Leve o garoto! Vá embora!

Ele se afastou e saiu do camarote — o corpo curvado contra as asas que batiam loucamente. Qui-Gon o observou sair, então, desceu as escadas em direção à pista, com a mente já ocupada com outras coisas.

Se não estivesse tão preocupado planejando o que faria, talvez tivesse visto o *dróide* Sith que o seguia.

Em uma hora, a arena havia se esvaziado, os carros guardados ou enviados para reparos, deixando o hangar principal quase deserto. Alguns *dróides* da equipe ainda estavam ocupados recolhendo peças dos acidentes, indo e vindo, fazendo seu trabalho. Dos pilotos, apenas Anakin restava, examinando seu *Pod* danificado. Ele estava sujo e esfarrapado, seu cabelo espigado e seu rosto manchado de suor e fuligem. Sua jaqueta estava rasgada em vários lugares, e havia sangue em sua roupa no local em que tinha cortado o braço num metal durante a luta com Sebulba.

Qui-Gon o observava atentamente, parado ao lado com Padmé e Shmi, enquanto o menino, Jar Jar, R2-D2 e C-3PO se movimentavam ocupados à volta do *Pod* e dos motores. Poderia ser? Ele pensava, talvez, pela centésima vez sobre a maneira com que o menino lidava com o carro de *Pod,* a maturidade que exibia e a intuição que possuía. Era possível?

Ele guardou suas perguntas para outra ocasião. Seria responsabilidade do Conselho decidir. Ele se afastou das mulheres abruptamente, aproximando-se do menino e se ajoelhando a seu lado.

–Sua aparência não é muito boa, Annie — disse suavemente, colocando a mão no ombro do garoto e o olhando nos olhos — mas se saiu muito bem. — Sorrindo para encorajá-lo, ele limpou a sujeira do rosto do menino. — Aí está, novinho em folha.

Ele mexeu no cabelo teimoso do menino e o ajudou a atar o braço machucado. Shmi e Padmé se juntaram a eles e lhe deram novos beijos e abraços, examinando-o cuidadosamente, tocando- lhe as bochechas e a testa.

–Ah, puxa! Já chega disso — murmurou o menino constrangido.

A mãe sorriu, balançando a cabeça. — E maravilhoso, Annie, o que fez aqui. Sabe? Você trouxe esperança para aqueles que não tinham nenhuma. Estou muito orgulhosa de você.

–Devemos tudo a você — completou rapidamente Padmé, lançando-lhe um olhar terno e intenso.

Anakin ficou vermelho. — Sentir-me bem já vale a pena! — declarou sorrindo também.

Qui-Gon caminhou até onde as peças do hiperpropulsor estavam embarcadas sobre uma plataforma antigravidade puxada por dois *copies.* Watto entregou conforme prometido, mas não sem uma quantidade considerável de resmungas e ameaças veladas. Qui-Gon checou as correntes do contêiner, dirigiu um olhar para fora onde o calor do meio dia queimava e voltou para perto dos outros.

–Padmé, Jar Jar, vamos — pediu abruptamente. — Temos que levar estas peças de volta para a nave.

O grupo se dirigiu para os *copies,* rindo e conversando. Padmé abraçou e beijou Anakin novamente, então, montou um dos *copies* atrás de Qui-Gon, abrançando-o pela cintura. JÁ Jar saltou para cima do segundo animal e, prontamente, escorregou para o outro lado, tombando no chão. R2-D2 emitia *bips* encorajando enquanto ele tentava novamente, desta vez conseguindo se manter sentado.
Despedidas foram trocadas, mas foi um momento desconfortável para Anakin. Ele olhou como se quisesse dizer algo a Padmé, aproximando-se dela por alguns instantes, fitando-a ansioso. Mas tudo que pôde expressar foi um olhar triste e confuso.
Vagarosamente, os *copies* começaram a se mover, Anakin e sua mãe de pé com C-3PO acenando.

–Trarei os *copies* de volta ao meio-dia — prometeu Qui- Gon, gritando por cima do ombros.

Padmé não olhou para trás.
Qui-Gon e seu grupo deixaram Mos Espa em direção ao deserto, R2-D2 ia primeiro, se movimentando à frente dos *copies* num ritmo estável. Os sóis se erguiam rapidamente para a posição de meio-dia no céu, e o calor atingia a areia em ondas. Mas a jornada de volta ao transporte Real foi tranqüila e sem incidentes. Obi-Wan os aguardava, descendo a rampa logo que se aproximaram, sua face jovial intensa. — Estava ficando preocupado. — Ele anunciou sem rodeios.
Qui-Gon desmontou e, então, ajudou Padmé a descer. — Comece a instalar este hiperpropulsor — ordenou. — Tenho que voltar. Tenho um negócio inacabado.

–Negócio? — ecoou seu pupilo, arqueando as sobrancelhas.
–Não vou demorar.

Obi-Wan o estudou um momento, então, suspirou. — Por que sinto que pegou outra causa perdida?
Qui-Gon o tomou pelo braço afastando-o dos outros. — Foi o garoto que nos conseguiu as peças. — Ele pausou. — O garoto cujo sangue você testou ontem a noite para *midi-chlorian.*

Obi-Wan lhe lançou um olhar duro e firme, afastando-se.
De uma elevação de onde se avistava a nave, escondido no clarão dos sóis e nas elevações das dunas, o *dróide* Sith parou para uma nova transmissão, então, rapidamente pôs-se a caminho. Anakin voltou para casa com sua mãe e C-3PO, ainda envolto na euforia da vitória, mas lutando com a tristeza pela partida de Padmé. Ele não havia pensado no que aconteceria a ela se ele ganhasse a corrida de Boonta Eve, que isso significaria que Qui- Gon teria o gerador hiperpropulsor de que necessitava para fazer seu transporte funcionar. Quando ela se inclinou para beijá-lo e abraçá-la em despedida, foi a primeira vez que pensou no assunto desde a chegada dela. Ele estava atordoado num misto de emoções e, de repente, quis lhe pedir que ficasse. Mas não conseguiu dizer as palavras, sabendo como soaria tolo, sabendo que ela não podia fazer isso.
Então ele ficou ali, como um *dróide* sem cordas vocais, olhando- a partir atrás de Qui-Gon, pensando que aquela poderia ser a última vez que a veria e pensando como viveria sem ela se isso acontecesse.
Sem conseguir se manter quieto após deixar sua mãe em casa, ele pôs C-3PO de volta em seu quarto, desativando-o, e saiu novamente.
Qui-Gon o avisou que estava liberado do trabalho na loja hoje, então, podia fazer o que quisesse até que o Jedi retornasse. Ele não pensou mais no que aconteceria, caminhando em direção a Mos Espa, acenando enquanto chamavam seu nome por todo o caminho, se aquecendo sob o brilho de seu sucesso. Ele ainda não podia acreditar, mas sentia que sempre soube que um dia ganharia a corrida. Kitster apareceu; depois, Amee e Wald, e logo ele estava rodeado por uma dúzia de outros.
Ele estava se aproximando da interligação para Mos Espa quando um jovem Rodian, maior que ele, lhe bloqueou a passagem. Anakin roubou, acusou. Ele não poderia ter vencido a corrida de outra forma. Nenhum escravo poderia vencer em nada.
Anakin estava sobre ele tão rápido que o grandalhão mal teve tempo de erguer o braço para se defender antes de cair no chão.
Anakin o golpeava o mais forte e rapidamente que podia, sem pensar em nada a não ser em sua raiva, sem se dar conta de que a raiva não tinha nada a ver com sua vítima, mas tudo a ver com o fato de haver perdido Padmé.
Logo Qui-Gon, já de volta com os *copies*, estava em cima dele. Ele puxou Anakin, separando os dois briguentos, e quis saber o que estava acontecendo. Um pouco acanhado e irado, Anakin contou. Qui-Gon o estudou por um momento, com expressão desapontada. Ele fixou o olhar no jovem Rodian e lhe perguntou se ainda achava que Anakin havia trapaceado. O jovem, olhando furiosamente para Anakin, disse que sim.

Qui-Gon pôs a mão sobre o ombro de Anakin afastando-o da multidão — sem dizer uma palavra até que estivessem longe.

–Sabe, Annie — ele disse, então, com sua voz carinhosa. — A briga não mudou a opinião dele. A opinião dos outros, quer concorde ou não, é uma coisa que tem que aprender a tolerar.

Ele levou o menino para casa, aconselhando-o sobre como a vida funcionava, a mão repousando em seu ombro de uma forma que confortou Anakin. Enquanto se aproximavam da casa do menino, Qui-Gon tirou do poncho uma algibeira de couro cheia de créditos.

–São seus — ele anunciou. — Vendi o *Pod.* — Ele apertou os lábios.

–Para um certo Dug rabugento e insistente.

Anakin aceitou os créditos, sorrindo largamente, agora que a luta e a causa estavam esquecidas.

Ele correu para a porta da casa e entrou, com Qui-Gon seguindo em silêncio. — Mãe, mãe! — ele gritou quando ela apareceu. — Adivinhe!

Qui-Gon vendeu o *Pod!* Veja quanto dinheiro temos!

Ele puxou a algibeira e entregou nas mãos dela, feliz com a expressão de surpresa em seu rosto. — Oh, meu Deus! — ela expirou suavemente, olhando para o que tinha nas mãos. — Annie, é maravilhoso!

Os olhos dela se ergueram rapidamente para encontrar os de Qui- Gon. O Jedi deu um passo à frente, mantendo o olhar.

–Annie foi libertado.

Os olhos do menino se arregalaram. — O quê?

Qui-Gon olhou para ele. — Você não é mais um escravo.

Shmi fitava o Jedi incrédula com a expressão rígida na face envelhecida e com seus olhos espelhando seu choque e incredulidade.

–Mãe? Ouviu isso, mãe? — Anakin dava vivas e pulava o mais alto que podia. Não era possível! Mas ele sabia que era verdade, que era mesmo verdade!

Ele se controlou. — Foi parte do prêmio ou o quê? — perguntou, sorrindo.

Qui-Gon também sorriu. — Vamos dizer que Watto aprendeu uma grande lição sobre apostas.

Shmi Skywalker ainda balançava a cabeça, ainda chocada com as notícias e assimilando a novidade. Mas a visão do rosto de Anakin tornou tudo claro para ela em instantes. Ela o abraçou forte.

–Agora poderá realizar seus sonhos, Annie — ela suspirou com a face radiante enquanto lhe tocava o rosto. — Você é livre.

Ela o soltou e virou para Qui-Gon com seus olhos brilhando em expectativa. — Você o levará? Ele se tornará um Jedi?
Anakin se iluminou com a sugestão e ele se voltou para Qui- Gon, esperando pela resposta.
O Mestre Jedi hesitou. — Nosso encontro não foi uma coincidência. Nada acontece por acidente. Você é forte com a Força, Annie, mas poderá não ser aceito pelo Conselho.
Anakin ouviu o queria ouvir, bloqueando todo o resto, vendo possibilidades que alimentavam suas esperanças e sonhos nascerem naquele momento.

> –Um Jedi! Ele engasgou. — Você quer dizer que irei com você em sua nave e tudo!

E estaria com Padmé novamente! O pensamento o atingiu como um raio, envolvendo em tal expectativa que fez tudo que podia para ouvir o que o Mestre Jedi disse em seguida.
Qui-Gon se ajoelhou em frente ao menino, sua face sombria. — Anakin, tentar ser um Jedi não será fácil. Será um desafio. E se for bem-sucedido, terá uma vida difícil.
Anakin sacudiu a cabeça rapidamente. — Mas é o que eu quero! É tudo que sempre sonhei! — ele olhou para a mãe. — Posso ir, mãe?
Mas Qui-Gon trouxe seu olhar de volta com um toque. — Esse caminho foi colocado à sua frente, Annie. A escolha tem que ser feita somente por você.
Os dois se encaravam. Uma mistura de emoções atravessava Anakin, ameaçando tomá-la por completo, mas tudo era superado pela felicidade que sentia por estar a seu alcance aquilo que mais sonhava: ser um Jedi, viajar por todos os cantos da galáxia.
Ele lançou um olhar breve para a mãe, para seu rosto cansado e acolhedor, enxergando que, como em tudo, também neste caso, ela queria o que fosse melhor para ele.
O olhar dele se voltou para Qui-Gon. — Eu quero ir — disse.

> –Então faça as malas — aconselhou o Mestre Jedi. — Não temos muito tempo.
> –Oba! — gritou o menino, pulando, já ansioso para se preparar. Ele correu para a mãe e a abraçou o mais apertado que podia, então, correu para seu quarto.

Ele estava quase na saída quando se deu conta de que se havia esquecido de algo. Um arrepio lhe percorreu a espinha enquanto se voltava para Qui-Gon. — E quanto à mamãe? — ele perguntou apressado com seus olhos disparando de

um para outro. — Ela também está livre? Você vem também, não é, mãe? Qui-Gon e a mãe de Anakin trocaram um olhar preocupado, e ele soube a resposta antes que o Jedi pronunciasse as palavras. — Eu tentei libertar sua mãe, Annie, mas Watto não aceitou. Escravos dão *status* e prestígio a seus senhores em Tatooine.

O menino sentiu o peito e a garganta apertarem. — Mas o dinheiro da venda...

Qui-Gon sacudiu a cabeça. — Não é suficiente...

Um silêncio seguiu, então, Shmi Skywalker caminhou até o filho e se sentando numa cadeira a seu lado, toma suas mãos e o puxa para perto. Seus olhos estavam firmes quando olhou para ele.

> –Annie, meu lugar é aqui — disse suavemente. — Meu futuro é aqui. E hora de você deixar... me deixar. Não posso ir com você.

O garoto engoliu seco. — Quero ficar com você, então. Não quero que as coisas mudem.

Ela lhe lançou um olhar, encorajando-o. — Você não pode impedir a mudança assim como não pode impedir os sóis de se porem.

Ouça seus sentimentos, Annie. Você sabe o que é certo.

Anakin inspirou fundo, devagar, deixando seu olhar cair, a cabeça baixa. Tudo estava se partindo por dentro, toda a felicidade se derretendo, a expectativa desaparecendo. Então sentiu as mãos da mãe apertando as suas e, no toque dela, sentiu toda a força que precisava para fazer o que sabia que devia.

Ainda assim, seus olhos estavam marejados quando levantou o olhar novamente. — Vou sentir muito a sua falta, mãe — sussurrou.

Sua mãe moveu a cabeça. — Eu o amo, Annie. — Ela soltou as mãos dele. — Agora se apresse.

Anakin lhe deu um abraço rápido e apertado e correu para o quarto com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Em seu quarto, Anakin ficou parado olhando em volta em súbita perplexidade. Ele estava partindo e não sabia quando voltaria. Ele nunca havia estado em outro lugar senão ali, nunca havia conhecido ninguém fora os habitantes de Mos Espa e aqueles que vinham fazer negócios com eles. Ele havia sonhado com outros mundos e outras vidas, em se tornar um piloto de uma nave da frota principal e em se tornar um Jedi. Mas o impacto do que era realmente estar a um passo de embarcar para essa vida que tanto havia desejado era avassalador.

Ele se viu pensando no velho piloto, dizendo-lhe que não ficaria surpreso se Anakin Skywalker se tornasse algo mais que um escravo. Ele havia desejado isso mais que tudo, havia desejado do fundo do coração que isso acontecesse. Mas nunca havia nem considerado a hipótese de partir deixando sua mãe.

Ele enxugou as lágrimas dos olhos, lutando para controlar novas lágrimas,

ouvindo as vazes de sua mãe e de Qui-Gon na outra sala.

–Obrigado — disse ela suavemente.
–Vou cuidar dele. Tem minha palavra. — A voz profunda do Jedi estava calma e segura. — Você vai ficar bem?

Anakin não conseguiu ouvir a resposta dela. Mas, então, ela disse — Ele ficou em minha vida por tão pouco tempo...
Ela se movimentou distraída. Anakin se forçou a parar de escutar e começou a puxar roupas e enfiá-las numa mochila. Ele não tinha muito, por isso não demorou. Ele olhou em volta por algo importante que pudesse ter esquecido, e seus olhos pararam em C-3PO, deitado sobre a mesa de trabalho imóvel. Ele caminhou até o *dróide* de protocolo e o ativou. C-3PO inclinou a cabeça e olhou inexpressivamente para o menino.
–Bem, Ce-trêspeo, estou partindo — Anakin disse solenemente. — Eu estou livre. Vou embora numa nave espacial...
Ele não sabia mais o que dizer. O *dróide* inclinou a cabeça. — Bem, mestre Anakin, você é meu criador, e lhe desejo felicidades. Apesar de que eu desejaria estar menos pelado.
O garoto suspirou e balançou a cabeça. — Sinto muito por não conseguir finalizá-la, Ce-trêspeo, dar uma acabamento e tudo. Vou sentir falta de trabalhar em você. Você tem sido um ótimo amigo. Vou me certificar de que mamãe não venda você ou algo parecido. Adeus!
Ele pegou sua mochila e saiu correndo do quarto, ouvindo C- 3PO dizer queixoso — Vender-me?
Ele se despediu de sua mãe, mais corajoso e determinado agora, e saiu pela porta com Qui-Gon, com seu plano de ação montado. Ele estava a quase doze metros de casa quando Kitster, que os seguiu depois da briga, se aproximou correndo.
–Onde vai, Annie? — questionou o amigo.
Anakin inspirou profundamente. — Fui libertado, Kitster. Estou partindo com Qui-Gon numa nave espacial.
Os olhos de Kitster se arregalaram, sua boca abriu numa exclamação silenciosa. Anakin mexeu nos bolsos e tirou um punhado de créditos, que deu ao amigo. — Tome, estes são para você.
A face escura de Kitster olhou para os créditos; depois, para Anakin.
–Você tem que ir, Annie? Tem mesmo? Não pode ficar? Annie, você é um herói!
Anakin engoliu seco. — Eu... — Seu olhar passou de Kitster para sua mãe, ainda em pé na entrada da casa olhando para ele, depois, para onde Qui-Gon

aguardava. Ele sacudiu a cabeça. — Não posso.
Kitster concordou. — Bem.

–Bem — repetiu Anakin, fitando o amigo.
–Obrigado por tudo, Annie — disse o outro menino. Havia lágrimas em seus olhos enquanto aceitava os créditos. — Você é meu melhor amigo.

Anakin mordeu os lábios. — Não me esquecerei.
Ele abraçou Kitster impulsivamente, então, se afastou correndo até Qui-Gon. Mas, antes que o alcançasse, lançou novamente um olhar para a mãe. A visão dela parada na porta o paralisou. Ele ficou ali indeciso por um momento, as emoções conflitantes se apoderando dele. Então sua fraca resolução se desmanchou e ele voltou correndo para ela. Quando chegou até ela, já chorava livremente.
–Não posso fazer isso, mãe — ele sussurrou agarrando-se a ela. — Simplesmente não posso!
Ele tremia, soluçando, se desmanchando por dentro tão rapidamente que a única coisa que conseguia pensar era em se agarrar a ela.
Shmi deixou-o fazer isso por um momento, confortando-o com seu calor, depois o afastou.
Ela se ajoelhou na frente dele, o rosto envelhecido solene. — Annie, lembra-se de quando você subiu aquela duna para espantar os *banthas* para que não fossem mortos? Você só tinha cinco anos. Lembra-se de como desabou exausto várias vezes sob o calor, pensando que não conseguiria fazê-lo, que era muito difícil?
Anakin assentiu com sua face coberta de lágrimas.
Shmi manteve os olhos nele. — Esta é uma daquelas vezes em que você precisa fazer algo que pensa não ser capaz. Mas eu sei o quanto é forte, Annie. Eu sei que você pode fazer isso.
O menino engoliu as lágrimas, achando que ela estava errada, que ele não era tão forte, mas sabendo também que ela havia decidido que ele devia ir, mesmo achando difícil, mesmo resistindo.

–Eu a verei novamente? — ele perguntou desesperado, expressando com palavras o pior de seus medos.
–O que o seu coração lhe diz?

Anakin sacudiu a cabeça em dúvida. — Não sei. Sim, eu acho.
A mãe dele assentiu. — Então acontecerá, Annie.
Anakin inspirou profundamente para se acalmar. Ele havia parado de chorar e

enxugou a face molhada.

–Vou tornar-me um Jedi — ele declarou baixinho. — E voltarei para libertar você, mãe. Prometo.

–Onde quer que você esteja, meu amor estará com você — Shmi disse com a face amável próxima à dele. — Agora seja forte e não olhe para trás.

–Eu te amo, mãe.

Ela o abraçou pela última vez e, então, o virou de costas para ela.

–Não olhe para trás, Annie — ela sussurrou.

Ela lhe deu um leve empurrão, e ele se afastou decidido, com a mochila nos ombros, mantendo os olhos num ponto além do local onde Qui-Gon o esperava. Ele continuou caminhando em direção àquele ponto, passando pelo Mestre Jedi, lutando para controlar as lágrimas que ameaçavam jorrar novamente. Em apenas alguns minutos, sua casa e sua mãe ficaram para trás.

Eles foram primeiro até a loja de Watto, onde o Toydarian havia preenchido o formulário necessário para assegurar a liberdade de Anakin. O transmissor que prendia Anakin à sua vida de escravo foi desativado permanentemente. Seria removido cirurgicamente mais tarde. Watto ainda resmungava sobre a injustiça das coisas enquanto eles se retiravam e voltavam para a rua.

De lá, a pedido de Anakin, eles caminharam até a barraca de frutas de Jira que ficava próxima. Anakin, já recuperado do trauma de deixar sua mãe, caminhou até a senhora e colocou um punhado de créditos em suas mãos.

–Fui libertado, Jira — disse com determinação e com o queixo levantado. — Estou partindo. Use os créditos para aquela unidade refrigeradora que lhe prometi. Se não, ficarei preocupado.

Jira olhou para os créditos incrédula. Ela balançou a cabeça branca. — Posso te dar um abraço? — ela perguntou suavemente. Ela o abraçou, puxando-o para seu corpo magro, os olhos se fechando enquanto o segurava. — Vou sentir saudades, Annie — ela disse, soltando-o.

–Não existe um menino mais gentil na galáxia. Tenha cuidado. Ele a deixou apressado, correndo atrás de Qui-Gon, que já se retirava ansioso para partir. Eles caminharam em silêncio por uma série de ruas laterais, os olhos do garoto fitando lugares familiares que não veria novamente tão cedo, relembrando sua vida ali, despedindo-se.

Ele estava perdido em seus pensamentos quando Qui-Gon se balançou subitamente, pegando o menino completamente de surpresa. O sabre de luz do Jedi abriu um arco brilhante, atravessando as sombras entre dois edifícios, batendo momentaneamente em algo metálico que fragmentava no rastro da

passagem da arma.
Qui-Gon desligou o sabre de luz e ajoelhou para inspecionar um punhado de peças de metal ainda faiscando e crepitando na areia. O cheiro acre de ozônio e isolador queimado permanecia no ar seco.

–O que é isso? — perguntou o garoto, espiando sobre seus ombros.
Qui-Gon levantou. — *Dróide* de investigação. Muito incomum. Não se parece com nada que eu já tenha visto antes. — Ele olhou em volta apreensivo, os olhos atentos e brilhantes, enquanto observava a rua.

–Venha, Annie — ele ordenou, e eles se afastaram rapidamente.

15

Qui-Gon Jinn levou o garoto para fora de Mos Espa rapidamente, apressado por entre as ruas lotadas em direção aos arredores menos povoados. O tempo todo, seus olhos e sua mente observando: primeiro, a paisagem de Tatooine e, segundo, a paisagem da Força.

Seus instintos o haviam alertado para a presença do *dróide* de investigação que os seguia, e seu treinamento Jedi nos caminhos da Força o alertava sobre algo muito mais perigoso. Ele podia sentir uma mudança no balanço das coisas que sugeria uma invasão na harmonia que a Força requeria, um peso escuro caindo como uma pedra imensa.

Já, no deserto, ao ar livre, ele acelerou o ritmo. O transporte Real já podia ser visto, uma forma escura bem à frente, um paraíso de segurança. Ele ouviu Anakin chamar por ele, o menino se esforçando para acompanhar seu passo, mas começando a ficar para trás.

Olhando por cima do ombro para responder e encorajar o menino, ele avistou um *speeder* e seu piloto vestindo uma capa preta aproximando-se deles.

–Abaixe-se, Anakin! — gritou ele, olhando em volta.

O menino se jogou para o chão, a face voltada para a areia, enquanto o piloto passou, quase o atingindo, lançando-se para Qui-Gon.

O Mestre Jedi já empunhava seu sabre de luz com a lâmina ativada — a arma segura à sua frente com as duas mãos. O piloto do *speeder* se aproximou, um veículo em forma de sela sem armas aparentes, que fora feito para depender de rapidez e habilidade de manobra ao invés de poder de fogo. Não se parecia com nada com que o Jedi houvesse visto antes, mas se assemelhava vagamente a algo morto e desaparecido.

O motorista se desviou dos raios do sol e foi revelado. Marcas destacadas em vermelho e preto cobriam uma face demoníaca num desenho estranho, sob uma coroa de chifres atrofiados em volta da cabeça. Com forma de homem e *humanóide*, seus olhos fundos e dentes em forma de gancho eram ao mesmo tempo brutais e assassinos e seu urro era como a ameaça de um caçador à sua presa.

O grito primitivo mal tinha soado, e ele se lançou sobre Qui- Gon, após parar o *speeder*, desligar seus propulsares e pular do assento num único movimento

rápido. Ele carregava um sabre de luz de material diferente e a arma estava cortando em direção ao Jedi antes mesmo que os pés do atacante tocasse o chão. Qui- Gon, surpreso pela rapidez e ferocidade do adversário, mal conseguiu bloquear o ataque com sua própria arma, as lâminas se enfrentando com um ruído áspero e estridente. O atacante girou rodopiando o manto escuro, então, atacou novamente, seu sabre de luz golpeando sua presa, a face iluminada num frenesi que não prometia misericórdia.

Anakin estava de pé novamente, olhando fixo para os dois, claramente sem conseguir decidir o que fazer. Tentando manter- se firme, Qui-Gon avistou o menino com o canto dos olhos.

–Annie, saia daqui! — ele gritou.

Seu atacante se aproximou mais dele, forçando-o a recuar, golpeando-o em todos os ângulos. Mesmo sem saber nada mais, Qui-Gon sabia que aquele homem havia sido treinado nas artes marciais Jedi, o que o fazia um adversário hábil e perigoso. Pior, ele era mais jovem, rápido e forte que Qui-Gon e estava ganhando rápido. O Mestre Jedi o bloqueou várias vezes, mas não conseguia encontrar uma abertura para escapar.

–Annie! — gritou novamente, vendo o menino imobilizado. — Vá para a nave! Diga-lhes para levantar vôo! Vá, vá!

Atingindo o adversário com maior determinação, Qui-Gon Jinn viu, finalmente, o garoto começar a correr. Num ímpeto de emoção dominada por medo e dúvida, Anakin Skywalker passou correndo pelos adversários em direção à nave Naboo. A nave estava a menos de trezentos metros de distância, e sua superfície metálica brilhava sob a luz do sol da tarde. A rampa de embarque estava baixa, mas não havia sinal de seus ocupantes. Anakin acelerou o passo, o suor banhando seu corpo. Ele podia sentir o coração disparando no peito quando alcançou a rampa e subiu à nave.

Dentro da escotilha, ele encontrou Padmé e um homem de pele escura vindo em sua direção. Quando Padmé o avistou, seus olhos se arregalaram.

–Qui-Gon está com problemas! — falou imediatamente o menino, tentando tomar fôlego. — Ele mandou que decolássemos! Agora!

O homem o fitou com os olhos desconfiados. — Quem é você? - perguntou. Mas Padmé já estava se mexendo, tomando Anakin pelo braço, puxando-o para a frente da nave espacial. — Ele é um amigo — ela respondeu, indo na frente. — Rápido, capitão.

Eles correram pela escotilha em direção à cabine, Anakin tentando contar à garota o que havia acontecido, suas palavras tropeçando umas nas outras, a face ruborizada e ansiosa. Padmé o acompanhava entendendo perfeitamente o que dizia, assentindo com a cabeça, pedindo-lhe para se apressar, assumindo o

controle de tudo.
Quando chegaram à cabine, encontraram dois outros homens trabalhando nos painéis de controle da nave. Eles se voltaram com a entrada de Anakin e seus acompanhantes. Um usava uma insígnia de piloto no peito da jaqueta. O segundo, Anakin tinha certeza pelo corte de cabelo e por suas roupas, tratava-se de outro Jedi.

–Qui-Gon está com problemas — anunciou Padmé rapidamente.
–Ele pediu que decolássemos — disse Anakin em apoio O Jedi ficou de pé imediatamente. Ele era muito mais jovem que Qui- Gon, sua face lisa, os olhos intensos, o cabelo bem curto com exceção de um rabo de cavalo fino trançado sobre seu ombro direito.
–Onde está ele? — ele perguntou. Então, sem esperar por uma resposta, ele se voltou para o posto de observação e começou a checar as planícies.
–Não vejo nada — disse o piloto, olhando por sobre os ombros do outro.
–Aqui! — Os olhos atentos do Jedi avistaram um movimento no canto da tela. — Coloque-nos no ar e bem ali! Agora! Voe baixo!

O homem chamado Ric se atirou no assento do piloto, enquanto os outros, incluindo Anakin, tornaram seus lugares. A rampa de embarque foi selada com um rugido, e o transporte reluzente se ergueu sobrevoando a área suavemente.
–Lá — o Jedi expirou, apontando.
Eles podiam avistar Qui-Gon Jinn, ocupado na luta contra a figura demoníaca de manto escuro. Os adversários se moviam para todos os lados na planície, os sabres de luz brilhando com cada golpe, a areia e a poeira se espalhando em todas as direções. O longo cabelo de Qui-Gon balançava atrás da nuca, em forte contraste com a cabeça chifruda e careca de seu adversário. O piloto Ric dirigiu a nave até eles rapidamente, sobrevoando o solo um pouco mais alto que uma bicicleta *speeder,* se aproximando por trás do atacante. Anakin prendeu a respiração quando chegaram perto dos combatentes. A mão de Ric escorregou sobre o controle que abaixaria a rampa, empurrando-o para frente cuidadosamente.
–Fiquem firmes — ele ordenou, congelando os outros nos assentos enquanto navegava.
Os adversários desapareceram novamente dentro de um novo redemoinho de areia sob o clarão dos sóis gêmeos de Tatooine. Todos os olhos se voltaram rapidamente para as telas de observação, numa busca desesperada.
Então Qui-Gon surgiu, pulando para a rampa abaixada do transporte, ganhando apoio, uma mão agarrada em um suporte de apoio.

Mas o atacante chifrudo continuava a perseguição, saindo da nuvem de areia e pulando para a rampa enquanto a nave começava a subir.
Balançando precariamente devido ao movimento da nave, os olhos cintilando de fúria, ele lutava para manter o equilíbrio. Qui-Gon atacou de uma só vez, avançando sobre o outro homem e se aproximando dele na ponta da rampa. Eles estavam a vinte metros no ar, o piloto mantendo a nave firme enquanto observava os dois adversários se enfrentando novamente, temendo ganhar altitude enquanto Qui-Gon estivesse exposto. O Mestre Jedi e seu adversário apareceram no visor da rampa, os rostos determinados banhados em suor.

> –Qui-Gon — Anakin ouviu o segundo Jedi dizer baixo, desesperadamente, assistindo à batalha por mais um momento e, então, afastando os olhos da tela, correu para o corredor.

Na tela, Anakin viu Qui-Gon dar um passo atrás, nivelar seu sabre de luz e golpear o atarante com um poderoso golpe de duas mãos. O outro bloqueou o golpe, mas por pouco, e no processo perdeu o equilíbrio completamente. A força do golpe o lançou para fora da rampa para o espaço. Ele se desviou para o solo do deserto, pousou agachando-se e ficou de pé instantaneamente. Ele ficou olhando frustrado, os olhos amarelos inflamados, enquanto a rampa do transporte Real se fechava e a nave se afastava.
Qui-Gon mal havia conseguido subir a rampa em direção ao interior da nave quando a escotilha se fechou e o Nubian começou a acelerar. Ele se deitou no chão metálico frio da entrada com suas roupas empoeiradas e molhadas de suor e o corpo machucado e exausto.
Ele inspirou profundamente, esperando suas batidas cardíacas se acalmarem. Ele escapou por pouco com vida e esse simples pensamento o preocupava. Seu oponente era forte e o testou severamente. Ele estava ficando velho, decidiu, e não gostava da sensação.
Obi-Wan e Anakin vieram correndo pelo corredor ajudá-lo a se levantar e era difícil dizer qual dos dois parecia mais preocupado. Isso o fez sorrir, a despeito de seu estado.
O menino falou primeiro. — Você está bem? — perguntou com o rosto jovem expressando preocupação.
Qui-Gon assentiu, retirando a poeira do corpo. — Acho que sim. Aquela foi uma surpresa de que não me esquecerei tão cedo.

> –Que criatura era aquela? — interrogou Obi-Wan com a testa franzindo sombriamente. Ele quer voltar e terminar com o que deixei sobrando, pensou Qui-Gon.

O Mestre Jedi sacudiu a cabeça. — Não estou certo. Quem ou o quê quer que tenha sido, foi treinado em artes Jedi. Minha opinião é que estava atrás da

rainha.

–Acha que ele vai nos seguir? — perguntou Anakin rapidamente.
–Estaremos a salvo quando estivermos no hiperespaço — respondeu Qui-Gon, fugindo da pergunta. — Mas não tenho dúvida de que ele sabe qual é o nosso destino. Se nos encontrou uma vez, pode nos encontrar novamente.

A testa do garoto franziu. — O que vamos fazer sobre isso?
Nesse momento, Obi-Wan se voltou para olhar para o menino, lançando-lhe um olhar que exigia explicações — O que quer dizer ? nós ??
O garoto recebeu o olhar e o encarou inexpressivo.
–Seremos pacientes — aconselhou Qui-Gon, trazendo a atenção dos dois para si. — Anakin Skywalker, este é Obi-Wan Kenobi.
O garoto se iluminou. — Prazer em conhecê-lo. Uau! Você é um Cavaleiro Jedi, não é?
O jovem Jedi olhou do menino para Qui-Gon e virou os olhos desanimado.
Da entrada, eles retornaram à cabine, onde Ric Olié trabalhava preparando a nave para saltar para o hiperespaço. Qui-Gon apresentou Anakin para cada um dos presentes e, então, se sentou próximo a Ric.
–Pronto — anunciou o piloto por sobre os ombros, com uma sobrancelha curvada em expectativa.
Qui-Gon assentiu. — Vamos torcer para que o hiperpropulsor funcione e Watto não dê a última risada.
Parados atrás de Ric, o grupo esperou enquanto ele colocava as mãos nos controles e acionou o hiperpropulsor. Houve um chiado rápido e intenso e as estrelas que preenchiam o visor do posto de observação se transformaram de pontinhos prateados em longas faixas enquanto a nave penetrava suavemente no hiperespaço, deixando Tatooine para trás.
A noite caía sobre o planeta Naboo, mas o silêncio em Theed sobrepujava até o silêncio que se experimentava, normalmente, pelas pessoas ao se prepararem para dormir. Na sala enfeitada do trono que antes havia sido domínio exclusivo da rainha Amidala, um estranho grupo de criaturas estava reunido para assistir à sentença do governador Sio Bibble. O vice-rei da Federação Comercial, Nute Gunray, havia convocado o grupo, do qual faziam parte Rune Haako e vários outros Neimoidians, o governador e um punhado de oficiais que serviam à rainha, e um vasto número de guerreiros *dróides* armados com dinamitadores para manter os prisioneiros Naboo na linha’.
O Neimoidian estava sentado em uma cadeira mecânica, um andador robótico que o levava de uma parte da sala para outra, as pernas metálicas respondendo

ao simples toque dos seus dedos. A cadeira o levava, naquele momento, para Sio Bibble e os oficiais Naboo, as armações articuladas trabalhando com cuidado e precisão, permitindo-lhe ficar relaxado e confortável enquanto percebia o medo no olhar dos oficiais de Bibble.
O governador, no entanto, não estava engolindo nada daquilo. Imperturbável mesmo agora, ele encarava Nute Gunray com raiva e determinação, a cabeça branca erguida, os olhos desafiadores. O Neimoidian o fitava; Sio Bibble estava se tornando uma fonte de irritação.

–Quando vai desistir dessa greve inútil? — vociferou para o governador, inclinando-se levemente para frente de modo a enfatizar seu desprazer.
–Vou desistir da greve, vice-rei, quando a rainha...
–Sua rainha está morta; seu povo está morrendo de fome!

Bibble se manteve firme. — Os Naboo não serão intimidados, nem mesmo que nos custe vidas inocentes.

–Talvez devesse se preocupar mais consigo mesmo, governador!
–Gunray o interrompeu secamente. — Há boas chances de que você morra muito antes que seu povo! — Ele tremia de fúria, perdendo a paciência de uma vez. — Chega disso! — explodiu. — Leve-o daqui!

Os guerreiros *dróides* se movimentaram rapidamente, cercando Sio Bibble e o separando de seus colegas.

–Esta invasão não vai levar a lugar nenhum! — gritou o governador por cima do ombro enquanto era arrastado para fora.
–Somos uma democracia! O povo decidiu, vice-rei! Não viverão sob tirania...

O restante do que dizia se perdeu enquanto ele desaparecia pela entrada em direção ao corredor. Os oficiais Naboo o seguiram silenciosos e abatidos.
O Neimoidian os observou por um momento, então, dirigiu sua atenção a OOM-9 enquanto o comandante de seu exército de *dróides* se aproximou com a face metálica impassível e com a voz sem inflexão.

–Minhas tropas estão posicionadas para começar as buscas nos pântanos para procurar as tais vilas submersas — relatou OOM-9. — Não ficarão escondidos por muito tempo.

Nute Gunray assentiu e o dispensou com um aceno de mão. Ele não se

preocupava com esses selvagens que ocupavam os pântanos.
Eles seriam destruídos logo. Em todos os sentidos, o planeta estava controlado.
Ele encostou na cadeira mecânica — uma certa calma voltando.
Tudo que restava eram os Sith Lords trazerem a rainha de volta. Com certeza eles teriam pouca dificuldade em fazer isso.
Ainda assim, ele sabia que não estaria feliz enquanto este negócio não estivesse resolvido.
A bordo do transportador Real, Anakin Skywalker tremia, sentado em um canto da câmara central, tentando decidir o que fazer para se aquecer. Todos estavam dormindo, e ele havia dormido também, mas por pouco tempo, atormentado por seus sonhos. Ele acordou para o silêncio e não conseguiu se mover, paralisado por algo mais que simplesmente o frio.
Jar Jar dormia do outro lado numa cadeira com a cabeça para cima, roncando alto. Nada o impedia de dormir. Ou comer, no caso. O menino sorriu. R2-D2 descansava próximo, o corpo voltado para cima e silencioso, suas luzes piscando levemente. Anakin fitou a escuridão, desejando se mexer para se livrar de sua inércia. Mas seus sonhos ainda o assombravam. Ele pensava em sua mãe e em sua casa, e tudo se fechou dentro dele. Como sentia a falta dela! Ele pensou que ficaria melhor quando estivesse longe, mas não. Tudo lembrava ela e, quando fechava os olhos para as lembranças, ele via o rosto dela esperando por ele, suspenso na escuridão de seus pensamentos, ansioso e abatido. Lágrimas lhe vieram aos olhos. Talvez ele tenha cometido um erro vindo. Talvez devesse ir para casa. Exceto que, agora, não podia. Talvez nunca mais.
Uma figura esbelta entrou no aposento e Anakin observou a luz de um visor iluminar o rosto macio de Padmé. De pé, como se encalhada em pedra, ela ligou um gravador e assistiu à gravação da súplica de Sio Bibble para a rainha Amidala voltar para casa, salvando seu povo da fome e ajudá-los neste momento de necessidade. Ela assistiu a toda a gravação, então, desligou novamente e ficou olhando para o vazio com sua cabeça baixa.
O que ela estava fazendo?
Subitamente, ela pareceu sentir que ele a observava e se voltou rapidamente para onde ele estava encolhido. O rosto lindo parecia cansado e preocupado enquanto se aproximou e se ajoelhou a seu lado. Ele se enrijeceu, tentando desesperadamente parar de chorar, mas não conseguiu esconder as lágrimas ou o tremor no corpo e ficou ali, amontoado à frente dela, exposto.

–Você está bem, Annie? — ela perguntou suavemente.
–Está muito frio — ele conseguiu sussurrar.

Ela sorriu e tirou o casaco pesado que vestia, embrulhando-o nos ombros dele e cobrindo-o. — Você vem de um planeta quente, Annie.
O espaço é frio.
Anakin assentiu, puxando o casaco para mais perto. Ele esfregou os olhos. — Você parece triste — ele disse.
Se ela percebeu a ironia em seu comentário, não o disse. — A rainha está preocupada. Seu povo está sofrendo, morrendo. Ela precisa convencer o Senado a interferir ou... — ela se afastou sem coragem de dizer as palavras. — ...não sei o que acontecerá — concluiu com a voz distante e seu olhar escapando do dele para se fixar em outra coisa.

–Também não estou certo do que vai me acontecer — admitiu ele preocupado. — Não sei se um dia verei...

Ele parou, sua garganta apertada, as palavras desaparecendo no silêncio. Ele inspirou profundamente, franziu a testa e mexeu no bolso.

–Tome — ele disse — Fiz para você. Assim vai se lembrar de mim. Eu o esculpi em uma madeira antiga. Pegue. Vai lhe trazer sorte. Ele lhe entregou um pingente de madeira cuidadosamente entalhado. Ela o estudou por um momento, a cabeça baixa nas sombras, então, o pendurou no pescoço.
–E lindo. Mas não preciso disso para me lembrar de você. — O rosto dela se ergueu para olhá-la com um sorriso. — Como poderia me esquecer de meu futuro marido? — Ela olhou para o pingente, passando por seu dedo.
— Muitas coisas mudarão quando chegarmos a Coruscant, Annie. Mas meu carinho por você não será uma delas.

O menino assentiu, engolindo. — Eu sei. E também não deixarei de gostar de você. Só sinto falta...
Sua voz parou, e as lágrimas vieram a seus olhos novamente.

–Você sente saudades de sua mãe — a garota concluiu baixinho. Anakin concordou, secando o rosto, sem conseguir dizer nada enquanto Padmé Naberrie o apertou contra si.

16

Antes mesmo que um viajante de outros mundos houvesse se aproximado o suficiente para entender o motivo, já percebia que Coruscant era diferente dos outros planetas. Veteranos experientes ficavam sempre impressionados com a aparência estranha do planeta quando visto do espaço. Ao invés do azul claro e matizes de branco presentes nos planetas ainda verdes e intocados, Coruscant exibia uma estranha tonalidade de cinza, dando a impressão de ser o reflexo da luz solar no metal.

A impressão não era enganosa. Os dias em que qualquer forma de estado natural podia ser vista em Coruscant estavam num passado distante. Prédio por prédio, a capital se expandiu pelos séculos. Florestas, montanhas, cursos d'água e formações naturais foram cobertas. A atmosfera era filtrada através de reguladores de oxigênio e limpa por escovadoras, sendo a água recolhida e estocada em imensos tanques artificiais. Animais, pássaros, plantas e peixes nativos podiam ser encontrados nos museus ou em salas climatizadas. Como Anakin podia ver a partir do posto de observação do transporte Real, que agora aterrissava, Coruscant havia se tornado um planeta de arranha-céus, com suas torres metálicas brilhantes apontando para o céu e formando uma floresta de lanças pontiagudas, um exército de gigantes congelados cobrindo o horizonte em todas as direções.

O menino olhava o planeta-cidade em reverência, buscando um intervalo na interminável floresta de edifícios, sem encontrar nenhum.

Ele lançou um olhar para Ric Olié no assento do piloto, e Ric sorriu.

> –Coruscant, capital da República, um planeta inteiro transformado em uma cidade. — Ele piscou. — Um lugar legal para visitar, mas não gostaria de viver lá.
>
> –É tão grande! — suspirou o garoto.

Eles entraram numa pista de tráfego e cruzaram vagarosamente o labirinto de edifícios imensos, deslizando pelas faixas de orientação magnéticas que dirigiam os veículos aéreos. Ric explicou a Anakin como funcionavam, que mal ouvia, ainda com a atenção presa pela vastidão da cidade. Na parte traseira, os Jedi se

movimentavam silenciosamente. Jar Jar estava agachado do outro lado, espiando o visor do posto de observação, claramente aterrorizado com o que via. Anakin sabia que o Gungan sentia falta dos pântanos em casa, exatamente como o menino pensava em como preferia o deserto.

O transporte Real diminuiu a velocidade, saindo das faixas de trânsito, em direção a um galpão de aterrissagem próximo a um amontoado de edifícios imensos. Anakin olhou para baixo incrédulo. Eles estavam a várias centenas de andares acima, centenas e centenas de metros no ar. Ele afastou o olhar, engolindo seco.

A nave entrou no galpão com uma suave batida na plataforma de aterrissagem, sua braçadeira antigravitacional travando no lugar. A rainha aguardava no corredor principal com seu séquito de aias, os guardas e o capitão Panaka. Ela meneou a cabeça para Qui- Gon, indicando que ele deveria liderar o grupo. Dando a Padmé um sorriso rápido, Anakin seguiu logo atrás do Mestre Jedi, enquanto este se dirigia ao corredor da escotilha.

A escotilha se abriu, a rampa de embarque foi abaixada, e os Cavaleiros Jedi, Anakin Skywalker e Jar Jar Binks saíram para a luz do sol de Coruscant. O menino passou os primeiros minutos se concentrando em não se impressionar, o que ficou ainda mais difícil, uma vez estando fora da nave. Ele manteve os olhos na rampa e em Qui-Gon, no início, não se permitindo olhar em volta, por medo de acabar caminhando diretamente para o espaço.

Dois homens vestidos em roupas oficiais do Senado da República estavam no final da rampa, flanqueados por um contingente de guardas republicanos. Os Jedi se aproximaram dos dois e inclinaram formalmente a cabeça em cumprimento. Anakin e Jar

Jar rapidamente fizeram o mesmo, apesar de somente Anakin saber para quem se inclinava e por qual motivo.

A rainha Amidala então apareceu, vestida em seu robe preto e dourado com o pendente da cabeça feito de penas emprestando altura e leveza a seus movimentos enquanto descia a rampa. Suas aias a rodeavam, enroladas em seus mantos vermelho-carmim, os rostos quase invisíveis sob as sombras de seus capuzes puxados. O capitão Panaka e os guardas Naboo os acompanhavam. Amidala parou em frente aos dois homens que aguardavam, os olhos se voltando para o homem de face gentil e olhos ansiosos.

O senador Palpatine, o emissário da rainha para a Senado da República, se inclinou em boas-vindas, a mãos nas dobras dos robes azul-esverdeados.

–E um grande alívio encontrá-la com vida, Majestade — ele disse com um sorriso, se endireitando. — Apresento o chanceler supremo Valorum.

Valorum era um homem alto, de cabelo grisalho e idade indeterminada,

aparentemente nem jovem nem velho, sua constituição física e voz fortes. — E uma honra finalmente conhecê-la pessoalmente.
Devo informá-la de como estamos todos aflitos com a situação em Naboo. Eu convoquei uma sessão especial do Senado para que possa apresentar seu pedido de socorro.
A rainha manteve o olhar dele fixo sem mover uma fração de centímetro sequer, altiva em suas vestes oficiais, com o rosto pintado de branco imóvel e frio como gelo. — Estou grata por sua preocupação, chanceler — disse ela baixo.
Pelo canto do olho, Anakin reconheceu Padmé fitando-o por baixo do capuz. Quando ele se voltou para ela, a moça deu uma piscadela e ele enrubesceu.
Palpatine estava ao lado da rainha, indicando um ônibus aéreo que os aguardava. — Há um problema de procedimento, mas acredito que podemos superar isso — ele dizia enquanto a acompanhava pela rampa de embarque, com suas aias, o capitão Panaka e os guardas seguindo logo atrás.
Anakin começou a seguir com Jar Jar a seu lado, então, parou quando viu que os Jedi ainda estavam conversando com o chanceler supremo Valorum. Anakin olhou em dúvida para Qui- Gon, sem saber para onde deveria ir. A rainha e seu séquito diminuíram o passo em resposta e Amidala fez sinal para Anakin e Jar Jar se juntarem a eles. Anakin olhou novamente para Qui- Gon, que assentiu sem palavras.
Ao entrar no ônibus com a rainha, Anakin e Jar Jar se acomodaram silenciosamente na banco traseiro. O senador Palpatine, à frente, olhou para eles por cima do ombro, com um olhar intrigado antes de se voltar para a frente.

–Mim não sentir bem estar aqui, Annie — sussurrou incerto o Gungan.

Anakin concordou e apertou a boca determinadamente.
Eles voaram uma curta distância para um outro grupo de prédios e para outro hangar de aterrissagem, este certamente designado para transporte de passageiros. Lá desembarcaram e foram levados por Palpatine até seu alojamento, uma parte do qual havia sido preparada para a rainha e seus acompanhantes. A Anakin e Jar Jar foi dado um quarto e a oportunidade para se lavarem e, depois, foram deixados a sós. Algum tempo depois, foram chamados por uma aia — não era Padmé, notou Anakin desapontado — e foram levados para uma sala de espera situada do lado de fora do que parecia ser o escritório de Palpatine.

–Aguardem aqui — instruiu a aia e desapareceu pelo corredor.

As portas do escritório do senador estavam abertas, e o menino e o Gungan podiam ver claramente seu interior. A rainha estava presente, trajada num vestido de veludo púrpura, que envolvia, com drapeados, seu corpo esbelto, as mangas longas e fofas, penduradas graciosamente em seus braços elegantes.

Uma coroa em forma de leque amada com contas e borlas adornava sua cabeça. Ela estava sentada em uma cadeira, ouvindo o que
Palpatine dizia. As aias estavam de um lado, trajando robes vermelho-carmim com capuzes.
Anakin não achou que nenhuma delas era Padmé. Ele pensou se devia ir procurá-la ao invés de ficar ali, mas não sabia onde procurar.
A conversa lá dentro parecia decididamente um monólogo, com o senador Palpatine gesticulando animadamente enquanto andava pelo escritório, a rainha dura como pedra. Anakin desejou ouvir o que estava sendo dito. Ele olhou para Jar Jar e podia dizer pelo olhar inquieto do Gungan que ele desejava a mesma coisa. Quando o capitão Panaka passou por eles e entrou no escritório e olhou os dois rapidamente, Anakin se levantou impulsivamente. Fez um gesto para que Jar Jar ficasse onde estava, colocando um dedo nos lábios em sinal de aviso e se moveu para perto da porta. Através da abertura entre a porta aberta e o batente, ele podia ouvir as vazes de Palpatine e da rainha, abafadas e indistintas.
Palpatine havia parado de se movimentar e estava parado em frente à rainha, sacudindo a cabeça. — A República não é mais o que era. O Senado está cheio de delegados ambiciosos e competitivos que só se preocupam consigo mesmos e com seus sistemas de origem.
Não há interesse pelo bem comum — nenhuma civilidade, apenas política. — Ele suspirou preocupado. — É nojento. Tenho que ser franco, Majestade. Há pouca chance do Senado intervir na invasão.
Amidala ficou em silêncio por um momento. — Chanceler Valorum acha que existe esperança.

> –Se posso falar, Majestade — replicou o senador, com a voz gentil, mas triste — o chanceler tem pouco poder real. Ele está sob a mira de acusações falsas de corrupção. Um escândalo fabricado o cerca. Os burocratas estão no domínio agora.

A rainha se ergueu altiva e firme à frente dele. — Que opções nós temos, senador?
Palpatine pareceu pensar no assunto um momento. — Nossa melhor opção seria forçar a eleição de um chanceler supremo mais forte — alguém que controlasse a burocracia, aplicasse as leis e nos desse justiça. — Ele alisou os cabelos grossos puxando-os para trás. — Sua Majestade poderia alegar que não confia no chanceler Valorum.
Amidala não pareceu convencida. — Valorum tem sido nosso mais forte aliado. Não há outro jeito?
Palpatine estava à sua frente. — Nossa única opção seria submeter o assunto à Corte...

–Não há tempo para isso — interrompeu a rainha rapidamente, com um sinal de raiva em sua voz. — As cortes demoram ainda mais que o Senado para decidir as coisas. — Ela se deslocou propositadamente, o tom de voz afiado. — Nosso povo está morrendo, mais e mais a cada dia. Temos que fazer algo rapidamente. Temos que parar a Federação de Comércio antes que as coisas fiquem ainda piores.

Palpatine lançou um olhar duro a Amidala. — Para ser realista sobre o assunto, Alteza, acredito que teremos de aceitar o controle da Federação de Comércio como algo consumado — por enquanto, pelo menos.

A rainha sacudiu a cabeça vagarosamente. — Isso é algo que não posso fazer, senador.

Eles se olharam fixamente durante o silêncio que se seguiu, e Anakin Skywalker, escondido atrás da porta, se encontrou subitamente pensando no que teria acontecido com Qui-Gon

Jinn.

Diferentemente dos outros prédios na vasta área de Coruscant, o Templo Jedi ficava sozinho. Era uma pirâmide colossal com espirais múltiplas que se erguia para o céu desde sua base seta. Ficava separada do restante dos aglomerados de torres pontudas que se encontravam no final de um vasto passeio, onde seria menos provável encontrar isolamento e meditação. Dentro do Templo Jedi viviam os Cavaleiros Jedi e seus alunos, toda a Ordem voltada para contemplar e estudar a Força, para classificar seus mandamentos e para conhecer sua disciplina e treinamento para, assim, servir o bem maior que ela envolve.

A sala do Conselho Jedi dominava a área central do complexo. O Conselho estava em sessão, as portas fechadas e seus procedimentos escondidos dos ouvidos e olhos de todos — menos de quatorze pessoas. Doze delas — algumas humanas, outras não - faziam parte do Conselho, um grupo diverso e experiente que havia gravitado para a Ordem vindo de todos os cantos da galáxia. Os últimos dois Jedi, convidados do Conselho naquela tarde, eram Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi.

As cadeiras dos doze membros do Conselho formavam um círculo virado para o lado de dentro onde estavam Qui-Gon e Obi-Wan de pé: o primeiro revelando os acontecimentos das últimas semanas; o segundo, de pé a um passo atrás de seu Mestre, ouvindo atenciosamente. A sala era circular e abobadada, apoiada por pilares graciosos colados entre janelas amplas abertas para a cidade e para a luz. A forma da sala do Conselho e a posição das cadeiras refletia a crença Jedi na igualdade e interligação entre todas as coisas. No mundo Jedi, o equilíbrio da vida dentro da Força era o caminho para a compreensão e a paz. Qui-Gon estudou os rostos da platéia enquanto falava: cada um deles lhe era familiar. A

maioria era Mestres Jedi como ele, entre eles Yoda e Mace Windu, veteranos em posição entre os outros. Eles eram mais submissos aos caminhos da Ordem Jedi do que qualquer um que ele já tivesse visto ou que provavelmente viria a ver. Ele ficou de pé sozinho no círculo que formava a plataforma do palestrante, designada a todos que fossem se dirigir ao Conselho, com sua forma alta e larga e sua voz profunda prendendo a atenção dos presentes e seus olhos azuis se fixando em cada um deles, constantemente buscando uma reação às suas palavras. Eles o observavam cuidadosamente — o imponente Ki- Adi-Mundi, a jovem e linda Adi Gallia, o esbelto Depa Bilaba, Even Piel com sua face de mármore e todos os outros, cada um diferente e único em aparência, cada um com algo vital a oferecer ao Conselho.

Qui-Gon voltou o olhar novamente para Mace Windu e Yoda, os dois que precisava convencer, os mais respeitados e poderosos entre aqueles sentados em julgamento.

–Minha conclusão — ele encerrou rapidamente quando terminara sua história — é que o que me atacou em Tatooine é um Sith Lord.

Um silêncio palpável se seguiu. Então se ouviu um agitar de robes, corpos e pernas mudando de posição. Olhares foram trocados, assim como murmúrios de incredulidade.

–Um Sith Lord? — repetiu Mace Windu com um resmungo, inclinando-se para a frente. Ele era um homem forte, de pele escura com uma cabeça raspada e olhos penetrantes, a face ainda sem rugas, a despeito dos anos.

–Impossível! — irritou-se Ki-Adi-Mundi, não se preocupando em esconder o desânimo pela sugestão. — O Sith desapareceu há mil anos!

Yoda se moveu levemente na cadeira, uma presença pequena e enrugada em meio a seres muito maiores, seus olhos estreitos como os de uma pantera da areia, seu rosto, enrugado e cheio de pelinhos, pensativo voltado para Qui-Gon.

–Ameaçada, a República estará, se os Sith estiverem envolvidos — ele observou com sua voz profunda e rouca.

Os outros começaram novamente a murmurar entre si. Qui- Gon não disse nada, aguardando por eles. Eles haviam acreditado no Sith destruído. Eles acreditaram nos Sith consumidos por sua própria sede de poder. Ele podia sentir Obi-Wan mexer desconfortavelmente o ombro, tendo problemas em manter seu silêncio. Mace Windu se inclinou para trás pesadamente, com sua testa forte enrugada. — Isso é difícil de aceitar, Qui-Gon. Não entendo como os Sith teriam retornado sem nosso conhecimento.

–Difícil de ver, o lado escuro é — disse Yoda com um pequeno resfolegar.
— Descobrir quem esse assassino é o que nós precisamos.
–Talvez ele se revele novamente — Ki-Adi-Mundi sugeriu com um aceno para Qui-Gon.
–Sim — concordou Mace Windu. — O ataque tinha objetivo, isso é claro. A rainha é seu alvo. Já que falhou uma vez, poderá tentar novamente.

Yoda ergueu um braço magro, apontando para Qui-Gon. — Com essa rainha Naboo, você tem que ficar, Qui-Gon. Proteja-a, você deve.
Os outros murmuraram sua aprovação, evidenciando a confiança que depositavam nas habilidades do Mestre Jedi. Ainda assim, Qui-Gon nada disse.

–Deveremos usar nossos recursos para revelar esse mistério e descobrir a identidade do atacante — aconselhou Mace Windu. Ergueu a mão em sinal de dispensa. — Que a Força esteja com você, Qui-Gon Jinn.
–Que a Força esteja com você — ecoou Yoda.

Obi-Wan se virou para sair. Mas parou quando Qui-Gon não o seguiu, ficando, ao invés disso, parado ante o Conselho. Obi- Wan prendeu o fôlego, sabendo o que viria.
Yoda inclinou a cabeça. — Mais a dizer, você tem, Qui-Gon Jinn?
–Com sua permissão, Mestre — respondeu o Jedi com o olhar firme. — Encontrei uma inclinação na Força.
Os olhos de Yoda se abriram levemente — Uma inclinação, você disse?
–Localizada ao redor de uma pessoa? — perguntou Mace Windu rapidamente.
Qui-Gon assentiu. — Um menino. As células dele tem a concentração mais alta de *midi-chlorian* que já vi em uma forma de vida. — Ele pausou. — E possível que tenha sido concebido por
midi-chlorians.
Desta vez, houve um silêncio, devido ao choque. Qui-Gon Jinn estava sugerindo o impossível, que o garoto não havia sido concebido através de contato humano, mas pela essência da vida, pelos conectores da própria Força: os *midi-chlorians.* Agrupando consciências coletivas e inteligência, os *midi-chlorians* formam o elo entre tudo que o que é vivo e a Força.
Mas havia algo mais que perturbava o Conselho Jedi. Havia uma profecia — tão antiga que suas origens haviam sido há muito perdidas — que um escolhido apareceria, imbuído de uma abundância de *midi-chlorians,* um ser poderoso com a Força e destinado a alterá-la para sempre.

Foi Mace Windu quem expressou os pensamentos do Conselho.

–Você se refere à profecia — disse ele baixo. — Daquele que trará equilíbrio à Força. Você crê que se trata desse garoto? Qui-Gon hesitou. — Eu não presumo...

–Mas você acredita! — Yoda disparou desafiante. — Revelada, sua opinião é, Qui-Gon!

O Mestre Jedi inspirou profundamente. — Solicito que o garoto seja testado.
Novamente, houve silêncio enquanto os membros do Conselho trocavam olhares, comunicando-se sem palavras.
Olhos se voltaram para Qui-Gon. — Para ser treinado como um Jedi, você solicita para ele?

–Encontrá-la foi vontade da Força. — Pressionou Qui-Gon atrevidamente.

— Não tenho dúvida disso. Há muita coisa acontecendo aqui para que isso seja outra coisa.

Mace Windu ergueu uma mão, trazendo o debate para um final.

–Traga-os para nós, então.

Yoda assentiu sombriamente, fechando os olhos. — Testado, ele será.

–E hora de irmos, Majestade — aconselhou o senador Palpatine, movendo-se para juntar uma pilha de cartões de dados de sua mesa.

A rainha Amidala se levantou e Anakin correu de volta para seu assento ao lado de Jar Jar, dando ao Gungan outro olhar de advertência. Jar Jar pareceu magoado.

–Mim não dizer para eles — afirmou.

Pouco depois, Palpatine acompanhou a rainha e suas aias de seu escritório para a sala de espera onde o menino e o Gungan esperavam. O senador passou por eles sem olhar, saindo imediatamente.
A rainha Amidala diminuiu um pouco o passo enquanto passava por Anakin.

–Por que não vocês não vêm conosco? — a aia Rabé disse sem olhar para ele, num sussurro. — Desta vez não precisará ouvir por trás da porta.

Anakin e Jar trocaram um olhar de surpresa e vexação, então, se levantaram e a seguiram.

17

Enquanto os outros se dispersaram, a rainha Amidala ficou em seus aposentos acompanhada de suas aias tempo suficiente para trocar de roupa, mas, desta vez, o conjunto claramente enfatizava sua posição de líder do povo Naboo. Ela apareceu vestida num manto de ombros largos de veludo carmim enfeitado com um laço dourado e uma coroa de tecido em forma de chifres entrelaçados com algodão e borlas sobre uma base de ouro. O manto e a coroa emprestavam tamanho e majestade, enquanto ela passava por um maravilhado Anakin e por Jar Jar como se estivesse descendo das nuvens para se reunir aos mortais, toda um encanto frio e beleza extraordinária, distante e intocável. Eirtaé e Rabé, as aias que a acompanharam mais cedo, estavam presentes novamente e acompanharam a rainha num suave deslizar, embrulhadas em seus mantos carmim com capuz. Novamente Anakin procurou Padmé e não a encontrou.

–Por favor, lidere o caminho — Amidala solicitou a Palpatine, acenando para o menino, para o Gungan e para o capitão Panaka que as acompanhassem.

Eles caminharam do quartel de Palpatine através de uma série de corredores que faziam ligação com outras dependências e, eventualmente, com outros edifícios. Os corredores estavam quase vazios, salvo pela presença de oficiais da República espalhados, e o grupo continuou tranqüilamente. Anakin olhou em volta, pasmo com os tetas altos e as janelas amplas e com a floresta de edifícios que se avistava, imaginando como seria viver num lugar como Coruscant. Quando chegaram à câmara do Senado, ele teve motivos para se assombrar novamente.

A câmara tinha as características de uma arena, circular e imensa, com portas abertas para rampas externas que davam acesso a vários níveis acima do andar principal. No centro da câmara, uma coluna alta e fina apoiava a plataforma do chanceler supremo, uma área ampla, parcialmente anexa que permitia a Valorum, já presente naquele momento, sentar ou ficar de pé conforme quisesse em companhia de seu vice e empregados. Em volta das paredes polidas da arena, sobressaíam camarotes do Senado, vindas dos depósitos dos hangares para as portas de entrada. Alguns fixos, enquanto seus senadores conferenciavam com a equipe ou com visitantes, outros flutuavam em seus ancoradouros.

Quando um senador pedia permissão para falar e era aceito pela cadeira, seu camarote ia para o centro da arena, próximo ao pódio do chanceler supremo, onde permanecia até que o discurso estivesse concluído.
Anakin percebeu tudo isso numa questão de segundos, seguindo a rainha e Palpatine até as portas de entrada que se abriam para o camarote do Senado de Naboo, que estava parado em seu ancoradouro. Faixas e cortinas pendiam do teta arredondado como fitas brilhantes, e luz indireta brilhava suavemente em cada canto, fazendo reluzir o interior oco da rotunda. *Dróides* percorriam a rampa carregando mensagens de uma delegação para outra, o movimento de seus corpos metálicos dava a impressão de que a câmara era uma máquina complexa.

–Se a Federação tentar adiar a proposta, Majestade — dizia o senador Palpatine com a cabeça inclinada próxima à rainha e sua voz baixa e insistente — eu lhe imploro que peça uma deliberação para acabar essa sessão e solicite a eleição de um novo chanceler supremo.

Amidala não olhou para ele, continuando a avançar em direção ao camarote Naboo. — Gostaria de compartilhar sua confiança nessa proposta, senador — ela replicou baixo.

–Precisa forçar uma nova eleição para chanceler supremo — Palpatine pressionou. — Eu lhe prometo que há muitos que nos apoiarão. É nossa melhor escolha. — Ele olhou para o pódio e para Valorum.
–Nossa única chance.

Ouviu-se um murmúrio na assembléia, assim que a rainha Amidala foi vista de pé em frente à entrada do camarote Naboo, com seus robes oficiais flutuando atrás dela, a cabeça ereta e o rosto calmo. Se percebeu a mudança de tom nas conversas em volta dela, não demonstrou. Seus olhos se voltaram momentaneamente para Palpatine.

–Realmente acredita que o chanceler Valorum não levará nossa proposta para votação? — perguntou baixinho.

Palpatine sacudiu a cabeça, sua testa alta franzindo. — Ele está distraído. Está com medo. Não será de nenhuma ajuda.
Rabé entregou uma telinha de metal para Anakin e Jar Jar e gesticulou para que ficassem onde estavam. Entrando no camarote do Senado com Palpatine, Amidala foi acompanhada por suas aias e por Panaka. Anakin ficou desapontado por não ser incluído, mas grato quando descobriu que a telinha que Rabé trouxe permitia que visse e ouvisse o que estava acontecendo no camarote Naboo.

–Ela vai pedir ajuda ao Senado, Jar Jar — ele cochichou, inclinando-se excitado. — O que você acha?

O Gungan enrugou a boca bicuda e balançou a cabeça orelhuda.

–*Mim achar isto difícil, Annie. Muita gente concordar com a mesma coisa.*

O camarote Naboo, separado de seu embarcadouro, flutuou por uma pequena distância em direção ao pódio do chanceler supremo, aguardando permissão de continuar. Palpatine, Amidala, e o resto dos ocupantes agora estavam sentados com os rostos voltados para frente.

Valorum meneou a cabeça branca na direção de Palpatine. — A cadeira reconhece o senador do sistema soberano de Naboo.

O camarote Naboo deslizou até o centro da arena, e Palpatine se levantou, dirigindo à assembléia um olhar vagaroso que arrastou todos os olhares para si.

–Chanceler supremo, delegados do Senado — sua voz ecoou, acalmando a câmara. — Uma tragédia aconteceu em meu planeta natal Naboo. Encontramo-nos em disputas, uma delas, os senhores conhecem bem. Tudo começou com a taxação das rotas comerciais e evoluiu para uma ocupação opressiva e ilegal de um mundo pacífico. A Federação de Comércio é responsável por essa injustiça e deve ser obrigada a responder...

Um segundo camarote se aproximava agora, com a bandeira da Federação de Comércio estampada, sendo ocupada pelo senador da Federação, Lott Dod, um punhado de barões do comércio em comitiva.

–Isso é ultrajante! — trovejou o senador da Federação de Comércio, gesticulando na direção do pódio e de Valorum. Era um Neimoidian magro e enrugado e se erguia do camarote de parapeito baixo como uma árvore. — Eu protesto contra as afirmações ridículas do senador Palpatine e peço que ele seja silenciado imediatamente!

A cabeça branca de Valorum girou rapidamente na direção de Lott Dod e uma mão ergueu. — Esta cadeira não reconhece o senador da Federação de Comércio neste momento. — A voz do chanceler supremo era suave, porém, firme. — Volte para sua estação.

Lott Dod pareceu se preparar para dizer mais alguma coisa, mas se sentou novamente e seu camarote se afastou vagarosamente.

–Para expor suas alegações completas — continuou Palpatine — eu apresento a rainha Amidala, a governante recém-eleita de Naboo, para falar em nosso nome.

Ele foi para o lado e Amidala se ergueu para uns poucos aplausos. Indo para a frente do camarote, ela fitou Valorum. — Honoráveis representantes da República, distintos delegados e chanceler supremo Valorum. Vim até aqui sob as mais graves circunstâncias. O povo Naboo foi invadido e subjugado por exércitos de guerreiros *dróides* da Federação de Comércio que rejeitou e violentou as leis Republicanas...

Lott Dod estava de pé novamente, com sua voz se erguendo em fúria. — Eu protesto! Isso é loucura! Qual é a prova? — Ele não aguardou permissão para se dirigir à platéia. — Eu recomendo que uma comissão seja enviada a Naboo para se certificar da veracidade dessas alegações.
Valorum sacudiu a cabeça. — Negado.
Lott Dod suspirou pesadamente e ergueu as mãos como se aquela única palavra lhe houvesse tirado as esperanças. — Senhor, não pode permitir nossa condenação sem solicitar uma opinião imparcial. Isso vai contra todas as regras de procedimento!
Ele pesquisou a câmara por ajuda, e houve um murmúrio de apoio dos delegados. Um terceiro camarote deslizou para a frente para se juntar aos camarotes Naboo e da Federação Comercial. A mesa reconheceu Aks Moe, senador do planeta Malastare.
Atarracado e se movendo lentamente, os três olhos ondulando gentilmente, Aks Moe colocou as grossas e pesadas palmas das mãos nos quadris. — O senador de Malastare concorda com o honorável delegado da Federação de Comércio. — Sua voz era grossa e distorcida.

–Uma comissão, uma vez requisitada, deve ser apresentada, quando há desacordo como o que ocorre aqui. E a lei.

Valorum hesitou. — A questão é...
Ele se afastou inseguro, deixando a sentença incompleta, e se virou para conferenciar com seu vice, identificado no registro impresso como Mas Amedda. Amedda era de uma espécie desconhecida para Anakin, de formato humano, mas um uma cabeça engolida num travesseiro de tecido acolchoado que se afinava num par de tentáculos que caiam por cada ombro e antenas que sobressaíam de cima de sua testa. Junto com seus auxiliares, o presidente e o vice se envolveram numa discussão apressada. Anakin e Jar Jar trocaram olhares preocupados enquanto a voz de Palpatine os alcançou pelo alto-falante do pequeno visor portátil.

–Representando os burocratas, os verdadeiros líderes da República e a serviço da Federação de Comércio, devo acrescentar — ele estava sussurrando para a rainha. Anakin podia ver suas cabeças inclinadas e próximas. O tom de Palpatine era pesado. — E aqui que a força do chanceler Valorum desaparecerá. Valorum havia se encaminhado para a parte traseira do pódio, com expressão abatida. — O ponto está concedido. Seção 523 A procede neste caso. — Ele meneou a cabeça em direção ao camarote Naboo.

–Rainha Amidala dos Naboo, deferirá seu pedido a fim de permitir que uma

comissão do Senado analise a validade de suas acusações?

Anakin percebeu a rainha se endurecer em surpresa e, quando falou, sua voz estava marcada por raiva e determinação.

–Não deferirei — declarou com os olhos fixos em Valorum — Vim até os senhores para resolver este ataque à soberania Naboo. Não fui eleita rainha para ver meu povo sofrer e morrer enquanto os senhores discutem o assunto em comitê. Se o chanceler não é capaz de agir, sugiro que uma nova liderança seja necessária. — Ela pausou. — Decido por um voto de não confiança no chanceler supremo.

Vozes se elevaram imediatamente em resposta, algumas em apoio, outras em protesto. Senadores e platéia se colocaram de pé, murmúrios altos rapidamente se transformando em berras que ecoaram pelo salão oco. Valorum ficou de pé mudo no pódio, paralisado e incrédulo. Ele olhou para Amidala, sua face marcada pelo choque súbito provocado pelo impacto de suas palavras. Amidala o encarou corajosamente — esperando.

Mas Amedda se moveu para a frente de Valorum, assumindo o pódio. — Ordem! — ele berrou com sua cabeça estranha inchando. — Precisamos de ordem!

A assembléia ficou em silêncio e os delegados se sentaram novamente, respondendo ao comando de Amedda. Anakin notou que o camarote da Federação de Comércio havia manobrado para uma posição próxima ao camarote Naboo. Lott Dod trocou um breve olhar com Palpatine, mas nenhum dos dois falou.

Um novo camarote flutuou para o centro da câmara e o vice- presidente reconheceu Edcel Bar Gan, o senador de Roona.

–Roona apoia o pedido para um voto de não confiança no chanceler Valorum — disse Bar Gan numa voz sibilante.

Mas Amedda não pareceu satisfeito. — O pedido foi apoiado.

Ele se voltou para Valorum, falando rapidamente com ele e mantendo um tom baixo e escondendo suas palavras atrás da mão. Valorum olhou para ele sem entender, com os olhos distantes e perdidos.

–Não podem haver atrasos — declarou Aks Moe de Malastare, atraindo a atenção de Mas Amedda para si. — A moção está em aberto e precisa ser votada imediatamente.

Lott Dot estava de pé novamente. — Solicito que o pedido seja enviado para o comitê de procedimentos para mais análises... O Senado da República explodiu novamente, cantando alto — Vote agora! Vote agora! — mas Amedda estava concentrado discutindo com o chanceler supremo Valorum, com as mãos em seus ombros, como se tentando trazê-lo de volta de onde quer que tenha ido

através da força da determinação.

–Você vê, Majestade, estão do nosso lado — Anakin ouviu Palpatine anunciar baixo para a rainha. Os olhos do menino desceram para a tela. — Asseguro-lhe que Valorum será retirado e que elegerão um novo chanceler forte: um que não deixará nossa tragédia ser ignorada...

Mas Amedda estava de volta ao pódio, se dirigindo à câmara — O chanceler supremo solicita um recesso.

Gritos foram ouvidos da delegação, ecoando através da câmara em ondas, enquanto Valorum fitou o senador Palpatine e a rainha Amidala. E mesmo de onde estava naquele momento, observando a porta de entrada do camarote Naboo, Anakin Skywalker pôde discernir o olhar traído na face angustiada do chanceler supremo.

Menos de uma hora mais tarde, Anakin irrompeu pelas portas do aposento real em busca de Padmé e se encontrou frente à frente com a própria Amidala. A rainha estava de pé sozinha no centro do quarto, os olhos voltados para ele, sua figura radiante e solitária.

–Desculpe-me — disse Anakin rapidamente. — Majestade.

Ela balançou a cabeça silenciosamente, sua face lisa e perfeita.

–Eu procurava por Padmé — ele continuou, parado imóvel, na entrada do quarto, indeciso se devia ficar ou sair. Ele olhou a sua volta, em dúvida. — Qui-Gon disse que me levará ante o Conselho Jedi e quero que Padmé saiba.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios pintados da rainha. — Padmé não está aqui, Anakin. Eu a enviei para um serviço.

–Oh! — disse ele baixinho.

–Mas darei o recado.

O menino sorriu. — Talvez eu me torne um Cavaleiro Jedi! — exclamou sem conseguir conter o excitação.

Amidala assentiu — Talvez sim.

–Acho que Padmé vai gostar disso.

–Talvez vá mesmo.

Anakin se afastou. — Eu não pretendia... — Ele buscou pela palavra e não encontrou.

–Boa sorte, Anakin — disse a rainha suavemente. — Saia-se bem. Ele se afastou com um largo sorriso e saiu.

O dia passou rápido para Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi e no pôr-do-sol se encontravam juntos, de pé, na varanda do Templo Jedi de onde se avistava Coruscant. Eles não haviam se falado por algum tempo. Eles haviam ido buscar Anakin Skywalker no quartel do senador Palpatine, depois que retornou do Senado e o trouxeram para o Conselho para exame. Agora aguardavam uma decisão.

Pelo que Obi-Wan sabia, foi uma conclusão precipitada. O jovem Jedi estava frustrado e envergonhado por seu Mestre, que havia novamente ultrapassado os limites. Qui-Gon havia estado carreto em suas suspeitas de que o garoto possuía uma contagem de *midi- chlorian* muito alta. Obi-Wan havia realizado os testes ele mesmo. Mas aquilo somente não era suficiente para demonstrar que Anakin era o escolhido. Se houvesse um escolhido, o que Obi- Wan seriamente duvidava.

Houve centenas dessas profecias e lendas, transmitidas através dos séculos como parte da tradição Jedi. De qualquer maneira, Qui-Gon estava confiando no instinto novamente, e instinto só era útil se fosse originado da Força e não da emoção. Qui-Gon era insistente em liderar causas vencidas, em simpatizar com criaturas que acreditava — de um modo todo particular que somente ele compreendia — que fossem importantes no esquema dos acontecimentos.

Obi-Wan estudava seu mentor disfarçadamente. Por que ele insistia em cuidar dessas causas perdidas? O Conselho poderia descobrir que o menino possuía mais *midi-chlorian* que o normal, mas nunca o aceitariam para treinamento como um Jedi. As regras eram claras e estabelecidas e as razões que as apoiavam comprovadas e incontestáveis. O treinamento para a ordem depois do primeiro ano de vida era fadado ao fracasso. Aos nove anos, Anakin Skywalker era simplesmente muito velho.

Mas Qui-Gon não podia deixar passar. Ele iria desafiar o Conselho mais uma vez e o resultado seria o mesmo como em todas as ocasiões anteriores. Qui-Gon seria rejeitado e sua posição como um Jedi caiaria um pouco mais.

Obi-Wan se aproximou do local onde o Jedi mais velho observava o horizonte de arranha-céus. Ele parou a seu lado, silencioso por mais um momento antes de falar.

> –O garoto não vai passar nos testes do Conselho, Mestre — disse suavemente — e o senhor sabe disso. Ele é muito velho. Qui-Gon manteve o olhar fixo em direção ao sol que se punha. — Anakin será um Jedi, prometo a você.

Obi-Wan suspirou preocupado. — Não desafie o Conselho, Mestre. Não de novo.

O Jedi mais velho pareceu ficar imóvel, talvez até tenha parado de respirar, antes

de se voltar para seu pupilo. — Farei o que preciso, Obi-Wan. Você me veria de alguma outra forma?

–Mestre, o senhor poderia estar sentado no Conselho a essa altura, se apenas seguisse o código. O senhor merece estar sentado no Conselho. — A frustração de Obi-Wan transpareceu num ataque momentâneo de raiva. Os olhos procuraram os do outro, encarando-o.
–Eles não o apoiarão desta vez.

Qui-Gon o observou um momento, depois sorriu. — Você ainda tem muito que aprender, meu jovem Padawan.
Obi-Wan mordeu sua resposta e desviou o olhar, pensando para si mesmo que Qui-Gon estava certo, mas que talvez, desta vez, ele devesse seguir seu próprio conselho.
No lado de dentro, Anakin Skywalker se defrontava com o Conselho, em pé no mesmo local onde Qui-Gon Jinn havia estado horas antes. Ele se sentia nervoso no começo, quando trazido para a câmara por Qui-Gon e deixado a sós com os doze membros do Conselho.
De pé no círculo em mosaico e observado pela assembléia silenciosa, intimidado e incerto sobre o que era esperado dele, ele se sentiu vulnerável e exposto. Os olhos dos Jedi estavam distantes enquanto o olhavam, mas ele sentia que não olhavam para ele, mas para dentro dele.
Então começaram a questioná-la, sem explicações introdutórias, sem fazer nenhum esforço para que se sentisse mais confortável e bem-recebido. Ele conhecia alguns de nome, já que Qui-Gon havia descrito alguns, e ele foi rápido em associar nomes a rostos. Eles o questionaram longamente, testando memória e conhecimento, buscando percepções as quais ele só podia adivinhar. Eles sabiam de sua experiência como escravo. Sabiam sobre seu passado em Tatooine, sobre sua mãe e amigos, de sua corridas de *Pod*, de Watto, de tudo que era real e passado em sua vida.
Agora, Mace Windu olhava numa tela que o menino não podia ver e Anakin dava nomes a imagens que apareciam através de sua superfície líquida. As imagens apareciam na mente de Anakin com tanta rapidez que se lembrou da imagem obscura da areia e das montanhas passando por sua cabine durante uma corrida de *Pod.*

–Um *bantha.* Um hiperpropulsor. Um lançador de prótons. — As imagens zumbiam em sua mente enquanto as nomeava. — Um cruzador Republicano. Uma taça Rodian. Um *speeder* Hutt.

A tela ficou vazia, e Mace olhou para o menino.

–Bom, bom, jovem — elogiou o alienígena enrugado, chamado Yoda. Os olhos sonolentos fixos no menino, a intenção por trás dos cílios. — Como se sente você?
–Com frio, senhor — confessou Anakin.
–Com medo, está?

O menino sacudiu a cabeça. — Não, senhor.

–Com medo de desistir de sua vida? — perguntou o ser escuro chamado Mace Windu, inclinando-se um pouco.
–Acho que não — ele respondeu, depois hesitou. Alguma coisa na resposta não parecia certo.

Yoda piscou e suas longas orelhas se inclinaram para frente. — Ver através de você, nós podemos — falou baixinho.
–Esteja atento a seus sentimentos — disse Mace Windu.
O *mais* velho chamado Ki-Adi-Mundi tocou a barba. — Seus pensamentos residem em sua mãe.
Anakin sentiu seu estômago balançar ao ouvir falar dela. Ele mordeu o lábio. — Sinto falta dela.
Yoda trocou olhares com vários outros do Conselho. — Medo de perdê-la, acho.
Anakin enrubesceu. — O que tem isso a ver com alguma coisa? — disse defensivamente.
Os olhos sonolentos de Yoda estavam fixos nele. — Tudo. Para o lado escuro, o medo conduz. Para a raiva e o ódio. Para o sofrimento.
–Não tenho medo! — respondeu o irritado menino, ansioso para abandonar a discussão e continuar.
Yoda não pareceu ouvi-la. — O mais profundo compromisso, um Jedi precisa ter. A mente mais séria. Muito medo em você, eu sinto, jovem.
Anakin inspirou profundamente e soltou devagar. Quando falou, sua voz era calma novamente. — Não tenho medo.
Yoda o estudou um momento. — Então continuar, nós vamos — disse suavemente, e o exame estava concluído.

18

Jar Jar Binks dos Gungan e a rainha Amidala dos Naboo estavam parados lado a lado, junto a uma janela que corria do chão até o teto nos aposentos da rainha, avistando as espirais brilhantes de Coruscant. Um par no mínimo estranho: a rainha altiva e composta, o Gungan desconfortável e nervoso; eles faziam companhia um ao outro em silêncio, observando o poente colorir o céu com um dourado brilhante que se refletia nas superfícies de metal e vidro polidos da cidade em súbitas e cegantes explosões de luz.

Eles haviam retornado do Senado da República há algumas horas, Jar Jar, Anakin, a rainha e suas aias. Eles haviam voltado simplesmente porque parecia não haver nada mais a fazer para mudar o curso dos acontecimentos relacionados ao futuro de Naboo. O senador Palpatine havia ficado para trás a fim de fazer uma campanha com seus colegas para escolher um novo chanceler supremo, e o capitão Panaka havia ficado com ele a pedido da rainha a fim de transmitir-lhe notícias, quando houvesse. Nenhuma havia chegado até o momento. Agora, Anakin estava fora também, levado por Qui-Gon para o Templo Jedi onde deveria reunir-se ao Conselho, e Padmé não havia sido vista por algum tempo. Então Jar Jar se agitava pelo quartel de Palpatine como um animal perdido até que Amidala ficou com pena dele e o chamou para ficar com ela. Ela havia ficado reclusa após seu retorno, tirando seu traje para o Senado e colocando um manto negro incrustado em ouro menos imponente e que ressaltava quão esbelta e pequena ela realmente era. Ela usava uma coroa invertida em forma de lua crescente com um medalhão de ouro com uma pedra caído sobre sua testa lisa, mas, ainda assim, ela ficava vários centímetros mais baixa que o Gungan.

Ela estava claramente sofrendo, seus olhos tão tristes e distantes que fizeram Jar Jar sentir vontade de confortá-la. Se fosse Annie ou Padmé, ele teria estendido a mão e dado um tapinha em sua cabeça, mas ele não tentaria isso com a rainha. Não havia guardas, mas as aias, Eitaé e Rabé, vestidas em seus robes vermelho-carmim encapuzados e sempre alertas, estavam paradas ao lado da porta, e ele tinha certeza de que havia guardas em algum lugar por perto. Ele era descuidado com muitas coisas, esquecido para outras e, em geral, dado a gozar a vida de uma maneira casual, mas não era bobo.

Mas, no final, ele pensou, não podia mais ignorar a situação. Ele arrastou os pés

e limpou a garganta, chamando a atenção da rainha.
Ela se voltou com seu rosto inexpressivo pintado de branco com pontos vermelhos em cada bochecha e uma linha vermelha no centro de seu lábio inferior como uma boneca.

–*Mim imaginar, às vens, por que os Deusa inventar a dor — disse, demonstrando empatia.*

O olhar frio de Amidala era firme e claro. — Para nos motivar, imagino.

–*Vocês pensar que seu povo vai morrer?* — ele perguntou, mexendo a boca bicuda em volta das palavras ácidas como se pudesse sentir o gosto delas.

A rainha pensou na pergunta e sacudiu a cabeça lentamente. — Não sei, Jar Jar.

–*Gungan vai ser amassado também, hein?*

–Espero que não.

Jar Jar se endireitou e um orgulho feroz iluminou seus olhos. — Gungan não morrer sem luta. Nós guerreiros! Ter grande exército!

–Um exército? — com um toque surpreso na voz suave.

–*Um grande exército! Muitos Gungans. Eles vêm de todos os cantos. Por isso criaturas da pântano não nos dar problema. Muitos Gungans. Tem grande abrigo de energia também. Nada conseguir passar. Tentar passar. Levar bolas de energia, atiradas com estilingue e espirrar eletricidade, e fugir. Usamos bomba.*

Gungans não perder para pescoçudo nenhum!

Ele parou, encolhendo os ombros desconfortavelmente. — *Disto porque Naboo não gostar de nós, talvez.*

Ela o observava de perto agora, com o olhar distante substituído por algo mais intenso, como se ela estivesse aparecendo um pensamento inesperado em sua mente. Ela estava se preparando para falar, ele pensou, quando o senador Palpatine e o capitão Panaka atravessaram a porta com pressa.

–Alteza — saudou o capitão Panaka, mal contendo a excitação enquanto os dois se inclinavam rapidamente e se endireitaram. — O senador Palpatine foi indicado para suceder Valorum como chanceler supremo!

O sorriso de Palpatine era contido e respeitoso, sua voz cuidadosamente modulada quando falou. — Uma surpresa, para ser sincero, mas uma ótima surpresa. Eu prometo, Alteza, se for eleito, restaurarei a democracia para a República. Porei um final na corrupção que assola o Senado. A Federação de Comércio perderá sua influência sobre os burocratas, e nosso povo será libertado

da tirania dessa invasão ilegal e opressiva.

–Quem mais foi indicado? — perguntou Amidala abruptamente, interrompendo-o.

–Bail Antilles de Alderaan e Aks Moe de Malastare — respondeu Panaka, evitando o olhar de Palpatine.

O senador foi rápido em se recuperar da interrupção inesperada em seu discurso. — Alteza, estou confiante de que nossa situação vai criar um forte apoio na votação de amanhã. — Ele parou significativamente. — Serei chanceler, lhe prometo.

A rainha não pareceu impressionada. Ela passou por Jar Jar e olhou para fora da janela em direção às luzes da cidade que brilhavam com o final do pôr-do-sol. — Temo que até que controle os burocratas, senador, não existe mais nada de nossas cidades, nosso povo, ou nosso modo de vida para salvar.

Palpatine pareceu tomado de surpresa. — Entendo sua preocupação, Alteza. Infelizmente, a Federação adquiriu controle de nosso planeta. Será quase impossível expulsá-los imediatamente.

–Talvez. — Amidala se virou da janela para fitá-lo. Seus olhos estavam brilhando de raiva e determinação. — Com o Senado em transição, não há mais nada que eu possa fazer aqui. — Ela caminhou até ele e Panaka. — senador, esta é sua arena. Eu devo retornar à minha.

Eu decidi retornar a Naboo. Meu lugar é com meu povo.

–Voltar! — Palpatine estava ferido, sua face pálida magoada. Panaka olhava rapidamente de um para outro. — Mas, Alteza, seja realista!

Estará em grande perigo! Eles a forçarão a assinar o tratado!

A rainha estava calma e composta. — Não assinarei tratado algum. Meu destino não será diferente do de meu povo. — Ela se virou para Panaka. — Capitão!

Panaka respondeu atento. — Sim, Alteza?

–Prepare minha nave.

Palpatine deu um passo rápido à frente para detê-la. — Por favor, Alteza, fique aqui, onde é seguro.

A voz de Amidala soava como ferro. — Nenhum lugar é seguro, se o Senado não condena essa invasão. Ficou claro para mim agora que a República já não funciona. — Os olhos dela estavam fixos nos dele. — Se vencer as eleições, senador, sei que fará todo o possível para deter a Federação. Rezo para que encontre um modo de restaurar a sanidade e a compaixão na República.

Ela passou por ele deslizando, num movimento suave e estava do lado de fora com suas aias e Panaka atrás. Jar Jar Binks seguiu, arrastando-se da maneira

menos intrusiva que pôde, lançando apenas um olhar para Palpatine ao passar. Ele ficou surpreso ao perceber um leve e quase imperceptível sinal de sorriso no rosto astuto do senador.

No Templo Jedi, Qui-Gon Jinn, Obi-Wan Kenobi e Anakin Skywalker estavam diante do Conselho dos doze. Agrupados no centro da plataforma do palestrante, eles olhavam para o círculo de cadeiras no qual os membros do Conselho estavam sentados, aguardando a decisão deles sobre o menino. Lá fora, a luz estava pálida enquanto o crepúsculo substituía o pôr- do-sol e a noite começava sua lenta descida para a cidade.

–Concluídos, estamos nós, com nosso exame no menino — disse Yoda com sua voz baixa e gutural. Os olhos dele estavam quase fechados e sonolentos, as orelhas pontudas apontando para frente. — Correto, você estava, Qui-Gon.

Mace Windu assentiu com a cabeça e com a face escura e lisa — inexpressiva sob a luz fraca. — As células dele contêm uma concentração muito alta de *midi-chlorians.* — Havia ênfase na palavra *muito* quando ele falou.

–A Força é forte nele — Ki-Adi-Mundi concordou.

Qui-Gon sentiu um ímpeto de satisfação ao ouvir as palavras, uma justificativa de sua insistência em libertar o menino de sua vida em Tatooine e trazê-lo ali. — Ele deverá ser treinado, então — declarou triunfante.

Houve um silêncio desconfortável enquanto os membros do Conselho se entreolhavam.

–Não — disse baixo Mace Windu. — Ele não será treinado.

O rosto de Anakin desmoronou e havia lágrimas em seus olhos quando olhou rapidamente para Qui-Gon.

–Não? — repetiu o Mestre Jedi incrédulo, chocado e quase sem palavras.

Ele tentou ignorar o olhar - eu te avisei - na face jovem de Obi-Wan.

Mace Windu assentiu, seus olhos negros firmes. — Ele é muito velho. Já existe muita raiva nele.

Qui-Gon estava inflamado, mas manteve a calma. Aquela decisão não fazia nenhum sentido. Não podia ser aceita. — Ele é o escolhido — ele insistia veementemente. — Vocês têm que ver isso! Yoda inclinou a cabeça redonda contemplativamente. — Obscuro, o futuro desse menino é. Mascarado por sua juventude.

Qui-Gon olhou para os rostos dos outros membros do Conselho Jedi, mas não encontrou ajuda. Ele se endireitou e balançou a cabeça concordando com a decisão deles. — Muito bem. Eu vou treiná-lo, então. Tomo Anakin Skywalker como meu aprendiz Padawan.

Pelo canto do olho, ele viu Obi-Wan enrijecer, em choque. Ele viu, também um

brilho súbito de esperança passar no rosto de Anakin. Ele não respondeu a nenhum dos dois, mantendo o olhar fixo no Conselho.

–Um aprendiz, você já possui, Qui-Gon — Yoda assinalou prontamente. — Impossível, ter um segundo é.
–Nós proibimos — avisou Mace Windu sombriamente.
–Obi-Wan está pronto — declarou Qui-Gon.
–Estou! — concordou calorosamente o pupilo, tentando sem sucesso esconder a surpresa e o desapontamento causado pela decisão inesperada de seu mentor. — Estou pronto para enfrentar os desafios!

Os olhos de Yoda o fitaram. — Pronto tão cedo, você está? O que sabe você sobre pronto?
Qui-Gon e Obi-Wan trocaram um olhar rápido e severo, e a medida de seu recém-encontrado antagonismo era palpável. A fratura em seu relacionamento estava se alargando tão rapidamente que não podia mais ser mapeada.
Qui-Gon inspirou profundamente e se voltou para o Conselho.
–Obi-Wan é teimoso e ainda tem muito que aprender sobre a Força viva, mas é capaz. Há pouco que aprender comigo.
Yoda sacudiu a face enrugada. — Nossa própria deliberação vamos manter sobre quem está pronto, Qui-Gon. Mais que aprender, ele tem.

–Agora não é momento para isso — disse Mace Windu com determinação. — O Senado vai votar amanhã um novo chanceler supremo. A rainha Amidala vai retornar para casa, fomos informados, o que vai pressionar a Federação e aumentar o confronto. Os responsáveis serão rápidos para agir nesses novos acontecimentos.
–Puxados para fora do esconderijo, os agressores dela serão — suspirou Yoda.
–Os acontecimentos estão se movendo muito rápido para distrações como essa — acrescentou Adi-Mundi.

Mace Windu olhou rapidamente para os outros sentados no Conselho, então, se voltou novamente para Qui-Gon. — Vá com a rainha para Naboo e descubra a identidade do guerreiro negro que o atacou, quer seja um Sith ou outra coisa. Essa é a pista que temos para descobriu esse mistério.
O aceno de Yoda foi lento e não admitia discussão. — Decidido mais tarde, o destino do jovem Skywalker será.
Qui-Gon inspirou profundamente, cheio de frustração e desapontamento com a

inesperada mudança dos eventos. Anakin não seria treinado, mesmo tendo ele se oferecido para tomar o menino como seu Padawan. Pior, ele havia ofendido Obi-Wan, não propositadamente, talvez, mas, ainda assim, profundamente. A rachadura não era permanente, mas levaria tempo para o orgulho do rapaz cicatrizar — tempo que eles não tinham.

Ele se inclinou em aquiescência ao Conselho. — Eu trouxe Anakin para cá; ele deverá ficar sob meus cuidados. Ele não nenhum outro lugar para ir.

Mace Windu assentiu. — Ele é sua responsabilidade, Qui-Gon.

Não discutimos isso.

–Mas o treine não! — Yoda advertiu duramente. — Leve-o com você, mas o treine não!

As palavras feriam, a força atrás delas era inegável. Qui-Gon recuou por dentro, mas não pronunciou palavra.

–Proteja a rainha — acrescentou Mace Windu. — Mas não interfira se houver uma guerra até que tenhamos aprovação do Senado.

Houve um longo silêncio enquanto os membros do Senado fitavam Qui-Gon solenemente. Ele ficou de pé, tentando pensar em algo mais para dizer, algum outro argumento para oferecer. Lá fora, as últimas luzes do crepúsculo desapareciam na escuridão, e as luzes da cidade começaram a brilhar como olhos atentos.

–Que a Força esteja com você — disse Yoda finalmente, sinalizando ao Mestre Jedi que a reunião estava encerrada.

Os Jedi e o menino, sabendo da notícia da partida iminente de Amidala para Naboo, foram diretamente para a plataforma onde o transporte da rainha estava ancorado aguardando sua chegada. A viagem de volta no ônibus foi marcada por um silêncio forçado entre os dois Jedi e por um desconforto no menino que ele não conseguia afastar. Ele olhou para os pés a maior parte do tempo, desejando que houvesse uma maneira de evitar que Qui-Gon e Obi-Wan ficassem aborrecidos um com o outro.

Quando desembarcaram do veículo na plataforma de aterrissagem, R2-D2 já circulava apressado. O pequeno *dróide* emitiu um *bip* alegremente para Anakin, então, se dirigiu para a ponta da plataforma para observar o trânsito abaixo. Ao fazer isso, ele se inclinou muito e tombou. Anakin engasgou, mas, um segundo depois, o *dróide* astromecânico reapareceu, impulsionado na rampa por seus jatos acoplados. Ao ouvir R2-D2 surgir com uma lufada de trinados e assobios, o garoto sorriu, apesar do que sentia.

Na ponta da rampa de embarque, Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi estavam envolvidos numa discussão acalorada. O vento soprava entre as fendas das torres da cidade, escondendo o que diziam do menino. Cuidadosamente, ele se

aproximou para escutar.

–O destino dele é incerto, mas ele não é perigoso — rebatia Qui- Gon duramente. — O Conselho decidirá sobre o destino de Anakin. Isso deveria ser suficiente para você. — Ele se afastou em recusa.

–Agora embarque!

Obi-Wan se afastou e subiu pomposamente a rampa em direção à nave. R2-D2 o seguiu, ainda assobiando alegremente. Qui-Gon se voltou para Anakin e o menino caminhou até ele.

–Mestre Qui-Gon — disse ele desconfortável, crivado de dúvidas e culpa pelo que estava acontecendo. Não quero ser um problema.

Qui-Gon pôs uma mão em seu ombro, confortando-o. — Não será, Annie. — Ele lançou um olhar para a nave, então, se ajoelhou em frente ao menino. — Não me permitem treiná-lo, por isso quero que me observe e fique atento ao que vê. Sempre se lembre, seu foco determina sua realidade. — Ele pausou com os olhos fixos em Anakin.

–Fique perto de mim e estará a salvo.

O menino balançou a cabeça, compreendendo. — Posso lhe perguntar uma coisa? — O Mestre Jedi assentiu. — O que são *midi- chlorians?*

O vento bateu no longo cabelo de Qui-Gon, levando mechas para o rosto forte. — *Midi-chlorians* são formas de vida microscópicas que residem nas células de todas as criaturas vivas e se comunicam com a Força.

–Eles vivem dentro de mim? — perguntou o menino.

–Nas suas células. — Qui-Gon parou. — Somos simbiontes com os *midi-chlorians.*

–Simbi o quê?

–Simbiontes. Formas de vida vivendo juntas por mútua vantagem. Sem os *midi-chlorians,* a vida não existiria e não teríamos conhecimento da Força. Nossos *midi-chlorians* continuamente falam conosco, Annie, nos contando o desejo da Força.

–Falam?

Qui-Gon inclinou uma sobrancelha. — Quando aprender a acalmar sua mente, ouvirá os *midi-chlorians* falando com você. Anakin pensou por um momento e, então, fez uma careta. — Não entendo.

Qui-Gon sorriu e seus olhos estavam acolhedores e misteriosos.

–Com tempo e treinamento, Annie, você entenderá.

Dois ônibus pararam no embarcadouro, e a rainha Amidala, suas aias, o capitão Panaka e um acompanhamento de guardas e oficiais desembarcaram. Por último,

no segundo ônibus, estava Jar Jar Binks.
Amidala vestia um casaco de viagem vermelho-escuro que cobria seu corpo em dobras drapeadas e um capuz largo com bordas de ouro que emoldurava sua face pintada de branco como a imagem de um camafeu.
Qui-Gon se ergueu e ficou aguardando ao lado de Anakin enquanto a rainha e suas aias se aproximavam.

–Alteza — saudou Qui-Gon com uma inclinação da cabeça em deferência. — Será nosso prazer continuar a servir e protegê-la. Amidala assentiu. — Sua ajuda é bem-vinda. O senador Palpatine teme que a Federação deseje me destruir.
–Prometo-lhe, não deixaremos que isso aconteça — disse solenemente o Mestre Jedi.

A rainha se virou e, com as aias, ela seguiu Panaka e os guardas Naboo para dentro do transporte.
Jar Jar se aproximou correndo e envolveu Anakin num enorme abraço. — *Nós ir para casa, Annie!* — exclamou com um sorriso e Anakin Skywalker o abraçou também.
Momentos depois, estavam todos a bordo, e o brilhante transporte havia se levantado, deixando Coruscant para trás.
Era noite na cidade de Theed, capital de Naboo, as ruas vazias e silenciosas exceto pela passagem ocasional de patrulhas de guerreiros *dróides* e o sussurro do vento. Na sala do trono da rainha, Nute Gunray e Rune Haako estavam de pé, atentos a um holograma de Darth Sidious.
O holograma preenchia o espaço de um lado da sala, erguendo- se diante deles ameaçadoramente.
A figura de manto escuro em seu centro gesticulou. — A rainha está a caminho de vocês — entoou o Sith Lord suavemente.
–Quando ela chegar, force-a a assinar o tratado.
Houve uma pausa momentânea enquanto os Neimoidians trocavam olhares preocupados. — Sim, meu senhor — concordou Nute Gunray relutante.

–Vice-rei, o planeta está seguro? — A figura escura tremulou com o movimento.
–Sim, senhor. — Gunray estava firme. — Já acabamos com os últimos focos de resistência que, em sua maioria, consistiam em formas primitivas de vida. Estamos agora com controle total. O interlocutor sem rosto concordou com a cabeça. — Bom. Vou cuidar para que as coisas no senado

fiquem como estão.

Estou enviando Darth Maul para se juntar a vocês. Ele cuidará dos Jedi.

–Sim, meu senhor. — As palavras eram uma súplica.

O holograma de Darth Sidious desapareceu. Os Neimoidians ficaram onde estavam, congelados no lugar.

–Um Sith Lord, aqui conosco? — Sussurrou Rune Haako incrédulo e, desta vez, Nute Gunray não tinha absolutamente nada a dizer.

19

A bordo do transporte Real, que já saía do hiperespaço aproximando-se do sistema estelar de Naboo, Qui-Gon Jinn parou a caminho de uma reunião para observar Anakin Skywalker.
O menino estava parado à mesa do piloto ao lado de Ric Olié. O piloto Naboo estava curvado sobre os controles, apontando cada um e explicando suas funções. Anakin absorvia as informações com rapidez impressionante, a testa franzida, os olhos intensos, em total concentração.

–E aquele? — Apontou o garoto.
–O estabilizador dianteiro. — Ric Olié o fitava, esperando em expectativa.
–E aqueles controlam o vôo? — Anakin indicou um grupo de barras à direita do piloto.

A face desbotada pela ação do tempo de Ric Olié se abriu num sorriso. — Você aprende bem rápido.
Rápido como ninguém que ele já encontrou, pensou Qui- Gon Jinn. Essa era a razão por Anakin ser tão especial. Aquilo evidenciava seu número alto de *midi-chlorians.* Sugeria novamente que ele era o escolhido.
O Mestre Jedi suspirou. Porque o Conselho não podia aceitar o fato? Por que estavam tão temerosos em arriscar com o menino, quando os sinais estavam tão claros?
Qui-Gon se sentiu frustrado mais uma vez. Ele entendia a maneira como pensavam. Era ruim que Anakin fosse tão velho, mas não fatal para suas chances. O que os perturbava não era a idade dele, mas o conflito que sentiam nele. Anakin estava em conflito com seus pais, com sua separação da mãe, seus amigos e sua casa. Especialmente sua mãe. Ele tinha idade suficiente para perceber o que aconteceria e o resultado era uma incerteza dentro dele como um animal enjaulado que tentava se libertar. O
Conselho Jedi sabia que não podia acalmar aquela incerteza do exterior, mas que deveria ser dominada pelo interior. Acreditavam Anakin Skywalker estar muito velho para isso, seus pensamentos e sentimentos muito arraigados para serem reajustados de forma segura. Ele era vulnerável a seus conflitos interiores, e o

lado escuro seria rápido em tomar vantagem disso. Qui-Gon sacudiu a cabeça, fitando o menino a partir da traseira da cabine. Sim, havia riscos em aceitá-lo como aprendiz. Mas poucas coisas que valiam a pena eram conseguidas na vida sem riscos. A Ordem Jedi estava fundada sobre estrita aderência aos procedimentos estabelecidos na criação e educação de jovens Jedi, mas havia sempre exceções para tudo, mesmo para isso. Era intolerável que o Conselho Jedi se recusasse até mesmo a considerar que esse era um caso em que se poderia fazer uma exceção.

Ainda assim, ele sabia que precisava manter a fé. Precisava acreditar. A decisão de que Anakin não seria treinado seria reconsiderada após seu retorno e revertida. Se o Conselho não aceitasse voluntariamente o treinamento do garoto, caberia a Qui- Gon encontrar um meio de convencê-los a fazer isso.

Ele se afastou e caminhou da cabine para os corredores adiante e desceu um andar para os aposentos da rainha. Os outros convocados por ela para essa reunião já estavam presentes quando ele chegou.

Obi-Wan lhe lançou um olhar breve e neutro de cumprimento, de pé junto a um capitão Panaka furioso. Jar Jar Bink abraçava uma parede do outro lado, aparentemente tentando desaparecer dentro dela.

Amígdala estava sentada em seu trono de bordo colocado sobre uma plataforma elevada junto à parede, duas de suas aias, Rabé e Eirtaé, a seu lado. Seu rosto pintado de branco estava composto e seu olhar frio quando encontrou o dele, mas havia fogo nas palavras que disse em seguida.

–Quando aterrissarmos em Naboo — ela informou o Mestre Jedi, após ele ter se inclinado e se colocado de pé ao lado de Panaka — é minha intenção agir nessa invasão imediatamente. Meu povo já sofreu o suficiente.

Panaka mal podia se controlar, sua face escura tensa de raiva. — Quando aterrissarmos, Alteza, a Federação de Comércio irá prendê-la e forçá-la a assinar o tratado deles!

Qui-Gon assentiu pensativo, curioso quanto aos planos da rainha.

–Eu concordo. Não estou certo do que pretende conseguir com isso.

Amidala poderia ser entalhada em pedra. — Os Naboo irão tomar de volta o que é nosso.

–Só há doze de nós! — disparou Panaka, incapaz de ficar em silêncio. — Alteza — completou atrasado. — Não temos um exército!

Os olhos dela se viraram para Qui-Gon. — Os Jedi não podem lutar numa guerra para a senhora, Alteza — ele advertiu. — Só podemos protegê-la.

Ela deixou seu olhar vagar deles parando em Jar Jar. O Gungan estudava seus dedos dos pés. — Jar Jar Binks! — ela chamou.

Jar Jar, claramente surpreendido, se retesou. — *Mim, Alterna?*

–Sim — Amidala dos Naboo afirmou. — Preciso de sua ajuda.

Na profundidade dos pântanos de Naboo, à margem do lago que conduzia à capital Gungan de Otoh Gunga, os fugitivos estavam agrupados aguardando o retorno de Jar Jar Binks. Amidala e suas aias, os Cavaleiros Jedi, capitão Panaka, Anakin, R2-D2, Ric Olié, vários outros pilotos e um punhado de guardas Naboo, todos agrupados apreensivamente no silêncio nebuloso. Era seguro afirmar que ninguém, a não ser a rainha, sabia exatamente o que ela tentava fazer. Tudo que se dispôs a responder àqueles que estavam em posição de perguntar era que desejava fazer contato com o povo Gungan e que Jar Jar seria seu emissário. Ela havia insistido para que aterrissassem no pântano, mesmo contra os conselhos de Panaka e dos Jedi.

Uma única nave de combate orbitava o planeta, era tudo que restava do bloqueio da Federação de Comércio. Alojada na nave estava a estação controladora responsável por direcionar o exército de *dróides* que ocupava Naboo. Quando Panaka questionou alto a ausência de outras naves de combate, Qui-Gon apontou secamente que não se precisava de bloqueios quando já se controlava o porto. Anakin, de pé, um pouco afastado dos outros, com R2- D2, observava o grupo disfarçadamente. Jar Jar havia partido há muito tempo, e todos, menos a rainha, estavam ficando impacientes. Ela ficou de pé embrulhada em seu robe, silenciosa, implacável, em meio às suas aias. Padmé, Eirtaé e Rabé haviam trocado seus mantos vermelho-carmim com capuz por calças mais confortáveis, túnicas e botas, e casacos com cintura comprida, e havia rifles amarrados em suas cinturas. O menino nunca havia visto Padmé desse jeito e imaginou quão boa guerreira ela seria.

Como se percebendo que ele pensava nela, Padmé se separou das outras e veio até ele.

–Como vai, Annie? — ela perguntou calmamente, com seus olhos presos aos dele.

Ele encolheu os ombros. — Bem. Tenho sentido sua falta.

–É bom falar com você novamente. Desculpe não ter podido falar com você antes, mas eu estava muito ocupada.

Eles não haviam trocado mais que umas poucas palavras desde que deixaram Tatooine, e Anakin não havia nem mesmo visto Padmé desde que deixaram Coruscant. Isso o havia aborrecido, mas ele ficou calado.

–Eu não... Eu... — ele gaguejou, olhando para as botas. — Eles decidiram não me fazer um Jedi.

Ele secontou a história para ela, detalhando os acontecimentos relativos à sua aparição frente ao Conselho Jedi. Padmé ouviu intencionalmente, então, lhe tocou o rosto com os dedos frios. — Eles podem mudar de idéia, Annie. Não

perca a esperança.
Então ela se inclinou para perto. — Tenho algo a lhe dizer. A rainha tomou uma decisão dolorosa e difícil — uma decisão que mudará tudo para os Naboo. Somos um povo pacífico e não acreditamos na guerra.
Mas, às vezes, não há escolha. Você se adapta ou morre. A rainha entende isso. Ela decidiu adotar uma postura agressiva com o exército da Federação de Comércio. Os Naboo vão lutar para reaver sua liberdade.

–Haverá uma batalha? — ele perguntou rapidamente, tentando sem sucesso esconder a excitação.

Ela meneou a cabeça. — Temo que sim.

–Você estará envolvida? — ele pressionou.

Ela sorriu tristemente. — Annie, eu não tenho escolha.
Qui-Gon e Obi-Wan ficaram parados a uma certa distância. Os Jedi ainda não estavam se falando ou mal se falavam. Suas palavras durante a viagem partindo de Coruscant foram reservadas quase exclusivamente aos outros. Os sentimentos pesados causados pela oferta de Qui-Gon de treinar Anakin não haviam se suavizado. O menino havia tentado falar uma vez com Obi-Wan a bordo da nave, só para lhe dizer que sentia muito que aquilo tivesse acontecido, mas o Jedi mais jovem o havia afastado. Agora, entretanto, Obi-Wan começava a se sentir desconfortável com a situação. Ele havia estado com Qui-Gon por tempo demais para deixar que um desacordo momentâneo acabasse com uma amizade de mais de vinte anos. Qui-Gon era como um pai para ele, o único pai que conhecera. Ele estava com raiva de que o Jedi houvesse desistido dele em favor do menino, mas ele também conhecia a profundidade da paixão de Qui-Gon quando ele acreditava em alguma coisa. Treinar o garoto foi uma causa abraçada por Qui-Gon como nenhuma outra abraçada antes de que Obi-Wan se lembrasse. Ele fez aquilo não para menosprezar seu pupilo. Ele fez aquilo porque acreditava no destino do garoto.
Obi-Wan entendeu. Quem diria? Talvez, desta vez, Qui- Gon estivesse certo. Talvez treinar Anakin Skywalker era uma causa pela qual valia a pena lutar.

–Estive pensando — anunciou Qui-Gon subitamente, mantendo a voz baixa, os olhos dirigidos para os outros. — Estamos pisando em solo perigoso. Se a rainha pretende lutar uma guerra, não poderemos nos envolver. Nem mesmo em seus esforços para persuadir os Gungans a se juntarem aos Naboo contra a Federação, se é isso que ela pretende vindo aqui. Os Jedi não têm autoridade para tomar partidos.

–Mas temos autorização para proteger a rainha — disse Obi-Wan. Os olhos de Qui-Gon se moveram para encontrar os dele. — Então estamos numa

corda bamba.

–Mestre — disse Obi-Wan, fitando-o agora. — Comportei-me mal em Coruscant e estou envergonhado. Não tive intenção de desrespeitá-lo. Não desejo me fazer de difícil na questão do garoto.

–Nem se fez — replicou o Jedi mais velho com um sorriso leve aparecendo. — Você foi honesto comigo. A honestidade nunca é errada.

Não menti quando disse ao Conselho que você estava pronto. Você está. Ensinei-lhe tudo que pude. Você será um grande Jedi, meu jovem Padawan. Você me deixará orgulhoso.

Eles apertaram as mãos impulsivamente e, rapidamente, o desentendimento entre eles terminou.

Momentos mais tarde, uma forma escura quebrou a superfície da água com um barulho e Jar Jar Binks saiu do lago, espirrando água de sua pele anfíbia no grupo. As orelhas compridas pingando, a boca vertendo água como a boca de um pato, ele sacudia a cabeça preocupado.

–Não ter ninguém lá! Todos eles desaparecer! — seus olhos giravam. — Algum tipo de briga eles ter. Pescoçudos, talvez Muitas bombas. Todos Gungans se foram. Todos.

–Acha que foram levados para os campos? — Panaka perguntou rápido, olhando em volta para o grupo.

–Mais provável que tenham sido varridos — comentou Qui- Gon enojado.

Mas Jar Jar sacudiu a cabeça. — Mim não acha. Gungans muito espertos. Se esconder. guano com problema, vai para lugar sagrado. Pescoçudos não achar eles lá.

Qui-Gon deu um passo à frente. — Lugar sagrado? — repetiu.

–Pode nos levar até lá, Jar Jar?

O Gungan suspirou pesadamente — como que dizendo ? Lá vamos nós novamente? e indicou para que o seguissem.

Eles percorreram o pântano por algum tempo, primeiro, margeando o lago; depois, mergulhando profundamente na floresta de árvores imensas e gramas altas e seguindo um caminho de água que ligava uma série de pequenos morros. Em algum lugar a distância, as *STAPs* da Federação de Comércio buzinavam e gemiam enquanto a busca pelos fugitivos do transporte apenas começava. Jar Jar olhou em volta apreensivo enquanto tornava seu caminho através do atoleiro, mas não diminuiu o passo.

Finalmente, eles chegaram a uma clareira de vegetação pantanosa e árvores com

raízes tão fortemente emaranhadas que formavam o que parecia ser uma cerca intransponível. Jar Jar parou, cheirou o ar especulativamente e assentiu. — *E aqui.*
Ele ergueu a cabeça e fez um gorjeio estranho com a boca comprida que ecoou sinistramente no silêncio. O grupo aguardou, os olhos buscando em meio as trevas nebulosas. Subitamente, o capitão Tarpals e uma patrulha de Gungans escondidos emergiram na neblina, com *eletropoles* e lanças de energia prontas.

–*Ei! capitão Tarpals* — saudou Jar Jar alegremente.
–Binks! — o líder Gungan exclamou incrédulo. — *De novo não!*

Jar Jar encolheu o ombros não intimidado. — *Vim para ver chefe!* Tarpals rolou os olhos. — *Tempo difícil, Binks. Difícil para todos nós talve*]
Mantendo-os juntos, com Gungans a postos, fornecendo proteção em todos os lados, Tarpals os encaminhou para dentro do pântano. A copa formada pelos galhos da árvores ficou tão grossa que o céu e o sol praticamente desapareceram. Tocos e pedaços de esculturas começaram a aparecer, fachadas de pedra e pedestais esmigalhados afundados no lamaçal. Trepadeiras se entrelaçavam entre os restos despedaçados, descendo de galhos que se retorciam e enlaçavam em enormes redes de madeira. Atravessando uma passagem de vegetação serrada, eles chegaram até uma clareira cheia de refugiados Gungans — homens, mulheres e crianças de todas as idades e tipos amontoados em uma colina de solo seco, muitos com seus pertences à sua volta. Tarpals os encaminhou para um local além de onde os refugiados se encontravam, onde as ruínas do que antes havia sido um templo grandioso eram lentamente tomadas pelo pântano. O que ainda permanecia intacto eram as plataformas e as escadarias, apesar de as colunas e tetas já há muito estarem desmoronados e partidos. As imensas cabeças e braços de estátuas de pedra saltavam de dentro do atoleiro, com seus dedos apertando armas e olhos cegos fixos no espaço.
Do outro lado das ruínas, Chefe Nass apareceu, movendo-se com dificuldade por entre as sombras, acompanhado por vários outros membros do Conselho Gungan em direção ao topo de uma cabeça de pedra que parcialmente emergia da água. Amidala e seu séquito se aproximaram através de uma série de ilhas e passagens até ficarem a uma distância suficiente para serem vistos e ouvidos.

–Jar Jar Binks, o que vocês fazer aqui de volta! - Ruminou Chefe Nass com raiva. — Você devia levar esses estrangeiros e não voltar! Você vai pagar caro desta ve] — A cabeça pelancuda girou. — Quem vocês trazer aqui no local sagrado dos Gungans?

A rainha imediatamente deu um passo à frente com sua face branca erguida. — Eu sou Amidala, rainha dos Naboo.

–Naboo! — trovejou Chefe Nass. — Não gostar Naboo! Vocês trazer pescoçudos! Eles estourar nossas casas! Eles expulsar nós todos! — Um braço pesado se ergueu, apontando para a rainha. — Vocês tudo bombardeia!

Vocês todos morrerão, talve]!

Anakin notou imediatamente que estavam completamente cercados por Gungans, alguns montados em *kaadus*, alguns a pé, todos portando *electropoles* e lanças de energia, assim como um certo tipo de dispositivo de tiro. O capitão Panaka e os guardas olhavam em volta nervosos, suas mãos procurando por seus dinamitadores. Os Jedi se posicionaram ao lado da rainha e de suas aias, mas seus braços ficaram soltos ao lado do corpo.

–Desejamos fazer uma aliança com vocês — Amidala tentou novamente.

–Nós não formar nada com Naboo!—rosnou Chefe Nass irado.

De forma abrupta, Padmé se afastou do grupo e ficou de pé em frente à rainha. — Você fez bem, Sabé. Mas terei que cuidar disso eu mesma — ela disse calmamente e se virou para Chefe Nass.

–Quem ser esta? — o líder Gungan perguntou.

R2-D2 parado ao lado de Anakin fez um *bip* suave em reconhecimento. O *dróide* havia descoberto primeiro.

Padmé se endireitou. — Sou a rainha Amidala — anunciou numa voz alta e clara. — Sabé serve de vez em quando de meu dublê, minha leal guarda-costas. Peço desculpas por minha fraude, mas dadas as circunstâncias, estou certa de que podem entender. — Ela se voltou para os Jedi, seus olhos momentaneamente se voltaram para Anakin.

–Cavalheiros, peço desculpas por enganá-los.

Os olhos dela se voltaram novamente para Chefe Nass, que franzia a testa desconfiado, claramente sem entender o que estava acontecendo. — Apesar de nosso povo nem sempre se entender, senhor — ela continuou, agora, com a voz mais suave — temos sempre vivido em paz. Até agora. A Federação de Comércio, com seus tanques e ?pescoçudos?, destruiu tudo que trabalhamos tão arduamente para construir. Os Gungans estão escondidos e os Naboo foram aprisionados em campos. Se não agirmos rápido, tudo que valorizamos se perderá para sempre.

Ela estendeu as mãos. — Peço-lhe que nos ajude, senhor. — Ela fez uma pausa. — Não, eu imploro que nos ajude.

Ela se ajoelhou abruptamente em frente ao líder Gungan. Houve um murmúrio audível de surpresa dos Naboo. — Somos seus humildes servos, senhor — disse Padmé para que todos ouvissem.

–Nosso destino está em suas mãos. Por favor, ajude-nos.

Ela gesticulou, e um por um, suas aias, Panaka e os pilotos e os guardas Naboo se ajoelharam ao lado dela. Anakin e os Jedis foram os últimos a fazê-la. Pelo canto do olho, Anakin viu Jar Jar de pé completamente sozinho no meio, olhando em volta estupefato e chocado.

Por um momento, ninguém disse uma palavra. Então uma gargalhada vagarosa e profunda explodiu da garganta de Chefe Nass — *Ho, ho, ho! Mim gostar disso. Isto é bom! Vocês não pensar ser melhor que Gungans!*

O líder Gungan se aproximou deles, estendendo uma mão. — Você levanta, rainha Amidala. Você falar comigo, tá? Talvez nós vamos ser amigos finalmente !

O Sith Lord mais velho surgiu num tremular de robes e sombras enquanto seu protegido e os Neimoidians caminhavam lentamente pelo corredor que levava da sala do trono de volta para a praça.

–Enviamos nossas patrulhas — dizia Nute Gunray, concluindo seu relatório para a figura ominosa na projeção. — Já localizamos a nave deles no pântano. Não demorará muito para os termos em mãos, meu senhor.

Darth Sidious estava silencioso. Por um momento, Nute Gunray temeu não ter sido ouvido. — Este é um movimento inesperado da rainha — disse finalmente o Sith Lord, sua voz tão baixa que mal podia ser ouvida. — É muito agressivo. Lord Maul, fique atento.

–Sim, Mestre — o outro Sith rugiu suavemente, com seus olhos amarelos brilhando.

–Seja paciente — ronronou Darth Sidious com a cabeça baixa nas sombras intimidadoras e as mãos dobradas nos robes pretos.

–Deixe que façam o primeiro movimento.

Darth Maul e os Neimoidians continuaram em silêncio, enquanto o holograma desapareceu vagarosamente.

Chefe Nass era tão temperamental quanto era enorme e sua mudança de comportamento para com os Naboo foi dramática. Uma vez tendo decidido que a rainha não se considerava superior a ele, que ela foi na verdade sincera em sua súplica por ajuda dos Gungans, ele foi rápido em se aproximar. Claro que o fato da antipatia dele pelos guerreiros *dróides* ser tão forte quanto a antipatia dela não atrapalhou em nada. Talvez ele tenha sido imprudente por acreditar que os

“pescoçudos” não encontrariam os Gungans nos pântanos. Otoh Gunga tinha sido atacada na aurora dois dias atrás e seus habitantes foram expulsos de suas casas. Chefe Nass não ficaria sentado quieto depois disso. Se um plano pudesse ser estabelecido para expulsar os invasores, o exército Gungan faria sua parte para ajudar.
Ele levou Amidala e seus companheiros para fora do pântano até o limite das planícies cobertas de grama que corriam ao sul da cidade de Theed, capital de Naboo. Qualquer ataque seria preparado dali e a rainha tinha vindo aos Gungans com um plano de ataque bem específico em sua mente.
O primeiro passo do plano envolvia enviar o capitão Panaka para reconhecimento da cidade.
Enquanto olhavam do interior nebuloso do pântano em direção à área gramada aberta, aguardando Panaka retornar, Chefe Nass se aproximou de Jar Jar.

> *–Você fazer muito bem, Jar Jar Binks! — exclamou, passando um braço carnudo em volta dos ombros magros de Jar Jar. — Você aproximar os Naboo e os Gungans! Isto coisa corajosa.*

Jar Jar esfregou os pés e pareceu envergonhado. — *Ah! você não vai dizer isso. Isso n o foi nada.*

> *–Não, você grande guerreiro!* — declarou Chefe Nass, tirando o fôlego de seu compatriota com um imenso abraço.
> *–Não, não, não!* — insistiu o outro modestamente.
> *–Então — conclui Chefe Nass brilhantemente — nós fazer você general do exército Gungan!*
> *–O quê?* — exclamou Jar Jar espantado. — *General? Mim? Não, não!* - ele engasgou com os olhos rolando e a língua caída — e desmaiou.

Padmé estava conferenciando com os Jedi e os generais Gungans, a cujo grupo Jar Jar Binks havia acabado de ser acrescentado, então, Anakin, sem função determinada, se aproximou para fazer companhia junto com os guardas Gungans que ficaram vigiando a chegada de Panaka. Os Gungans patrulhavam o perímetro do pântano se arrastando e vigiavam do topo das árvores e de esculturas antigas com microbinóculos, certificando-se de que certos membros das patrulhas da Federação de Comércio não apareceriam de surpresa. Anakin estava de pé numa coluna, ainda tentando assimilar a revelação de Padmé. Todos tinham sido surpreendidos, claro, mas ninguém mais do que ele.
Ele não tinha certeza agora do que sentia por ela, sabendo que ela não era apenas uma garota, mas uma rainha. Ele havia declarado que se casaria com ela um dia,

acreditando nisso, mas como haveria uma pessoa que foi escrava por toda a vida de se casar com uma rainha? Ele queria falar com ela, mas não havia nenhuma oportunidade ali.
Ele imaginou que as coisas não seriam as mesmas depois disso, mas ele gostaria que sim. Ele gostava dela agora tanto quanto antes e, para dizer a verdade, não se importava se ela era a rainha ou não.
Ele olhou para a garota e para os Cavaleiros Jedi e pensou em como as coisas eram diferentes do que foram em Tatooine. Nada havia saído como ele esperava para nenhum deles e, ainda, restava saber se deixar sua casa e sua mãe para vir com eles foi afinal uma boa idéia.
Parado sobre uma escultura acima de Anakin, o Gungan grunhiu.

–*Eles estar vindo!* — ele falou, observando a planície pelos microbinóculos.

Anakin deu um grito em resposta e correu para Padmé, para os Jedi e para os generais Gungans. — *Eles voltaram!* — gritou.
Todos se viraram para observar um grupo de quatro *speeders* deslizar pela planície e estacionar na sombra que os ocultaria no pântano. O capitão Panaka e várias dúzias de soldados Naboo, oficiais e pilotos de caças se aproximaram. Panaka se dirigiu diretamente para a rainha.

–Acho que passamos sem sermos detectados, Alteza — ele informou logo enquanto escovava a poeira das roupas.
–Qual é a situação? — ela perguntou enquanto os outros se amontoaram perto deles.

Panaka sacudiu a cabeça. — A maioria de nosso povo está em campos de detenção. Algumas centenas de oficiais e guardas formaram um movimento clandestino de resistência à invasão. Trouxe todos os líderes que pude encontrar.

–Bom. Padmé meneou a cabeça com apreciamento para Chefe Nass. — Os Gungans têm um exército maior que imaginávamos.
–Muito, muito armado! — o líder Gungan ribombou.

Panaka expirou aborrecido. — Você vai precisar. O exército da Federação também é bem maior do que pensávamos. E mais forte. — Ele lançou à rainha um olhar pensativo. — Na minha opinião, não se trata de uma guerra que podemos vencer, Alteza. Parado na ponta do círculo, Jar Jar Binks olhou para Anakin e rolou os olhos sem esperanças.
Mas Padmé não se intimidou. — Não pretendo vencer a guerra, capitão. A luta é uma distração. Precisamos que os Gungans afastem o exército de guerreiros

dróides de Theed para que possamos nos infiltrar no palácio e capturar o vice-rei Neimoidian. A Federação de Comércio não pode funcionar sem seu líder. Neimoidians não pensam por si.
Sem um vice-rei no comando, deixarão de representar uma ameaça.
Ela esperou para que considerassem o plano, seus olhos se fixando automaticamente em Qui-Gon. — O que acha, Mestre acedi?

–É um plano bem-elaborado — reconheceu Qui-Gon. — Parece- me ser, possivelmente, o seu melhor movimento, Alteza, apesar de ser arriscado. Mesmo com o exército de *dróides* no campo de batalha, o vice-rei estará guardado. E muitos dos Gungans poderão ser mortos.

Chefe Nass bufou em menosprezo. — As armas deles não passar por nossas barreiras! Nós prontos para luta!
Jar Jar rodopiou os olhos para Anakin novamente, mas, dessa vez Chefe Nass percebeu, lançando-lhe um olhar duro de advertência. Padmé pensava. — Poderíamos reduzir as mortes dos Gungans controlando o hangar principal e enviando nossos pilotos para derrubar a nave controladora em órbita. Sem a nave controladora para direcioná-los, o exército de *dróides* não funciona.
Todos assentiram. — Mas se o vice-rei escapar, Alteza — disse Qui- Gon sombriamente, — ele voltará com um novo exército de *dróides*, e vocês não estarão em melhor situação que agora. O que quer que aconteça, têm que capturá-la.

–De certo que sim, precisamos — concordou Padmé. — Tudo depende disso. Corte a cabeça, e a serpente morre. Sem o vice-rei, a Federação de Comércio desmorona.

Eles passaram, então, a discutir outras questões, começando uma discussão detalhada sobre táticas de guerra e responsabilidades de comando. Anakin ficou ouvindo por um momento, depois foi até Qui-Gon e puxou sua manga.

–E eu? — ele perguntou baixo O Mestre Jedi pôs a mão na cabeça do menino e sorriu. — Você fica perto de mim, Annie, faça o que eu digo e ficará a salvo.

Ficar a salvo não era bem o que o menino tinha em mente, mas ele ficou quieto e satisfeito, uma vez que, enquanto estivesse ao lado de Qui-Gon, não estaria longe da ação.
Em Theed, na sala do trono, Darth Sidious aparecia em holograma para Darth Maul, para o comandante guerreiro *dróide* OOM-9 e para os Neimoidians. Suave e sedosa, sua voz se esvaía pela penumbra no ar rarefeito.

–Nossa jovem rainha me surpreende — ele sussurrou pensativo, oculto por

seu manto escuro. — Ela é mais tola do que pensei.

–Estamos enviando todas as tropas disponíveis para encontrar esse exército dela — disse rapidamente Nute Gunray. — Parece estar reunido no limite do pântano. Primitivos, meu senhor — nada mais.

Não esperamos muita resistência.

–Estou aumentando o policiamento nos campos de detenção Naboo — entoou OOM-9.

Darth Maul fitava o nada, então, sacudiu sua cabeça chifruda. — Sinto que há mais nisso do que sabemos, Mestre. Os dois Jedi devem estar usando a rainha para seus próprios objetivos.

–Os Jedi não podem se envolver — acalmou Darth Sidious com suas mãos abertas num gesto tranquilizador. — Eles só podem proteger a rainha. Mesmo Qui-Gon Jinn não pode quebrar esse princípio.

Isso nos coloca em vantagem.

Darth Maul roncou ansioso para continuar.

–Tenho sua aprovação para continuar, então, meu senhor? — perguntou Nute Gunray hesitante, evitando os olhos perversos do Sith mais jovem.

–Prossiga — ordenou Darth Sidious suavemente. — Acabe com eles, vice-rei. Todos eles.

20

Por volta do meio-dia, com o sol a pino, num céu sem nuvens e o vento soprando cada vez mais fraco, as planícies cobertas de grama ao sul de Theed entre a capital de Naboo e os pântanos dos Gungans estavam vazias e silenciosas. O calor se refletia nas planícies numa luz trêmula e suave e estava tudo tão calmo que se podia ouvir a cem metros de distância o gorjeio dos pássaros e o zumbido dos insetos como se estivessem bem próximos.

Então os tanques e transportes da Federação de Comércio roncaram pelas pradarias, em ondas brilhantes de metal.

Havia calma também nos pântanos, a perene luz crepuscular luxuriante e esperançosa sob a vasta copa de galhos e trepadeiras, a superfície do atoleiro lisa e sólida como vidro, os juncos e bambus imóveis no ar parado. Aqui e ali, mosquitos aquáticos pulavam silenciosamente de um lugar para outro, agitando as poças para a vida à medida que passavam, dobrando folhas de grama como trampolins. Pássaros desciam e pousavam em *flashes* coloridos, voando de galho em galho. Pequenos animais saíam do esconderijo para beber água e buscar comida — com os olhos brilhantes, narizes torcendo e os sentidos alerta.

Então o exército Gungan emergiu agitando a água escura e formando um fluxo de bolhas, as cabeças de orelhas pendentes saltando como rolhas, primeiro uma, depois outra, e mais outra, finalmente centenas — e, eventualmente, milhares. Tanto na planície quanto no pântano, os pequenos animais corriam de volta para o esconderijo, os pássaros levantaram vôo e os insetos foram para o chão. Montados em seus *kaadu,* os Gungans saíram de seus esconderijos em couraças envolvendo seus corpos anfíbios e armas prontas para disparar. Carregavam lanças de energia compridas e estilingues com pegador metálico para lutas a distância e escudos de energia para combate corpo a corpo. Os *kaadu* se sacudiram quando chegaram ao solo seco, vertendo água pantanosa de suas peles lisas, os olhos se dirigindo para as trilhas sólidas no solo enquanto seus cavaleiros os apressavam. Com seus números aumentando enquanto atingiam os limites do pântano, os Gungans começaram a se posicionar em filas de cavaleiros que se estendiam até onde os olhos podiam ver. Quando a primeira onda se afastou, o pântano ferveu novamente com a aparição de *fambaa* —

enormes lagartos de quatro pernas com longos pescoços e caudas e imensos corpos escamosos. Os *fambaa* carregavam geradores de proteção no topo de suas costas largas, máquinas que quando interligadas ativariam um campo de força para proteger os soldados Gungans das armas da Federação de Comércio.
Os *fambaa* se movimentavam com dificuldade por baixo de suas cargas, os pescoços se estendendo de um lado para outro enquanto seus cavaleiros os cutucam impacientemente.
Jar Jar Binks os acompanhou à frente de seu novo comando, pensando no que deveria fazer. Principalmente, ele acreditava, ele deveria ficar fora do caminho. Com certeza, os outros generais e mesmo seus oficiais subalternos deixaram claro que era o que preferiam. Chefe Nass podia ter pensado que seria inteligente fazer dele um general do exército Gungan, mas os oficiais de carreira achavam isso menos divertido. O general Ceel, comandante-chefe, grunhiu acidamente para Jar Jar, ao ser informado da nova posição dele, e o aconselhou a dar um bom exemplo para seu povo e morrer dignamente.
Jar Jar havia respondido a tudo isso mantendo-se quieto até a marcha para fora do pântano começar, quando assumiu sua posição requisitada à frente do comando. Ele mal havia alcançado cem metros depois de saírem do esconderijo no pântano quando caiu de seu *kaadu.*
Ninguém havia se incomodado em ajudá-lo a montar novamente, por isso, ele agora seguia em algum lugar em meio às suas tropas.

> –*Isso muito mal —* ele sussurrava para si enquanto se movimentava com os outros através da névoa escura.

Vagarosamente, o exército Gungan deixou o emaranhado dos pântanos em direção à área aberta de planícies onde o exército da Federação de Comércio já esperava.
Anakin Skywalker estava acocorado nas sombras de um edifício diretamente do outro lado do hangar principal da frota Naboo em Theed. Estava calmo ali também, tendo a maior parte dos guerreiros *dróides* sido despachada para o campo a fim de lidar com o exército Gungan e aqueles que sobraram se encontravam dispersos pela cidade em patrulhas e em vigília às cercanias. Ainda assim, tanques lotavam a praça em frente ao conjunto do hangar, e um forte contingente de guerreiros *dróides* vigiava a frota Naboo. Tomar o controle das naves de combate não seria fácil. Anakin olhou em volta para os que o acompanhavam. Padmé, vestida como uma aia, agachada com Eirtaé ao lado dos Jedis, aguardando a ordem do capitão Panaka para ficar em posição do outro lado da praça. Sabé, a duble da rainha, e suas aias trajavam vestidos de batalha, folgados e duráveis, com explosivos atados ao lado. R2-D2 piscava

silenciosamente atrás deles na companhia de vinte oficiais Naboo, guardas e pilotos, todos armados e preparados. Parecia ao menino um patético número pequeno de guerreiros para carregar a tarefa, mas era tudo que tinham.
Pelo menos Qui-Gon e Obi-Wan estavam conversando novamente. Eles começaram a fazer isso quando saíram dos pântanos em direção à cidade, umas palavras aqui, outras ali, trocando comentários precavidos, ainda testando as águas. Anakin havia escutado cuidadosamente, mais atencioso às nuanças da conversa do que os outros estariam, ouvindo na inflexão de suas vozes mais que as simples palavras ditas. Após um tempo, quando as feridas estavam completamente cicatrizadas e eles se sentiam confortáveis novamente, houve sorrisos breves e tristes, mas claros em seus objetivos. Os Jedi eram velhos amigos e sua relação era de pai e filho. Eles não desejavam destruí-la por causa de uma simples briga. Anakin estava contente por isso — especialmente porque essa briga se relacionava com ele.
Padmé também conversava com ele, juntando-se a Anakin por alguns instantes, enquanto se aproximavam da cidade pelo leste da floresta, o sorriso dela expulsando todas as suas dúvidas e medos num momento.

> –Sinto muito não ter podido te contar antes — ela dizia, desculpando-se por esconder sua identidade. — Sei que foi uma surpresa.
> –Tudo bem — ele disse, encolhendo os ombros corajosamente.
> –Acho que saber que sou uma rainha faz você se sentir diferente, não faz?
> –Acho que sim, mas tudo bem. Se você ainda gostar de mim, porque eu ainda gosto de você. — Ele olhou para ela esperançoso.
> –Claro, Annie. Ter contado quem realmente sou não significa que meus sentimentos por você mudaram. Eu era a mesma pessoa antes, você sabendo ou não a verdade.

Ele pensou sobre aquilo um momento. — Suponho que sim. — Ele se iluminou. — Então acho que meus sentimentos por você também não deveriam ser diferentes agora.
Ela se afastou, sorrindo largamente para ele, e naquele exato momento ele se sentiu com dez metros de altura.
Ele agora estava em paz consigo mesmo sobre os Jedi e Padmé, mas estava acossado por novas preocupações. E se algo lhes acontecesse durante a luta que se seguiria? E se fossem feridos ou mesmo...
Ele não conseguia terminar o pensamento. Nada de ruim lhes aconteceria e era só. Ele não permitiria. Ele olhou para eles, ajoelhados em silêncio no canto da praça, e prometeu a si mesmo que os protegeria, não importaria como. Aquela

seria sua tarefa. A boca dele apertou em determinação enquanto fez seu juramento.

> –Quando chegarmos lá dentro, Annie, ache um lugar seguro para se esconder até que tudo esteja acabado — aconselhou subitamente Qui-Gon, inclinando-se para perto, quase como se pudesse ler a mente do garoto.
> –Claro — prometeu Anakin.
> –E fique lá — acrescentou firmemente o Mestre Jedi.

Do outro lado, Panaka e seu contingente de guerreiros estavam agora em posição, colocando os tanques e os *dróides* em uma linha de fogo com o grupo de Padmé. Padmé puxou um pequeno bastão brilhante e enviou um sinal codificado para Panaka do outro lado.
Ao redor de Anakin, armas escorregavam livres dos coldres numa saraivada de fogos *laser.* Outros *dróides* se aproximaram em resposta e começaram a trocar fogo, arrastando em direção à fonte do conflito e para longe do grupo de Padmé.
Qui-Gon se ergueu. — Fique perto — sussurrou para o menino.
Um momento depois, o menino estava correndo com os Jedi, Padmé, Eirtaé, R2-D2 e o contingente Naboo de soldados e pilotos em direção à porta aberta do hangar.
Jar Jar estava escarranchado sobre seu *kaadu,* já recomposto e havia perdido seu posto à frente de sua tropa. O exército Gungan se encontrava espalhado por toda a área gramada, em todos os lados por onde caminhava, até onde a vista alcançava. Como pássaros, os *kaadu* abriam caminho através das gramas altas, suas cabeças mergulhando e seus cavaleiros Gungans oscilando com os movimentos. Os Gungans usavam protetores de couro e metal na cabeça e armaduras no corpo, com pequenos escudos circulares em seus quadris e pacotes de energia de três placas para alimentar o campo de força que saltaria como plumas metálicas de suas costas carregadas.
Os *fambaa,* portando os geradores de proteção, foram posicionados a uma distância fixa nas fileiras para obter proteção máxima assim que os geradores fossem ativados. Como tanques, os imensos lagartos se moviam com dificuldade entre os mais ágeis *kaadu,* e a pastagem tremeu com o peso de sua passagem.
A frente do exército ia o general Ceel com uma unidade de comando, carregando sobre longos mastros as bandeiras de Otoh Gunga e de outras cidades Gungans. O exército encabeçava uma onda grandiosa e crescente de corpos escuros e parou a um sinal de general Ceel.
O exército da Federação de Comércio esperava ao longo de uma longa e rasa depressão. Fileiras de *STAPs* e tanques formavam o primeiro *rank,* espalhado por

uma distância de mais de um quilômetro, com escudos e armas brilhando sob o sol do meio- dia. Os imensos transportes da Federação funcionavam como barreira de proteção para os veículos menores. Eram transportes enormes, flutuando a poucos centímetros do solo, seus narizes redondos apontando para os Gungans. Os tanques e os *STAPs* eram controlados por guerreiros *dróides,* conchas metálicas vazias e sem rosto insensíveis à dor, desprovidas de emoção e programadas para lutar até serem destruídas.

Jar Jar olhava atônito o exército de *dróides.* Não havia uma única criatura viva a vista, nenhuma feita de carne e sangue, nenhuma que reagiria à agitação terrível da batalha como os Gungans reagiriam. Sentiu sua pele fervilhar ao pensar no que aquilo significaria.

Os *fambaa* estavam agora em posição, e o general Ceel ativou os geradores de proteção. As grandes turbinas zuniram poderosamente para a vida, e um pulsar de luz vermelha se arqueou de um gerador sobre um *fambaa* para um disco sobre o *fambaa* seguinte, o brilho se ampliando enquanto crescia em tamanho para rodear todo o exército Gungan até que cada soldado e cada *kaadu* estivessem envolvidos. A coloração da luz de proteção mudou de vermelho para dourado, tremulando como uma miragem no deserto. O efeito foi de dar a impressão de que o exército Gungan estava sob a água, como se houvesse sido engolido por um mar brilhante e claro.

A Federação foi rápida em testar a eficiência do escudo. A um sinal do comandante *dróide* OOM-9 que, por sua vez, respondia a um comando do centro de controle espacial, os tanques abriram fogo, seus canhões *lasers* enviando fogo após fogo para o escudo. Feixes de luz cauterizantes batiam no escudo e se fragmentavam contra a superfície líquida de energia, incapazes de penetrar.

Sob a coberta de proteção, os Gungans esperavam pacientemente, confiantes na força de seu escudo. Escarranchado sobre seu *kaadu,* Jar Jar Binks recuava e se retorcia amedrontado, murmurando várias preces para afastar a destruição que, tinha certeza, o encontraria de qualquer maneira. Incansáveis, os canhões de Federação de Comércio continuavam seu ataque, faixas de energia sendo lançadas de suas barricadas, batendo no escudo. As luzes de fogo da explosão eram cegantes e enfraquecedoras, mas os Gungans mantinham sua posição.

Finalmente, as armas da Federação de Comércio pararam. Por mais que tentassem, não conseguiam quebrar o campo de energia Gungan. Dentro de sua capa protetora, os Gungans festejavam e erguiam triunfantes suas armas.

Mas, agora, os tanques e *STAPs* se retiravam e os imensos transportes avançaram para frente. Os narizes redondos se abriram alargando-se para revelar uma série de esteiras montadas lá dentro. As esteiras rolavam para frente em trilhos

compridos, revelando fileiras e mais fileiras de guerreiros *dróides* caprichosamente dobrados e suspensos por ganchos. Quando as esteiras estavam completamente estendidas, eles começaram a baixar e se separar, preenchendo o espaço à frente dos transportes com milhares de *dróides.*

Posicionado à frente de seu exército, o general Ceel e seus comandantes Gungans trocaram olhares preocupados.

Agora, as esteiras começavam a soltar seus guerreiros *dróides,* que se desdobraram, ao mesmo tempo, para a posição de pé, com seus braços e pernas estendidos e os corpos retos. As mãos metálicas alcançando os ombros para soltar os rifles de explosivos com que cada unidade vinha equipada.

Sob o comando de OOM-9, todo o grupo de *dróides* começou a marchar em direção ao exército Gungan: fileiras de metal brilhante preenchendo o campo de ponta a ponta.

O escudo Gungan foi desenhado para desviar objetos grandes com movimentos lentos, de densidade e massa como veículos de artilharia e pequenos veículos, que se moviam rapidamente e geravam calor como projéteis de armas de fogo. Mas não desviaria pequenos *dróides* que se moviam vagarosamente — mesmo em um grupo numeroso, como o que ali estava. Jar Jar Binks começou a desejar estar em algum outro lugar, pensando que por mais poderoso que fosse o exército Gungan, ficava muito pequeno frente à máquina de metal que agora marchava contra ele.

Mas os Gungans vieram prontos para a luta e não estavam tão imobilizados pelo número de inimigos a ponto de desistir. Por todas as fileiras, os Gungans ativaram suas lanças de energia e estilingues manuais, armando-os para o ataque. Ao pé da elevação de onde esperavam, as fileiras dianteiras de *dróides* alcançaram o limite do campo magnético e começaram a atravessá-la. O campo não os atingia. Erguendo seus rifles explosivos nos ombros, eles abriam fogo.

Em meio ao gemido majestoso de cornetas de batalha, os Gungans revidavam. Uma chuva de lanças se arremessava contra os *dróides* que avançavam e pontas e dardos explodiram ao impacto, arrancando membros e troncos metálicos. Bolas de energia lançadas pelos estilingues seguiram, causando mais estragos. Morteiros lançavam suas cargas para o meio das fileiras de *dróides,* abrindo enormes buracos no ataque. Os guerreiros *dróides* cambalearam e reduziram velocidade, então, ganharam novo ímpeto e continuaram, enquanto mais centenas deles assumiam o lugar dos que caíam, marchando despreocupadamente através do escudo protetor em direção às armas Gungans.

No centro de sua unidade de comando, o general Ceel gritava para os guerreiros avançarem, apertando suas linhas de defesa na frente dos *fambaa* e dos escudos

de defesa para protegê-los de acidentes, sabendo que, se o campo de força caísse, os tanques da Federação de Comércio derrotariam os Gungans. Fileiras de guerreiros *dróides*, peças metálicas refletindo sol e fogo, e linhas Gungans, de peles flexíveis cor de laranja, se aproximaram para a luta. Resistindo à tentação de fechar os olhos contra o que sabia que viriajar Jar Binks bateu os calcanhares nos flancos de seu *kaadu* e avançou com o resto de seu comando.

Na reclusão relativa da sala do trono do palácio de Theed, num local que acreditavam estar a salvo de qualquer perigo, Nute Gunray e Rune Haako assistiam, na tela gigante, às imagens, que se moviam rapidamente, da batalha que acontecia no hangar principal. Os Cavaleiros Jedi estavam dentro do complexo, acompanhados por soldados e pilotos Naboo, seus sabres de luz arrebentando os guerreiros *dróides* que tentavam detê-los.

–Como conseguiram entrar na cidade? — sussurrou Rune Haako desanimadamente.

Nute Gunray sacudiu a cabeça. — Não sei. Pensei que a guerra fosse acontecer longe daqui. — Seus olhos estavam arregalados e fixos.

–Isso é perto demais!

Eles se voltaram ao mesmo tempo quando Darth Maul entrou na sala, carregando um sabre de luz de cabo longo. Olhos amarelos brilhavam na face tatuada em vermelho e preto do Sith. Nute Gunray e Rune Haako abriram passagem instintivamente, nenhum dos dois disposto a ficar no caminho. — Lord Maul — cumprimentou Gunray, inclinando a cabeça rapidamente.

Darth Maul olhou para ele com desdém. — Eu avisei que havia mais nisso do que aparentava! — Os olhos dele os fitaram irados e enlouquecidos. — Os Jedi vieram para Theed por um motivo, vice-rei.

Eles têm um plano para nos derrotar.

–Um plano? — perguntou o Neimoidian preocupado.

–Um que vai falhar, eu lhe asseguro. — A face cheia de marcas reluzia maldosamente sob a luz. — Eu esperei um longo tempo por isso.

Treinei sem parar. Os Jedi vão se arrepender de terem voltado aqui.

Havia um tom apavorante em sua voz. O Sith estava ansioso por aquele confronto com seu corpo serpenteando e pronto e suas mãos se movendo perto de sua arma. Os Neimoidians não invejavam aqueles que ele buscava.

–Esperem aqui até meu retorno — ele ordenou rispidamente e saiu.

–Aonde vai? — demandou freneticamente Nute Gunray, enquanto o Sith Lord se dirigia aos estacionamentos dos *speeders.*

–Aonde pensa que vou, vice-rei? — olhou com sarcasmo. — Eu estou indo ao hangar principal para livrá-lo dos Jedi de uma vez por todas.

21

Anakin Skywalker atravessou correndo as portas abertas do hangar principal seguindo os Jedi e Padmé, com R2-D2 e o resto dos guerreiros pela liberdade Naboo em seus calcanhares. Guerreiros *dróides* viraram para confrontá-los, mas sabres de luz e explosivos os destruíram antes mesmo que os outros soubessem o que estava acontecendo.

Os *dróides* recuaram em resposta, buscando ajuda, mas Panaka e seus homens já mantinham ocupados os *dróides* que estavam na praça e, por um momento, os Jedi e os Naboo estiveram no controle.

Lembrando-se das recomendações de Qui-Gon, Anakin se escondeu embaixo da fuselagem da nave mais próxima, raios *lasers* cortando o ar à sua volta em explosões de fogo brilhantes.

–Vão para suas naves! — gritou Padmé para seus pilotos, enviando o contingente de soldados Naboo sob seu comando atrás dos *dróides* que recuavam.

Abaixando-se rapidamente e agachando, ela atirava seu rifle de explosivos com movimentos rápidos e precisos, derrubando um *dróide* após outro enquanto suas balas atingiam o alvo com presteza. Os Jedi lutavam bem à frente dela, bloqueando o fogo *laser* dos *dróides* com seus sabres de luz, derrubando aqueles infelizes que se colocavam em seu caminho. Mas era em Padmé que os olhos de Anakin estavam fixos, não porque nunca havia visto aquele lado dela, mas porque nunca pensara que existia. Ela se movimentava com a habilidade e treino de uma guerreira experiente, não mais se parecendo, de nenhuma maneira, com uma garota, pois estava transformada numa combatente mortal. Ele se lembrou, de repente, de seu sonho com Padmé liderando um exército em outro tempo e espaço e, subitamente, o sonho não pareceu tão impossível.

Pilotos da força de ataque e unidades R2 libertada dos depósitos nos armários do hangar se moveram rapidamente embarcando nas naves Naboo e se desviando agilmente da saraivada de explosivos. Subindo com dificuldade a bordo de suas naves, os pilotos nas cabines e unidades R2 nos soquetes, eles acionaram os

painéis de controle e ligaram os motores. Um ronco de potência encheu o hangar imenso, apagando o som do fogo *laser,* transformando-se num crescente ruído ensurdecedor. Um por um, as naves começaram a levitar e se posicionar para decolagem. Uma piloto Naboo passou correndo por Anakin e pulou dentro da nave atrás da qual ele se escondia. — Melhor sair daqui, garoto!

–Ela gritou de dentro da cabine. — Encontre outro lugar para se esconder! Você vai perder esse aqui!

Anakin se afastou bem agachado, com a saraivada de balas cruzando o ar acima dele, apontadas para as naves que se preparavam para partir. A nave que ele havia abandonado começou a levitar, movimentando-se para as portas do hangar. Outras naves já corriam para o azul com seus motores num estrondo.

Enquanto os Jedi e os Naboo continuavam empurrando a patrulha *dróide* do hangar cada vez mais para trás, Anakin procurou apressadamente outro local para se esconder. Então ouviu R2-D2 assobiar para ele de uma outra nave bem próxima, onde o pequeno *dróide* já estava oculto em seu soquete com a cabeça em forma de abóbada rodando e as luzes de controle piscando. O menino atravessou correndo por entre os *dróides* despedaçados que cobriam o chão, fogo *laser* zunindo à sua volta, e pulou na cabine ofegante e aliviado.

Espiando o lado de fora de dentro de seu esconderijo, ele assistiu ao último par de naves Naboo disparar para fora do hangar. A primeira saiu livre, mas a segunda foi atingida pelo disparo de um tanque em sua lateral, rolando pela pista e explodindo num bola de chamas. Anakin estremeceu e se agachou mais.

Agora, Panaka, Sabé, e os soldados Naboo, que haviam estado ocupados lutando fora do hangar, disparavam pelas portas também, atirando enquanto se aproximavam. Pegados no fogo cruzado, os guerreiros *dróides* restantes foram rapidamente esmagados e destruídos.

Houve uma reunião rápida entre os Jedi, Padmé e Panaka e, então, toda a força de guerra Naboo começou a se dirigir para uma saída do hangar que os levou a passar diretamente pelo esconderijo de Anakin.

–Hei, aonde vão? — perguntou o menino, colocando a cabeça para fora da cabine enquanto eles passavam.

–Annie, fique aqui! — ordenou Qui-Gon, gesticulando para que se abaixasse. Seu cabelo longo estava assanhado e sua face preocupada. — Fique exatamente onde está!

O menino o ignorou, ficando de pé. — Não, quero ir com você e Padmé!

–Fique na cabine! — explodiu Qui-Gon num tom de voz que não admitia discussão.

Anakin congelou, indeciso enquanto o grupo passava por ele em direção à porta de saída com as armas prontas. Ele não queria ser deixado para trás. Ele não tinha intenção alguma de deixar Qui-Gon e Padmé irem sem ele, especialmente porque ele não poderia fazer nada para ajudá-los estando preso ali, naquele hangar vazio.

Ele ainda lutava com a questão quando todo o grupo parou em frente à porta de saída do hangar. Uma figura de manto escuro atravessou a porta para confrontá-los. Anakin ficou com o ar preso na garganta. Era o Sith Lord que os havia atacado no deserto de Tatooine, um adversário perigoso, conforme Qui-Gon informou o garoto, um inimigo dos Cavaleiros Jedi. Ele saiu das sombras como uma enorme pantera da areia, sua face tatuada de vermelho e preto como uma máscara aterrorizador, seus olhos amarelos brilhando de expectativa e ódio. Bloqueando a saída, ele ficou de pé esperando os Jedi e seu grupo com um sabre de luz de cabo longo seguro à sua frente. O capitão Panaka e seus soldados recuaram imediatamente. Então, por ordem de Qui-Gon, Padmé e suas aias se afastaram também, ainda que menos apressadas e com mais relutância.

Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi ficaram sozinhos na frente do Sith Lord. Juntos eles removeram suas capas e acionaram seus sabres de luz. Seu adversário chifrudo afastou seu casaco também, então, ergueu o sabre de luz como se o posicionando para inspeção. Lâminas de fogo brilhante saltaram das duas pontas do cabo, revelando um arma mortal de duas lâminas. Um sorriso cruzou a face feroz do portador enquanto ele balançava a arma na frente deles num gesto casual e preguiçoso, acenando para os Jedi à sua frente.

Se afastando um para cada lado, Qui-Gon e Obi-Wan avançaram vagarosamente até ele.

Nas planícies ao sul de Theed, a batalha entre a Federação de Comércio e o exército Gungan estava a pleno vapor. Gungans e guerreiros *dróides* estavam em combate corpo a corpo, num emaranhado de corpos anuías e conchas metálicas. Os geradores de proteção ainda mantinham os tanques da Federação sob controle. Somente os *dróides* tinham ultrapassado, mas havia muito mais *dróides* do que Gungans, e o general Ceel havia comprometido todas as suas reservas para a luta.

Jar Jar Binks lutava no centro do redemoinho, brandindo uma lança de energia quebrada como um porrete, movendo-se e tropeçando de um lado para outro, balançando selvagemente. Preso na fiação de um *dróide* que havia decapitado, ele não conseguiu se livrar da carcaça e, por isso, arrastava o tronco sem cabeça atrás de si. O *dróide* ainda funcionava no automático apesar da perda da cabeça e disparava seu rifle sem parar, encontrando mais *dróides-alvo* que Gungans e

golpeando suas fileiras cambaleantes — enquanto Jar Jar pulava de um lado para outro.

–*Isso é bomba! Isso é bomba!* — berrava o Gungan sem parar enquanto balançava sua lança partida, tentando se desvencilhar de sua companhia decapitada.

Quando, finalmente, se libertou e conseguiu esmigalhar os restos do *dróide* no chão, ele se viu sozinho numa área aberta que os dois lados tentavam evitar. Por um momento terrível, Jar Jar não sabia para qual lado virar.

Então um grito veio dos Gungans próximos. — *Jar Jar Binks! Jar Jar Binks!*

–*Quem, mim?* — engasgou o Gungan aturdido.

Tropas entusiasmadas se reuniram à sua volta, o empurrando para frente novamente e o carregando junto num contra-ataque selvagem e inesperado.

Mas a Federação de Comércio, diferentemente dos Gungans, possuía outras armas para utilizar. OOM-9, respondendo a ordens do comando da nave de guerra orbital, soltou um batalhão de *dróides* destruidores de seu transporte. Eles desciam as longas rampas, cruzando a área gramada, atropelando guerreiros *dróides* abatidos e atravessando o escudo magnético Gungan. Ficando em posição de bata-lha, eles começaram a avançar através dos montes de cadáveres com seus dois rifles de explosivos disparando numa cadência regular. Gungans e *kaadu* caíram em amontoados de pedaços, mas outros Gungans rapidamente preencheram os vazios abertos nas fileiras, atrasando os *dróides* destruidores e lutando para se manterem de pé.

Em todas as direções, a batalha se enfurecia — com o final não decidido.

Anakin Skywalker havia prometido a si mesmo que impediria Qui-Gon Jinn e Padmé Naberrie de se machucarem; que conseguiria de alguma maneira que nada de mal lhes acontecesse. Ele sabia, quando fez a promessa, como seria difícil cumpri-la. Em algum lugar em sua mente, onde ele admitiria tais verdades em segredo, ele sabia como fora tolo até mesmo em assumir tal compromisso. Mas, no fundo, ele era jovem e corajoso e tinha vivido, até agora, sob suas próprias regras, já que viver de qualquer outra forma o teria derrubado há muito tempo. Não havia sido fácil viver assim, especialmente como escravo. Ele havia sobrevivido, na maior parte do tempo, devido à sua capacidade de achar pequenas vitórias em situações difíceis e porque sempre acreditou que um dia encontraria uma forma de superar as circunstâncias de seu nascimento.

Sua confiança em si mesmo havia sido gratificada. A vida dele havia sido modificada para sempre graças à sua vitória na corrida de *Pod* em Boonta Eve em Tatooine dias atrás.

Não era, então, tão estranho que decidisse que poderia de alguma forma afetar a

vida de um Cavaleiro Jedi e de uma rainha Naboo, mesmo sem saber precisamente como. Ele não tinha medo de aceitar tal responsabilidade. Ele não estava intimidado pelo desafio que sua decisão representava.
Mas, agora, sua decisão foi testada.
Qui-Gon e Obi-Wan enfrentavam o Sith Lord numa colisão de sabres de luz que emitia um som agudo de lâminas com pontas de diamante cortando através do metal. Movimentando-se pelo centro do hangar, os combatentes davam estocadas e se desviavam, o ataque e contra-ataque realizados numa luta feroz, sem piedade, incessante. O Sith Lord era flexível e rápido, abrindo seu caminho entre os Jedi com confiança e facilidade, açoitando seu sabre de luz de duas pontas para frente e para trás entre eles, mais que simplesmente se protegendo contra os esforços para derrubá-la. Ele era habilidoso, Anakin percebeu — mais habilidoso, talvez, que os homens que enfrentava. E estava confiante de uma maneira perturbante. Ele não seria vencido facilmente.
Mas Padmé e os Naboo encaravam uma situação ainda mais perigosa. No outro lado do hangar, do lado da praça, um grupo de três *dróides* destruidores passou pela porta e os *dróides* começaram a se desdobrar, ficando em posição de batalha. R2- D2 os viu primeiro e emitiu um *bip* de alerta ao menino. Anakin desviou o olhar dos Jedi e do Sith Lord. Os *dróides* destruidores já haviam se transformado e se moviam para frente, suas armas *lasers* disparando para os Naboo. Vários soldados caíram e uma bala rasteira pegou Sabé, derrubando-a de costas nos braços de Panaka. Padmé e seu grupo resistiam determinadamente, mas já recuavam para se proteger.

> –Temos que ajudá-los, Erredois — declarou o menino levantando-se na cabine com intenção de fazer alguma coisa, qualquer coisa, e procurando em volta, inutilmente, por uma arma.

Mas R2-D2 estava bem à frente dele. O pequeno *dróide* havia se ligado ao sistema de computador da nave de combate, as luzes piscando em seu painel de controle enquanto acionava os enormes motores. Tudo rugiu ao mesmo tempo de volta à vida, surpreendendo Anakin, que caiu no assento do piloto com o susto. Lentamente, a nave começou a levitar, deixando seu ancoradouro.

> –Ótimo trabalho, Erredois! — gritou Anakin excitado, imediatamente agarrando as barras de direção. — Agora, vejamos... Ele girou a nave de forma que ela ficou de frente para os combatentes. Seus olhos examinaram minuciosamente o painel de controle em desespero. Ele sabia alguma coisa sobre naves por recuperar peças em acidentes, mas nada, em particular, sobre naves Naboo ou sobre sistemas bélicos em geral. A maior parte do que sabia era sobre sistemas de direção e motores e grande parte só em

Pods, speeders e transportes envelhecidos.

–Qual deles, qual deles? — Anakin murmurou indeciso com seus dedos passando sobre botões, barras e interruptores.

Ele ergueu os olhos momentaneamente. Um dos soldados Naboo tombou desmoronando, seu capacete e o rifle foram jogados para longe num retinir de metais. Raios *lasers* queimavam os suportes metálicos e paredes a volta dos combatentes enquanto os dróides destruidores prosseguiam seu ataque contra a força já minguada de Padmé.

Desesperado, Anakin acionou um conjunto de interruptores na dicção de um painel vermelho. A nave começou a sacudir violentamente em reação ao movimento nos estabilizadores.

–Oh, oh, botões errados! — inspirou o menino, trazendo os interruptores de volta. Seu olhar se desviou para um grupo de quatro botões pretos localizados no fundo de buracos pequenos e circundados em verde. — Talvez estes...

Ele pressionou os botões. Imediatamente, os narizes a *laser* atiraram, suas cargas arrebentando os guerreiros *dróides.* Eles tombaram em pedaços esfumaçados e carbonizados.

–Isso! *Dróides* explodidos! — berrou alegremente, e atrás dele, R2- D2 emitia *bips* em aprovação.

Os *dróides* destruidores que sobravam se dirigiam para o menino, espalhados através do chão do hangar para ficarem mais difíceis de serem atingidos. Atrás deles, Padmé, suas aias, Panaka e os soldados Naboo restantes corriam para a porta que levava de volta ao palácio.

Anakin observou pelo canto da cabine enquanto eles desapareciam a salvo através da porta. — Boa sorte — ele sussurrou. Os *dróides* destruidores avançavam agora em sua direção, os rifles atirando, as cargas explodindo à volta dele, sacudindo a armação delgada da nave. Anakin teve uma rápida visão do Sith Lord dirigindo os Jedis pelo hangar e através de uma abertura numa sala do outro lado, pressionando-os para trás impiedosamente, perseguindo-os com uma fúria atemorizante. Então eles também desapareceram de vista, deixando o menino sozinho com seus agressores.

Uma saraivada de fogo *laser* atingiu o nariz de sua nave, golpeando a sua lateral. O garoto apertou a direção. Ele disparou seu próprio *laser* em retaliação, mas os *dróides* destruidores haviam se deslocado para muito longe nos dois lados para que fossem atingidos, e a carga disparada pelo menino atingiu apenas as paredes do hangar.

Ele se abaixou novamente no canto da cabine, os olhos buscando, outra vez, o painel de controle. — Levantar escudos — ele assobiou, forçando-se a se concentrar enquanto disparos de *laser* estouravam à sua volta. — Sempre ao lado direito! Escudos estão sempre à direita!
Ele moveu vários interruptores prováveis e o maçarico traseiro acendeu com um ruído contínuo. Ele empurrou outro, então, mais outro. A alavanca de ignição se soltou de sua mão e a nave rodopiou, disparando pelo portão do hangar e levantando vôo rapidamente.
O toldo da cabine escorregou suavemente para o lugar, aprisionando o menino.
— Erredois, o que está acontecendo? — ele berrou.
Os *bips* e assobios nervosos de R2-D2 soaram através dos alto- falantes internos.
— Sim, eu sei que empurrei alguma coisa! — respondeu o garoto. — Não, não estou fazendo nada! — ele tomou fôlego enquanto os *bips* continuavam, e leu as palavras de R2 na tela de sua cabine. — Está em piloto automático? Bom, tente cancelar!
A brilhante nave amarela havia deixado a atmosfera de Naboo e estava entrando em espaço profundo, deixando o planeta para trás, uma jóia verde-azul desaparecendo no negro.
A frente, uma série de pequenos pontos prateados apareceu, crescendo regularmente. Outras naves.

–Erredois, aonde estamos indo? — resfolegou Anakin, ainda tentando decifrar o painel de controle.

O sistema de comunicação emitiu um som agudo e penetrante e, de repente, ele estava ouvindo a voz de Ric Olié e dos pilotos Naboo que haviam decolado antes dele.

–Este é Bravo Líder. — A voz forte de Ric Olié soou através da estática. — Bravo Dois, intercepte naves inimigas. Bravo Três, dirija-se para a estação transmissora.
–Câmbio, Bravo Líder — a resposta voltou.

Anakin podia vê-los agora, os pontos prateados assumindo uma forma reconhecível, transformando-se em naves de combate Naboo, espalhadas contra o negro, aproximando-se da forma maior e mais corpulenta da nave de guerra da Federação.

–Naves de combate inimigas bem à frente — alertou Ric Olié subitamente no comunicador.

No mesmo momento, R2-D2 fez um *bip* apressadamente para Anakin. O menino sentiu o estômago apertar enquanto lia a tela. — Que quer dizer, o piloto

automático está buscando pelas outras naves? — Seus olhos se voltaram para as naves Naboo à frente. — Não essas?
R2-D2 assobiou uma rápida confirmação. Anakin desmoronou em seu assento.
— O piloto automático está nos levando lá para cima, com eles? Para a batalha?
— A mente dele disparou. — Bem, tire-nos do piloto automático, Erredois!
O *dróide* astromecânico emitiu um *bip* e assobiou um pouco mais.

–Não existe cancelamento manual? — Gritou Anakin em desespero. — Ou pelo menos nenhum que eu possa achar? Você terá que fazer uma ligação ou algo parecido! Erredois, rápido!

Ele olhava desamparado através do vidro da cabine, enquanto sua nave voava diretamente para o centro do aglomerado da Federação de Comércio, pensando no que haveria de fazer agora para salvar a si mesmo.

22

Qui-Gon Jinn era um dos mais hábeis espadachins da Ordem Jedi. Mestre Jedi que fez seu treinamento o considerava um dos melhores que já havia treinado em mais de quatrocentos anos na Ordem.
Qui-Gon havia lutado em conflitos por toda a galáxia durante sua vida e contra adversários tão grandes que muitos outros não teriam tido chance. Ele havia lutado em batalhas que testaram sua habilidade e determinação de todas as maneiras imagináveis.
Mas, neste dia, ele havia encontrado alguém à sua altura. O Sith Lord, com quem ele e Obi-Wan lutavam, era mais que seu igual em treinamento com armas, pois tinha a vantagem de ser mais jovem e mais forte. Qui-Gon tinha quase sessenta anos; sua juventude já ia longe e seu vigor já começava a diminuir. Sua vantagem agora, se ele tivesse alguma, vinha de sua longa experiência e toque intuitivo sobre como um adversário usaria um sabre de luz contra ele.
Obi-Wan trouxe juventude e resistência para o combate, mas ele havia lutado em poucas ocasiões e não estava maduro para a luta.
Juntos, eles podiam manter-se contra o Sith Lord, mas seus esforços para atacar, para assumir a ofensiva contra esse adversário perigoso, eram angustiosamente inadequados.
Darth Maul era um guerreiro em sua plenitude, melhor do que nunca, com seus poderes no apogeu. Além disso, ele era guiado por seu ódio messiânico e desprezo pelos Cavaleiros Jedi, os inimigos do Sith há milênios. Ele havia trabalhado e treinado para esse momento toda a sua vida, por uma chance de enfrentar um Cavaleiro Jedi em combate. Era um bônus extra que pudesse enfrentar dois. Ele não temia por si mesmo, não duvidada de sua vitória. Ele estava focalizado de uma forma que Qui-Gon reconheceu imediatamente — um foco Jedi, atento ao presente, preso da maneira necessária no aqui e agora. Qui-Gon viu aquilo em seus olhos loucos e na expressão de sua face tatuada em vermelho e preto. O Sith Lord era um exemplo vivo daquilo que o Mestre Jedi sempre dizia a Obi-Wan sobre como melhor escutar a vontade da Força.
Os três guerreiros se movimentavam por todo o chão do hangar, utilizando toda a habilidade que haviam adquirido com o passar dos anos. Os Cavaleiros Jedi tentavam continuamente pressionar o ataque, e realmente o Sith Lord estava se

afastando dos Naboo e das naves de combate e para trás, em direção à parede do outro lado do hangar. Qui-Gon reconhecia que, apesar de parecer que os Jedi estavam com a vantagem, na verdade, era o Sith Lord quem controlava a luta. Movendo-se e girando, saltando e dando cambalhotas com facilidade impressionante, o inimigo os levava com ele, arrastando-os para um local de sua própria escolha. Sua agilidade e destreza permitiam que ele mantivesse os dois sob controle, constantemente atacando enquanto, ao mesmo tempo, aplacava seus golpes e impiedosamente, buscava uma abertura em suas defesas.
Qui-Gon pressionou duramente no início, desejando pôr fim ao combate rapidamente. Com o cabelo longo voando às suas costas, ele atacava com ferocidade e determinação. Obi-Wan o acompanhava, seguindo sua liderança. Eles haviam lutado juntos antes e conheciam os movimentos um do outro. Qui-Gon havia treinado Obi-Wan e, enquanto o Jedi mais jovem ainda não era seu igual, ele acreditava que um dia Obi-Wan seria melhor do que ele jamais fora. Assim, desafinam o Sith Lord imediatamente e, quase tão imediatamente, descobriram que seus melhores esforços não eram suficientes para chegar a uma resolução rápida. Eles se mantiveram então sob um padrão, trabalhando em equipe contra o inimigo, aguardando uma abertura. Mas Sith Lord era muito esperto para lhes dar uma e, assim, a batalha havia prosseguido. Eles se movimentaram lutando pela porta do hangar afora atravessando uma entrada que levava a uma estação de energia.
Passarelas e saliências cobriam com linhas cruzadas uma cova onde um sistema gerador que servia ao complexo de naves estava guardado. O lugar era oco e fechado e tomado pelo barulho de máquinas pesadas. As luzes do ambiente eram filtradas para fora em nuvens de vapor e camadas escuras. Os Jedi e o Sith Lord lutavam sobre uma das passarelas suspensas por cima dos geradores, e a estrutura de metal balançava com os golpes das botas e as batidas dos sabres de luz.
Sozinhos na estação elétrica e escondidos do resto de Theed e de seus ocupantes, eles intensificavam sua luta.
O Sith Lord pulou da ponte em que estavam para uma outra acima, sua face estranha brilhando com o calor da batalha e com sua felicidade particular. Os Jedi o seguiram, um colocando- se à frente dele, o outro atrás, deixando-o preso entre eles. Eles lutavam por toda a extensão da passarela, os sabres de luz reluzindo, as faíscas voando da esteira metálica da passarela quando a atingiam. Então Darth Maul pegou Obi-Wan sem equilíbrio e com um chute poderoso derrubou o Jedi na esteira. Aproveitando o ataque do Sith Lord a Obi-Wan, Qui-Gon forçou Darth Maul para a esteira também. O Sith Lord tombou, caindo sob uma passarela vários níveis abaixo de Obi-Wan. A força da queda ou o choque

da surpresa o deixou visivelmente atordoado, e Qui-Gon pulou atrás dele, sentindo a chance de acabar com aquilo. Mas o Sith Lord se ergueu rapidamente e correu, levando a luta para outra direção.

Quando Obi-Wan conseguiu se recuperar, Qui-Gon perseguia Darth Maul, seguindo-o pela passarela em direção a uma pequena porta do outro lado da estação. O Mestre Jedi corria ligeiro, pernas e braços latejando, o sabre de luz brilhando. Ele já se sentia abatido e esgotado, próximo à exaustão, mas o Sith Lord estava finalmente na defensiva, e ele não queria lhe dar uma chance de se recuperar.

–Qui-Gon! — gritou Obi-Wan atrás dele, tentando alcançá- lo, mas o Mestre Jedi não reduziu.

Um após o outro, os três adversários atravessaram a pequena porta em direção a um corredor adiante. Eles se moviam rapidamente em sua caça frenética e estavam no corredor antes de perceberem o que era.

Raios *lasers* ricocheteavam de suportes pára-choques, pulsando em longas explosões de luzes cruzadas que dividiam o corredor em cinco pontos. Os *lasers* haviam começado a pulsar quando o Sith Lord e os Cavaleiros Jedi entraram correndo. Darth Maul, à frente, chegou mais ao fundo do corredor e ficou preso entre as paredes quatro e cinco. Qui-Gon, que o seguia de perto, ficou preso uma parede antes. Obi-Wan, que estava mais atrás, não passou nem pela primeira.

Em choque e imobilizados pelo zunido e pelo clarão dos *lasers*, os adversários ficaram imóveis onde estavam, olhando em volta por uma saída, mas não encontrando nenhuma. Qui-Gon calculou rapidamente onde estavam. Eles estavam no corredor de serviço do poço de fundição, a unidade de disposição dos resíduos da estação elétrica. O corredor de serviço estava armado de *lasers* para evitar entradas não-autorizadas. Devia haver um interruptor para desligar a corrente em algum lugar nas duas extremidades da passagem, mas agora era muito tarde para procurar.

Os Cavaleiros Jedi olharam para o Sith Lord, no final do corredor, lançando um sorriso cruel. Não se preocupem, eles podiam ler em suas feições escuras, não esperarão muito por mim.

Qui-Gon trocou um olhar significativo com Obi-Wan, então, se sentou em posição para meditar e aguardar.

Padmé Naberrie, rainha dos Naboo, acompanhada por suas aias e o capitão Panaka e seus soldados, seguiu pelos corredores que levavam para fora do hangar principal, através da cidade de volta para o palácio. Era uma batalha de uma corrida de edifício para edifício, corredor por corredor, contra os guerreiros *dróides* que haviam sido deixados para trás para guarnecer Theed. Eles

encontravam *dróides* tanto sozinhos quanto em esquadrões inteiros, e não havia nada a fazer a não ser lutar para se livrarem sem se meterem em alguma luta em andamento. Consequentemente, eles evitaram uma rota direta e preferiram fazer uma rota menos propensa a um contato com os *dróides.* No começo não tiveram escolha a não ser seguir direto para o palácio, fugindo da batalha no hangar principal, esperando que rapidez e surpresa os ajudariam a passar. Quando aquilo falhou, Panaka assumiu uma postura mais cuidadosa. Eles utilizaram túneis subterrâneos, passagens escondidas, e corredores aéreos que evitavam as patrulhas que exploravam ruas e praças. Quando eram descobertos, procuravam se livrar o mais rápido possível e continuavam determinadamente.

No final, chegaram ao palácio muito mais rapidamente que Padmé havia ousado esperar, entrando numa ponte de observação a partir de um corredor aéreo, caminhando através dos corredores do palácio até a sala do trono.

Eles estavam no meio do caminho quando uma patrulha inteira de guerreiros *dróides* surgiu de um canto da passagem à frente deles e abriu fogo. Padmé e seus seguidores colaram junto às alcovas e entradas disparando suas armas em resposta, buscando uma saída. Apareceram mais guerreiros *dróides,* e os alarmes soavam através do palácio.

–Capitão! — gritou Padmé para Panaka por sobre o estrondo das balas. — Não temos tempo para isso!

Com o rosto banhado em suor, Panaka olhou em volta preocupado. — Vamos tentar lá fora! — ele gritou de volta.

Virando seu rifle para uma janela alta, ele estourou o quadro de aço transparente da janela. Enquanto as aias e o grupo de soldados Naboo ofereciam retaguarda, a rainha e Panaka, mais meia dúzia de guardas, saíram de seus esconderijos e pularam rapidamente para fora da janela estilhaçada.

Mas, agora, Padmé e seus defensores se acharam presos num parapeito largo, seis andares acima de uma queda-d’água e de uma represa imensas que alimentavam uma série de tanques- lagos que se espalhava pelo palácio.

Pressionada contra a parede de pedra, a rainha procurava furiosamente por uma rota de fuga. Panaka gritou para que seus homens usassem os mecanismos de ascensão, apontando para um parapeito quatro andares acima. Os Naboo puxaram as unidades com as cordas de arpéu de seus cintos, ajustaram-nas ao cilindro de suas espingardas apontando- as para cima e atiraram. Cabos finos desenrolaram como cobras preparadas para o bote, as pontas de ferro em forma de garra que se prenderam a uma pedra.

Rapidamente Padmé e os outros Naboo ativaram o mecanismo de ascensão e foram erguidos ao longo da parede. Atrás, no corredor onde suas aias e os

soldados Naboo restantes ainda mantinham os *dróides* sob controle, os tiros se intensificaram.
Padmé ignorou os sons, forçando-se a continuar.
Quando já não havia parapeitos acima, eles guardaram os cabos, e Panaka usou seu rifle numa janela, abrindo caminho para dentro do palácio. *Transparesteel* e *permacrete* voavam para todos os lados enquanto atravessavam novamente, saindo ainda em um outro corredor. Eles agora estavam perto da sala do trono que se encontrava um andar acima e vários corredores atrás. Padmé sentiu uma feroz alegria. Ela ainda teria o vice-rei Neimoidian como seu prisioneiro!
Mas ela mal havia completado o pensamento quando dois *dróides* destruidores se aproximaram pelo outro lado do corredor, rapidamente se transformando em modo de batalha. Apenas alguns segundos depois, um segundo par de *dróides* apareceu na outra ponta, com as armas engatilhadas.
Num som oco e mecânico, o *dróide* à frente do grupo lhes ordenou que largassem as armas.
Padmé hesitou. Não havia possibilidade de escapar a não ser que voltassem para fora da janela e, se o fizessem, seriam cercados no parapeito e rendidos. Eles poderiam tentar brigar por sua liberdade, mas, enquanto tinham uma chance razoável contra os guerreiros *dróides*, estavam em séria desvantagem contra seus primos mais poderosos.
No ímpeto dessa avaliação terrível, lhe ocorreu um pensamento inspirado, uma solução que podia dar-lhes a vitória que buscavam a despeito daquela situação.
Ela se endireitou, estendeu os braços em rendição e jogou seu rifle para o lado.

–Larguem suas armas — ela ordenou ao capitão Panaka e aos soldados. — Eles ganham essa rodada.

Panaka empalideceu. — Mas, Majestade, não podemos.

–Capitão — interrompeu Padmé com seus olhos fixos nos dele.
–Eu disse: largue suas armas.

Panaka lhe lançou um olhar que sugeria claramente que ela havia perdido o juízo. Então largou seu rifle no chão e gesticulou para que seus soldados fizessem o mesmo.
Os *dróides* destruidores se aproximaram, deslizando para fazê- los prisioneiros. Mas, antes que os alcançassem, Padmé conseguiu fazer uma ligação rápida em seu *comlink.*

–Tenha fé, capitão — ela aconselhou a um Panaka desnorteado com sua voz fria e composta, enquanto escondia novamente o *comlink.*

As coisas não estavam indo bem para o exército Gungan. Como os Naboo, os Gungans não eram páreo para os *dróides* destruidores. Lentamente, mas, com certeza, eles estavam sendo empurrados para trás, incapazes de se manterem firmes contra o inexorável ataque da Federação de Comércio. Aqui e lá, ao longo de suas fileiras sitiadas, regimentos começavam a surgir em sua defesa.
Jar Jar estava no centro de um daqueles pontos.
Por um período, a sua foi uma das posições mais fortes, seus soldados revigorados pelo que erroneamente acreditavam ser a coragem incomparável dele, transformando a debandada num contra-ataque. Mas o contra-ataque havia se estendido pata longe demais e entrou em total colapso com a chegada dos *dróides* destruidores. Agora Jar Jar Binks e seus companheiros debandavam, recuando novamente para onde o resto do exército se agachava à sombra do escudo de proteção que já se apagava, tentando desesperadamente achar uma forma de se reagrupar.
Jar Jar, tendo perdido seu *kaadu* há muito tempo, estava correndo por sua vida. Desesperado para aumentar a distância entre si e os *dróides* destruidores que o perseguiam, ele alcançou um vagão de carga em fuga carregado com dúzias de bolas de energia usadas nos estilingues Gungans. Agarrando a porta do vagão, ele tentou se arrastar para dentro enquanto o vagão sacudia e chiava sobre o superfície irregular.
Mas, no esforço para se salvar, ele soltou inadvertidamente o trinco do portão, fazendo-o abrir-se totalmente. Bolas de energia se soltaram pela traseira numa louca desordem, balançando e rolando em descida como um enxame. Jar Jar conseguiu desviar- se, evitando ser atingido. Ele foi bem-sucedido naquilo, mas os menos ágeis *dróides* destruidores em seus calcanhares não foram. Bolas de energia os atingiram, explodindo ao contato, um *dróide* após outro estourou numa chuva de metais despedaçados.

> –*Isso bom!*—Jar Jar uivou de alegria, vendo os *dróides* da Federação virando de um lado para outro, tentando escapar das bolas de energia que rolavam em sua dicção.

Em outras partes, entretanto, a batalha estava se voltando para o pior. *Dróides* destruidores haviam atravessado as fileiras Gungans ainda sob o escudo de proteção e estavam atirando contra as máquinas incessantemente. Os *fambaa* sobre os quais os geradores estavam acoplados tremeram e caíram sobre os joelhos e, então, os geradores soltaram fumaça e chamas. Abruptamente, o campo de força começou a tremular e a desaparecer. OOM-9, assistindo a tudo através de seus *electrobinoculars,* foi rápido em reportar ao comando Neimoidian.

Tanques da Federação avançaram imediatamente, suas armas retomando os disparos.
Quando o General Ceel viu os geradores do campo perderem força, ele percebeu que a batalha estava perdida. Os Gungans haviam feito tudo que podiam para a rainha Naboo. Dirigindo-se a seu grupo, ele sinalizou uma retirada. As cornetas de batalha tocaram, soando pelas planícies verdes, e todo o exército Gungan começou a recuar.
Jar Jar conseguiu uma nova montaria e se dirigia loucamente para a segurança do pântano. Fugindo do encalço de *dróides* destruidores e de tanques, ele teve seu *kaadu* atingido debaixo dele e foi jogado para o lado, caindo na torre armada de um tanque próximo. Segurando-se para salvar a vida, ele foi carregado pelo veículo inimigo através da planície enquanto a batalha enfurecia a seu redor. Os *dróides* dentro do tanque imediatamente perceberam sua presença, e o motorista tentava jogá-lo para fora girando a torre armada de um lado para outro, mas Jar Jar se agarrara com vigor ao cilindro, abraçando-o fortemente junto ao corpo e evitando ser desalojado.

–*Socorro, socorro! — ele berrava.*

O capitão Tarpals, montando num *kaadu,* conseguiu correr ao lado do tanque, gritando para Jar Jar pular. Fogo *laser* disparava do tanque quase atingindo Jar Jar que lutava para vencer seu medo e se libertar de seu poleiro precário. Escotilhas começaram a se abrir e cabeças de *dróides* apareceram. Os olhos dele se arregalaram quando viu armas serem erguidas e preparadas.
Ele então pulou, lançando-se para fora do tanque e aterrissando desconfortavelmente atrás do Gungan que havia ficado para salvá-lo.
O *kaadu,* sobrecarregado com dois cavaleiros, empinou selvagemente, então, se endireitou e partiu rapidamente.
Explosões ocorriam à volta deles, enviando gotas de sujeira para cima e Jar Jar Binks, com os braços à volta do outro cavaleiro, os olhos fechados em terror pelo caos à sua volta, tinha plena certeza de que aquele era o fim.
Enquanto isso, Anakin Skywalker estava preso no centro de um combate aéreo entre naves Naboo e da Federação. Ainda lutando para sair do piloto automático, ele havia evitado se envolver com o inimigo principalmente porque sua nave estava voando de uma forma desordenada e evasiva que a tirava da área de combate sempre que chegava próxima demais. Naves explodiam a sua volta, algumas tão próximas que ele conseguia ver os pedaços de metal que passavam por cima de sua cabeça.

–Ei, cara, isso é tenso! — ele tomou fôlego enquanto experimentava uma série de interruptores no painel de controle e a nave mergulhava e

ziguezagueava em resposta à sua interferência equivocada nas operações. Mas ele também estava assimilando o painel de controle, sua exploração por tentativa e erro gerava conhecimento sobre as funções de cada interruptor, botão e alavanca. O lado ruim daquilo era que os gatilhos das armas *lasers* haviam travado e, por mais que tentasse, ele não conseguia achar uma maneira de soltá-los.

Ele desviou os olhos de sua busca ao ouvir um *bip* alto de R2- D2 e avistou um par de naves da Federação aproximando-se dele pela frente.

–Erredois, Erredois, tire-nos daqui!

O *dróide* astromecânico anulou o restante do que ia dizer com uma série de assobios frenéticos.

–Estou no controle? — exclamou Anakin em choque.

Ele tomou a direção, empurrou os alimentadores de combustível e deslizou as barras propulsoras para a esquerda. Para sua surpresa e gratidão eterna, a nave se inclinou prontamente para o lado e eles dispararam, passando pelas naves e para dentro de um novo enxame de combatentes.

–Isso! Estou no controle! — Anakin estava extasiado. — Você conseguiu, Erredois!

O *dróide* astromecânico fez um *bip* para ele através do *intercom*, numa mudança brusca.

As sobrancelhas de Anakin se levantaram enquanto ele lia o *displaj* — Volte para Naboo? Esqueça! Qui-Gon me mandou ficar nesta cabine e é isso que vou fazer! Agora, segure-se!

O entusiasmo dominou seu bom-senso, e ele dirigiu sua nave para o centro da batalha. Todos os seus instintos de vôo reapareceram, e ele estava de volta às corridas de *Pod* em Tatooine, como parte de sua nave, aprisionado pelo desafio intoxicante de vencer. Sua promessa de proteger Qui-Gon e Padmé estava esquecida; eles estavam muito longe para pensar neles agora. Tudo que interessava era que ele havia encontrado seu caminho no espaço, assumido comando de uma nave, e ganho uma chance de viver seu sonho.

Uma nave inimiga apareceu em seu visor à frente. — Fique firme, Erredois — ele avisou. — Vou explodir esse cara.

Ele colocou sua nave em posição de foto atrás da embarcação da Federação de Comércio, lembrando com atraso que as alavancas de suas armas *lasers* estavam travadas. Freneticamente, ele procurou a alavanca para destravar.

–Qual deles, Erredois? — ele berrou por baixo do capacete. — Como disparo essa coisa?

R2-D2 emitia *bip* loucamente.

–Qual deles? Este aqui?

Ele atingiu o botão indicado pelo *dróide*, mas, ao invés de soltar o mecanismo de disparo, a nave acelerou passando pela nave inimiga.

–Oa! — Anakin ofegou desanimado.

Agora a nave da Federação de Comércio estava em sua cauda, manobrando para posição de disparo contra ele. Anakin empurrou a direção com força, passando em velocidade pela monstruosa nave de guerra da Federação de Comércio, gritando no vazio, numa série de movimentos descontrolados.

–Aquele não era a alavanca para destravar! — berrava o menino em seu *ínterim.* — Aquela era a sobremarcha!

R2-D2 assobiou uma tímida resposta. A nave inimiga estava novamente atrás deles e se aproximava rapidamente. Anakin inclinou sua nave fortemente para a direita dirigindo-a para a barricada e para o aglomerado de naves. Deslocando os estabilizadores em direções apostas, ele começou a girar sua nave como um pião. R2-D2 emitiu um som agudo em desespero.

–Sei que estamos encrencados! — gritou Anakin de volta. — Apenas segure firme! O caminho de saída dessa confusão é o mesmo pelo qual entramos!

Ele se moveu com rapidez para a estação de controle, levando a nave inimiga com ele. Raios *lasers* passavam de raspão, quase o atingindo. Ele aguardou mais um segundo, até que ficou tão perto que o emblema da Federação de Comércio pintado sobre a ponte de comando se ergueu gradualmente como um muro, e engatou os propulsores de reversão inclinando-se novamente para a direita. Sua nave quase encrencou, caindo como uma pedra por um momento angustiante antes de estabilizar. Por outro lado, a nave inimiga não teve tempo para reagir à manobra e passou por ele em direção à lateral da nave de guerra, explodindo numa chuva de fogo e pedaços de metal.

Puxando novamente os propulsares dianteiros, Anakin continuou voando, buscando novos inimigos. Através de sua capota, ele podia avistar um punhado de naves Naboo empenhados em atacar a nave-mãe da Federação de Comércio. A Voz de Ric Olié chegou pelo *intercom.* — Bravo Três! Vá para a ponte de comando central!

–Positivo, Bravo Líder — veio a resposta.

Uma esquadrilha de quatro naves mergulhava em direção à nave de guerra, *lasers* disparando, mas os defletores da grande nave se desviaram dos ataques sem esforço. Duas das naves foram atingidas por fogo de canhão e explodiram em cinzas. As outras duas interromperam o ataque.

–Os escudos deles são muito resistentes! — gritou com raiva um dos pilotos

sobreviventes. — Nunca passaremos!

Anakin, enquanto isso, estava sob ataque novamente. Outra nave da Federação o havia encontrado e o perseguia. O menino empurrou as barras de propulsão para frente e avançou em direção à fuselagem da nave de guerra, torcendo e girando através de seus canais e rodeando suas saliências, fogo *laser* ricocheteando em jatos constantes.

–Eu sei que isso não é uma corrida de *Pod!* — disparou Anakin para R2-D2, enquanto o *dróide* astromecânico fazia *bips* em reprovação.

Mas, no fundo, ele sentia como se fosse. Uma alegria feroz o atravessou enquanto lançava a nave Naboo ao longo do comprimento da nave de guerra. A velocidade e rapidez da batalha o alimentavam num fluxo de adrenalina. Ele não estaria em nenhum outro lugar do mundo!

Mas, desta vez, sua sorte parou. Enquanto se aproximava da cauda da nave de guerra, um jato *laser* atingiu sua nave com força, lançando-a num giro de apertar o estômago. R2-D2 gritou novamente, e Anakin lutou desesperadamente para recuperar o controle.

–Seus pedaços de escarro de *bantha!* — sibilou o menino, lutando para estabilizar sua nave atacada.

Ele estava arremessando em direção à fuselagem, então, puxou para trás as barras de propulsão, cortando energia e caindo num longo deslize. Ele recuperou controle tarde demais para recuar, então, apontou a nave para uma abertura no centro da nave de guerra. Fogo de canhão estourava à sua volta enquanto os *dróides* que controlavam a nave de guerra tentavam derrubá-la. Mas ele passou por eles em um microssegundo, acelerando para o hangar oco e fechado da nave de guerra. Com as barras de reversão em força total, desviando-se de transportes, tanques, naves e pilhas de suprimentos, ele lutava para manter sua nave no ar enquanto procurava um local para aterrissar.

R2-D2 emitia *bips* loucamente. — Estou tentando parar! — gritou Anakin em resposta. — Ei! Ei! Estou tentando!

A nave Naboo de Anakin atingiu o chão da nave de guerra e balançou enquanto os propulsares reversos funcionavam num esforço para frear a nave. Uma antepara surgia à frente, bloqueando o caminho. Anakin trouxe a nave ao chão com uma batida surda e a manteve lá escorregando pela rampa num chiado metálico. A nave reduziu a velocidade e parou instavelmente. O *drive* de eletricidade engatou e, então, parou completamente. R2-D2 assobiou aliviado.

–Tudo bem, tudo bem! — ofegava Anakin, assentindo com a cabeça para si mesmo. — Estamos no chão. Vamos ligar os motores de novo e cair fora daqui!

Ele se abaixou para ajustar os alimentadores para as linhas de combustível, checando preocupado os indicadores do painel de controle. — As luzes estão todas vermelhas, Erredois. Está tudo superaquecido.
Ele trabalhava nos resfriadores quando R2-D2 fez um *bip* novamente em alerta. O menino pôs a cabeça por cima do canto da cabine e olhou para o hangar lá fora. — Oh, ah! — murmurou baixinho.
Dúzias de guerreiros *dróides* se aproximavam através do hangar, com as armas erguidas ameaçadoramente. A única rota de fuga deles estava bloqueada.

23

Obi-Wan perambulou pelo parte da frente do corredor de serviço que levava ao poço de fundição como um animal enjaulado. Ele estava furioso consigo mesmo por ter ficado preso tão longe de Qui-Gon e furioso com Qui-Gon por deixar isso acontecer correndo na frente ao invés de esperar por ele. Mas estava preocupado também. Ele podia admitir para si mesmo, se conseguisse. Eles deveriam ter vencido aquela luta há muito tempo. Contra qualquer outro oponente, já teriam vencido. Mas o Sith Lord era treinado em batalhas e mais experiente que qualquer outro que já haviam encontrado. Ele havia competido com eles golpe a golpe e os dois não estavam nem um pouco próximos de ganhar essa luta que apenas se iniciava.

Obi-Wan observou a extensão do corredor, medindo a distância que teria que percorrer para alcançar Qui-Gon e seu adversário quando os *lasers* se interrompessem. Ele havia dado uma olhada rápida quando os *lasers* se desativaram e enquanto corria para alcançar Qui-Gon, mas eles se reativaram novamente em questão de segundos. Ele teria que ser rápido. Muito rápido. Ele não queria que o Mestre enfrentasse o homem tatuado sozinho.

Mais adiante, preso entre dois muros de feixes *lasers*, Qui-Gon estava sentado em posição de meditação, de frente para o Sith Lord e o poço de fundição, sua cabeça abaixada sobre o sabre de luz. Ele estava se compondo para um último assalto, colocando- se em sintonia com a Força. Obi-Wan não gostou da fadiga que viu nos ombros caídos do homem mais velho, na curvatura de suas costas. Ele era o melhor espadachim que Obi-Wan já vira, mas estava ficando velho.

A frente, o Sith Lord trabalhava com seus ferimentos, uma série de queimaduras e cortes marcados por rasgões queimados em sua roupa escura. Ele estava de costas para a ponta da câmara seguinte, mantendo os olhos atentos em Qui-Gon, sua face vermelha e preta intensa, os olhos amarelos brilhando à meia-luz. Seu sabre de luz descansava no chão à frente dele. Ele percebeu Obi-Wan observando e sorriu em óbvio desprezo.

Naquele instante, os feixes de luz *laser* que guardavam o corredor de serviço apagaram.

Obi-Wan correu para frente, lançando-se na passagem estreita com o sabre de luz erguido. Qui-Gon também estava de pé, sua arma brilhando. Ele se lançou

através da abertura que levava para o poço de fundição e se aproximou do Sith Lord, forçando-o a recuar, completamente fora da passagem. Obi-Wan irrompeu, novamente, com velocidade, urrando para os adversários à frente, como se com o som de sua voz pudesse trazê-los de volta para ele.
Então ele ouviu o zumbido dos condensadores batendo novamente, circulando para reativar os *lasers.* Ele se lançou para diante, ainda muito distante do final do corredor. Atravessou todos os portões com exceção do último, quando os *lasers* se entrecruzaram à sua frente num muro mortal, fazendo-o parar abruptamente a pouca distância de onde precisaria estar.
Com o sabre de luz entre as duas mãos, ele ficou assistindo em desamparo enquanto Qui-Gon Jinn e Darth Maul duelavam sobre a borda estreita que circundava o poço de fundição. Uma faixa de elétrons era tudo que o separava dos combatentes, mas bem poderia ser um muro de *permacrete* de três metros de largura. Desesperadamente, ele procurava um dispositivo que pudesse desligar o sistema, mas não teve mais sorte nesta ponta do que teve na outra. Ele podia só esperar e rezar para que Qui-Gon se mantivesse firme.
Parecia que o Mestre Jedi conseguiria. Ele havia encontrado uma nova reserva de energia durante sua meditação e, agora, atacava com tal ferocidade que parecia haver bloqueado o Sith Lord. Com golpes rápidos e fortes de seu sabre de luz, ele ameaçava seu adversário, deliberadamente combatendo corpo a corpo, recusando-se a deixar o adversário estender sua espada de duas lâminas. Ele levou Darth Maul de costas para a borda do poço, mantendo o Sith Lord constantemente na defensiva, pressionando-o continuamente. Qui-Gon Jinn podia não ser mais jovem, mas ainda era poderoso. A face cortada de Darth Maul assumiu uma expressão frenética e seus seus olhos estranhos brilhavam em incerteza.
Bom, Mestre, pensou Obi-Wan, incentivando-o sem palavras, adivinhando os golpes de Qui-Gon como se fossem seus.
Então Darth Maul deu um salto de costas para o outro lado do poço a fim de ganhar espaço e tempo, de se recuperar, adquirindo nova posição na luta. Qui-Gon estava atrás dele num instante, cobrindo rapidamente a distância que os separava, lançando-se contra o Sith Lord novamente. Mas, agora, ele começava a se cansar de carregar a luta sozinho. Seus golpes não eram mais tão vigorosos como antes e seu rosto estava suado e tenso de fadiga. Lentamente, Darth Maul passou a ter vantagem na luta, tornando-se novamente o agressor.
Rápido! Sibilou Obi-Wan silenciosamente, desejando que os *lasers* parassem para que os portões baixassem.
Golpe por golpe, Qui-Gon e Darth Maul lutavam ao longo da borda do poço,

presos num combate que parecia eterno e que não seria vencido por nenhum deles.
Então o Sith Lord aparou um golpe por baixo, rodopiando rapidamente para a direita e, com suas costas voltadas para o Mestre Jedi, deu uma estocada cega e reversa. Tarde demais, Qui- Gon viu o perigo. A lâmina do Sith Lord o pegou diretamente no meio do corpo, a faixa brilhante queimando através da roupa, da carne e dos ossos.
Obi-Wan pensou ter ouvido o Mestre Jedi gritar, mas percebeu que fora ele mesmo, chamando pelo amigo em desespero. Qui- Gon não emitiu um único som enquanto a lâmina o penetrou, endurecendo com o impacto, então, deu um pequeno passo atrás enquanto a lâmina foi puxada. Ele ficou parado imóvel por um instante, lutando contra o choque causado pelo golpe mortal. Então seus olhos escureceram, os braços caíram e um imenso cansaço tomou conta de suas feições orgulhosas. Ele caiu sobre os joelhos e seu sabre de luz ressoou no chão de pedra.
Ele estava caído de frente e imóvel quando os *lasers* desligaram abruptamente, e Obi-Wan Kenobi, fervendo de ódio, correu para socorrê-la.
Nute Gunray estava parado ao lado de Rune Haako e quatro membros da Conselho de Ocupação da Federação de Comércio quando o capitão Panaka, uma das aias da rainha, os seis soldados Naboo que haviam lutado para protegê-los foram levados por um pelotão de dez *dróides* destruidores até a sala do trono do palácio de Theed. O vice-rei reconheceu Panaka imediatamente, mas não estava certo sobre a identidade da aia que o acompanhava. Ele procurava pela rainha, mas reparou que sua aia se assemelhava a ela.
Ele se surpreendeu. Era a rainha, sem a maquiagem e os robes enfeitados, livre de seus trajes oficiais. Ela parecia até mais jovem que em seus trajes cerimoniais, mas os olhos e o olhar frio eram irreconhecíveis.
Ele olhou para Rune Haako e reconheceu a mesma expressão confusa no rosto de seu sócio.

–Alteza — ele a cumprimentou enquanto ela era conduzida até ele.
–Vice-rei — ela respondeu, confirmando a conclusão dele sobre sua identidade.

Feito aquilo, ele rapidamente assumiu a pose de um captor confrontando seu cativo. — Sua pequena insurreição está no fim, Alteza.
O exército plebeu que enviou contra nós ao sul da cidade foi esmagado. Os Jedi estão sendo cuidados em algum lugar. E você é minha prisioneira.
–Sou? — ela perguntou calmamente.

A maneira com que ela disse as palavras era irritante. Havia algo desafiador na maneira como as pronunciou, como se ela o desafiasse a não concordar. Até Panaka se voltou para fitá-la.

–Sim, é.— Ele prosseguiu, imaginando, de repente, se teria perdido alguma coisa. A face dele se ergueu. — É hora de colocar um ponto final nessa discussão inútil que instigou no Senado da República. Assine o tratado agora.

Houve uma confusão fora da entrada que levava à sala do trono — som de rifles explosivos e de metal fragmentado — e, de repente, Amidala estava de pé na sala de espera, mais adiante, um grupo de guerreiros *dróides* tombou no chão e um punhado de soldados Naboo protegiam sua rainha, caso mais *dróides* aparecessem.

–Não assinarei o tratado, vice-rei! — ela gritou para ele, já começando a fugir. — Você perdeu!

Por um momento, Nute Gunray ficou tão estupefato que não conseguia se mover. Uma segunda rainha? Mas essa era a verdadeira, vestida em seus trajes oficiais, usando a pintura branca no rosto, falando com ele naquela voz imperiosa que ele havia aprendido tão bem a reconhecer.

Ele se dirigiu para os guerreiros *dróides* segurando Panaka e a rainha. — Os seis! Atrás dela! — ele gesticulou na direção da Amidala que desaparecia. — Traga-a para mim! A verdadeira, desta vez — não alguma dublê!

Os *dróides* indicados por ele correram da sala atrás da rainha e de seus guardas, deixando os Neimoidians e os quatro *dróides* restantes com seus cativos Naboo.

Gunray se movimentou até a aia. — Sua rainha não escapará depois dessa! — ele disparou furioso por ter sido enganado.

A aia pareceu perder toda sua bravura, se afastando dele com a cabeça baixa em derrota, movendo-se lentamente até o trono da rainha e afundando nele abatida.

Nute Gunray a dispensou quase imediatamente, voltando sua atenção para os outros Naboo, ansioso por mandá-los para os campos.

Mas, no instante seguinte, a aia estava de pé novamente, qualquer sinal de derrota e cansaço desaparecido, um rifle explosivo em cada mão, puxado de um compartimento escondido no braço do trono.

Jogando um dos rifles para o capitão Panaka, ela começou a descarregar o segundo sobre o pelotão incompleto de guerreiros *dróides.* Os *dróides* foram completamente surpreendidos, sua atenção fixa nos guardas Naboo. A aia e Panaka os despacharam com uma rajada de balas que fez o trono retinir com os sons dos tiros.

Gritando instruções para os Naboo, a aia — se é isso que ela realmente era,

porque Nute Gunray já estava começando a pensar o contrário — se movimentou para a porta da sala do trono, acionando os trincos. As portas foram trancadas a ferrolhos e a garota quebrou o trinco com a coronha de sua arma. Ela se voltou, então, para os Neimoidians, que estavam agrupados em confusão no centro da sala, com os olhares dirigidos para todos os lados numa busca inútil por ajuda. Todos os guerreiros *dróides* estavam despedaçados no chão, e os Naboo haviam tomado suas armas.

A aia caminhou até Gunray. — Vamos começar de novo, vice- rei — disse ela friamente.

–Majestade — ele replicou com os lábios apertados, descobrindo a verdade tarde demais.

Ela assentiu. — Este é o fim de sua ocupação.

Ele se manteve firme. — Não seja absurda. Há muito pouco de vocês. Não levará muito até *dróides* destruidores invadirem esta sala para nos resgatar.

Antes mesmo que ele terminasse, se ouviu o som de rodas pesadas na sala de espera, então, de corpos metálicos se desdobrando. O vice-rei se permitiu um sorriso satisfeito. — Vê, Majestade? O resgate já está a caminho.

Ela lhe lançou um olhar duro. — Antes que atravessem aquela porta, teremos negociado um novo tratado, vice-rei. E você o terá assinado.

Finalmente, livre do último muro de *lasers*, Obi-Wan Kenobi deixou o corredor de serviço em direção à sala onde estava o poço de fundição. Abandonando qualquer idéia de tomar a mínima precaução, ele se jogou para Darth Maul com tanta fúria que quase derrubou a ambos para fora da borda e dentro do abismo. Ele golpeou seu sabre de luz na direção do Sith Lord como se sua segurança não significasse coisa alguma, perdido na névoa vermelha do ódio e da frustração, consumido por seu pesar por Qui-Gon e seu fracasso em evitar a queda do amigo.

O Sith Lord foi jogado para trás pelo golpe inicial do Cavaleiro Jedi, surpreendido pelo ataque selvagem do outro, sendo empurrado e pressionado até a parede aposta do poço de fundição. Lá, ele lutou para manter o jovem Jedi sob controle, tentando abrir espaço suficiente entre eles para se defender. Os sabres de luz arranharam e rangeram um contra o outro e a sala ecoava com sua fúria. Dando estocadas e girando, Darth Maul recuperou a ofensiva e contra-atacou, usando as duas pontas de seu sabre de luz num esforço para cortar as pernas de Obi-Wan. Mas Obi-Wan, apesar de não ser tão experiente quanto Qui-Gon, era mais rápido. Prevendo cada golpe, ele conseguiu evitar os esforços de seu adversário para derrubá-lo.

A luta os levou por toda a beira do poço e para dentro de recantos e alcovas sombrias, em volta de chaminés e encanamentos. Por duas vezes, Obi-Wan caiu,

perdendo o equilíbrio no chão lustroso da beira do poço. Uma vez, Darth Maul o atacou com tanta determinação que chamuscou a túnica do jovem Jedi do ombro até a cintura, e foi somente utilizando um contragolpe de baixo para cima no estômago do outro, ao mesmo tempo em que se afastava rapidamente rolando e se colocava novamente de pé que Obi-Wan conseguiu escapar.
Eles continuaram lutando novamente de volta à passagem crivada de *lasers*, passando pela forma imóvel de Qui-Gon e para dentro de um emaranhado de tubos de ventilação e condutores elétricos. Vapor estourava das chaminés quebradas e o ar estava impregnado com um odor acre de fiação chamuscada. Darth Maul começou a usar seu comando da Força para atirar objetos pesados em Obi-Wan, tentando fazê-lo perder o equilíbrio e incapacitá-la, atrapalhando o fluxo de seu ataque. Obi-Wan respondeu com a mesma atitude, e o ar ficou cheio de projéteis mortais. Sabres de luz chamejavam para a direita e esquerda para afastar os objetos, e o ruído do metal errante batendo nos muros de pedra emitia um ruído sinistro na escuridão.
O duelo prosseguia e, durante algum tempo, se manteve empatado. Mas Darth Maul era o mais forte dos dois e era guiado por um frenesi que superava mesmo a determinação frenética que assolava Obi-Wan. Eventualmente, o Sith Lord começou a cansar o jovem Jedi. Aos poucos, ele o forçava a recuar, atacando-o e esperando para pegá-la numa distração. Obi-Wan podia sentir seu corpo enfraquecendo e o temor começou a aumentar — caso viesse também a cair. Nunca! Ele jurou furiosamente.
As palavras de Qui-Gon lhe voltaram à mente. *Não se concentre nos seus temores. Concentre-se no aqui e agora.* Ele lutou para fazê-lo, para controlar as emoções que o tornavam por dentro e o derrubavam. *Esteja atento à Força viva, meu jovem Padawan. Seja forte.* Sentindo a oportunidade lhe escapar e sua força desvanecer, Obi- Wan preparou um ataque final. Ele lançou ao Sith Lord uma série de golpes laterais a fim de trazer o sabre de duas lâminas para a posição horizontal. Então fingiu um ataque à esquerda do inimigo e trouxe seu próprio sabre de luz por cima e por baixo com tanta força que partiu a arma do outro. Berrando em fúria, ele cortou triunfante a cabeça chifruda do Sith Lord com um golpe mortal.
E errou completamente.
Darth Maul, antecipando a manobra, havia se afastado um pouco para trás. Descartando a metade menor de sua arma partida, ele contra-atacou rapidamente, golpeando Qui-Gon com tanta força, que atingiu o jovem Jedi pelo lado, fazendo-o perder o equilíbrio. Rapidamente, ele novamente golpeou o Jedi com mais força ainda e, dessa vez, Obi-Wan tombou sobre a borda do poço, seu sabre

de luz voando de sua mão. Por um instante, ele estava caindo, tombando na escuridão. Ele procurou com as mãos em desespero, agarrando um anel metálico logo abaixo da boca do poço.
Ele ficou lá pendurado, desamparado, olhando para um Darth Maul triunfante. Quando Anakin Skywalker deu uma olhada no número de guerreiros *dróides* cercando sua nave, imediatamente se escondeu novamente.
Se houvesse qualquer possibilidade, ele teria desaparecido dentro da fuselagem da nave mentalmente levando ambos através do hangar até um paraíso mais seguro.

–Isso não é bom — ele disse a si mesmo suavemente.

O suor escorria de sua fronte enquanto tentava decidir o que fazer. Ele era apenas um garoto, mas ele tinha experiência em estar em situações difíceis e uma mente fria quando se tratava de lidar com problemas. Encontre uma saída dessa encrenca! Ele se repreendeu.
Uma olhada rápida para os painéis de controle revelou que todas as luzes indicadoras ainda estavam vermelhas. Nenhuma ajuda.

–Erredois — sussurrou. Os sistemas ainda estão superaquecidos. Pode fazer alguma coisa?

Passos se aproximaram, e uma voz *dróide* metálica perguntou — Onde está o piloto?
R2-D2 emitiu um *bip* corajosamente em resposta.

–Você é o piloto?

O *dróide* astromecânico assobiou afirmativamente.
Houve uma pausa confusa. — Mostre sua identificação — comandou o guerreiro *dróide*, recaindo em rotinas.
Anakin podia ouvir o som de interruptores clicando e circuitos funcionando. R2-D2 ainda tentava salvá-los. Velho e bom Erredois.
O *dróide* astromecânico fez um *bip* suave para Anakin, e o menino viu as luzes do sistema mudar abruptamente de vermelho para verde.

–Isso, Erredois! — ele assobiou aliviado. — Estamos de volta e funcionando!

Ele pressionou os botões da ignição, e os motores da nave roncaram para a vida. Rapidamente, ele pulou do esconderijo e tomou o assento do piloto, suas mãos agarrando a direção.
O comandante *dróide* o avistou e ergueu a arma. — Deixe a cabine imediatamente ou inutilizaremos sua nave!

–Não se eu puder evitar! — respondeu o menino, alcançando os defletores.

— Escudos para cima! — puxando novamente a direção, ele soltou as

barras antigravitacionais. A nave de batalha levitou do chão do hangar, atropelando o comandante *dróide* transformando-o num amontoado de metal comprimido. Os *dróides* sob seu comando começaram a atirar seus rifles explosivos, os raios *laser* ricocheteando nos defletores da nave, desviando-se num emaranhado de faixas brilhantes.

R2-D2 emitia *bips* loucamente. — As travas das armas estão soltas! - exclamou Anakin com um grito de felicidade. — Agora vamos mostrar a eles!

Ele alcançou os botões de fogo e os manteve embaixo, girando a nave no sentido horário pelo chão do hangar. Raios *laser* disparavam com o movimento de um cata-vento, cortando os guerreiros *dróides* desprotegidos, incapacitando-os antes mesmo de pensarem em escapar.

Anakin berrava de alegria, pela diversão de estar novamente com o controle. Com os *lasers* atirando, ele varreu o chão do hangar de *dróides,* observando aqueles ainda distantes correrem em busca de cobertura, assistindo a naves e suprimentos voarem enquanto raios mortais os atravessavam.

Então algo se moveu no final de um longo corredor, não mais que uma sombra e, lá no fundo, seus instintos pulsaram a todo vapor, gritando para ele em desesperada necessidade. Ele não sabia se o que via era uma arma, uma máquina ou algo diferente, e não importava.

Ele estava de volta às corridas de *Pod,* em luta com Sebulba, e podia ver o que ninguém mais podia, o que estava escondido de todos os outros. Ele reagiu sem pensar, respondendo a uma voz que falava somente com ele, que sempre sussurrava sobre o futuro enquanto o protegia no presente.

Agindo por seu própria vontade, mais rápido do que pensou, sua mão largou os botões de disparo dos *lasers* e acionaram um interruptor duplo para a direita. Instantaneamente, um par de torpedos disparou pelo corredor em direção à sombra. Os torpedos disparam passando por guerreiros *dróides*, pilhas de suprimentos, transportes e tudo mais, desaparecendo através de uma passagem larga.

O menino grunhiu. — Maldição! Errei tudo!

Sem dar ao assunto mais atenção, ele deu uma volta rápida na nave e empurrou as barras propulsoras para frente. O *drive* de potência ligou com um ronco feroz, e a nave disparou pelo *deck* do hangar, deixando *dróides* espalhados em todas as direções, lançando-se de volta ao espaço com o fogo de canhão da nave de guerra perseguindo-o numa faixa de fogo branco mortal.

Darth Maul caminhou lentamente até a beira do poço de fundição, com sua face tatuada banhada em suor e com os olhos selvagens e brilhantes de alegria. A luta estava acabada. O último Jedi estava para ser eliminado. Ele sorriu e mudou o

resto de seu sabre de luz partido para a outra mão, apreciando o momento. Com os olhos fixos no Sith Lord, Obi-Wan Kenobi se recolheu para dentro de si mesmo, conectando-se com a Força que havia trabalhado tanto para entender. Procurando se acalmar, diminuindo o tremor em seu coração e expulsando sua raiva e medo, ele buscou suas últimas reservas. Com clareza de objetivo e força de coração, ele se lançou para longe da lateral do poço jogando-se de volta para a boca. Impregnado do poder da Força, ele atingiu a margem facilmente, dando uma cambalhota para trás do Sith Lord num único e poderoso movimento. Enquanto aterrissava, já puxava o sabre de luz de Qui-Gon para sua mão estendida.

Darth Maul girou para confrontá-la, o choque e o ódio torcendo sua face vermelha e preta. Mas, antes que pudesse agir para se salvar, o sabre de luz de Qui-Gon atravessou seu peito, queimando-o com fogo mortal. O Sith Lord ferido uivou de dor e incredulidade.

Então Obi-Wan se virou, desligou seu sabre e assistiu a seu inimigo agonizante tombar dentro do poço.

–Ei, isso é muito melhor que corrida de *Pod!* — gritou Anakin Skywalker para R2-D2, sorrindo largamente enquanto ziguezagueava sua nave Naboo em todas as direções para escapar dos atiradores.

O dróide astromecânico fazia *bips* e trinava como se houvesse fritado todos os seus circuitos, mas o garoto se recusava a ouvir, girando e inclinando loucamente a nave de batalha, direcionando- a de volta para Naboo e para longe da estação de controle.

Então uma voz chocada foi ouvida pelo *intercom* vinda de outra nave. — Bravo Líder, o que está acontecendo com a nave de controle?

No instante seguinte, um *flash* de luz pulsante passou por ele. Ele olhou por cima do ombro e viu a nave de guerra de onde escapara destruída por uma série de explosões. Imensos pedaços se soltavam do centro, arremessando-se no espaço.

–Está explodindo por dentro! — exclamou a voz no *internam.*

–Não fomos nós, Bravo Dois — respondeu Ric Olié rapidamente.

–Nós nunca chegamos a atingi-la.

A nave de guerra continuou a desmoronar, as explosões violentamente atravessando-a, despedaçando-a, envolvendo-a e, finalmente, consumindo tudo numa bola brilhante de luz.

Restos voaram por cima da capota da nave de Anakin, e as luzes da explosão desapareceram no negro.

–Veja! — Bravo Dois quebrou novamente o súbito silêncio. — E um dos

nossos! Saindo do cargueiro principal! Deve ter sido ele!
Anakin se encolheu. Ele havia esperado voltar para o planeta sem ser visto, evitando ter de explicar a Qui-Gon o que fazia lá em cima.
Não havia chance para isso agora.
R2-D2 fez um *bip* em sinal de reprovação. — Eu sei, eu sei — ele murmurou aborrecido e pensou no tamanho da encrenca que havia se metido dessa vez.
Tiros de rifles explosivos atingiam a porta da sala do trono do palácio de Theed. O capitão Panaka e os soldados Naboo se espalharam para os lados numa posição defensiva, preparando um fogo cru-zado para os *dróides.* Nute Gunray queria sair do alcance, mas a rainha ainda o encarava, com seu rifle apontado para seu tórax, e ele não arriscaria provocá-la a tomar uma atitude precipitada. Ele ficou parado com os outros do Conselho da Federação, congelado no lugar.
Então, de forma abrupta, tudo ficou quieto. Todos os sons de tiros e movimentos de *dróides* além do trono bombardeado cessou.
O capitão Panaka olhou para a rainha, sua face escura incerta. — O que está acontecendo? — perguntou preocupado.
Amidala, com a arma apontada para Nute Gunray, sacudiu a cabeça. — Tente os comunicadores. Ative as telas do visor.
O chefe de segurança da rainha se moveu rapidamente. Todos os olhos estavam voltados para ele enquanto, lentamente, ajustou o foco das telas externas.
Nas pradarias de Naboo, o exército Gungan havia sido vencido. Alguns deles conseguiram voltar para o pântanos montados em seus *kaadu,* e outros haviam fugido para os morros a oeste. Todos estavam sendo perseguidos por guerreiros *dróides* em *STAPs* e por tanques da Federação de Comércio. Não havia mais muita esperança de que ficariam livres por mais tempo.
A maior parte dos Gungans já havia sido levada como prisioneiros, Jar Jar Binks entre eles. Ele estava agora junto a um grupo de oficiais Gungans que incluía o general Ceel. Por toda a sua volta, seus companheiros Gungans estavam sendo levados embora por *dróides* da Federação de Comércio.
–*Isso muito ruim* — arriscou Jar Jar em desconsolo.
O general Ceel assentiu, igualmente desesperançado. — *Mim esperar que isso ajude rainha.*
Jar Jar suspirou. E Annie, Qui-Gon, Obi-Wan, Erredois e todo o resto. Ele pensou no que teria acontecido com eles. Teriam sido capturados também? Ele pensou em Boss Nass. O Boss não iria gostar disso nem um pouquinho. Jar Jar esperou não levar a culpa, mas não podia eliminar totalmente essa possibilidade.
Subitamente, todos os *dróides* começaram a tremer violentamente. Alguns começaram a correr em círculos, outros a se curvar e a se balançar como se seus

mecanismos houvessem rompido e estivessem em curto-circuito. Os tanques pararam e as *STAPs* se espatifaram no chão. Toda a atividade parou completamente.
Jar Jar e o general Ceel trocaram olhares confusos. O exército de *dróides* havia paralisado. Até onde a visão podia alcançar, o exército estava congelado no lugar.
Prisioneiros Gungans olhavam os *dróides* imóveis. Finalmente, a comando do general Ceel, Jar Jar saiu do círculo dos prisioneiros e tocou um de seus captares metálicos. O *dróide* balançou e caiu sem vida na grama.

–*Isso louco* — sussurrou Jar Jar e imaginou o que estaria acontecendo.
Obi-Wan não pensou no que lhe custara vencer aquela luta com Darth Maul, mas correu imediatamente para Qui-Gon. Ajoelhado ao lado do Mestre Jedi, ele ergueu sua cabeça e ombros, embalando-o gentilmente nos braços.

–Mestre! — ele expirou num sussurro.
Os olhos de Qui-Gon se abriram. — Tarde demais, meu jovem Padawan.

–Não! — Obi-Wan sacudiu violentamente a cabeça em recusa.

–Agora você precisa estar pronto: quer o Conselho pense que está, quer não. Você precisa ser o professor. — O rosto forte se contorceu de dor, mas os olhos escuros estavam firmes. — Obi- Wan. Prometa-me que treinará o menino.

Obi-Wan concordou instantaneamente, concordando sem pensar, desejando dizer ou fazer qualquer coisa que diminuísse a dor do outro, desesperado por salvá-lo.
— Sim, Mestre.
A respiração de Qui-Gon acelerou. — Ele é o escolhido, Obi- Wan. Ele trará harmonia para a Força. Treine-o bem.
Os olhos dele ficaram presos aos de Obi-Wan e perderam foco. Sua respiração parou e a vida o deixou.

–Mestre — repetiu Obi-Wan Kenobi suavemente, ainda segurando-o, trazendo-o agora para mais perto, abraçando o corpo sem vida contra o peito e chorando baixinho. — Mestre.

24

Três dias mais tarde, Obi-Wan Kenobi estava de pé num pequeno aposento no templo de Theed onde a morte de heróis era lamentada e suas vidas celebradas. O corpo de Qui-Gon Jinn jazia sobre uma carreta funerária na praça ao lado de fora, aguardando cremação. Os cidadãos de Naboo e o povo Gungan estavam reunidos para homenagear o Mestre Jedi.

Muita coisa havia mudado na vida daqueles que lutaram pela soberania de Naboo. Com o colapso do exército de *dróides*, o controle da Federação de Comércio sobre Naboo havia sido quebrado. Todos os transportes terrestres, tanques, *ST$Ps*, armas e suprimentos estavam em poder da República. O vice-rei Nute Gunray, seu tenente Rune Haako e o restante do conselho de ocupação Neimoidian haviam sido enviados como prisioneiros para Coruscant para aguardar julgamento. O senador Palpatine havia sido eleito chanceler supremo da República e havia prometido ação rápida no julgamento dos prisioneiros.

A rainha Amidala havia ludibriado os Neimoidians uma última vez fingindo entregar-se para conseguir se aproximar do vice-rei antes que ele tivesse tempo de fugir. Ela havia se comunicado com Sabé para escapar da luta que acontecia vários andares abaixo e para usar as passagens de serviço para chegar aos aposentos da rainha e, depois, aparecer para o vice-rei. Foi um risco calculado, e Sabé poderia não ter conseguido chegar a tempo. Se não tivesse, Amidala teria acionado o compartimento secreto e lutado por sua liberdade de qualquer maneira. Ela era jovem, mas não lhe faltavam coragem e ousadia. Ela havia demonstrado inteligência e percepção desde o início quando os Jedi vieram em seu socorro. Obi-Wan achou que ela seria uma ótima rainha.

Mas foi um garoto de nove anos quem os salvou. Mesmo sem saber exatamente o que estava fazendo, Anakin Skywalker havia voado uma nave de combate para o centro de defesa da Federação, penetrado seus escudos, aterrissado nas entranhas da nave Neimoidian, torpedeado o reator da nave e começado uma reação em cadeia de explosões que destruíram a estação de controle. Foi a destruição do transmissor central que fez os *dróides* congelarem no lugar, com suas comunicações efetivamente em curto-circuito. Anakin disse que havia

atacado sem nenhum tipo de plano em mente ou que atirou seus torpedos sem nenhuma expectativa de atingir o reatar. Mas, após ouvir o conto do garoto e questioná-lo minuciosamente, Obi-Wan concluiu que Anakin foi guiado por algo mais que o pensamento dos homens comuns. Aquela quantia extraordinária de *midi-chlorians* dava ao garoto uma conexão com a Força que mesmo um Mestre Jedi da ordem de Yoda nunca atingiria. Qui-Gon, ele agora acreditava, havia estado correto. Anakin Skywalker era o escolhido.

Ele caminhou pelo quarto vestido com roupas limpas para o funeral: um manto de Cavaleiro Jedi cor de areia, macio e folgado, e o sabre de luz de Qui-Gon, que agora lhe pertencia, pendurado no bolso. O Conselho Jedi havia vindo a Naboo para o funeral e para falar novamente com Anakin. Eles estavam fazendo isso agora, ali perto, uma análise final do que havia aparecido desde sua última sessão com o menino. Obi-Wan pensou que o resultado de suas deliberações era o previsto. Ele não poderia imaginar, agora, que não seria.

Ele interrompeu seus passos e olhou para o nada por um momento, pensando em Qui-Gon Jinn, seu Mestre, seu professor, seu amigo. Ele havia falhado com Qui-Gon em vida. Mas poderia agora prosseguir com o trabalho dele, honrando-o em morte, cumprindo, de qualquer maneira, sua promessa de treinar o garoto. Ouçam-me, ele sorriu infeliz. Estou falando como ele.

A porta se abriu e Yoda apareceu. Ele entrou no aposento arrastando-se lentamente, apoiando-se em seu bastão para caminhada, com a face enrugada sonolenta e contemplativa.

–Mestre Yoda — saudou Obi-Wan, aproximando-se rapidamente para encontrá-lo e inclinando a cabeça de modo respeitoso.

O Mestre Jedi acenou a cabeça. — A você o grau de Cavaleiro Jedi, o Conselho confere. Decidido sobre o garoto, o Conselho está, Obi-Wan — ele disse solenemente.

–Ele será treinado?

As orelhas grandes se movimentaram para frente e as pálpebras daqueles olhos sonolentos se alugaram. — Tão impaciente, você é.

Tão certo do que foi decidido?

Obi-Wan mordeu a língua e ficou em silêncio, esperando obedientemente pelo outro. Yoda o estudou cuidadosamente. — Um grande guerreiro, foi Qui-Gon Jinn. — Ele gargarejou suavemente com a voz triste. — Mas tão mais ele poderia ter sido, se não tão depressa tivesse corrido. Mas devagar, você deve prosseguir, Obi-Wan.

Obi-Wan manteve sua posição. — Ele entendia o que nós não entendemos sobre o garoto.

Mas Yoda sacudiu a cabeça. — Não seja tão rápido em julgar. Nem tudo é

compreensível. Nem tudo de uma vez, é revelado. Anos, precisam, para se tornar um Jedi. Anos mais, para se tornar um com a Força.
Ele caminhou para um local onde a luz fraca, suave e dourada brilhava através de um janela. O pôr-do-sol se aproximava: a hora marcada para o adeus a Qui-Gon.
O olhar de Yoda estava distante quando falou. — Decidido, o Conselho está — repetiu. — Treinado, o garoto será.
Obi-Wan sentiu uma onda de alívio e alegria o invadir e um sorriso de gratidão lhe escapou.
Yoda viu o sorriso. — Contente, você está? Tanta certeza de que isso é correto? — A face enrugada ficou tensa. — Obscuro, o futuro desse menino permanece, Obi-Wan. Um erro treiná-la, isso é.

> –Mas o Conselho...
> –Sim, decidido. — Os olhos sonolentos levantaram. — Não concordar com essa decisão, eu devo.

Houve um longo silêncio enquanto os dois trocavam um olhar, ouvindo os sons das preparações para o funeral acontecendo à sua volta. Obi-Wan não sabia o que dizer. Estava claro que o Conselho havia decidido contra os conselhos de Yoda. Somente aquilo já era incomum.
Que o Mestre Jedi escolhesse enfatizar isso naquele momento destacava a extensão de suas preocupações sobre Anakin Skywalker.
Obi-Wan escolheu bem as palavras. — Eu tomarei o menino como meu jovem Padawan, Mestre. Eu o treinarei da melhor maneira que puder. Mas manterei em mente o que o senhor me disse aqui. Irei com cuidado. Eu prestarei atenção a seu alerta. Ficarei atento ao progresso dele.
Yoda o observou por um momento e, então, assentiu. — De sua promessa, portanto, lembre-se bem, jovem Jedi — disse ele suavemente. — Suficiente é, se lembrar.
Obi-Wan se inclinou em reconhecimento. — Eu me lembrarei. Juntos, eles saíram para a luz intensa.
A pira funerária estava acesa, o fogo crescendo calmamente em volta do corpo de Qui-Gon Jinn, as chamas lentamente começando a envolvê-lo e a consumi-lo. Aqueles que decidiram homenageá-lo estavam em volta da pira. A rainha Amidala estava com suas aias, o chanceler supremo Palpatine, o governador Sio Bibble, capitão Panaka e uma guarda de honra de cem soldados Naboo. Chefe Nass, Jar Jar Binks e vinte guerreiros Gungans estavam parados de pé à frente deles. No meio dos dois grupos

estavam os membros do Conselho Jedi, incluindo Yoda e Mace Windu. Outro grupo de Cavaleiros Jedi — aqueles que melhor e por mais tempo conheceram Qui-Gon — completava o círculo. Anakin Skywalker estava ao lado de Qui-Gon, o rosto jovem dele intenso enquanto tentava segurar as lágrimas.
Uma batida longa de tambor acompanhava a passagem das chamas que reduziam Qui-Gon a espírito e cinzas. Quando o fogo o havia consumido, soltou-se uma revoada de pombas brancas no vermelho-carmim do poente. Os pássaros levantaram numa agitação de asas e um esguicho de brilho pálido, voando para longe rapidamente.
Obi-Wan estava se lembrando. Por toda a vida, ele havia estudado com os Jedi e Qui-Gon Jinn em particular. Agora, Qui- Gon se fora, e Obi-Wan havia passado de uma antiga para uma nova vida. Ele agora era um Cavaleiro Jedi, não um Padawan. Tudo que acontecera antes foi deixado para trás de uma porta que, para sempre, havia se fechado para ele. Foi duro de aceitar e, ao mesmo tempo, deu-lhe uma sensação estranha de liberdade. Ele baixou o olhar para Anakin. O menino fitava as cinzas da carreta funerária, chorando baixinho.
Ele pôs a mão sobre um ombro frágil. — Ele é um só com a Força, Anakin. Deve deixá-lo ir.
O menino sacudiu a cabeça. — Sinto falta dele.
Obi-Wan assentiu. — Eu também. E sempre me lembrarei dele. Mas ele se foi.
Anakin enxugou as lágrimas do rosto. — O que acontecerá comigo agora?
A mão apertou o ombro do menino. — Eu vou treiná-la exatamente como Qui-Gon o teria feito — disse Obi-Wan Kenobi suavemente. — Sou seu novo Mestre, Anakin. Você vai estudar comigo e se tornará um Cavaleiro Jedi, prometo-lhe.
O menino se endireitou num movimento quase imperceptível. Obi-Wan assentiu para si mesmo. Em algum lugar, ele pensou, Qui-Gon Jinn estaria sorrindo.
Do outro lado, Mace Windu estava parado ao lado de Yoda, sua face escura e forte contemplativa enquanto assistia a Obi- Wan colocar sua mão sobre o ombro de Anakin Skywalker.

–Uma vida termina e uma nova se inicia na ordem Jedi — ele murmurou quase para si mesmo.

Yoda se inclinou para a frente, apoiando-se em seu bastão curvo, e sacudiu a cabeça. — Não tão certo dessa vida como a de Qui-Gon, eu me sinto. Com problemas, ele está. Embrulhado em sombras e escolhas difíceis.
Mace Windu meneou a cabeça. Ele sabia dos sentimentos de Yoda sobre o assunto, mas o Conselho havia tomado sua decisão.

–Obi-Wan fará um bom trabalho com ele — disse ele, mudando de assunto.

–Qui-Gon estava certo, ele está pronto.

Eles sabiam o que o jovem Padawan havia feito para se salvar do Sith Lord no poço de fundição depois que Qui-Gon foi derrubado.
Precisou de uma coragem extraordinária e força de vontade. Somente um Cavaleiro Jedi totalmente em sintonia com a Força poderia se salvar de tal adversário. Obi-Wan Kenobi havia se mostrado além das expectativas de todos naquele dia.

–Pronto desta vez, ele estava — Yoda reconheceu com relutância.
–Pronto para treinar o garoto, ele pode não estar.
–Derrotar um Sith Lord em combate é um forte teste de sua preparação para qualquer coisa — pressionou o líder do Conselho, com os olhos fixos em Obi-Wan e Anakin. — Não há dúvida. Aquele que o testou foi um Sith.

Os olhos sonolentos de Yoda piscaram. — Sempre dois deve haver. Não mais, não menos. Um mestre e um aprendiz.
Mace Windu assentiu com a cabeça. — Então qual dos dois foi destruído, o senhor acha — o mestre ou o aprendiz?
Eles se entreolharam, mas nenhum podia dar uma resposta à pergunta.
Naquela noite Darth Sidious ficou sozinho de pé num balcão de onde se avistava a cidade, uma figura sombria entre a multidão de luzes que cintilavam, seu semblante escuro e enraivecido enquanto meditava sobre a perda de seu aprendiz. Anos de treinamento havia passado na preparação de Darth Maul como Sith Lord. Ele havia sido mais que um igual para os Cavaleiros Jedi que enfrentou e deveria ter sido capaz de derrotá-los facilmente. Foi o azar e o destino que levaram à sua morte, uma combinação que nem mesmo o lado escuro da Força podia sempre vencer.
Não a custo prazo, afinal.
Sua testa franziu. Seria necessário substituir Darth Maul. Ele precisaria treinar outro aprendiz. Alguém que não seria fácil encontrar.
Darth Sidious caminhou para a balaustrada e pôs a mão sobre o metal frio. Uma coisa era certa. Os responsáveis pela morte de Darth Maul pagariam por isso. Todos que se opuseram a ele não seriam esquecidos. Todos seriam obrigados a pagar.
Seus olhos brilharam. Ainda assim, ele havia conseguido o que mais queria deste negócio. Mesmo a morte de Darth Maul valeu a pena por aquilo. Ele seria paciente. Ele aguardaria sua oportunidade. Ele montaria as bases para o que era necessário. Um sorriso brincou em seus lábios finos. O dia do ajuste de contas

chegaria em breve.
Houve um grande desfile no dia seguinte para o reconhecimento público da nova aliança firmada entre os povos Naboo e Gungan, celebrando a dura vitória conseguida sobre os invasores da Federação de Comércio e homenageando aqueles que lutaram para assegurar a liberdade do planeta. Multidões enchiam as ruas de Theed enquanto colunas de guerreiros Gungans montados em *kaadus* e soldados Naboo a bordo de *speeders* desfilavam pela cidade ao som de saudações e música. *Fambaas* caminhavam pesadamente pelas avenidas, enrolados em ricas sedas e armaduras bordadas, as cabeças ondulando de um lado para o outro sobre os pescoços compridos. Aqui e lá, um tanque da Federação capturado circulava entre os participantes da marcha, bandeiras Naboo e Gungans esvoaçando sobre tanques e escotilhas. Jar Jar Binks e o General Ceel lideravam os Gungans, ambos montados em seus *kaadu.* Jar Jar tentando, desta vez, permanecer sobre o *kaadu* por todo o desfile, apesar de demonstrar para a platéia que estava tendo problemas para fazê- lo.
O capitão Panaka e os guardas particulares da rainha estavam de pé sobre os degraus de pedra da praça central, assistindo à aproximação do desfile. O uniforme de Panaka estava vincado, a insígnia de metal em sua dragona brilhando, orgulhoso e forte. Anakin Skywalker estava ao lado de Obi-Wan próximo à rainha. Ele se sentia fora do lugar e encabulado. Ele achou o desfile maravilhoso e apreciou ser homenageado com os outros, mas sua mente estava em outro lugar.
Estava com Qui-Gon, que partiu para junto da Força.
Estava com Padmé, que mal havia falado com ele desde que foi aceito para treinamento pelo Conselho Jedi.
Estava em sua casa, para onde talvez nunca retornasse.
Estava com sua mãe, que ele gostaria que pudesse vê-lo agora.
Ele vestia os trajes de um Jedi Padawan, seu cabelo cortado curto ao estilo Padawan, um estudante em treinamento para se tornar um Cavaleiro da Ordem. Ele havia conseguido tudo isso ao vir com Qui-Gon para Coruscant. Mas sua felicidade e satisfação eram ofuscadas pela tristeza da qual não conseguia se livrar por ter perdido Qui-Gon e sua mãe. Eles estavam perdidos para ele, de maneiras diferentes, na verdade, mas eles haviam saído de sua vida. Qui-Gon havia fornecido a estabilidade de que ele precisava para deixar sua mãe. Com a morte do Mestre Jedi, Anakin foi deixado à deriva. Não havia ninguém que pudesse dar ao menino a estrutura que precisava — nem Obi-Wan, nem mesmo Padmé. Um dia, talvez. Um dia, cada um deles desempenharia um papel em sua vida que o transformaria para sempre. Ele podia sentir isso. Mas, no momento,

quando mais importava, ele se sentiu completamente sozinho.
Então ele sorriu, mas estava doente no espírito e perdido em seu coração.
Talvez sentindo seu desconforto, Obi-Wan colocou uma mão encorajadora em seu ombro. — E o começo de uma nova vida para você, Anakin — ele arriscou.
O menino sorriu obsequioso, mas não disse nada.
Obi-Wan olhou para a multidão diante deles. — Qui-Gon sempre desprezou festejos. Mas entendia, também, sua necessidade. Imagino o que ele teria feito com esse aqui.
Anakin encolheu os ombros.
O Jedi sorriu. — Ele teria ficado orgulhoso de ver você como parte disso.
O menino olhou para ele . — Você acha?

–Eu acho. A sua mãe ficaria orgulhosa também.

A boca de Anakin se apertou e ele olhou para outro lado. — Queria que ela estivesse aqui. Eu sinto saudade dela.
A mão do Jedi apertou o ombro dele. — Um dia você a verá novamente. Mas quando o fizer, será um Cavaleiro Jedi.
O desfile serpenteou pela praça central em direção ao local onde a rainha e seus convidados assistiam à parada. Ela estava de pé com suas aias, o governador Sio Bibble, o chanceler supremo Palpatine, Chefe Nass, os Gungans e os doze membros do Conselho Jedi.
R2-D2 ocupava um espaço logo abaixo das aias e junto a Anakin e Obi-Wan; a cabeça arredondada girando de um lado a outro e as luzes piscando enquanto seus sensores assimilavam tudo. R2 emitiu um *bip* para o menino, e Anakin tocou gentilmente a casca do pequeno *dróide.*
Chefe Nass deu um passo adiante e segurou o Globo da Paz, elevando-o sobre a cabeça. — *Isso grande festa!* — gritou um Jar Jar exuberante, mais alto que as saudações e os aplausos. —
Gungans e Naboo, eles ser amigos para sempre, né?
O entusiasmo dele fez Anakin sorrir apesar de tudo. O Gungan estava dançando para baixo e para cima, as longas orelhas abanando, as pernas e braços desajeitados se torcendo para os lados enquanto dava os passos. Jar Jar nunca permitiria que as coisas ruins da vida o deixassem triste, pensou o menino.
Talvez houvesse uma lição para se aprender nisso.

–*Nós heróis bombásticos, Annie!* — gargalhava Jar Jar, erguendo seus braços acima da cabeça e mostrando todos os dentes.

O menino sorriu. Ele pensou que talvez fossem mesmo.
Na avenida larga, logo abaixo, formando um longa corrente de vida, o desfile que os trouxera para este local e para este tempo prosseguia.